UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM

ÉRIKA TATIANE DE ALMEIDA FERNANDES RODRIGUES

TRAUMA, TRÂNSITO E VÍTIMAS: um olhar sobre a pessoa e a família.

SÃO PAULO
2017

ÉRIKA TATIANE DE ALMEIDA FERNANDES RODRIGUES

TRAUMA, TRÂNSITO E VÍTIMAS: um olhar sobre a pessoa e a família.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, como requisito para à obtenção do título de Doutor em Ciências.

Área de Concentração: Cuidado em Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Margareth Angelo.

SÃO PAULO
2017

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Catálogo na Publicação (CIP)
Biblioteca “Wanda de Aguiar Horta”
Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo

Rodrigues, Érika Tatiane de Almeida Fernandes

Trauma, trânsito e vítimas: um olhar sobre a pessoa e a família /
Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues. São Paulo, 2017.
198 p.

Tese (Doutorado) – Escola de Enfermagem da Universidade de
São Paulo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Margareth Angelo

Área de concentração: Cuidado em Saúde

1. Acidentes de trânsito. 2. Família. 3. Sofrimento.
4. Enfermagem. I. Título.

Nome: Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues

Título: TRAUMA, TRÂNSITO E VÍTIMAS: um olhar sobre a pessoa e a família.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, como requisito para à obtenção do título de Doutor em Ciências.

Aprovado em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof(a). _____
Julgamento: _____

Instituição: EEUSP
Assinatura: _____

Prof(a). _____
Julgamento: _____

Instituição: EEUSP
Assinatura: _____

Prof(a). _____
Julgamento: _____

Instituição: EEUSP
Assinatura: _____

Prof(a). _____
Julgamento: _____

Instituição: EEUSP
Assinatura: _____

Prof(a). _____
Julgamento: _____

Instituição: EEUSP
Assinatura: _____

|

DEDICATÓRIA

A Deus, somente a Ele toda a honra e toda glória.

AGRADECIMENTOS

A Deus, o grande arquiteto do universo, que a sua paz esteja sempre comigo, com aqueles que me rodeiam e com os que entrarem em contato com esse estudo.

A minha orientadora, Profa. Dra. Margareth Angelo, um anjo que Deus colocou na minha vida. Uma pessoa amorosa, sensível, segura em suas orientações que, acima de tudo, acreditou em mim. A ela todo meu respeito, carinho, gratidão e admiração.

Agradeço em especial a minha mãe, Adalgisa uma das principais responsáveis por conseguir concretizar essa etapa tão importante da minha vida, seus ensinamentos, incentivos à educação e seu cuidado desde a minha infância foram o alicerce para essa caminhada.

Agradeço à minha família, meu filho Gabriel, meus irmãos, Eric, Alex, William e Danielle e meu esposo Madson, pelo amor e por todo incentivo e esforço despendidos para que eu pudesse chegar até aqui.

Às vítimas de acidentes de trânsito e seus familiares, que lutam incansavelmente para superar as dificuldades após esses eventos, minha gratidão e respeito.

As minhas amigas, Francineide Pena e Nelma Nunes pela solidariedade nos momentos mais difíceis.

A minha fonte de inspiração, à razão de todo meu esforço, sacrifício e superação: Gabriel! Amo você.

E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos pensamentos em Cristo Jesus.
(Felipenses 4:7)

Rodrigues, É T de A F. TRAUMA, TRÂNSITO E VÍTIMAS: um olhar sobre a pessoa e a família. [tese]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2017.

RESUMO

Introdução: Os acidentes de trânsito e os traumas causados por eles constituem um grave problema social e de saúde pública em todo o mundo, atingem principalmente os adultos em faixa etária produtiva de vida. Além da morte, esses eventos podem causar nos acidentados comprometimentos na mobilidade, na vida ocupacional, nas relações sociais, na saúde física e mental e outras implicações para as vítimas e seus familiares. **Objetivo:** compreender e descrever a experiência vivenciada pelo acidentado ou vítima de trânsito com sequela física permanente e seus familiares. **Método:** os referenciais de Interacionismo Simbólico e História Oral, articulados a abordagem de pesquisa qualitativa, fundamentaram teórica e metodologicamente este estudo. Foram realizadas entrevistas com dezoito vítimas de acidente de trânsito, sendo nove vítimas de acidente de trânsito com sequela permanente e um familiar de cada vítima. **Resultados:** o resgate das memórias individuais permitiu a elaboração das narrativas, que por meio de um processo analítico possibilitaram a construção da memória coletiva, organizada em quatro temas: Sofrimento e ruptura da maneira de viver, O acidente de trânsito como renascimento, Quotidiano familiar desestruturado e Esperança: criando um ambiente para dar continuidade a vida. Os resultados do estudo revelaram que as vítimas primárias de acidente de trânsito que sobrevivem e adquirem uma deficiência física e as vítimas secundárias, seus familiares, vivenciam sofrimento físico e emocional com significativo impacto em suas vidas. A sequela obriga a uma ruptura com o modo de vida anterior ao acidente e as modificações exigidas por essa ruptura são experienciadas com dor, tristeza, pesar, desespero e um misto de sentimentos negativos que fazem parte de todo sofrimento vivenciado por eles. **Conclusões:** partindo-se da concepção de que os acidentes de trânsito são em maior ou menor grau perfeitamente passíveis de prevenção tem-se a reflexão que todo o sofrimento e gastos envolvidos podem ser evitados, fato de grande magnitude ao analisar-se que toda a população, sem exceções, está sujeita a sofrer um acidente de trânsito. Os resultados permitem a reflexão sobre a importância da família no processo saúde e doença das vítimas, que não contam com ajuda do Estado para lidar com a situação. Percebe-se assim, que há necessidade evidente em fornecer assistência às vítimas de acidente com sequelas de maneira integral, dando especial atenção ao período pós-sequela e à inclusão da assistência à família, também uma vítima do acidente, nesse caso, uma vítima secundária.

PALAVRAS-CHAVE: Acidente de Trânsito. Família. Sequela Incapacidade. Sofrimento. Enfermagem.

ABSTRACT

Introduction: Traffic accidents and related traumas are a serious social and public health problem worldwide, ultimately affecting working-age adults. Besides death, such events may cause mobility impairment and harm in their occupational life, social relations, physical and mental health, and other implications for the victims and family members. **Objective:** to understand and describe the experience lived by victims of traffic accidents with permanent physical sequelae and their family members. **Method:** Symbolic Interactionism and Oral History, articulated with a qualitative research approach, were the theoretical and methodological backgrounds in this study. Interviews were carried out with eighteen victims of traffic accidents, comprising nine victims of traffic accidents with permanent sequelae, and one family member of each victim. **Results:** the recollection of individual memories enabled the elaboration of narratives, which furthered the construction of the collective memory by means of an analytical process, organized in four themes: Suffering and disruption in the way of life, Traffic accident as rebirth, Disrupted family daily life and Hope: creating an environment to carry on their lives. The study results uncovered that primary victims of traffic accidents who survive and get physically disabled, and the secondary victims, their family members, experience physical and emotional suffering with significant impact in their lives. Sequelae bring about a disruption in the way of life they used to have before the accident, and changes arising from that disruption are experienced with pain, sadness, grief, despair, and a mix of negative feelings which entail the suffering lived by them. **Conclusions:** Under the perspective that all traffic accidents are perfectly preventable in a higher or lower degree, we get to the reflection that all suffering and expenses involved can be prevented, which is highly significant if we analyze that all the population, without any exceptions, may have a traffic accident. The results enable the reflection on the importance of the family in victims' health and disease process, who do not have any State assistance in order to cope with the event. Thus, it is perceived that there is evident need to provide impaired accident victims with special attention during the post-sequelae period on a full scale, extending it to their family members, also accident victims, in this case, secondary victims.

KEY WORDS: Traffic Accident. Family. Sequela. Impairment. Suffering. Nursing.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
1.1 MOTIVAÇÕES PESSOAIS	11
1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA	13
1.2.1 Perfil Epidemiológico dos Acidentes de Trânsito	20
1.2.2 Lesões, Traumas e a Vítima	22
1.2.3 Acidentes de Trânsito: Contexto do Acidente, Vítimas e Família	23
2 OBJETIVOS	26
2.1 OBJETIVO GERAL	27
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
3 REFERENCIAL TEÓRICO	28
4 REFERENCIAL METODOLÓGICO	34
4.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA	37
4.1.1 Aspectos éticos	37
4.1.2 Seleção dos Colaboradores	37
4.1.2.1 Colônia	38
4.1.2.2 Rede	38
4.1.3 Acesso aos colaboradores.....	39
4.1.4 Coleta de Dados	39
4.1.5 Colaboradores: Dados e Características	40
4.1.6 Análise dos dados	44
4.1.6.1 Etapas pós-entrevistas.....	44
4.1.6.2 Construção da memória coletiva.....	46
5 RESULTADOS	47
5.1 APRESENTAÇÃO DAS TRANSCRIÇÕES	48
5.1.1 Vítima 1	48
5.1.2 Familiar da Vítima 1 (mãe)	51

5.1.3 Vítima 2	53
5.1.4 Familiar da Vítima 2 (Esposa)	56
5.1.5 Vítima 3	57
5.1.6 Familiar da Vítima 3 (Mãe)	60
5.1.7 Vítima 4	61
5.1.8 Familiar da Vítima 4 (irmão)	67
5.1.9 Vítima 5	72
5.1.10 Familiar da Vítima 5 (pai)	77
5.1.11 Vítima 6	81
5.1.12 Familiar da Vítima 6 (mãe)	96
5.1.13 Vítima 7	100
5.1.14 Familiar da Vítima 7 (marido)	113
5.1.15 Vítima 8	121
5.1.16 Familiar da Vítima 8 (tio)	127
5.1.17 Vítima 9	131
5.1.18 Familiar da Vítima 9 (marido)	139
5.2 MEMÓRIA COLETIVA	141
5.2.1 Sofrimento e Ruptura da Maneira de Viver	141
5.2.2 O acidente de Trânsito como Renascimento	148
5.2.3 Quotidiano Familiar Desestruturado	155
5.2.4 Esperança: Criando um Ambiente para dar Continuidade a Vida	160
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS	173
APÊNDICES	180
ANEXOS	186

1 INTRODUÇÃO

1 INTRODUÇÃO

1.1 MOTIVAÇÕES PESSOAIS

A origem de meu interesse em estudar os acidentes de trânsito (AT) e os aspectos envolvidos nessa problemática de saúde pública surgiu em 2001, quando iniciei minha formação como enfermeira, pois esta profissão como ciência do cuidar sempre me remeteu e me remete até hoje a um contexto de assistência que objetiva proporcionar, na medida do possível, não somente melhoria na qualidade de vida dos clientes/pacientes submetidos aos meus cuidados, mas também atuar na promoção e prevenção dos agravos a saúde.

Logo no primeiro ano da graduação, ao realizar uma visita técnica ao Hospital de Emergência de Macapá, minha cidade de residência, me chamou a atenção o grande número de vítimas de trauma em decorrência de acidente de trânsito que lá se encontravam. Dentre as observações que fiz, destaco como importantes indicadores: a idade das vítimas, que constituem uma população de adultos jovens, o fato de que toda a população está sujeita a sofrer um acidente ou consequentemente a ter que cuidar de um familiar que venha a ser vítima e principalmente o fato do trauma, lesão, bem como a sequela terem caráter repentino, pois a vítima de acidente de trânsito na maioria dos casos goza de saúde até a ocasião do acidente. Desta forma, eu compreendo o acidente de trânsito como evento passível em menor ou maior grau de prevenção, portanto esforços devem ser empregados na intenção de diminuir o número de acidentes e suas implicações, principalmente as sequelas permanentes por impactarem de diversas maneiras e diferentes graus a vida da vítima e seus familiares provocando alterações definitivas e como tais mudam a vida destes de maneira ímpar.

No contexto assistencial, os acidentes de trânsito sempre se mostraram uma constante, fato que me gera preocupação não somente pelo elevado número de mortalidade, principalmente da população de jovens e do ônus socioeconômico que os acidentes de trânsito causam a população, mas também porque as lesões e sequelas advindas dos acidentes exigem dos profissionais de saúde uma prática assistencial multifocal e contínua, que vise evitar sequelas e ajudar o indivíduo e a família a conviver com a sequela deixada pelo trauma quando não há a possibilidade de evitá-la.

No campo da pesquisa, minha aproximação com a temática - trauma e trânsito - , foi iniciada no trabalho de conclusão de curso da graduação em Licenciatura e Bacharelado em Enfermagem em 2006, onde desenvolvi um estudo que traçou o perfil epidemiológico das vítimas e dos acidentes de trânsito em Macapá, utilizando dados secundários obtidos através

dos prontuários das vítimas e das fichas de atendimento de resgate do corpo de Bombeiros Militar, referentes aos anos de 2004 e 2005. Os resultados mostraram que há predominância do sexo masculino e jovem. A faixa etária de maior incidência variou de 25 a 34 anos. O final de semana foi o de maior prevalência de AT e o período de maior incidência foi à noite das 18h às 23h59min. O período de internação em média foi de 7,9 dias, o custo médio das vítimas foi de R\$ 490,30. Detectou-se nesta pesquisa o trauma de maior ocorrência a fratura fechada, seguido de escoriações e fratura exposta⁽¹⁾.

Posteriormente, em 2008 continuei o estudo da temática no curso de especialização, onde se trabalhou diretamente com a vítima de acidente de trânsito, investigando a percepção desta sobre o acidente, cuja finalidade foi identificar diagnósticos de enfermagem para as vítimas de acidente de trânsito com trauma ortopédico. O perfil dos participantes foi: maioria das vítimas sofreu acidente de motocicleta; sendo do sexo masculino, com idade entre 18 a 59 anos. As categorias elaboradas a partir da percepção das vítimas de Acidentes de Trânsito foram: dependência; Privação do movimento e Dor; Dificuldades para o sustento da família; Distância da família; Interferência na qualidade de vida e laser; Mudança de comportamento; Negligência no trânsito; Preocupações com sequelas e Sentimento de inutilidade. A partir das categorias foram identificados 38 diagnósticos de enfermagem, de acordo com a North American Nursing Diagnosis Association (2007-2008)⁽²⁾.

Dei continuidade e aprofundei o estudo sobre a temática no mestrado, onde desenvolvi uma pesquisa que teve como objetivo avaliar a qualidade de vida de indivíduos em reabilitação em decorrência de traumas ortopédicos provenientes de acidente de trânsito atendidos no Centro de Reabilitação do Amapá – (CREAP) através do questionário WHOQOL – Bref. Ao realizar o estudo, foi possível verificar os menores escores para os domínios Físico e Meio Ambiente da qualidade de vida⁽³⁾.

Daí surge então o interesse de estudar no doutorado os aspectos inerentes ao impacto do acidente de trânsito na vida do acidentado e seus familiares, através da metodologia qualitativa, acreditando que os resultados proporcionarão uma visão mais íntima e realista do problema o que pode ser um diferencial e contribuir para o manejo das situações pós acidente de trânsito e se constituir em uma ferramenta de contribuição para os serviços de saúde que atendem essas vítimas, para o fortalecimento das políticas públicas já existentes. Como também de proposição de intervenções não só no momento do acidente, mas no processo de adaptação da pessoa e da família à vida após a sequela, o que poderá gerar

subsídios na reflexão sobre a possibilidade de avanços para além da prevenção, como, por exemplo, o fortalecimento de políticas de inclusão social.

1.2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA

O transporte desempenha função essencial na vida em sociedade. Por meio dele se dá a circulação de pessoas e cargas, as quais desempenham papel fundamental para que as relações sócio-espaciais e econômicas aconteçam. Embora, o uso de vias públicas de circulação seja reconhecido como importante benefício para a sociedade, é importante destacar que a exposição a ele pode trazer risco de morte ou lesão para todos os usuários das vias públicas ⁽⁴⁾.

Após a revolução industrial houve um desenvolvimento acelerado das cidades, entretanto o crescimento aconteceu de forma desigual, algumas com mais e outras com menos, ou praticamente nenhum planejamento. Com a evolução dos meios de transporte, o aumento na quantidade de vias de tráfego, o contínuo crescimento das cidades e das regiões metropolitanas, o crescimento do número de pedestres e passageiros, fez com que o trânsito também crescesse em proporções vertiginosas e as consequências são observadas diariamente por toda sociedade, entre elas destaca-se os acidentes de trânsito (AT) com impacto direto na área da saúde ⁽⁵⁾.

Os acidentes de transporte terrestre, também chamados acidentes de trânsito (AT) e as lesões causadas por eles constituem um grave problema de saúde pública em todo o mundo. Ratificados pela constante veiculação de matérias nos mais diversos meios de comunicação, os quais sempre abordam essa temática como denominador comum em todo o mundo, refletindo fenômeno de uma civilização em crescente desenvolvimento urbano em que a circulação de veículos automotores cresceu, sobremaneira, em um breve espaço de tempo. Porém, esse crescimento não foi acompanhado por infraestrutura adequada, desenvolvimento, segurança e organização do trânsito, ocasionando com isso consequências alarmantes, como os traumas provenientes de acidentes de trânsito, custos com resgate, assistência hospitalar, reabilitação, perda de anos de produtividade, gastos previdenciários, administração de seguros.

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) ⁽⁶⁾ as causas externas de lesões e envenenamentos são denominações dadas pela décima revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID – 10) aos acidentes e violências. Na classificação Internacional de

Funcionalidades (CIF)⁽⁷⁾, a OMS define capacidade (funcionalidade) e incapacidade causadas por doenças ou lesões e, dessa forma, uma classificação complementa a outra.

O termo sequela é definido como dano deixado por qualquer doença ou agravo, está ligado à possibilidade de gerar uma incapacidade física parcial ou total, temporária ou permanente^(7,8,9). E o termo incapacidade pode ser definido como qualquer restrição ou falta, resultante de uma deficiência, da capacidade de realizar uma atividade nos moldes e limites considerados normais para um ser humano⁽⁸⁾. Trata-se de um termo genérico para deficiências, limitações da atividade e restrições na participação⁽⁷⁾, quanto à duração a incapacidade pode ser temporária ou permanente, considera-se temporária a incapacidade para a qual se pode esperar recuperação dentro de prazo previsível e permanente a incapacidade insuscetível de recuperação com os recursos da terapêutica, readaptação e reabilitação disponíveis à época da avaliação pericial⁽⁸⁾. O termo deficiência, por sua vez, é entendido como perda ou anormalidade de uma estrutura do corpo ou de uma função fisiológica, no âmbito físico ou psicológico⁽⁷⁾.

Segundo a OMS os acidentes de trânsito são responsáveis por três mil vidas perdidas por dia, no mundo, homens, mulheres e crianças são levados a óbito enquanto caminham, andam de bicicleta, motocicleta, automóvel ou outros tipos de veículos motorizados nas estradas e ruas, constituindo a nona maior causa global de óbitos no mundo. Ao ano, são mais de 1,3 milhão de vítimas fatais enquanto cerca de 50 milhões ficam feridas. A título de comparação, na Guerra do Iraque morreram cerca de 37 mil pessoas em 8 anos de conflito. Trata-se da principal causa de mortes entre homens na faixa etária de 15 a 29 anos de idade. Representam um custo de US\$ 518 bilhões por ano, ou um percentual entre 1% e 3% do produto interno bruto de cada país⁽¹⁰⁾.

As tendências atuais sugerem que, até 2030, o número de mortos em acidentes pode chegar a 1,9 milhão de pessoas⁽¹⁰⁾. Embora falem estatísticas confiáveis, uma vez que, o número de subnotificações e a dificuldade de unificação de dados estatísticos são frequentes, estima-se que, para cada pessoa que morre por trauma, de 20 a 50 pessoas ficam feridas e três fiquem com sequela incapacitante permanente, exigindo um esforço brutal do setor de saúde e das famílias não apenas daquelas famílias dos próprios acidentados, mas de todas as outras que recorrem aos hospitais públicos por outras doenças e ficam à espera de atendimento⁽¹¹⁾.

Trata-se de um agravo com consequências graves e incapacitantes com impactos econômicos e sociais⁽¹²⁾. Acrescente-se o fato que o acidentado de trânsito, em sua maioria, é conduzido às estruturas públicas de atendimento hospitalar, pois se configuram como instituições de referência na prestação de assistência de situações de urgência e emergência.

Os dados tomam proporções alarmantes, especialmente quando se observa que grande parte dos recursos financeiros do setor da saúde é destinada para o atendimento de urgência e traumatologia e para a reabilitação de acidentados de trânsito⁽¹³⁾.

O Brasil ocupa o quinto lugar entre os países recordistas em mortes no trânsito, precedido por Índia, China, EUA e Rússia e seguido por Irã, México, Indonésia, África do Sul e Egito. Juntas, essas dez nações são responsáveis por 62% das mortes por acidente no trânsito. De 2001 a 2012, o número de mortes em decorrência de acidentes de trânsito no Brasil aumentou quase 50%, somando 453.779 vítimas. Em 2012, 45.689 pessoas morreram devido a acidentes de trânsito no Brasil, número 39% superior ao registrado dez anos antes, e 5% maior ao de 2010. Isso significa um óbito a cada 12 minutos. A quantidade de feridos nesse mesmo ano chegou a 177.487 pessoas. O acréscimo verificado de 2001 a 2012 foi de 48,7%. O número total de vidas ceifadas nesse período beira meio milhão: 453.779⁽¹⁴⁾.

A região que lidera o ranking de óbitos no trânsito no Brasil, em números absolutos, é a Sudeste, com 16.133 vítimas fatais. Em seguida, Nordeste (13.522), Sul (7.653), Centro-Oeste (4.587) e Norte (3.794). O ranking de óbitos acompanha, assim, o de população. Entretanto, ao considerar-se o indicador de óbitos por 100 mil habitantes, o cenário modifica-se: o Centro-Oeste torna-se a região mais preocupante, com 31,8 óbitos por 100 mil habitantes, seguido por Sul (27,6), Nordeste (25,1), Norte (23,3) e por último o Sudeste (19,8)⁽¹⁴⁾.

No Amapá, as estatísticas não se encontram distantes das estatísticas supracitadas, os acidentes de trânsito foram responsáveis por 124 mortes em 2012, 116 mortes em 2013, por 124 mortes em 2014 e até junho de 2015 tem-se registrado 45 mortes. Cabe ainda mencionar que, segundo estatísticas do Hospital de Emergência, referência para o atendimento de traumas na cidade tem-se contabilizado em 2012 o atendimento a 3.978 vítimas de acidentes de trânsito, de 3.593 em 2013, em 2014, infelizmente devido a problemas administrativos os dados não foram contabilizados e até junho de 2015 tem-se o registro de 1.622 vítimas atendidas⁽¹⁵⁾. Um aspecto importante a ser destacado refere-se ao fato de que, apesar de na escala epidemiológica nacional a primeira causa de morte é representada pelas doenças do aparelho circulatório, no Amapá a primeira causa de morte é representada pelas causas externas e dentro desta classificação os acidentes de trânsito ocupam o primeiro lugar, o que torna ainda mais relevante o estudo desta problemática no Amapá⁽¹⁶⁾.

O Batalhão de Trânsito - AP registrou de janeiro a setembro de 2014, número elevado de infrações no trânsito. Mais de 3 mil veículos foram apreendidos e quase 500 habilitações de motoristas foram recolhidas durante a realização de blitz na capital. Outro

dado que preocupa é o número de motoristas não habilitados flagrados dirigindo. Foram mais de dois mil e oitocentos registros. O resultado de tanta imprudência pode ser visto nas ruas da cidade, 45 pessoas já morreram vítimas de acidentes de trânsito só no primeiro semestre deste ano⁽¹⁷⁾.

A sobremortalidade de homens e maior incidência de adultos jovens, de 20 a 39 anos aparece como uma característica do padrão epidemiológico dos AT no Brasil, este grupo também é responsável pelo maior número de Anos Potenciais de Vida Perdidos (APVP), que é um indicador de saúde relevante para custos de questões profissional e social⁽¹⁸⁾

Além de ocasionarem vítimas fatais, os acidentes de Trânsito podem deixar sequelas de graus variados entre os sobreviventes e efeitos adversos entre os membros da família⁽¹²⁾.

Assim, as vítimas vão muito além das diretamente envolvidas no acidente. Sobreviventes primários são as vítimas submetidas ao nível máximo de exposição; sobreviventes secundários são os familiares próximos das vítimas; vítimas de terceiro grau são os profissionais que atuam na emergência e no pronto socorro; vítimas de quarto grau são pessoas da comunidade envolvidas com acidente, repórteres, pessoas do poder público; vítimas de quinto grau são aquelas que sofrem o estresse pelo que vêem ou pelo que tomam conhecimento através dos meios de comunicação⁽¹²⁾.

As elevadas expressões numéricas facilitam a visualização da questão de acidentes de trânsito, demonstram não só o quadro dos acidentes existentes, como também, dos traumas oriundos destes, que precisam ser avaliados e demonstrados. Entretanto, nota-se que não basta apenas revelar o aumento do número de AT, tampouco de óbitos por essas causas. Pelo que se observa essa realidade não comove a sociedade, haja vista a leniência com que ações de enfrentamento são apresentadas⁽¹⁸⁾.

É evidente a necessidade de estudar mais profundamente a temática e compreender todos os aspectos que permeiam os acidentes, mas que são de difícil quantificação, para que se encontrem respostas, visando nortear as políticas públicas, amenizar seus reflexos e diminuir a incidência do quadro ora apresentado, visto que, as consequências além de atingirem diretamente o acidentado, envolvem toda uma cadeia de pessoas que também são afetadas pelo acidente, mesmo que indiretamente, entre elas, destaca-se: os familiares, afetando a saúde do grupo familiar, comprometendo ou fortalecendo a rede social para enfrentamento do problema; pessoal de resgate, profissionais de saúde, bem como

a sociedade que sofrem o estresse pelo que vêem ou pelo que tomam conhecimento pela mídia⁽¹²⁾.

Esses fatos apontam para a existência de uma epidemia global de lesões e sequelas por AT que afetam de maneira crescente muitos países⁽¹⁹⁾. As implicações advindas das causas externas levaram o Ministério da Saúde a reconhecer que os acidentes e violências são também problemas do setor saúde. Em 2001, o Ministério da Saúde implementou a “Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violência”. Nesta proposta, o setor admitiu a responsabilidade de colaborar para a construção da cidadania e da qualidade de vida da população, além do seu papel específico, que abrange a utilização de instrumentos que lhe são próprios, como as estratégias de promoção e prevenção de agravos e a melhor adequação das ações em relação à assistência e a reabilitação⁽⁸⁾.

Em 2002, o Ministério da Saúde (MS), preocupado com os índices alarmantes de acidentes de trânsito, lançou o Programa de Redução da Morbimortalidade por Acidentes de Trânsito: Mobilizando a Sociedade e Promovendo a Saúde⁽²⁰⁾. Ao definir suas áreas prioritárias de atuação do projeto, obedeceu-se a dois critérios, óbito por acidente de trânsito como marcador e o conceito de aglomerados urbanos. O projeto priorizava os aglomerados urbanos, a exceção a este critério foi à inclusão de três capitais da região norte, entre elas Macapá, que apesar de não constituir um aglomerado urbano e sua população ser relativamente pequena comparada a outras capitais, apresentava isoladamente risco elevado para óbitos por acidentes de trânsito.

Em 2006, o MS lançou a Política Nacional de Promoção da Saúde (2006), que visa contribuir com ações efetivas para a prevenção de acidentes e violências e para a promoção da saúde e cultura de paz a partir de estratégias intersetoriais, interdisciplinares e com participação da sociedade civil⁽²¹⁾.

Ainda em 2006, o Ministério da Saúde iniciou, em parceria com as Secretarias Estaduais e Municipais de Saúde, a implantação da Rede de Serviços Sentinela de Vigilância de Violências e Acidentes, a Rede VIVA⁽²²⁾, que visa complementar o sistema de informação existente para a vigilância dessas causas. Para obter um quadro mais completo do problema, foi estabelecido como um dos seus componentes a Vigilância de acidentes e violências em emergências hospitalares selecionadas.

Em 2009, durante o Fórum Mundial sobre Trauma promovido pela OMS/OPAS, o Ministro da Saúde assinalou o interesse do Brasil em participar da iniciativa Bloomberg de Segurança Viária o Road Safety in 10 countries – RS10⁽²³⁾. A Bloomberg Philanthropies em colaboração com a OMS convidou dez países (Brasil, Camboja, China, Egito, Índia, Quênia,

México, Rússia, Turquia e Vietnã), dentre os 178 participantes da Pesquisa Mundial sobre Segurança Viária, realizada em 2008 e que culminou no Informe Mundial sobre o Estado da Segurança Viária, publicado pela OMS em 2009⁽²⁴⁾, para participarem de um projeto mundial sobre prevenção de lesões e mortes no trânsito e segurança viária. Esses dez países são responsáveis por quase metade das mortes provocadas pelo trânsito no mundo e foram escolhidos devidos às altas taxas de mortalidade por acidentes de trânsito. Esse projeto a ser desenvolvido pela OMS, John Hopkins University (JHU) e Global Road Safety Partnership (GRSP), com financiamento da Bloomberg Philanthropies, nesses países recebeu o nome de Road Safety in 10 countries – RS 10⁽²³⁾.

O Projeto RS10 tem como objetivo subsidiar gestores nacionais no fortalecimento de políticas de prevenção de lesões e mortes no trânsito por meio da qualificação, planejamento, monitoramento, acompanhamento e avaliação das ações, terá duração de cinco anos, no Brasil recebeu o nome de Projeto Vida no Trânsito após consenso da Comissão Interministerial e OPAS Brasil⁽²³⁾.

Em 2010, a Organização das Nações Unidas (ONU) com o intuito de chamar a atenção do mundo para esse problema e estimular os países a reverter o cenário, criou a Década da Ação pela Segurança no Trânsito (2011/2020)⁽²⁵⁾. Desde então, relevantes iniciativas vêm sendo desenvolvidas por diversas nações com o objetivo de reduzir em 50% o número de óbitos devido a acidentes de trânsito. No Brasil foi então, lançado o Plano Nacional de Redução de Acidentes e Segurança Viária para a Década 2011 – 2020, o qual consiste em um conjunto de medidas que visam contribuir para a redução das taxas de mortalidade e lesões por acidentes de trânsito no país, através da implementação de ações de fiscalização, educação, saúde infraestrutura e segurança veicular, a curto, médio e longo prazo⁽²⁶⁾.

Estudos apontam para a necessidade de se conhecer o impacto dos acidentes na saúde e na vida das vítimas e dos familiares e desenvolvimento de estudos qualitativos visando conhecer de perto a realidade brasileira, para se mostrar com evidências a extensão e magnitude das sequelas dos AT, produzindo informações que permitam avaliar a real extensão do problema^(9, 12, 27, 28, 29,30).

Diante da magnitude desta temática, surgiu o interesse em aprofundar-se nas questões relacionadas às repercussões do acidente de trânsito, acreditando que é preciso conhecer melhor o impacto do AT e da sequela física na vida do acidentado e de seus familiares. Em minha formação acadêmica, não tive uma visão voltada para pensar na família, mas apesar de não ter tido uma disciplina específica para tratar da família ou até mesmo

algum docente que voltasse à atenção para ela, principalmente com relação ao acidentado sempre tive um olhar a mais para a família, sempre emergia dentro de mim uma inquietação a respeito da família daquele paciente que invariavelmente gozava de saúde, sustentava e cuidava de sua família, porém em decorrência do AT e de sua sequela acabou experienciando mudanças que afetaram diretamente sua vida e de sua família. Sempre me questionei como o acidente de trânsito interfere nas relações familiares do acidentado? Como o AT e a sequela física permanente afetam a vida do acidentado de trânsito e de sua família? Quais mudanças ocorrem no seio da família em virtude do impacto do AT? E por fim, qual o papel do setor saúde, em particular da enfermagem na assistência a esses questionamentos, principalmente no que se refere à família?

A família, como parte essencial para o cuidado de enfermagem é algo inquestionável. Os estudos relacionados à temática nos apresentam evidências que somadas ao que vemos nas experiências das próprias famílias, em meio ao seu sofrimento contribuem para a sustentação de que a família está aí viva, entre cada um de nós, experienciando inevitavelmente momentos difíceis que exigem dela ações, sentimentos e pensamentos, por vezes, heroicos, porque ultrapassam em muito suas possibilidades conhecidas, necessitando de profissionais da saúde com competências, que lhes ajude a enfrentar e superar estes momentos, admitindo-os como possibilidades de crescimento e superação⁽³¹⁾.

É consenso entre os estudiosos que para a implantação e o desenvolvimento de políticas públicas dos acidentes de trânsito, deve-se conhecer a magnitude das ocorrências, o perfil das vítimas, os meios de transporte envolvidos, entre outros. Portanto, pesquisas como esta, são fundamentais na colaboração da validação de políticas públicas referentes à temática. Cabe ainda mencionar que, alguns estudos têm apontado à necessidade de caracterizar não somente os aspectos epidemiológicos envolvidos nos acidentes de trânsito, mas também de identificar que tipos de incapacidades acometem as pessoas que sobrevivem aos acidentes, considerando os aspectos físicos, psicológicos e sociais^(9,10,12).

Este estudo contém relevância social, política e científica. A relevância social evidencia-se pelas características da inter-relação da sequela do trauma e o impacto na vida da vítima de acidente de trânsito e de sua família, o que pode favorecer a alocação de recursos e nortear políticas públicas na criação de programas de combate ao acidente de trânsito, mais próximos à realidade e conseqüentemente de maior impacto na população. A relevância científica se faz, através do conhecimento que será construído referente ao impacto físico e social da sequela física proveniente do trauma no acidentado e seus familiares. E relevância política quando da elaboração desse estudo que poderá se constituir em uma ferramenta de

contribuição para os serviços de saúde que atendem essas vítimas e para o fortalecimento das políticas públicas já existentes. E proposição de intervenções não só no momento do acidente, mas no processo de adaptação da pessoa e da família à vida após a sequela, o que poderá contribuir no combate aos acidentes de trânsito nos levando a refletir sobre a possibilidade de avanços para além da prevenção, como por exemplo o fortalecimento de políticas de inclusão social e outras.

Mediante o exposto, e vislumbrando o fortalecimento da necessária articulação entre os setores da saúde e do trânsito, fez-se os seguintes questionamentos que nortearam a pesquisa:

- Como é para a vítima de acidente de trânsito e seus familiares a experiência de viver com a sequela física permanente decorrente do trauma oriundo do acidente de trânsito?
- De que modo o acidente de trânsito e a sequela física permanente e todas as suas implicações, entre elas sociais, econômicas e biológicas são experienciadas pela vítima e seus familiares?

1.2.1 Perfil Epidemiológico dos Acidentes de Trânsito

As causas externas de lesões e envenenamentos são denominações dadas pela décima revisão da Classificação Internacional de Doenças (CID – 10). Consideram-se acidentes de trânsito (AT) como acidentes de transporte terrestre ocorridos em vias públicas, classificados nas categorias V01 a V89 do capítulo XX da CID_10 – “Causas externas de morbidade e mortalidade”⁽³²⁾.

A Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências⁽⁸⁾ define acidente como o evento não intencional e evitável, causador de lesões físicas e/ou emocionais no âmbito doméstico ou nos outros ambientes sociais, como o do trabalho, do trânsito, da escola, de esportes e o de lazer. Entretanto, em vista da dificuldade para estabelecer, com precisão, o caráter de intencionalidade desses eventos, reconhece-se que os dados e as interpretações sobre acidentes e violências comportarão sempre certo grau de imprecisão. Está Política adota o termo acidente em vista de estar consagrado pelo uso, retirando-lhe, contudo, a conotação fortuita e casual que lhe pode ser imputada. Assume-se, aqui, que tais eventos são em maior ou menor grau perfeitamente previsíveis e preveníveis.

O perfil epidemiológico foi o tema mais encontrado nos estudos, justificado pela necessidade de demonstrar a realidade quantitativa e conhecer a magnitude da problemática.

A OMS⁽¹⁰⁾ afirma que a maioria dos indivíduos acidentados no trânsito no mundo inteiro são adultos jovens, na faixa etária que varia de 18 a 44 anos. Característica preocupante ao inferirmos que se trata da população economicamente ativa da produção de um país. É consenso nos estudos a maior incidência do sexo masculino (citar). Em todos os países a mortalidade em mulheres vítimas de AT é menor que nos homens de todas as idades. (11,12,13,14,18,28,33,34,35,36,37,38,39,40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,61,62,63).

Esse perfil provavelmente se dá, pela maior exposição masculina e de jovens no trânsito e por comportamentos determinados social e culturalmente, que os fazem assumir maiores riscos na condução de veículos, como maior velocidade, manobras mais arriscadas, uso de álcool, entre outros⁽⁶⁵⁾.

Em relação ao estado civil das vítimas, a maioria é solteira^(36,39,43,44,50,56,61), e com relação à escolaridade a maioria tem o ensino fundamental ou médio incompleto^(33,36,46,57,58,59,61), evidenciando a maior exposição desses sujeitos ao risco de morte. Alguns autores ainda concluem que a ausência de uma esposa/companheira pode influenciar no comportamento masculino no trânsito, fazendo com que os homens solteiros se preocupem menos com suas próprias vidas.

Os autores alertam quanto ao fato dessas vítimas serem jovens, em plena idade produtiva, o que pode comprometer, em algumas situações, a renda familiar. Pois, a maioria desses indivíduos deixa de trabalhar temporária ou permanentemente, em decorrência das sequelas de suas lesões, diminuindo a QV tanto do paciente como da família e contribuindo para a diminuição da força de trabalho futuro, o que evidencia a forte influência que o AT ocasiona sobre a família^(10, 40,41,42,43,44,45,46,47,48,49,50,51,52,53,54,55,56,57,58,59,60,61,62,63).

A situação financeira é um dos pontos de referência das dificuldades que as vítimas irão enfrentar^(4,5,9,12). O que agrava mais o mecanismo de enfrentamento desta situação, devido a impossibilidade destas trabalharem, em decorrência das sequelas. Assim sendo, para os que assumem papel fundamental na manutenção financeira da família, a situação é mais complexa, uma vez que, as sequelas deixam essa vítima com limitações no processo de viver, com consequente incapacidade de tomada de decisão acerca do autocuidado e por vezes ficam impossibilitados de trabalhar e consequentemente de manter a família.

Entretanto, em alguns estudos realizados com universitários, vítimas de AT foram encontrados dados divergentes, pois, a maior proporção dos condutores com envolvimento em AT pertenciam a famílias com renda elevada (igual ou superior a 27 salários mínimos) e que têm 3 ou mais carros. Os autores ainda alertam quanto à presença da variável socioeconômica

"renda elevada", pois, representa uma exposição maior ao risco pela maior disponibilidade ao uso de carro^(37,42,56).

Referente à condição da vítima no momento do AT, a maioria das vítimas são condutores de moto e carro, sendo consideravelmente maior o predomínio de acidentes envolvendo motociclistas, o que evidencia os motociclistas como categoria de alto risco para AT. Estes dados demonstram o quanto é necessário desenvolver comportamentos seguros no trânsito, e remete à reflexão de algumas questões relacionadas ao processo de formação dos condutores e aos comportamentos inadequados dos indivíduos no trânsito, que, de acordo com os autores no Brasil é precário, bem como o baixo nível de educação para o trânsito, fazendo com o que os índices de acidentalidade aumentem a cada dia^(18,34,35,38,41,43,46,52,59,60,62,63).

Diante de tais informações, é importante considerar que a moto por ser um veículo de valor aquisitivo baixo se comparado ao dos automóveis de quatro rodas, a torna mais acessível e, portanto, mais comum. Inclusive, no contexto de crise enfrentado pelo Brasil, observa-se um estímulo ao uso da moto por ter um valor acessível e por ser mais econômica que os automóveis de quatro rodas. Ao mesmo tempo, não se observa uma maior preocupação pela segurança dos indivíduos que a utilizam. O que, por sua vez, pode justificar a alta prevalência de AT envolvendo condutores e passageiros de moto^(47,50,54,55).

1.2.2 Lesões, Traumas e a Vítima

As lesões, deficiências físicas e sequelas decorrentes de acidente de trânsito constituem um tema pouco estudado, entre os encontrados observou-se as seguintes lesões, deficiências e sequelas: Do total de 94.390 internações por lesões decorrentes de AT, os pressupostos referidos para "sequela - certeza" permitiram identificar 2.729 internações, assim distribuídas: 1.367 lesões por esmagamento/amputação, 164 traumatismos de nervos, 415 casos de TRM e 783 hospitalizações por sequelas, TCE e queimaduras⁽⁹⁾.

As lesões mais frequentes são nos membros inferiores, seguidas das sequelas nos membros superiores. Vale ressaltar que sendo os membros inferiores os mais atingidos pelas fraturas, sabe-se que este tipo de lesão ocasiona um período de permanência hospitalar significativo devido a possíveis cirurgias, imobilizações, trações e fisioterapias o que também promove maior perda laboral dos dias de trabalho da vítima, pois a mesma passa por período significativo com restrições de locomoção, além de na maioria dos casos tornarem as vítimas parcialmente dependentes de alguns cuidados. Importante destacar que as possíveis sequelas

permanentes oriundas dessas fraturas modificarão de maneira singular a vida das vítimas^(35,65,66,67).

As vítimas de AT com lesões nos membros inferiores apresentam uma pior QV, o que pode estar relacionado a um grau maior de dificuldades para a locomoção, para o trabalho, esporte, vida social, nível de independência do indivíduo em várias atividades, afetando até a sua autoestima, pois, em muitos casos, torna-se necessário utilizar fixador externo Ilizarov, muletas, cadeira de rodas ou sonda vesical de demora, podendo causar uma inibição da aparência física, bem como impedimentos para atividades laborais e sociais. Um fator fundamental a ser investigado e assistido é o estado emocional desse indivíduo e de seu contexto familiar, que, de um dia para outro, passa da condição de atuante (em vários aspectos: profissional, social, escolar, religioso e afetivo) para a perda da autonomia e liberdades pessoais, tendo de alguma maneira um impacto nas suas emoções e na sua percepção enquanto indivíduo⁽⁶⁷⁾.

1.2.3 Acidentes de Trânsito: Contexto do Acidente, Vítimas e Família

Além de levarem a morte, os AT causam sérios danos à saúde, mutilam pessoas e colaboram para o aumento do número de incapacitados para as atividades pessoais e profissionais causando assim, impacto sobre os anos potenciais de vida perdidos e consequentemente influencia negativa na economia. De uma forma ou de outra os AT interferem na vida de todos e o preço é sentido e pago por toda a sociedade⁽²⁷⁾.

Numa situação de acidente de trânsito, as vítimas e seus familiares têm que lidar com inusitadas e complexas situações: o acidente, a lesão/trauma, tratamento, reabilitação e a sequela que pode ser temporária ou permanente, entre outros problemas sociais⁽⁶³⁾.

Assim, a violência no trânsito influencia diretamente a harmonia familiar e social, pois as repercussões dos AT são complexas e alcançam a família, forte aliada na recuperação do acidentado. É notável que para os gestores em saúde ainda é um desafio a inclusão da família no plano de cuidados à pessoa que vivencia o adoecimento e reconhecem que a família é uma unidade sistêmica que precisa de equilíbrio e harmonia para o bem estar de todos os envolvidos. Admite-se que para a vítima de AT o momento da hospitalização é permeado pela depressão, ansiedade, tristeza, medo, preocupação, desinformação, destrato da equipe de saúde ao paciente e família, sendo exacerbado pelo trauma físico, dificuldades econômicas, sociais e implicações legais. De acordo com o princípio da integralidade, o

cuidado ao acidentado deve ser ampliado aos familiares, pois esses também sofrem danos quando deparam com morte súbita, traumas graves e sequelas em pessoas significativas⁽²⁷⁾.

Na complexidade que permeia o AT a vítima frequentemente torna-se um politraumatizado, algumas delas exigindo um longo tratamento o que acaba exigindo um prolongado período de recuperação. Todo aquele que acompanha e cuida da vítima, geralmente a família, é também vitimado pelo trauma, compartilhando, entre outros, sofrimento, tratamento, limitações diárias e conflitos⁽²⁷⁾.

Destaca-se que após a ocorrência do acidente de trânsito, as vítimas e seus familiares se deparam com problemas que, aparentemente se encontram ocultos na visão de cuidado da maioria dos profissionais de saúde. Existem alterações no estilo de vida desses doentes e no de seus familiares, que variam das evidências de tristezas aparentes até as verbalizações de estado de desânimo, sem mencionar a gravidade das lesões físicas, limitações do corpo, as amputações de membros até a morte de pessoa significativa. Dentre as situações evidenciadas pela pessoa acidentada e seus familiares, salientam-se as que se reportam à esfera emocional, familiar, econômica e social⁽²⁷⁾.

A sequela permanente provoca a necessidade de ajustar-se a uma nova maneira de viver, o mesmo pode acontecer nas sequelas temporárias, pois podem precisar de longos períodos de reabilitação. Deste modo, a família invariavelmente sofre choque e impacto pela sequela. Quando a sequela acontece em um adulto, que teoricamente já é independente em todos os aspectos da vida, que anterior ao acidente era saudável, produtivo e, muitas vezes, o único ou principal provedor do lar, os papéis ocupados na família tornam-se tensos e frequentemente são acompanhados de dificuldades na vida diária, pois, a família tende a reorganizar-se para encarar o problema e as inevitáveis alterações na vida familiar implicam em conflitos que afetam mesmo que de formas diferentes todos os membros da família. Existem outras dificuldades, aparentemente obscuras, mas importantes, como é o caso dos prejuízos materiais e sociais que afetam diretamente a vítima e sua família⁽⁶⁸⁾.

A vítima com sequela tem um sentimento de perda e com isso sentem fracasso, impotência e inadequação. Os pacientes que são vítimas de AT, em sua maioria, sofrem traumas ortopédicos, neste aspecto, o controle de seu autocuidado, de sua mobilidade física e muitas vezes de suas necessidades básicas, como alimentar-se e eliminações fisiológicas passa a ser necessitar de dispositivos específicos e/ou auxílio de profissionais da área de saúde ou de seus familiares, assim desenvolve um grau de dependência se não total, mas parcial. Sem dúvida, a sequela torna as relações familiares tensas e devido a isto e a outros fatores inerentes, deve-se ter em mente que a família também tem necessidade de cuidado^(27,63).

Em um estudo que objetivou caracterizar e avaliar as famílias das vítimas de trauma proveniente de AT, os dados permitiram concluir que quanto à composição e renda das famílias a maioria eram compostas por cinco membros e sofreram alteração na renda familiar com redução que variou de 12.5% até a falência total. O cuidador eleito pelo núcleo familiar tem sido exclusivamente feminino (a esposa e/ou a mãe da vítima). As alterações familiares foram a categoria mais equilibrada entre alterações positivas e negativas, evidenciando-se a valorização dos indivíduos dentro do núcleo familiar. A religião mostrou-se ser fonte de apoio familiar na crença em Deus, no sentido de superar as perdas produzidas pelo trauma e a compreensão do evento propriamente dito. As famílias concordaram em atribuir ao trauma às perdas e a estagnação do seu desenvolvimento. O maior número de alterações esteve concentrado nas alterações emocionais, pois o trauma trouxe marcas definitivas para a família. A rotina familiar sofreu alterações negativas, principalmente pelo fato de a família se organizar, modificando o ambiente do lar para receber a vítima. Ratificou-se que o trauma proveniente de AT não deve ser entendido como uma fatalidade, mas como um evento prevenível na vida das pessoas, e este novo pensar deve estar fortalecido pelo reconhecimento dos efeitos catastróficos que ele exerce tanto na família como na sociedade como um todo⁽⁶⁹⁾. .

O AT por si só já é fonte geradora de grandes mudanças e preocupações causando medo, insegurança, angústia e sofrimento não só a vítima como em sua família. Assim sendo, como será para a vítima e seus familiares adicionar a esta situação a ocorrência de uma sequela física permanente?

2 OBJETIVOS

2 OBJETIVOS

E como forma de responder aos questionamentos anteriormente apresentados, tem-se os objetivos apresentados a seguir.

2.1 OBJETIVO GERAL

- Compreender e descrever a experiência vivenciada vítima de acidente de trânsito com sequela física permanente e seus familiares.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar a amostra por meio das variáveis sócio demográficas: idade, sexo, estado civil, escolaridade, renda familiar, religião, dados do acidente, tipo de sequela em decorrência ao acidente;
- Compreender como o impacto do acidente de trânsito e da sequela física permanente afetam a vida da vítima e da família.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3 REFERENCIAL TEÓRICO

A perspectiva teórica que sustentou o estudo foi o Interacionismo Simbólico (Blumer, 1969)⁽⁷⁰⁾, que busca estudar a natureza das interações e das ações desempenhadas pelo indivíduo, e tem como pressupostos a compreensão de que os seres humanos agem em relação às coisas com base no significado que as coisas têm para eles; o significado das coisas é derivado da interação social com os outros, os significados são manipulados e modificados através de um processo interpretativo.

Herbert Blumer, sociólogo, teve seu trabalho influenciado pelas aulas e artigos publicados de George Herbert Mead (1863-1931), que era professor de filosofia. As influências no trabalho de Mead foram originárias da filosofia do pragmatismo, do trabalho de Charles Darwin e do Behaviorismo⁽⁷¹⁾.

As ideias centrais do Interacionismo Simbólico apresentadas por Charon são⁽⁷¹⁾:

1. *O Papel da Interação Social*: O interacionismo simbólico focaliza a natureza da interação social, a dinâmica e as atividades sociais ao invés das pessoas ou de suas características pessoais. E considera a natureza ativa do indivíduo ao invés da imagem passiva, determinada pelo organismo. Os indivíduos agem uns em relação aos outros de acordo com a ação de cada indivíduo, e essa interação é construída ao longo do tempo.
2. *O Papel do Pensamento*: A ação do ser humano ocorre não somente pela interação com a sociedade, mas também pela interação consigo próprio, por meio do processo contínuo do pensamento. Os seres humanos agem de acordo com o seu pensamento na situação específica.
3. *O Papel da definição*: Os indivíduos não percebem o seu ambiente diretamente, ao invés disto, eles definem sua situação como ações desveladas. A definição é resultado das interações sociais e do processo de pensamento, e agem de acordo com suas definições.
4. *O Papel do Presente*: Os seres humanos agem de acordo com a situação atual, de acordo com as definições que fazem no momento, das interações e do pensamento na situação presente. O passado é pensado e re-definido no presente.
5. *O Papel do Ser Humano Ativo*: O ser humano é visto como alguém que interage, pensa, define, aplica o seu passado e toma decisões no presente baseados nos fatores da situação imediata.

Os conceitos fundamentais do Interacionismo simbólico, apresentando aqui decorrentes das referências de Charon⁽⁷¹⁾: são: Símbolo, Self, Mente, Assumir o papel do outro, Ação humana e Interação social:

Símbolo

Os seres humanos existem em um mundo de objetos sociais, uma das classes de objetos sociais são os símbolos, que são objetos sociais usados intencionalmente para comunicar ou representar alguma coisa. A realidade é social, o que nós vemos, internamente ou externamente, é desenvolvido na interação com os outros. Os objetos existem em sua forma física, mas para o ser humano, eles são apontados, isolados, catalogados, interpretados e significados através das interações sociais.

A linguagem é um tipo especial de símbolo. Mais do que qualquer outro símbolo, as palavras podem ser produzidas intencionalmente e podem representar a realidade. Ao passo que o pensamento é conceituado como a interação simbólica consigo mesmo, é um processo contínuo.

Os símbolos trazem três contribuições para os seres humanos: eles são a nossa realidade, eles formam a base da nossa vida social e eles são centrais para o que é significativo para o ser humano.

Self

O Self é o objeto de nossos atos, é o meio interno que guia os nossos atos, é um processo analítico interior. O Self, como outros objetos sociais, emerge da interação social, e, portanto, está em constante mudança. Sendo definido e redefinido nas situações. O self considera a perspectiva dos outros significantes, dos outros generalizados e dele próprio. O significado atribuído ao self é que se torna um objeto para si mesmo, para sua própria situação.

E como objetos sociais os indivíduos apresentam categorias de ação do Self que são: a auto-comunicação- acontece por meio do pensamento e da interação consigo próprio, a auto-percepção- o self indica quais são os objetos presentes na situação e que significado estes objetos têm para nós e o auto-controle- o self faz com que os indivíduos sejam capazes de dirigir, influenciar e controlar.

Para o interacionismo simbólico, o ser humano age socialmente em relação aos outros indivíduos e interage socialmente consigo mesmo (self). O Self é então, também um objeto dentro desta interação social passível de mudança ou de re-construção.

Mente Humana

A mente não é um objeto como o self e o símbolo. A mente é toda ação que o indivíduo faz através de si mesmo. E existem ações que são evidentes (em direção ao exterior

do ambiente) e aquelas que são ocultas (ocorrem no interior de cada ator), as ações ocultas são chamadas de mente.

É por meio da ação mental que as pessoas fazem indicações para o self, os objetos percebidos ao seu redor são definidos de acordo com suas metas e situações. O mundo é transformado dentro do mundo das definições por causa da mente.

Outra ação mental é a habilidade para controlar a ação evidente, onde, o indivíduo decide como agir no ambiente, aplica o que sabe sobre a situação e faz planos (alterando e re-definindo quando necessário). Outra habilidade importante é a de resolver problemas, e compreende a capacidade de planejar, ensaiar, tentar superar os obstáculos, avaliar e alterar o que for necessário.

Assumir o Papel do Outro

Ainda contemplando a perspectiva interacionista temos que os seres humanos têm a capacidade de Assumir o Papel do Outro, ou seja, ver o mundo a partir do ponto de vista da outra pessoa. Isto significa que é preciso assumir a estrutura simbólica do outro, e é um processo que acompanha toda a interação humana, toda comunicação simbólica. Para Charon⁽⁷¹⁾ “mesmo assumindo o papel do outro e capturando com precisão a perspectiva do outro, nós continuamos não podendo deixar nossa própria perspectiva de lado, e o nosso entendimento do outro será colorido, em parte, por nossa própria perspectiva.”

Ação Humana

Os seres humanos agem em um mundo que eles definem. Na ação humana o indivíduo define a situação (metas, aplica perspectivas do outro, aponta para o self os objetos relevantes, toma o papel do outro e define-se). A definição da situação é a causa da ação.

O passado na ação é utilizado para a definição do presente, e então, o passado muda constantemente ao passo que lhe é incorporado novas experiências (novas situações e perspectivas) e interpretações do passado. O que o ser humano faz agora depende da nossa concepção do futuro. A ação significa escolhas.

A capacidade que o ser humano possui de fazer indicações para si mesmo dá uma característica à ação humana. Significa que o indivíduo humano confronta-se com o mundo que deve interpretar a fim de agir. Precisa lidar com a situação para qual é chamado a agir, investigar o significado das ações dos outros e definir sua própria linha de ação à luz da interpretação. Pelo processo de auto-interação, o indivíduo manipula seu mundo e constrói sua ação.

Interação Social

Interação social é a ação social mútua, é simbólica e envolve continuamente o processo de assumir o papel do outro (em uma atividade mental). Ajustar os atos em relação ao outro envolve entender as ações partindo-se da perspectiva do outro num processo concorrente de interpretação destes atos. A interação é causa importante da ação humana.

O Interacionismo Simbólico e a Família

O Interacionismo simbólico foi fundamentado na perspectiva da psicologia social e embora desenvolva o conceito sobre sociedade, não apresenta uma visão de família. E o caminho adotado por Angelo para tal aproximação foi o de analisar o que os autores interacionistas Blumer e Mead propunham sobre sociedade por entender que este conceito poderia trazer grandes contribuições para o “pensar família interacionalmente” ⁽⁷²⁾

A família, na perspectiva interacionista, é compreendida como um grupo social em interação entre si e com os elementos presentes nas experiências que vivencia, atribuindo significados a esta experiência, os quais resultam de suas interações ⁽⁷²⁾.

A aplicação dos conceitos do interacionismo simbólico à família foi realizada por Angelo (1997) ⁽⁷²⁾ quando a autora apresentou as seguintes formulações:

- 1 Famílias são indivíduos em interação simbólica;
- 2 Famílias são indivíduos cooperando;
- 3 Família é composta por indivíduos capazes de assumir o papel do outro;
- 4 Família é composta por indivíduos com “selfs”;
- 5 Família é composta por indivíduos com mentes;
- 6 Família prove ao indivíduo uma perspectiva na figura do “outro generalizado”

Aplicando estes conceitos à família, a autora acrescenta a definição da família como sendo um grupo de indivíduos (atores), que chega às situações com outros significantes ou grupos de referência; com símbolos, perspectivas, self, mente e habilidade par assumir papéis. Nestas interações o passado é resgatado para ajudar a definir as situações e cada família tem uma visão de futuro. Nestas situações considera como uma das causas do comportamento humano a interação.

Refletindo nesta concepção, a família é compreendida como um grupo social com os seus membros em constante interação simbólica entre si e com as outras pessoas envolvidas nestas interações, como no caso a enfermagem. Nestas interações compartilha símbolos, que podem ser mudados por meio das experiências vividas, assim como o Self ⁽⁷³⁾.

No contexto de cuidado da saúde, a compreensão dos significados simbólicos que

surgem da interação da família com as pessoas e os eventos, promovem a identificação destes elementos, como por exemplo, intervenções significativas que ajudam a família a organizar o comportamento e permitem que seus atos se completem no curso da interação⁽⁷³⁾.

4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

4 REFERENCIAL METODOLÓGICO

De acordo com os objetivos do estudo, a abordagem qualitativa mostrou-se como a mais ideal para realização desta pesquisa. A abordagem qualitativa, segundo Richardson (2008)⁽⁷⁴⁾, é uma forma adequada para compreensão de um fenômeno social. Para Minayo (2014)⁽⁷⁵⁾, este tipo de abordagem se preocupa com a realidade que não pode ser quantificada e se aprofunda nos significados existentes nas ações e nos relacionamentos humanos.

O método qualitativo é o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações e das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os homens fazem a respeito de como vivem, sentem e pensam⁽⁷⁵⁾.

Corroborando com Minayo, Matheus e Fustinone (2006)⁽⁷⁶⁾ referenciam que uma das grandes características que distinguem a pesquisa qualitativa é a vital importância do significado, onde são os participantes ou sujeitos da pesquisa que adquirem destaque, com os significados que atribuem ou percepções que elaboram.

Neste estudo foi utilizado a História Oral como referencial metodológico. A História Oral foi abordada de acordo com os conceitos, fundamentações e trajetórias descritas por Meihy (2005)⁽⁷⁸⁾. Trata-se de um recurso utilizado para realização de estudos e documentos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. É uma prática que apreende narrativas por meio do uso de equipamentos eletrônicos que se dedica a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais presentes e facilitar o conhecimento de situações.

Os recursos eletrônicos têm presença obrigatória na história oral, contudo, não se faz história oral sem a participação humana direta. Como método, a história oral tem nos depoimentos o centro dos estudos realizados. Trata-se, portanto, de focalizar nas entrevistas o ponto central e de partida para as análises.

Atualmente o uso da entrevista em história oral visa registrar o significado da experiência de um indivíduo ou de um grupo. O desejo de esclarecimento de situações é o que motiva trabalhos em história oral.

Para que a história oral seja reconhecida como método é necessário que alguns passos sejam seguidos, sendo assim deve haver a elaboração do projeto, a gravação das entrevistas, confecção do documento escrito com a transcrição, análise documento escrito e a conclusão do projeto com a devolução do produto final à comunidade.

Em história oral a memória individual só aufere utilidade quando permite o conhecimento do fenômeno social. Mais do que a soma das memórias individuais, a memória coletiva é marcada pela sua identidade que é construída no cruzamento e temas comuns das narrativas individuais.

Um conceito importante em história oral é a “comunidade de destino”, que pode ser definida como o resultado de uma experiência que qualifica um grupo, isto configura uma coletividade com base em sua identidade. Convém clarificar que a história oral se preocupa com as versões individuais de cada fenômeno e só se justifica em razão da soma das narrativas que caracterizam a experiência em conjunto. Cada depoimento, portanto, tem seu peso autônomo, mesmo que se explique cultural e socialmente.

Em história oral o narrador, ou seja, a pessoa entrevistada é chamada de “colaborador”. Este termo demonstra o tipo de relacionamento existente entre o entrevistado e o entrevistador, de colaboração, devendo haver uma relação de compromisso entre as partes. O colaborador é parte ativa do trabalho, pois além de fornecer a entrevista, precisa participar da conferência e autorizar a publicação de partes ou do todo da mesma.

A história oral é distinta em três gêneros:

- História oral de vida: o colaborador narra a sua experiência de vida com grande liberdade. Ele deve ter espaço para falar livremente sobre sua experiência pessoal, de acordo com a sua vontade. É um tipo de narrativa subjetiva, onde a verdade dos fatos está no que é narrado pelo colaborador, podendo revelar ou ocultar casos, pessoas e situações.
- História oral temática: é o gênero que está mais relacionado com as soluções comuns e tradicionais dos trabalhos analíticos realizados nas diversas áreas do conhecimento acadêmico. Parte-se de um assunto específico estabelecido anteriormente, comprometendo-se com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. A objetividade é direta. O tema deve estar bem explícito, devendo constar nas perguntas a serem feitas ao colaborador. A narrativa da versão de um fato busca a verdade de quem presenciou um evento ou que pelo menos tenha alguma versão discutível ou contestatória. Diferencia-se da história oral de vida, pois detalhes da história pessoal do colaborador só interessam quando revelam elementos úteis ao esclarecimento da temática central. O questionário é peça fundamental para descoberta de detalhes procurados.
- Tradição oral: trabalha com a permanência de mitos e com a visão de mundo de certas comunidades. Ela se volta às questões de um passado longínquo manifestadas através do folclore e da transmissão geracional. Ela deve revelar além das estruturas e comportamentos de um grupo, a ideia de passado e presente de determinada cultura.

A história oral temática foi escolhida como abordagem metodológica para condução deste estudo, pois existe um evento específico que faz parte da história da pessoa que ser investigada e buscou-se a versão deste evento conforme a verdade da mesma, neste caso, deseja-se investigar a experiência da vítima de acidente de trânsito e de sua família.

Para seleção dos colaboradores, segundo os critérios estabelecidos pela História Oral descrita por Meihy (2005)⁽⁷⁸⁾, é preciso definir a colônia e a rede que se deseja investigar.

4.1 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

4.1.1 Aspectos éticos

O projeto foi apreciado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) e recebeu parecer favorável (ANEXO A). Foi solicitada a autorização do Centro de Reabilitação do Amapá – CREAP (ANEXO B). A participação da vítima de AT e seu familiar no estudo foi voluntária, e a orientação sobre a proposta da pesquisa, seus objetivos, tempo aproximado para a realização da entrevista, a garantia de sigilo das informações e anonimato do participante, possibilidade de ter suas dúvidas respondidas pelo pesquisador, o direito de recusar-se a participar, e o direito de desistência em qualquer fase do processo foram esclarecidos às famílias e a confirmação de participação na pesquisa foi dada através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido em duas vias, permanecendo uma em posse da pesquisadora e outra com o colaborador (APÊNDICE A), foi solicitado também o consentimento para gravação e utilização da voz (APÊNDICE B) o qual foi assinado em duas vias, permanecendo uma em posse da pesquisadora e outra com o colaborador. Para garantir os direitos dos participantes dos estudos, foram observados todos os aspectos presentes na Resolução CNS 466/2012.

4.1.2 Seleção dos Colaboradores

Para seleção dos colaboradores foram adotados os critérios estabelecidos pela história oral, em que se faz necessário definir a colônia e a rede que se pretende investigar.

4.1.2.1 Colônia

Está relacionada à identidade cultural do grupo, ela é uma parcela das pessoas de uma mesma comunidade de destino⁽⁷⁸⁾. Neste estudo, a colônia foi formada pelas vítimas de acidente de trânsito que adquiriram uma sequela física permanente em decorrência do trauma provocado pelo acidente e um de seus familiares.

Para a seleção da amostra foram considerados os seguintes critérios de inclusão

- Ter idade entre 18 a 59 anos;
- Ter idade de 18 a 34 anos no momento do acidente;
- Apresentar qualquer tipo de sequela, incapacidade ou deficiência física permanente decorrente de acidente de trânsito;
- Acidente ter ocorrido no mínimo há um ano;
- Ter condições físicas e psicológicas para fornecer uma entrevista
- Residir no município de Macapá com a intenção de facilitar a entrevista.

Critérios de exclusão

- Presença de qualquer dúvida em relação à existência de distúrbio neurológico;
- Incapacidade ou deficiência física permanente previamente ao acidente de trânsito.

4.1.2.2 Rede

A rede é uma subdivisão da colônia. Ela visa estabelecer parâmetros para decidir quem se deve e quem não se deve entrevistar⁽⁷⁸⁾.

De acordo com esta definição, os critérios estabelecidos para determinar os colaboradores deste estudo foram:

- Pais (pai e/ou mãe) ou cônjuge ou familiar mais envolvido na vida das vítimas do acidente de trânsito com sequela física permanente.
- Idade a partir de 18 anos
- Ter acompanhado de perto a experiência do paciente
- Ter condições físicas e psicológicas para fornecer uma entrevista
- Residir no município de Macapá

4.1.3 Acesso aos colaboradores

A busca pelos colaboradores, com base nos critérios estabelecidos teve início no Centro de Reabilitação do Amapá (CREAP), referencia em reabilitação no Estado do Amapá. O início da localização de colaboradores para o estudo se deu por meio do levantamento e análise de prontuários de pessoas que realizaram atendimento fisioterápico e atendiam aos critérios de inclusão do estudo. Os prontuários foram examinados e após triagem tomou-se nota do número de telefone para que a pesquisadora pudesse contatá-las posteriormente.

Devido a problemas com alguns números de telefone que já não pertenciam mais às pessoas ou eram inexistentes, outras estratégias foram utilizadas para capturar colaboradores. Desta forma, alguns participantes foram contatados por meio da estratégia “bola de neve”. Essa técnica, uma forma de amostra não probabilística, utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que por sua vez indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado a amostra pretendida⁽⁷⁷⁾

O contato com todos os colaboradores (colônia) foram realizados por meio de ligação telefônica, momento em que foram fornecidas explicações detalhadas sobre a pesquisadora, o motivo do contato e o estudo, sendo feito o convite e verificado o interesse do colaborador em participar da pesquisa. Demonstrado o interesse, foram agendados os melhores dias, horários e locais para a realização da entrevista. Na véspera do compromisso um novo contato telefônico foi feito para confirmação. Os colaboradores (rede) foram indicados pelos próprios colaboradores (colônia) e o contato inicial também foi feito por eles.

O local escolhido é fator determinante para oferecer às entrevistas melhores condições. Deve-se deixar, sempre que possível, que o colaborador eleja o local em que deseja gravar a entrevista⁽⁷⁸⁾. Todas as entrevistas foram realizadas em locais escolhidos de comum acordo entre pesquisadora e colaborador, sendo que 17 foram realizadas no domicílio e apenas uma no local de trabalho do colaborador. As entrevistas foram realizadas em locais reservados e de forma separada, vítima e familiar.

4.1.4 Coleta de Dados

A coleta foi realizada entre junho e novembro de 2016. Houve apenas um encontro com cada colaborador nessa fase da realização das entrevistas. As entrevistas foram

iniciadas com as assinaturas dos termos de consentimento. E foram realizadas individualmente, uma com a vítima e uma com o familiar. Foi utilizado uma ficha de identificação (APÊNDICE C) e roteiro de entrevista semiestruturado, com algumas questões norteadoras (APÊNDICES D e E), as quais foram identificadas por números e gravadas em gravador digital e posteriormente foram analisadas de acordo com o referencial metodológico. Foram também anotados durante as entrevistas dados de observação pertinentes, como comportamento e expressões não verbais, em um caderno de campo com os números correspondentes as entrevistas. e ficha de identificação.

A duração das entrevista variou de 40 minutos a 2 horas e meia, sendo identificadas por números na sequência em que foram realizadas.

Participaram do estudo nove vítimas de acidente de trânsito com sequela permanente e nove familiares. De acordo com o referencial metodológico adotado, o que marca o número de entrevistas a serem realizadas está relacionado com a utilidade e o aproveitamento. A partir do momento que os argumentos se tornam repetitivos sabe-se que é hora de parar⁽⁷⁸⁾.

4.1.5 Colaboradores: Dados e Características

Colaborador 1 (Vítima 1 – V1)

Mulher, idade no momento do acidente: 32, idade atual: 34 anos, solteira, ensino médio incompleto possui dois filhos, com idades de 7 e 9 anos. Mora com a mãe e os dois filhos. Ocupação anterior ao acidente: vendedora, Ocupação atual: desempregada/recebendo benefício. Religião católica.

O acidente aconteceu quando a mesma estava indo trabalhar às 13 horas, seu namorado foi lhe apanhar em casa em uma moto, ela era passageira na moto e estava usando capacete. Ao chegarem na rua do sambódromo um veículo avançou a preferencial, a colisão provocou fratura no fêmur e na tíbia do membro inferior esquerdo. Tipo de sequela/deficiência: debilidade permanente da deambulação devido a perda de partes moles. Resultou em deformidade permanente devido as perdas teciduais e encurtamento de 7 cm no membro inferior esquerdo, o fêmur ainda não está consolidado.

Colaborador 2 (Familiar da vítima 1, mãe – FV1)

Mulher, idade: 65 anos, ocupação: aposentada.

Colaborador 3 (Vítima 2 – V2)

Homem, idade no momento do acidente: 33 anos , idade atual: 41 anos, união estável, ensino fundamental incompleto não possui filhos. Mora com a esposa. Ocupação anterior ao acidente: frentista/garimpeiro, Ocupação atual: aposentado por invalidez/vendedor autônomo. Declarou não ter religião.

A vítima informou que a causa principal do acidente foi a imprudência. Ele havia saído com amigos de uma festa. Estavam todos alcoolizados incluindo o amigo, que estava dirigindo o carro alcoolizado em alta velocidade, o que acabou culminando em um acidente grave, onde o carro capotou, e eles não estavam usando cinto de segurança. O trauma causou uma lesão na medula espinhal. Tipo de sequela/ deficiência: paraplegia.

Colaborador 4 (Familiar da vítima 2, esposa – FV2)

Mulher, 40 anos, vendedora, iniciou o relacionamento com a vítima no período em que a vítima ficou internada devido ao acidente.

Colaborador 5 (Vítima 3 – V3)

Mulher, idade no momento do acidente: 18 anos, idade atual: 20 anos, união estável, ensino fundamental incompleto, está grávida do primeiro filho. Mora com a mãe e o marido. Ocupação anterior ao acidente: estudante/dançarina, Ocupação atual: desempregada/recebe benefício previdenciário. Religião católica.

O acidente aconteceu por imprudência do namorado da vítima, hoje marido. Ele foi fez uma ultrapassagem irregular. Porque estava com pressa. Ao ultrapassar o carro, uma moto em alta velocidade colidiu. Todos se machucaram bastante. O trauma provocou fratura e redução de 2 cm do fêmur e perda da capacidade do movimento de flexão e extensão do joelho. Tipo de sequela/ deficiência: deformidade permanente devido às perdas teciduais e incapacidade de flexionar o joelho debilidade permanente da deambulação.

Colaborador 6 (Familiar da vítima 3, mãe – FV3)

Mulher, idade: 54 anos, ocupação: Empresária.

Colaborador 7 (Vítima 4 – V4)

Homem, idade no momento do acidente: 34, idade atual: 39 anos, solteiro, ensino médio completo, não possui filhos. Mora com o irmão. Ocupação anterior ao acidente:

pedreiro, Ocupação atual: desempregado/recebe benefício previdenciário. Religião evangélica.

A causa do acidente foi imprudência, ao sair do trabalho, no caminho de sua residência e foi atropelado por um carro. Ocorreu fratura do fêmur, duas fraturas da tíbia, duas fraturas na fíbula e uma fratura no tornozelo. Ocorreu uma redução de 7 (sete) centímetros do fêmur, gerando debilidade permanente para deambulação. Tipo de sequela/ deficiência: deformidade permanente devido às perdas teciduais e redução óssea do fêmur.

Colaborador 8 (Familiar da vítima 4, irmão – FV4)

Homem, idade: 55 anos, ocupação: motorista/pastor. É vizinho do irmão.

Colaborador 9 (Vítima 5 – V5)

Mulher, idade no momento do acidente: 24, idade atual: 26 anos, solteira, ensino médio completo, não possui filhos. Mora com os pais, 64 anos cada, duas irmãs, uma com 32 e outra de 19 anos, e uma sobrinha, 2 anos. Ocupação anterior ao acidente: auxiliar de secretaria, Ocupação atual: desempregada. Religião católica.

A causa do acidente segundo a perícia foi imprudência da motorista do carro, ela avançou a preferencial e atingiu a vítima que estava conduzindo uma moto. A Colisão provocou fratura exposta da tíbia e fíbula e perda de partes moles. Resultou em debilidade permanente da deambulação devido à perda de partes moles. Tipo de sequela/ deficiência: deformidade permanente devido às perdas teciduais e encurtamento de 1 cm no membro inferior direito.

Colaborador 10 (Familiar da vítima 5, pai – FV5)

Homem, idade: 64 anos, ocupação: funcionário público aposentado.

Colaborador 11 (Vítima 6 – V6)

Homem, idade no momento do acidente: 18, idade atual: 43 anos, união estável, ensino superior incompleto, possui dois filhos, um com 7 e outro com 9 anos. Mora com a mãe, 75 anos. Ocupação anterior ao acidente: estudante/empresário, Ocupação atual: empresário/atleta profissional. Religião evangélico.

O acidente aconteceu por imprudência, um veículo avançou a preferencial e colidiu com a moto que a vítima estava pilotando. Ocorreu trauma no braço esquerdo, ocasionando hipotonia e hipotrofia severa e mão em garra, fratura e encurtamento de 10 (dez)

centímetros do fêmur do membro inferior esquerdo, o fêmur permanece fraturado, necessitando do uso de órtese. Tipo de sequela/ deficiência: pseudoartrose do fêmur e redução óssea do fêmur.

Colaborador 12 (Familiar da vítima 6, mãe – FV6)

Mulher, idade: 75 anos, ocupação: aposentada.

Colaborador 13 (Vítima 7 – V7)

Mulher, idade no momento do acidente: 22, idade atual: 32 anos, casada, ensino superior completo, turismóloga, possui duas filhas, uma de 8 e outra de 13 anos. Mora com marido, as filhas e os pais. Ocupação anterior ao acidente: estagiária, Ocupação atual: aposentada por invalidez. Religião evangélica.

O acidente aconteceu na estrada, um carro entrou na contramão daí o motorista do carro em que a vítima era passageira, quando viu o carro vindo à sua direção jogou o carro para fora da estrada, para evitar o choque, daí o carro bateu em um monte de terra que tinha no acostamento e capotou, a vítima estava sem o cinto de segurança. O trauma gerou lesão raque medular, fratura C6 e C7. Tipo de sequela/ deficiência: tetraplegia.

Colaborador 14 (Familiar da vítima 7, marido – FV7)

Homem, idade: 36 anos, ocupação: biomédico/teólogo, desempregado.

Colaborador 15 (Vítima 8 – V8)

Homem, idade no momento do acidente: 30, idade atual: 40 anos, solteiro, ensino médio completo, possui dois filhos, um com 13 e outro com 8 anos. Mora com o avô, com um tio, com 55 anos e uma tia. Ocupação anterior ao acidente: árbitro de futebol, Ocupação atual: chefe de divisão de fiscalização de acessibilidade (Cargo Comissionado)/ presidente do Conselho da Pessoa com Deficiência. Religião católica.

O acidente aconteceu quando a vítima estava na rua, ao lado do carro alegórico, nessa época os fios de alta tensão não tinham proteção no local onde ocorreu o acidente, então uma caçamba bateu no carro alegórico, o carro alegórico esbarrou no fio de alta tensão, daí o carro alegórico recebeu a descarga elétrica e a vítima sofreu o choque elétrico, as pernas pegaram fogo e a descarga elétrica saiu pela lateral do tórax, provocando uma lesão aberta. Tipo de sequela/ deficiência: amputação dos membros inferiores, abaixo do joelho.

Colaborador 16 (Familiar da vítima 8, tio – FV8)

Homem, idade: 55 anos, ocupação: auxiliar técnico em engenharia, servidor público municipal.

Colaborador 17 (Vítima 9 – V9)

Mulher, idade no momento do acidente: 18, idade atual: 22 anos, união estável, ensino superior incompleto, não possui filhos. Mora com o marido. Ocupação anterior ao acidente: estudante, Ocupação atual: secretária. Religião católica.

O acidente aconteceu por imprudência, um carro avançou a preferencial e atingiu a moto que a vítima estava como passageira. O trauma provocou fratura da tíbia e fíbula e perda de partes moles do membro inferior direito. Tipo de sequela/ deficiência: amputação do membro inferior direito, abaixo do joelho.

Colaborador 18 (Familiar da vítima 9, marido – FV9)

Homem, idade: 33 anos, ocupação: vendedor. Observação: se conheceram e iniciaram o relacionamento 6 (seis) meses após o acidente dela. Ele é paraplégico desde a infância devido à poliomielite.

4.1.6 Análise dos dados

4.1.6.1 Etapas pós-entrevistas

De acordo com o referencial metodológico utilizado, a história oral, a etapa pós-entrevista para análise dos dados obedeceu aos seguintes passos conforme descrito por Meihy (2005)⁽⁷⁸⁾:

Transcrição: compreende a passagem da gravação oral para o escrito. Na moderna história oral, a transcrição destina-se a dar visibilidade à história narrada, sempre pensando em quem vai receber o texto. Assim, quebrou-se o mito de que a transcrição de palavra por palavra corresponderia à realidade da narrativa. Não são as palavras que interessam, mas sim o que elas contêm. Porque uma gravação não contém lágrimas, gestos, pausas significativas, contexto do ambiente, portanto, é impossível pensar que a mera transcrição traduza tudo que ocorreu durante a entrevista. A entrevista, portanto, deve ser “corrigida”, mantendo o sentido

intencional do narrador, que articula seu raciocínio com as palavras. O acervo fraseológico e a caracterização vocabular de quem contou a história devem permanecer indicados. Primeiramente, é preciso ouvir a entrevista diversas vezes, para e definir a “música” do relato. Após ter absorvido o ritmo da narrativa e a intenção procede-se a transcrição, que na fase inicial deve ser fiel ao acontecido, contudo, vícios de linguagem, erros de gramática e palavras repetidas devem ser corrigidas.

Textualização: é outra etapa da transcrição. O texto passa a ser predominantemente do narrador que se torna uma figura única por assumir o exclusivismo da primeira pessoa. As eventuais perguntas devem ser eliminadas e deve-se reorganizar cronologicamente a entrevista. Durante esta fase escolhe-se o tom vital, que é a seleção de uma frase que servirá como tema para a leitura da entrevista. É sobre esta frase que se pretende organizar o critério de percepção do leitor.

Cada fala possui um sentido geral mais importante, e cabe a quem determina o texto compreender o significado da mensagem que o colaborador quis transmitir e reordenar a entrevista conforme esta ideia principal. O tom vital, portanto, é um recurso utilizado para requalificar a entrevista de acordo com a sua essência (Meihsy, Holanda, 2007)⁽⁷⁹⁾.

Transcrição: última etapa da transcrição compromete-se em recriar um texto por completo. Nesta fase há interferência do autor no texto, onde ele é refeito várias vezes. É um texto trabalhado que deve ser mostrado ao público, onde a interferência do autor seja clara, voltada ao aperfeiçoamento do texto. É importante elucidar que tudo que está escrito deve obedecer a acertos combinados com o colaborador, que legitimará o texto na próxima etapa, a conferência.

Conferência: compreende o momento no qual o autor entrega ao colaborador o texto trabalhado, a fim de que o colaborador autorize a versão do texto trabalhada. Esta fase é importante para legitimar a entrevista que foi realizada. Nessa etapa as entrevistas transcritas foram enviadas aos colaboradores via e-mail. Foi realizado contato telefônico para confirmar a legitimação da entrevista com o colaborador pela pesquisadora.

Arquivamento: constitui a etapa final do processo da história oral. Desta maneira, após autorização do colaborador são realizadas cópias das entrevistas para arquivamento dos registros.

4.1.6.2 Construção da memória coletiva

A construção da memória coletiva foi feita por meio da análise das entrevistas a fase de textualização, onde se realizou leituras atentas, com o objetivo de compreender a experiência geral de cada colaborador e identificar o tom vital de cada entrevista.

Posteriormente após leituras atentas foi realizado agrupamento por similaridade das unidades conectadas pelo mesmo significado de onde emergiram os temas que compõe a apresentados nos resultados.

5 RESULTADOS

5 RESULTADOS

5.1 APRESENTAÇÃO DAS TRANSCRIÇÕES

5.1.1 Vítima 1

Dependência

Ter sofrido o acidente de trânsito significou uma coisa muito ruim pra mim, pois fiquei desempregada e tenho dois filhos pra sustentar e agora, como pode uma situação dessas? Fraturei o fêmur e a tíbia do lado direito, fiz três cirurgias e ainda assim fiquei com uma sequela, a fratura do fêmur ainda não consolidou, além disso, houve uma redução de cinco centímetros no fêmur. É muito ruim. (choro...), mudou tudo na minha vida eu era uma menina boa de saúde, eu trabalhava... Eu preciso trabalhar, tenho dois filhos e agora eu não sei, vai depender tudo da fisioterapia e da minha força de vontade. É muito difícil... Porque eu não dependia de ninguém, só dependia de Deus e do meu emprego e agora tenho que ficar dependendo dos outros, tudo que eu tenho que fazer tem que ter mais pessoas perto de mim. É triste... Eu nunca vivi isso... No período em que fiquei internada meus filhos ficaram com minha mãe, um tem nove e o outro tem sete anos e ele sofre muito, o menor é muito agarrado comigo. É difícil pra mim porque eu sozinha, aguento sofrer, mas com uma criança é muito triste, uma criança não quer se alimentar, não dorme direito, não melhora todo tempo doente, tem que ficar levando ao hospital e é triste pra mim porque eu não queria que os meus filhos sofressem, entendeu? Mesmo agora que estou em casa com eles é difícil, pois não posso cuidar deles, minha mãe continua cuidando deles e de mim.

Mas, é assim mesmo, pelo menos eu saí com vida, se Deus quiser eu vou conseguir. Sei que vou ficar assim dependendo dos outros, de uma muleta, de uma cadeira de rodas entendeu? É triste pra mim... (choro), que eu queria voltar a andar, trabalhar e é muito triste, eu faço fisioterapia e ainda dói muito, tenho que fazer pra não atrofiar os músculos porque depois que atrofiar vai piorar as sequelas, mas é triste... Eu não me via nunca numa cadeira de rodas.

O acidente aconteceu quando eu estava indo trabalhar uma hora da tarde, meu namorado foi me pegar em casa, aí quando chegou à rua do sambódromo a preferência era nossa, mas o outro motorista avançou a preferencial, eu só senti o impacto da batida em mim, em seguida desmaiei, quando retornei já estava no chão toda ferida, “capotei” 3 vezes, tinha um fluxo intenso de carros neste momento, então um motorista bloqueou a passagem de

outros carros com o seu próprio carro, para evitar que algum carro me atingisse novamente ou passasse por cima de mim. Aí quando retornei já tava toda ferida com a minha perna quebrada, jogada no chão.

O motorista do carro viu que a preferência era nossa e ele não tinha que avançar, ele tinha que nos esperar e em seguida passar, entendeu? Então, o erro foi dele, de ter avançado a preferência, pois aconteceu em um horário de trânsito intenso... justamente no horário de uma hora da tarde, então ele devia esperar um pouco, entendeu? Então foi isso que aconteceu, jamais eu esperava que acontecesse isso no caminho do trabalho... E quando vi, já estava no chão, por causa de um erro dele.

O momento em que recebi a notícia que ficaria com uma seqüela, incapacidade permanente foi muito triste, muito ruim, pois eu tinha esperança de ficar boa... O pior é ficar dependendo dos outros... Pois tem umas pessoas que fazem as coisas por fazer, depois ficam jogando na cara, “mais eu te ajudo”... Eu “vou dormir contigo”, eu tenho que ficar fazendo isso, fazendo aquilo e eu nunca pensava que eu ia depender de ninguém, isso é muito difícil pra mim, o fato de eu não andar normalmente, porque eu era muito independente, fazia as minhas coisas. Agora eu preciso de ajuda para ir ao banheiro, pois para isso é necessário uma cadeira de rodas, para vestir roupa, eu também preciso de ajuda.

Quando vi pela primeira vez a minha perna, após o acidente já com seqüela, foi muito triste, pois, lembro que na época do acidente eu estava cheia de problemas agora eu não tenho nenhum daqueles problemas, sumiram todos... Não significam mais nada, são fichinha perto do que estou tendo que enfrentar. Só penso em minha perna e minha perna, saber que eu nunca mais ia me locomover sem o auxílio de muletas ou cadeira de rodas, foi muito triste pra mim, ver a diferença de tamanho que ficou entre as duas pernas, também foi triste.

Só minha mãe, a minha sogra, o meu sogro, e meu namorado me deram maior apoio. No início, a minha mãe ficou muito estressada... Ela não queria meu namoro, mas se ele fosse um namorado péssimo, a partir do momento que eu sofri o acidente de trânsito, ele já tinha me deixado e não viria mais nem me ver, porém ele vem, liga, se preocupa, os pais dele vem me visitar. Meu pai, não foi no hospital e nem veio aqui em casa me ver. A minha mãe toma conta de mim e dos meus dois filhos e faz todas as coisas. Isso que se torna difícil, você passar a depender das pessoas e até para cuidar dos seus filhos, você precisa de alguém.

Eu achava que fazendo a fisioterapia corretamente iria voltar a andar normalmente, mas não foi isso que aconteceu... Não consigo andar e sei que nunca mais vou conseguir andar normalmente. Essa situação trouxe problemas no meu trabalho, me levando a perder o emprego, pois quando aconteceu o acidente, eu tinha trabalhado apenas dois dias, o

acidente aconteceu quando eu estava a caminho do terceiro dia de trabalho. A minha carteira não era assinada, agora eu estou desempregada e não vou trabalhar tão cedo. É difícil porque eu sempre trabalhei, desde os meus 12 anos, eu sempre tive o meu dinheiro para comprar as minhas coisas. Eu fiquei mais de um ano lutando para receber o benefício, quer dizer, fiquei todo esse tempo dependendo exclusivamente da renda da minha mãe, mesmo agora que já estou recebendo, não é o suficiente, quando eu trabalhava recebia mais. Continuo dependendo financeiramente da minha mãe, coisa que eu não queria, não queria depender de ninguém. Eu era uma menina independente que tinha o meu emprego, tinha as minhas coisas com meu próprio suor e agora eu vou ter que ficar dependendo. Quando eu preciso de alguma coisa tenho que ficar pedindo: eu quero aquilo lá pra comprar? E eu nunca pensava que eu ia depender dos outros, principalmente porque tenho filhos pra criar.

Fico dependendo dos outros... Eu tenho que ficar pedindo ajuda, minha mãe conseguiu a doação da cadeira e das muletas, pois que ela não tem condições de comprar, ela é separada do meu pai, em casa ela é mãe, pai, avó e avô, então tudo é ela. Se ela fosse tirar do dinheiro dela não ia dá nem pra comprar uma cadeira, porque a cadeira mais barata custa uns 3 mil e pouco e as muletas eu não sei quanto. Então, trouxe muitos prejuízos financeiros também pra minha família.

A vida dos meus filhos, principalmente, foi muito afetada, pois agora eles são praticamente criados pela minha mãe, a dificuldade financeira sempre afeta a família e nessa situação em que não posso trabalhar apenas a renda da minha mãe não é suficiente para todos nós, comida, vestuário, água, luz...

Então, posso dizer que ainda estou me adaptando a essa nova vida, modificou a minha forma de pensar, porque tive que aprender a ser mais humilde com os outros, porque antes eu não tinha tempo pra nada agora dependo dos outros. Na minha vida, hoje em dia, penso mais na minha família, nos meus filhos. Eu já era uma pessoa tranquila, hoje eu estou mais tranquila do que era. Porque eu tento me recuperar, melhorar, pois eu penso muito nos meus filhos, que são as pessoas que eu mais gosto na minha vida.

Minha mãe, meus filhos e meu namorado são muito importantes em minha vida nesse processo de adaptação.

A sequela e o acidente representaram para mim dor e tristeza. É uma tristeza esse negócio de acidente, você está bem, saudável e de uma hora pra outra sua vida muda completamente. Hoje, a sequela e o acidente representam tristeza e ao mesmo tempo superação, pois tenho que buscar melhorar por mim e pelos meus filhos.

5.1.2 Familiar da Vítima 1 (mãe)

É triste você ter uma filha, saudável, sem nenhum problema e de repente, pela irresponsabilidade de alguém ela ficar com uma sequela pra vida toda, a vida dela mudou para sempre.

Foi muito difícil, difícil mesmo, na verdade ainda está sendo difícil. Minha filha sempre foi trabalhadora, muito ativa, ela criava os filhos só, eu ajudava claro, mas hoje estou tendo que ajudar mais, eles ainda são pequenos, dependem muito da mãe, então é bem difícil. Já faz quase dois anos do acidente e ela ainda não voltou a andar, ainda depende da minha ajuda. Eu tenho que cuidar dela e dos filhos dela. Então, eu me sinto vítima do acidente também, eu e meus netos, pois eles sofrem também. O processo de recuperação está sendo demorado e doloroso e ainda por cima ela ficou com a sequela o que significa que ela nunca mais será a mesma, mesmo que volte a andar ela não vai andar normalmente, como antes. Isso com certeza vai dificultar a conseguir um emprego e só com o benefício que ela está recebendo atualmente. tem sido bem difícil mantermos a vida.

O momento que fiquei sabendo do acidente foi terrível, fiquei desesperada. Ela passou por algumas cirurgias e ficou muito tempo internada. Essa época foi bastante difícil, porque eu não podia ficar com ela, pois tinha que cuidar dos filhos dela, meus netos. Eu ficava muito triste por não poder ficar ao lado dela no hospital, mas ao mesmo tempo ela contava comigo pra cuidar dos filhos dela. Mas, no primeiro momento foi um susto muito grande, algo que você não espera que vai acontecer, os filhos dela sofreram muito pela ausência dela, ela ficou uns três meses internada.

Quando fiquei sabendo que ela iria ficar com uma sequela eu fiquei muito triste, muito triste mesmo. Eu chorei muito, não na frente dela, nem na frente dos meus netos, pois sabia que tinha que ser forte por eles. Mas é triste você ter uma filha, saudável, sem nenhum problema e de repente, pela irresponsabilidade de alguém ela ficar com uma sequela pra vida toda, a vida dela mudou para sempre. A perna dela ainda não está boa, o osso não cicatrizou, ela está aguardando uma nova cirurgia, mas já foi suspensa várias vezes. É visível que a perna está menor do que a outra, fora que ela está mais fina. Tento manter a esperança em relação a essa nova cirurgia, mas sei que ela não vai voltar ao normal, vai ficar essa diferença entre as duas pernas. É triste, minha filha é bonita, uma pessoa do bem e vai ficar assim, deficiente.

O momento que fomos informadas que ela ficaria com uma sequela permanente foi triste, uma tristeza que eu nem sei como explicar, porque se eu pudesse trocar de lugar

com ela, eu trocava. Porque eu sei que isso a deixa triste. O sofrimento é muito grande ao vê-la assim. Mas, tento pedir forças a Deus, oro e peço que Ele nos ajude a aceitar o que parece inaceitável. (os olhos se encheram de lágrimas)

Eu achava que ela ia melhorar logo, que no máximo em seis meses ela já estaria andando, com muletas é claro, mas que no máximo em um ano ela estaria totalmente recuperada, trabalhando e cuidando dos filhos, infelizmente não foi isso que aconteceu. Ela não consegue se apoiar nas muletas por muito tempo, então passa a maior parte do tempo na cadeira de rodas. Essa espera por essa nova cirurgia, isso é angustiante, já marcaram umas três vezes e sempre está faltando alguma coisa e daí não acontece. Isso vai matando a nossa esperança aos poucos. Ela já consegue fazer algumas coisas, mas pra quem era independente desde muito nova é difícil ter que levar a vida na cadeira de rodas e ter que depender de ajuda. Já se passou quase dois anos, é muito tempo. Mas, ainda espero que após essa cirurgia ela volte a andar.

Essa situação afetou sobremaneira a minha vida...Financeiramente afetou muito, pois eu só recebo um salário mínimo, ela está recebendo um e são quatro bocas para alimentar. Fora que ela e as crianças têm outras necessidades além da comida, então fica mais difícil ainda a situação. Se ela estivesse trabalhando estaria recebendo mais de um salário mínimo, daí ela conseguiria cuidar melhor dos filhos dela, são crianças muito boas, mas são crianças e precisam de algumas coisas que infelizmente sem dinheiro não dá. Tenho certeza que se tivéssemos dinheiro ela já teria feito a cirurgia particular, talvez já estivesse até andando, mas infelizmente dependemos do serviço público. Já pensou! Dois anos! Eu acho isso um absurdo! Somos vítimas também desse serviço que não funciona, se ela já tivesse feito à cirurgia, as chances de melhora eram maiores, mas, assim depois de tanto tempo, só Deus com sua infinita misericórdia.

Então, posso dizer que financeiramente afetou a família inteira, pois o que eu recebia dava mal para as minhas necessidades, desde o acidente, tenho que dividir com ela e os filhos, quando ela estava trabalhando, era ela quem me ajudava. Mesmo ela recebendo esse benefício não dá, só não passamos fome, mas, outras necessidades vez por outra têm que passar... Já faltou para os remédios, para a luz... Afetou também a minha saúde, é bem desgastante na minha idade ter que cuidar de um adulto e duas crianças, por mais que ela me ajude como o que pode, mesmo assim é difícil pra mim. Os filhos dela também sofrem por ver a mãe na cadeira, por quererem as coisas e a gente não ter como dar, por quererem brincar com ela e ela não poder. Me preocupo com o futuro deles, e se ela não voltar a trabalhar como vai ser? Como eles vão ficar?

Deus tem me ajudado a lidar com essa situação, pois sem ele acredito que poderíamos estar bem pior, talvez passando até fome. Minha fé me fortalece nos momentos de tristeza e desesperança, sei que tenho que ser forte por eles, mas só consegui permanecer firme até hoje porque sei que Deus me sustenta e mesmo em meio a tanto sofrimento ele se faz presente.

Posso dizer que a nossa vida foi modificada por esse acidente. Vivemos dias de luta, de espera, de esperança e de tristeza. Logo no início ela não conseguia fazer nada, mas com o tempo ela foi se adaptando a cadeira de rodas, então ela me ajuda na cozinha, por exemplo, ela consegue passar sozinha da cama para a cadeira, consegue tomar banho e precisa de pequena ajuda para se vestir, as dores atrapalham muito, dificultam a realização de mais atividades, mesmo que ela queira, como dói, ela acaba não conseguindo fazer.

Ela faz fisioterapia, mas ela só vai porque o namorado consegue levá-la, quando não dá pra ele ir ela fica sem fazer, eu não tenho como levá-la. É muito sacrifício tudo isso.

5.1.3 Vítima 2

Eu soube encarar de frente as dificuldades, nunca baixei a cabeça, e nem desisti.

O acidente de trânsito modificou completamente o que já fui um dia, ser vítima de um acidente de trânsito e ter ficado com sequelas, mudou o olhar das pessoas para mim, com sentimentos de pena, de dó, as pessoas me imaginam como se eu fosse um coitado, um pedinte, até um mendigo, as pessoas relacionam as coisas, só pelo fato de ser cadeirante, já sou mendigo?

Então, o fato de ser cadeirante, pesa na definição que as pessoas fazem de você, as pessoas julgam só de olhar, o olhar das pessoas mudou. Graças a Deus, hoje eu ganhei respeito, de todas as pessoas que convivem comigo, quem me conhecem sabe, que eu trabalho, ganho meu dinheiro honesto, não dependo de ninguém, sou independente financeiramente.

Ter sido vítima de um acidente me fez também mudar meu olhar para com as pessoas excluídas da sociedade, como os gays, por exemplo. São pessoas que são julgadas pela população, e hoje vejo diferente, não julgo ou condeno. Ser vítima também, me fez aprender muitas coisas, pois eu encarei e encaro todas as situações, sem ter medo das dificuldades.

A experiência de ter sofrido um acidente de trânsito foi horrível! Foi o pior momento da minha vida, de verdade. Porém, foi um divisor de águas em minha vida, por incrível que pareça! Porque veio pra me provar que eu sou capaz de muitas coisas, que mesmo sozinho no mundo (eu não tenho família próxima, sou sozinho mesmo) eu consegui me virar. Claro, Deus me ajudou demais, colocando pessoas certas no meu caminho.

Antes do acidente eu vivia em garimpo, festas, farra, mulheres, dinheiro, e nunca tive nada na vida. Não construí família, nem me fixei em lugar nenhum. Só vivia de garimpo em garimpo. E hoje não, vim para o Brasil, me regularizei ajeitando meus documentos, tenho crédito em lojas, porque sou um cidadão de bem. Tenho uma esposa, não somos casados, mas vivemos em união estável. A família dela me respeita, por eu ser trabalhador, gosta de mim mesmo. Então querendo ou não, o acidente gerou esses impactos na minha vida.

A principal causa do meu acidente foi à imprudência. Estava com amigos em festas, com muitas bebidas e mulheres. E estávamos bebidos e um amigo dirigindo alcoolizado em alta velocidade, o que acabou culminando em um acidente grave, onde o carro capotou, e não estávamos usando cinto de segurança. Foi falta de responsabilidade mesmo.

Fiquei paraplégico, sou cadeirante, foi uma lesão na medula espinhal, fui obrigado a mudar de estilo de vida.

O momento em que recebi a notícia que ficaria paraplégico, nossa... fiquei arrasado! Porque eu sempre fui muito ativo, trabalhador, namorador. E quando eu me vi ali, sem me sentir direito, eu fiquei em choque. Fiquei em choque total, arrasado. Eu sempre fui um homem forte, vaidoso, grande e vi minhas pernas finas, atrofiadas, foi desesperador na verdade. Pensava bastante também em como iria sofrer preconceito, discriminação. Demorei dias para imaginar como seria minha vida a partir da saída do hospital. Como iria sobreviver, pois morava em Cayena, e em minha opinião não teria trabalho pra mim naquele estado. Não tenho contato com minha família, desde os 13 anos, quando sai de casa. Sempre vivi muito sozinho mesmo. Eu e Deus. Só tinha alguns amigos por lá. Então, me vi sozinho, mas foi só o momento de entender e cair à ficha da situação mesmo.

A princípio minha maior preocupação era de como recomeçar a vida, porque eu tinha impedimentos e um impedimento primordial que era o de não andar, mas eu sempre pensava que tinha que encarar agora a vida de frente, que Deus já tinha me dado a vida, que eu tinha que honrá-la e viver.

Depois que passou a tristeza, minha expectativa, era de sair e resolver minha vida logo, arrumar um emprego, um lugar pra morar, tinha isso bem claro em mente, que tinha que encarar de cabeça erguida às dificuldades, preconceitos, e que vou vencer até os últimos dias

de vida, que tenho que ser feliz. Sempre me vi, como uma pessoa inteligente, que tinha que ter sabedoria (Concedida por Deus) pra encarar as dificuldades da vida.

Essa situação me afetou psicologicamente, posso dizer que me desestabilizou, por sempre ter sido um homem trabalhador, vaidoso, aqueles “nó cego” mesmo. Então me tirou o chão.

Mas, logo no período em que eu estava internado, eu conheci a minha atual esposa, e desde lá já veio me provando que o amor de Deus por mim era maior que tudo, que tinha ficado vivo era pra ser feliz.

Mudou completamente a minha vida, o meu modo de ver a vida e de vivê-la. Eu não dava valor, eu não construí nada meu, até o acidente. Hoje eu tenho vários imóveis, patrimônios meus, tenho trabalho digno, conquistei respeito das pessoas, pelo homem que sou hoje.

Então afetou minha vida de uma maneira muito negativa, porém, trouxe impactos positivos, mas esses impactos positivos só vieram porque eu soube encarar de frente as dificuldades, nunca baixei a cabeça, e nem desisti.

Minha família hoje é a família da minha esposa e ela. E foi difícil demais no início, quando me conheceram, me julgavam, diziam que eu iria ser um peso pra ela. E graças a Deus hoje reconhecem que sou independente, que trabalho, que sou um cidadão digno, conquistei o respeito deles.

Eu iniciei uma nova vida. Vim embora para o Brasil, tirei todos os documentos, comecei uma vida familiar de verdade, tenho endereço fixo e trabalho. Essa foi a adaptação e o recomeço significativos mesmo em minha vida.

Mas, o acidente interrompeu alguns aspectos da minha vida, por exemplo, eu gostava de estar em festas, e isso não faço mais, gostava de dirigir também, de ir para o interior tomar banho de rio, pescar, foram coisas que foram interrompidas, pelo acidente.

O que me ajudou a enfrentar essa situação foi Deus em primeiro lugar, que sempre me guiou, orientou minhas atitudes. E a minha esposa foi primordial na minha adaptação e mudança de vida, me deu forças e incentivos, pra dar a volta por cima, passamos muitas dificuldades na vida.

A sequela e o acidente representaram pra mim, primeiramente um grande susto, um sinal de Deus, pra eu melhorar a forma como eu vivia. Por que eu era do mundo, não tinha compromisso com nada. Apesar de ter sido horrível, ter me roubado diversões, enfim, foi a pior coisa que já me aconteceu, porém trouxe consequências boas, mas que só fizeram sentido anos depois, no primeiro momento representava somente sequela de irresponsabilidade.

Hoje, a sequela e o acidente representam uma coisa muito ruim, a pior coisa que me aconteceu na vida foi esse acidente, só seria pior se tivesse morrido. Mas, vivo da melhor forma, não que eu esteja 100% feliz, por que eu estaria sendo hipócrita em dizer que vivo bem, sendo cadeirante. Mas, vivo da melhor forma que posso viver, tenho força de vontade, sempre ando bem arrumado, cheiroso, porque não tem nada a ver andar largado por aí, se eu tenho o dom da vida, porém eu te digo, que com a vida que levava, se eu não estivesse cadeirante hoje, eu não estava nem vivo. Então pra você ver o significado que tem esse acidente

5.1.4 Familiar da Vítima 2 (Esposa)

Ajudá-lo, fortalecê-lo.

Bom, eu sempre tive muito claro que eu precisava ajudá-lo a se estabilizar, se adaptar a nova condição de vida. Eu me sentia como as pernas dele, como a responsável por ajudá-lo a se direcionar na nova vida. Precisava ir atrás de informações de como ele poderia se manter dali em diante, com medicações, fraldas geriátricas, essas coisas. E sabia que ele só tinha a mim, então eu me coloquei nessa situação, de orientá-lo, ajudá-lo pelo menos no período de readaptação... Como poderia ajudá-lo a enfrentar os novos obstáculos, como ajudar a aprender a andar na cadeira, etc. Hoje ele já é bastante independente, mas no começo foi preciso que aprendêssemos juntos, e como eu tenho mobilidade eu fui essencial nesse processo.

O momento em que fiquei sabendo da situação dele foi de tomada de decisão e pró-atividade, porque estávamos em outro país, e eu precisava ajudá-lo a voltar para o Brasil, pra iniciar uma nova vida. Eu já tinha um pequeno conhecimento sobre cadeirante, principalmente se tratando de um homem, sabia da pouca sensibilidade que ele teria, eu conhecia as limitações dele. Então, eu buscava fortalecê-lo. Colocando-o pra cima, mostrando que poderia vencer, que poderia arrumar emprego, viver de uma forma diferente, mas sabia que seria muito difícil pra ele que sempre foi um homem viril, então, cabia a mim fortalecê-lo. Sempre pensava que tinha que ser forte pra conseguir fortalecê-lo, mas, foi triste ver as pernas dele atrofiando, mas, nunca parei muito pra sofrer, sempre buscava ajudá-lo nas dificuldades. Então, minha expectativa era que ele se adaptasse bem as necessidades dele, e eu precisava ajudá-lo.

E essa situação afetou minha vida, pois tive que me dedicar a ele no começo, porque ele não tinha condições de ficar sozinho, tinha que aprender a andar na cadeira, a conhecer as normas de trânsito sozinho, então isso foi um fato, tive que me dedicar a ajudá-lo. Mas foi só no começo mesmo e graças a Deus, eu digo a você que hoje somos realizados, porque minha família o aceita e respeita, vivemos muito felizes. Hoje ele é totalmente independente, e era esse o meu objetivo.

No início minha família me julgou bastante, achando que ele seria um fardo em minha vida, que eu precisava deixar de namorá-lo, enfim, essas coisas... Só que eu sempre tive muito claro o amor que sinto por ele, e só precisava ajudá-lo a se adaptar que futuramente ele ia ser uma boa pessoa pra se viver.

Foi bem difícil no começo, pois, nos exigia dedicação. Pois, ele não sabia como agir nas próprias necessidades básicas diárias, como tomar banho, por exemplo, então tudo isso precisou de adaptação. Foi o período em que eu precisei ajudá-lo a se readaptar a uma nova vida, a se aceitar como estava agora e se amar. Hoje estamos adaptados, ele vive muito bem sozinho, sabe se virar na rua bem, trabalha, eu também trabalho. Esse era nosso objetivo, que se tornasse independente. O que me ajudou a lidar com essa situação foi o amor que sentimos um pelo outro, a força de vontade de vencer que ele sempre me passou, e a presença de Deus em nossas vidas.

5.1.5 Vítima 3

Não é como antes, foi interrompida a minha alegria...

Ser vítima de um acidente de trânsito é muito triste, é uma situação ruim porque não sou como antes, não posso fazer as mesmas coisas que fazia antes, nem da mesma forma. Impossibilitou de fazer o que eu fazia antes, por que não tem como, agora não tem como. Não consigo realizar movimentos completos, como flexionar meu joelho, entende? Ter sido vítima para mim a princípio foi desolador, por que eu me vi perdendo minha vida. Graças a Deus estou viva! Mas, minha beleza e autoestima eu perdi...

Foi uma experiência que mudou minha vida, foram momentos muito tristes, quase entro em depressão. Mas, com o passar do tempo foi passando... Como o acidente ocorreu quando estava junto com meu namorado, porque foi quando ele tentou ultrapassar um carro. Eu não queria mais namorá-lo, ele via em mim a consequência do acidente, sabe? Até

terminei o namoro, isso me deixou ainda mais triste, só que ele não aceitou que terminássemos, ele quis noivar e hoje somos casados.

Eu sei que poderia ter terminado muito mal, poderíamos ter morrido, e só por estar vivo já é bom, mas o acidente me roubou a realização de alguns sonhos... Digo sonhos, por que eu dançava muito, era reconhecida em bandas por fazer um bom trabalho, e hoje é algo que não faço mais, não posso, não consigo.

O acidente aconteceu por imprudência do meu namorado, hoje meu marido. Ele foi fazer uma ultrapassagem irregular. Ele foi o errado da situação! Porque estávamos com pressa, eu ia conhecer a família dele. Enfim, quando foi ultrapassar o carro, veio uma moto muito rápido, que nos bateu. Todos se machucaram bastante, mas eu fiquei pior. Meu marido perdeu o movimento de fechar os dedos. Eu quebrei o fêmur em cima, perdi 12 cm do osso em baixo do fêmur. Tive fraturas da tíbia e fíbula. Perdi o movimento de flexão do joelho, essa foi minha maior perda, minha maior tristeza. Porque me deram esperanças que eu poderia retornar o movimento. Mas realizei quase todas as sessões de fisioterapia e cirurgias e não consegui o movimento de flexão do joelho. Os dedos do pé direito também foram afetados, estão deformados. O meu joelho perdeu o formato, eles fizeram uma reconstrução dele, mas não é como antes.

Não me deram a notícia formalmente de que eu ficaria com a sequela permanente. Eu percebi a diferença de tamanho em minhas pernas e fiquei assustada e me indagando por que estava assim? Até pensei que pudesse ser da posição em que eu estava olhando (deitada) ou também por estar com pinos na perna... Quando me transferiram para o hospital de Clínicas Dr. Alberto Lima para realizar a cirurgia, foi que o médico disse que eu poderia recuperar os 12 cm que havia perdido, se realizasse todas as cirurgias e fisioterapia. De fato recuperei 10 dos 12 cm. Mas ainda falta realizar uma cirurgia, parei de ir porque fiquei grávida, e tenho medo que machuque o bebê.

Minha mãe que estava comigo nesse dia, não comentou nada comigo não, mas foi um choque pra todo mundo. Um susto! muito triste, porque eu sempre desfilei, dançava em banda, então foi um choque! Na verdade, minha mãe/vó não aceita até hoje... Reagiu com muita tristeza, desespero, porque não sabia como ia ser minha vida dali em diante, isso que inquietava ela.

Fiquei ainda mais assustada no início, porque na verdade, quando cheguei ao HE, o médico disse que não teria mais jeito e teria que amputar. Minha cunhada que questionou e pediu que tentassem salvar a perna... Então, quando vi a perna com vários pinos, nem acreditei. Mas, o pior mesmo, o que me assustou foi à diferença de tamanho entre as pernas, e

o formato da perna, porque estava muito torta, igual a um arco. Não tinha como andar daquele jeito. Então, foi desesperador.

Minhas expectativas eram as cirurgias, pois minha perna ficou muito feia, igual a um arco. Então, aos poucos iria fazer cirurgias que poderiam devolver ao formato normal e foi voltando mesmo, entretanto falta fazer uma cirurgia ainda. Mas, já recuperei 10 cm dos 12 que havia perdido. Eu ia até feliz quando ia realizar alguma cirurgia, porque percebia resultados positivos. Na verdade, quando se está internado, tudo que se deseja é retornar logo pra casa, então não pensava muito como seria não, só queria ter alta logo.

Essa situação afetou-me muito na escola, eu estudava e eu fiquei 2 anos sem estudar, por causa disso. Tive que deixar a escola por dois anos, depois voltei e conclui em uma escola aqui no bairro a 6^o série. Na vida amorosa, eu namorava (com a pessoa que estava dirigindo a moto comigo no dia do acidente) e hoje estamos casados, morando juntos na verdade. Ele quis que a gente morasse junto logo pra me ajudar, sabe? Psicologicamente... Me dando força e realmente foi muito positivo na recuperação, já a minha vida pessoal mesmo, afetou muito, pois eu sempre desfilei, e minha mãe gostava de me ver desfilando, era dançarina em bandas. E isso não tem como continuar. É muito ruim, por que eu adorava.

A vida de toda minha família foi afetada, por que eles se revezavam pra ficar no hospital comigo. E Quando eu vim pra casa, não tinha estrutura pra mim. Por que a casa não tinha divisória (quartos, sala, cozinha), e meu quarto era lá em cima (subir escada sem corrimão), então não tinha condições para ficar em minha casa, tive que ir morar na casa dos pais do meu namorado, porém a mamãe não gostava muito, foi o que nos abalou ainda mais.

Mas, aos poucos fomos nos organizando, realizaram bingos para arrecadar dinheiro para a construção de um quarto para mim, dentro da casa, a partir daí, fomos morar com a minha mãe, assim já melhorou bastante.

Hoje já estou bem adaptada e bem comigo mesma. Mas, no começo foi muito difícil, eu fiquei muito triste, minha mãe também, não aceitava muito, pois foi interrompido meu prazer de desfilar, de dançar... Que são coisas, que eu não posso fazer hoje. Digo que o acidente interrompeu essa alegria que eu e minha família tínhamos na dança e nos desfiles. Mas, tudo que Deus faz, tem alguma coisa positiva, então posso dizer que nos aproximou mais enquanto família. Fortaleceu o amor que eu e meu marido vivemos, porque passamos por grandes dificuldades nesse período.

Minha família de forma geral me ajudou bastante a enfrentar essa situação. Meus avós, mãe, cunhadas, tias... Encontrei força em meu namorado também, que nunca me deixou

sentir abandonada. E principalmente em Deus que nos dá força pra encarar essas lutas diárias. Minha família e Deus me ajudaram muito.

A sequela e o acidente representaram para mim um susto com impacto negativo, que atrapalhou bastante minha vida. Eu desfilava, eu dançava e amava dançar. E eu estudava ainda, então eu sabia que iria me atrapalhar na escola, ao mesmo tempo, representou um livramento de Deus, pois eu podia ter morrido.

A sequela e o acidente representam, hoje, um impacto negativo na minha vida, apesar de que hoje eu estou feliz, estou grávida, todavia é uma tristeza muito grande, ter passado por tudo isso. E o acidente me privou de uma de minhas alegrias que era a dança, assim como outras coisas também, mas o que sinto mais falta é dos desfiles, das apresentações de danças, por que eu não faço mais, então me entristece.

5.1.6 Familiar da Vítima 3 (Mãe)

Não quero acreditar que tenha ficado desse jeito

Eu sinto uma tristeza, por minha filha ser tão jovem, tão bonita e ter ficado assim. Agradeço à Deus por ela está viva, mas foi um susto na nossa vida. Nossa vida mudou completamente, ter passado por isso tudo com ela, nos fez valorizar mais nossos laços familiares, e a própria vida.

O momento em que fiquei sabendo que ela havia sofrido o acidente foi assustador e muito revoltante. Eu só pensava que não era justo com ela... Uma moça com uma vida toda pela frente, cheia de sonhos... Então eu fiquei em choque! Mas, o momento que nos deram a notícia que ela ficaria com a sequela, foi pior... Foi de susto e negação! Mas, nos deram esperança que ela conseguiria retornar o que foi perdido. No começo eu não queria acreditar, na verdade até hoje não aceito muito bem, que ela tenha ficado desse jeito, com a perna toda marcada. É triste quando somos nós que passamos por isso...

Quando eu vi pela primeira vez a perna dela eu fiquei sem querer acreditar. Não gostava muito de olhar também, pois ficou muito feio, pra mim foi um choque muito forte. Ficava me perguntando como seria a vida dela dali em diante? Como iria trabalhar? Enfim, como iria levar a vida dela? Normalmente não seria, e isso me inquietava demais.

Tudo que mais queríamos era voltar logo pra casa, então tínhamos esperança que ela se recuperasse bastante, fazendo as cirurgias necessárias. Que andasse... Hoje, graças a Deus, ela anda, então a expectativa de que ela andasse era muito grande.

Essa situação afetou muito a minha vida, psicologicamente fiquei muito abalada, larguei minha casa e trabalho (é dona de um bar) e ficava 24h no hospital. Desde então, minha vida é voltada a ajudar minha filha, ajudar nas necessidades dela. Por mais que hoje já estejamos habituados, afinal já se passaram 3 anos do acidente, ela já saiba se virar sozinha, ainda me preocupo com ela, procuro ajudá-la em tudo.

O acidente afetou estruturalmente e fisicamente a nossa família, pois nossa casa era pequena, e sem divisórias, então tivemos que nos mobilizar para arrumar, construir um quarto pra ela. Isso foi primordial para o bem estar dela em casa, criar acessibilidade para que ela se sentisse capaz de ter uma vida normal.

A família, tias, tios, avô... Todos se mobilizaram pra ajudar mesmo, Deus também nunca nos abandonou, rezo todos os dias para que permita que ela seja feliz. Minha própria filha me ajudou bastante, porque sempre me colocou pra cima, me mostrando o mais importante, que é a vida dela. Hoje posso dizer que estamos adaptados. Que nossa maior dificuldade foi estrutural, mas foi só no começo, depois foi superada. E em questão de transporte, tínhamos moto e o transporte dela era inviável em moto então o namorado dela vendeu a moto e hoje já tem um carro, graças a Deus.

5.1.7 Vítima 4

A vida nunca será como antes

Ser vítima de um acidente de trânsito é terrível, apesar de no exato momento não dá pra gente perceber... Mas, depois que eu acordei do desmaio e vi que estava com a perna quebrada, foi terrível. Vai ficar marcado para sempre em minha vida, eu nunca vou esquecer, eu até pensava que a recuperação fosse questão de 15 dias, no máximo um mês, mas até agora não se resolveu, continuo em tratamento, ainda estou aguardando cirurgia para fazer uma síntese na tibia, pois além do osso ter diminuído, os ossos estão montados, um sobre o outro e não estão estabilizados, estão móveis, porque pra mim uma pessoa que já nasce com a deficiência, é mais fácil ela se adaptar, agora uma pessoa que nasce normal, trabalha, é uma pessoa livre pra tudo e depois a pessoa se encontrar numa situação dessas, principalmente na

idade que eu tenho, ficar impossibilitado de fazer as coisas, eu tenho que me adaptar a uma vida que eu não tinha, então é mais difícil.

Nessa semana ao viajar a Belém, para acompanhamento do tratamento que ainda faço e aí, passei mal dessa perna, não sei se foi do esforço ao subir a escada do avião, mas depois que subi, inchou muito na região da cabeça do fêmur, ficou vermelho e fiquei sentindo muita dor, tipo uma infecção, tive febre vários dias, fiquei sem mexer a perna, tive que ir ao hospital de emergência em Belém, tomei remédio para infecção e dor, passei uma semana na cama, sem poder levantar, tive que passar com a fisiatra, ela me encaminhou para a fisioterapeuta, fiz algumas sessões de eletroterapia, colocou gelo por uns dez minutos, daí foi desinchando, a dor ficou localizada, apenas na cabeça do fêmur, eu não bati, achei muito estranho, a única coisa que fiz foi subir a escada para entrar no avião. Ainda hoje, quando eu aperto dói, fiquei com medo de ter folgado o parafuso, porque quando eu mexo com a perna assim eu sinto dor.

Eu posso dizer que a causa do acidente foi imprudência, apesar de eu estar errado também, pois eu estava indo de bicicleta na contramão, mas foi imprudência da parte do condutor do veículo, pois ele estava parado e quando ele partiu, ele olhou somente para o lado que vinham os carros e não olhou para frente e por isso aconteceu o acidente. Eu desmaiei, o motorista do carro fez os primeiros socorros, em seguida a ambulância chegou em dez minutos e fui levado para o Hospital de Emergência - HE, eu estava desacordado, só lembro do momento que os socorristas estavam rasgando a minha calça, lembro de dizer que estava sentindo muita dor, aí devo ter desmaiado novamente, pois só me lembro de ter acordado após a cirurgia, minha perna já estava com o fixador externo.

Ao acordar fiquei me debatendo, aí acabou causando uma hemorragia na perna, pois rompeu alguns pontos da cirurgia, aí tive que voltar para o centro cirúrgico. Fiquei praticamente um dia todo na maca, só fui para a enfermaria no outro dia, eu fiquei esse tempo todo sujo, ainda com todo o sangue e sujeira do momento do acidente. Fiquei internado um mês e dez dias, aguardando a transferência para o Hospital de Clínicas Dr. Alberto Lima - HCAL para fazer a cirurgia do fêmur, que não é feita no HE, apenas no HCAL. Aí, depois de um mês e dez dias eu fui transferido para o HCAL, tinha feito os exames pré-operatórios, estava tudo certinho, tudo ok, já tinha inclusive feito a reserva de sangue. O médico me falou: daqui a dois dias você irá para a sala de cirurgia, aí faltando dois dias para a cirurgia aconteceu um episódio, que julgo não aconteceu de propósito, mas aconteceu uma troca de medicação, pois lembro e as pessoas dizem que eu estava bem, inclusive falei para as pessoas que estavam me acompanhando irem embora, pois eu estava bem e só iria realmente precisar

de ajuda, após a cirurgia. E de repente foi feita uma medicação e após essa medicação eu apaguei, não sei qual foi à medicação, só sei que na hora da visita, a minha irmã e minha cunhada foram me visitar e disseram que eu já não estava mais falando, não estava enxergando, não conseguia ficar sentado, fiquei assim sem controle motor, aí chamaram a enfermeira e o médico.

O médico avaliou e disse: olha se não levarem teu irmão para UTI, ele vai a óbito em alguns minutos, daí me levaram pra lá, fiquei internado na UTI por dez dias, fui intubado, fiquei ligado aos aparelhos, sem ver, sem ouvir, sem sentir nada. Aí minha família ia me visitar e os médicos não davam nenhuma esperança, no sexto dia de internação disseram que iam fazer uma última tentativa para que eu reagisse e os médicos da UTI falaram para minha família, que a única explicação seria uma administração de medicação errada que me levou aquele quadro.

Então, a desconfiança dele coincidiu com a minha, pois eu entrei na UTI só com a fratura na perna e quando eu saí de lá, saí com hepatite, diabetes e cirrose, que depois que eu saí, foram feitos novos exames e o médico me disse: você vai esperar mais alguns dias, porque você está com as plaquetas muito baixas e não vai dá para fazer a cirurgia, então dez dias antes eu estava com meus exames tudo ok e de lá pra cá, eu ainda passei mais um mês internado, tentando recuperar as plaquetas, sei que ao todo foram três meses e dez dias que fiquei internado e até hoje não fiz a cirurgia, pois as plaquetas ainda não normalizaram.

De dois em dois meses vou a Belém para acompanhamento com o hematologista, pois na época estava sem hematologista aqui no Amapá, o último que teve, que morreu em uma queda de avião, Dr. Aroldo, ficando desta forma, sem hematologista no HEMOAP, sendo assim, fui encaminhado para Belém, aqui não foi descoberto nada, apenas a hepatite B e a gastrite. Chegando a Belém foram feitos os exames no HEMOPA aí foi identificado que eu estava também com esses problema no fígado, cirrose hepática, fui levado para a Santa Casa, fiz novos exames e daí ficou comprovado a cirrose hepática, eu perguntei ao médico o que poderia ter causado essa cirrose? Ele me disse: que a causa poderia ter sido uma infecção muito forte ou uma medicação muito forte. Quando eu estava na UTI o medico falou pra minha família, demos um remédio para ele, se ele resistir a esse remédio ele vai reagir, se ele não reagir vocês podem se preparar para qualquer coisa. E eu lembro que quando estava na UTI, ainda me aplicaram uma ampola grande, com um liquido amarelo, não lembro o nome desse remédio, acho que me aplicaram umas três vezes ainda, antes de sair da UTI.

Na verdade, nunca me deram a noticia de que eu ficaria com a sequela, o ortopedista me disse: eu vou fazer sua cirurgia, em um caso como o seu, a perna não volta

mais 100% vai ficar uma diferença de mais ou menos um centímetro e meio, daí eu disse pra ele: se for só essa diferença não tem problema, não. Só que aí não foi isso que aconteceu... Após um ano eu disse pra ele que eu estava sentindo que a perna estava encurtando, daí ele pediu uma escanometria, onde foi identificado que tinha encurtado 7 centímetros.

Já estou esperando há cinco anos por essa cirurgia, pois a perna continuar curta é terrível. Espero que com a cirurgia possa corrigir essa diferença. O médico que fez a minha perícia disse que eu não tenho mais condições de trabalhar no pesado como eu trabalhava, como por exemplo subir escada, fazer corrida, não tenho mais condições de fazer isso, então é terrível isso pra mim que sempre trabalhei, desde muito novo e agora tenho que passar por essa situação. Eu dependo da muleta para me locomover, dependo da minha família e isso me abala muito. Dependo deles para me levar ao hospital, mesmo quando eu usava a cadeira de rodas, para quase tudo eu ainda dependo deles, para marcar consulta, para me acompanhar a Belém, e eles tem as ocupações deles... Então, é muito difícil, fiquei dois meses na cadeira de rodas, depois foi que eu passei a andar de muleta. A médica me falou que eu não podia ficar dependente totalmente dos outros, que eu tinha que me esforçar para que isso não acontecesse, aí com o tempo foi controlando a situação. Fiz inicialmente, três meses de fisioterapia, quando o fisioterapeuta percebeu que ao fazer esforço à tibia se movimentava, ele interrompeu a fisioterapia e me encaminhou para o ortopedista. Ai foi identificado que eu precisava de outra cirurgia.

Meus familiares ficaram muito abatidos, principalmente o meu irmão, que é pastor, quando eu estava na UTI, porque os médicos não davam nenhuma esperança, nenhuma informação de que eu poderia voltar a viver novamente. Ele ficou muito triste, pois há poucos dias tínhamos perdido a nossa mãe, aí ele ficou desesperado, pois a qualquer momento ele poderia também perder o irmão. Ele falou pra mim: mano, foi difícil pra mim, difícil mesmo. Mas, depois que eu melhorei, foi retornando a confiança e até agora eles estão ao meu lado, me ajudando. Mas, o fato de eu ter ficado com a perna desse jeito, de andar de muleta isso abalou e abala muito eles.

Quando eu vi a minha perna a primeira vez com a sequela foi difícil, foi muito difícil. Porque eu sou uma pessoa que praticamente desde os meus quinze anos adquiri a minha independência, trabalhava para me sustentar, sempre trabalhei direto e lutando para ter uma vida digna e aí ver a minha perna nessa situação, tendo vontade de voltar a minha profissão e não poder, é muito difícil. Tem gente que fala: rapaz você já se acostumou a andar de muleta. Eu respondo: ninguém se acostuma a andar de muleta não! Eu ando porque é o

jeito, não é que a pessoa acostume. A impressão que eu tenho é que eu nunca mais vou voltar a ter a vida que eu já tive, mudou muito a minha vida.

Afetou bastante em todos os sentidos, porque até mesmo as pessoas, hoje em dia discriminam muito as pessoas com alguma deficiência, não querem nem saber a causa, o motivo nem nada! Outro dia eu estava aguardando consulta no hospital e uma mulher falou assim: Ah! Ele vai ficar aleijado para o resto da vida! Aquilo causou um impacto muito forte em mim. Ela estava acompanhada da filha, de mais ou menos uns doze anos, a menina disse assim: mamãe, não fale assim! Aí quer dizer, as pessoas olham pra gente e discriminam, acham que a gente não pode mais ter uma vida normal, até mesmo alguns amigos meus, não vou dizer todos, mas alguns não ligaram mais pra mim, olham só por olhar e eu atribuo isso a minha atual condição. Algumas pessoas se afastaram de mim após o acidente, às vezes só falam comigo quando eu falo, se não, fingem até que não me veem.

Afetou financeiramente, pois eu trabalhando a minha renda não era de um salário mínimo, era bem mais que um salário mínimo. O que acaba afetando a questão psicológica também, muitas vezes do meu salário eu tinha que comprar meus remédios, remédios caros, às vezes antes de chegar ao final do mês já tinha acabado meu dinheiro, já tive até que emprestar dinheiro para poder comprar meus remédios. Então, essa situação abalou de mais tanto o emocional quanto o psicológico, o lado financeiro, enfim, tudo, tudo.

Por exemplo, essa minha casa era para eu ter terminado a construção já. Eu que a construí até aqui, essa parede eu reboquei dias antes do acidente, e a minha intenção era dividir a casa e colocar para alugar esse outro lado, mas com esse acidente ficou tudo parado e eu não pude terminar a construção. Então tudo isso representou um atraso muito grande na minha vida devido a esse acidente. Eu olho assim e fico pensando... um dia desses eu estava conversando com a minha sobrinha: poxa! Eu ainda tenho tanto serviço para terminar aqui na minha casa, tanta coisa para ajeitar... outras pessoas já se ofereceram para fazer, mas são aprendizes, acho que não vão dar conta, daí eu não quero esse tipo de serviço, até porque eu não estou enxergando, daí podem fazer de qualquer jeito, aí não dá. Eu queria ver se ficava bom ao menos logo da minha vista que eu mesmo ia tentar resolver algumas coisas. Pois, estou com catarata nos dois olhos, há três meses não enxergo quase nada e não consigo operar por causa das plaquetas baixas.

Então, além da minha deficiência na perna estou ficando cego. Até o mês de setembro/2016 eu conseguia ir de muleta para o hospital, ir ao açougue comprar carne, ia ao centro fazer o saque do meu benefício, mas agora devido à cegueira eu não posso mais. Hoje, inclusive como a senhora que me ajuda aqui em casa não pode vir fazer o meu almoço eu tive

que ligar para minha sobrinha vir fazer e antes eu nem precisava, nos finais de semana eu mesmo fazia meu almoço, só que agora não consigo mais. Não posso mais praticar esportes, eu gostava de correr de manhã cedo.

Interferiu nos meus relacionamentos, porque as pessoas olham e jamais uma mulher vai querer sair com um homem de muleta! Eu conheci uma amiga na mesma época que eu estava internado que estava passando por uma situação parecida com a minha e estava noiva, o rapaz disse que ia casar com ela, mas como ela nunca mais voltou a ser a mesma pessoa, ele a deixou, não quis mais casar. Eu tenho algumas colegas que já tentaram me ajudar a conseguir alguém e quando a pessoa descobre a minha deficiência ela foge, não quer. Eu perguntei uma vez para uma delas: se você fosse uma pessoa jovem, e eu te convidasse pra sair comigo, você teria coragem de sair comigo assim? Sabe qual foi a resposta dela? Não! Por isso que eu digo que interfere muito. Até porque pra você conseguir alguém, você tem que sair pra algum local de diversão, para poder conquistar uma mulher... Ai, pra mim não é tão fácil sair, eu não consigo.

Eu já entrei em lojas que antes do meu acidente, eu entrava as pessoas me atendiam, me apresentavam os produtos e tudo o mais. Hoje, quando eu entro na mesma loja, não tem uma pessoa que venha me atender, que venha dizer: bom dia, posso lhe ajudar em alguma coisa? Já aconteceu de eu entrar, ficar olhando um bom tempo e ninguém vir me atender, pessoas acham que só porque eu estou usando muleta eu estou pedindo, sou um mendigo.

Com relação à felicidade? Interferiu, pois, antes eu me sentia uma pessoa livre, hoje eu me sinto preso dentro de casa, esse ultimo mês em Belém, eu passei praticamente um mês prostrado em uma cama.

A vida da minha família foi afetada também. Ontem mesmo estava conversando com meu irmão aqui em casa e ele me falou que tinha ficado muito preocupado com a minha situação agora lá em Belém, ele pensou: Poxa! Meu irmão saiu daqui andando de muleta e agora está preso em uma cama, recebi a notícia que ele está mal em Belém sem poder mexer a perna, daí ele disse que ficou muito triste. Daí na semana seguinte, quando eu me senti melhor, liguei pra ele, dizendo que já estava melhor, então isso afeta a família toda.

Eu posso dizer que a minha fé em Deus, a minha família e conselhos de algumas pessoas me deram forças para lidar com essa situação até hoje, por exemplo, a médica que me disse que eu deveria me esforçar ao máximo para não ficar dependente e também vendo no noticiário a situação de pessoas que estão em situação pior do que a minha e mesmo assim

conseguem dar uma reviravolta na vida e voltam a ficar boas, eu não digo assim fisicamente, mas em outros sentidos. Tudo isso me dá forças para lutar.

A sequela e o acidente representaram para mim um desastre, pois mesmo que eu consiga fazer a cirurgia e possa encontrar meios eficientes para diminuir essa diferença eu não vou ter mais a firmeza que eu tinha na perna, porque hoje se eu pisar em falso com a muleta, eu sinto um choque no fêmur, que teoricamente está sarado, a tíbia não solidificou porque eles não colocaram nada para fixar, então, eu sinto que mesmo fazendo a cirurgia da perna eu não vou ter mais a firmeza que eu tinha.

Hoje, sequela e o acidente representam para mim um atraso na vida em todos os sentidos, só pelo fato de você precisar usar muleta já é uma dificuldade, se for por pouco tempo até que não é tão ruim, mas como eu que já estou há quase seis anos, a gente se sente até cansado, então pra mim representou e representa um grande atraso, um atraso na vida em todos os sentidos.

5.1.8 Familiar da Vítima 4 (irmão)

Eu sei que até hoje ele não consegue, ainda aceitar tudo isso, eu também não, quando eu olho pro meu irmão e vejo-o nessa situação eu paro e me pergunto: quem era meu irmão antes? E quem é ele hoje?

Desde o primeiro momento foi muito difícil, porque na minha família, pelo que eu tenho conhecimento ninguém nunca tinha passado por um momento desses. No momento que eu soube que ele tinha sido atropelado por um veículo eu fiquei... Entrei em desespero, fiquei sem condições de ir encontrá-lo. Quando consegui ir ele já estava no hospital, estava enfermo em atendimento. Mas, que foi muito difícil pra mim foi, até porque nossa família hoje aqui, em relação à família, filhos, do meu pai e minha mãe somos só nós quatro, três homens e uma mulher, eu não sou o mais velho, mas faço o papel de mais velho.

Então, foi muito difícil pra mim, ele é um irmão que pra mim, inclusive, um irmão que eu tenho muito apreço, não mais que aos outros, mas que eu prezo muito, então foi muito difícil pra mim, na verdade está sendo muito difícil até hoje. Porque você foi lá com ele né?! Em decorrência disso até a visão ele está perdendo, aí fica mais difícil ainda, ele não enxergar quase nada, só vulto, aí torna as coisas mais difíceis pra gente.

Na época minha mãe estava viva, tinha tido AVC, por isso usava cadeira de rodas, ela morava com ele, ele cuidava dela. No início tentamos esconder dela, no primeiro momento, justamente por conta que ela já havia sofrido vários AVC. Ele era o homem da casa, ele morava com ela, o tempo todo, era o homem da casa. E naquele momento quando eu soube do acidente e fui lá, constatei, tentei encobrir, disse que ele estava trabalhando, que não pode voltar pra casa naquele dia. Moravam só os dois, as vezes que as minhas filhas e a minha sobrinha, filha da minha irmã passavam o dia por lá,

Mas enfim, ele era o homem da casa, então tentamos encobrir, mas ele ficou muito tempo internado, daí não deu pra encobrir mais, então minha mãe que já estava numa situação complicada, eu acho que isso ajudou mais pra que ela viesse a falecer, ela já estava com problemas e com o choque que ela teve ao saber que o único filho solteiro que ela tinha, que era o homem da casa tinha sofrido um acidente, ficou ainda mais difícil pra ela. Inclusive quando ela morreu, ele ainda estava internado, ele na parte de cima do hospital e ela em uma enfermaria em baixo, tivemos que pedir autorização do medico quando ela faleceu para que meu irmão visse ao menos o corpo dela antes que ela fosse enterrada, ela já estava morta, mas que ele pudesse descer e se despedir dela. Porque ele não tinha condições de ir ao enterro, estava direto em uma cama, sem poder andar, então o médico autorizou, ele desceu na maca e colocamos sua maca ao lado do leito da nossa mãe, ficaram lado a lado, foi muito difícil e eu prezo tanto esse meu irmão que até hoje eu me emociono. (os olhos dele ficaram vermelhos e se encheram de lágrimas).

Esse fato já tem quase 7 anos e eu ainda me emociono...porque meu irmão, na verdade, toda nossa família, sempre ganhamos a vida trabalhando, nunca precisamos de favores, nunca fomos família orgulhosa não, mas, nós nunca precisamos de favores, a gente sempre batalhou, e de repente o médico dizer que ele não seria mais a mesma pessoa e que realmente não é mais. E saber que ele era um homem que podia estar em campo de batalha, em ação direta, até hoje eu sei que é difícil. Eu sei que ele não fala assim muita coisa pra não preocupar mais a gente, mas eu sei que até hoje ele não consegue, ainda aceitar tudo isso, eu também não, quando eu olho pro meu irmão e vejo-o nessa situação eu paro e me pergunto: “quem era meu irmão antes? E quem é ele hoje”? Então, é muito difícil. No momento do acidente, quando o medico disse que mesmo que ele se recuperasse ele ia ficar com sequelas, aquilo também foi um choque pra gente, que até hoje dói.

Eu não queria acreditar que... Eu vou falar o português claro: eu não queria acreditar que meu irmão ia ficar aleijado, eu não queria acreditar... Até hoje eu ainda não consigo, eu vejo ele daquele jeito e ainda também tenho a esperança de que ele vai conseguir

se recuperar. Tem um provérbio popular que as pessoas dizem “a esperança é a última que morre” a minha não morre nunca! A minha não morre, eu ainda tenho a esperança que meu irmão vai se recuperar.

A princípio eu acreditava que ele ia passar uns dois ou três meses no hospital, que foi o prazo que o médico deu pra que ele voltasse pra casa, mas de repente alguma coisa errada aconteceu e eu não sei dizer o que foi, mas eu o visitei na enfermaria em uma segunda-feira e quando foi na terça-feira meu cunhado foi fazer a visita, na hora que ele chegou lá ele me ligou: corre aqui que deu alguma coisa errada! De um dia para o outro, no dia anterior eu tinha o visitado, ele tinha sentado sozinho na cama, nós conversamos, ele me falou que o médico já tinha marcado a data da cirurgia dele e tudo o mais. E no outro dia ele já não respondia a ninguém, não conseguia mais sentar na cama, não visualizava mais ninguém, não falava mais, enfim, resumindo ele foi levado às pressas para a UTI e veio aquele desespero em mim, eu fiquei me perguntando: O que foi que houve? E até hoje os médicos não sabem dizer o que foi que houve.

Simplesmente o médico da UTI, ele não me deu uma garantia total devido, mas, disse: O meu setor de trabalho é aqui na UTI, eu não trabalho lá em baixo nas enfermarias, mas a minha posição é que foi alguma medicação errada que deram para o seu irmão. E em decorrência a essa situação ele desenvolveu uma hepatite, as plaquetas dele ficaram alteradas. Todo mês, até hoje ele tem que fazer reposição de plaquetas, porque o fígado e o baço já não trabalham mais adequadamente e tudo em decorrência disso, segundo o médico uma medicação errada que deram pra ele.

Ele ficou dez dias na UTI, ficou em coma uns cinco dias, foi um desespero pra mim, pra nossa família toda, nós somos evangélicos, então nós fomos à igreja e pedimos que a igreja orasse e toda a igreja estava em oração pela vida dele. Há poucos dias eu havia enterrado a nossa mãe, pois nesse período que ele foi pra UTI minha mãe já tinha falecido. Então, eu pedi a Deus: - Meu Deus, eu acabei de enterrar a minha mãe há poucos dias e agora vou ter que enterrar o meu irmão? Mas, Deus é misericordioso e tem nos amparado e nos dado apenas situações que podemos lidar. Depois dessa passagem pela UTI aumentou ainda mais a minha esperança de que ele vai se recuperar, pois ele já passou por situações muito mais difíceis do que a que ele está passando agora e conseguiu se salvar, o médico lá da UTI quando eu o visitei no primeiro, no segundo e no terceiro dia, ele disse pra mim – meu amigo, o que você é pra ele? Eu respondi: - eu sou irmão dele. Daí o médico perguntou: - na escala de irmãos você é o mais velho? Eu respondi: - não, mas, faço o papel de mais velho. Então, ele disse: você tem que ser forte, pois o estado de saúde do seu irmão é muito delicado. Ai a

gente já tem aquela noção de quando o medico fala dessa maneira, eu entendo que ele está querendo me dizer que meu irmão irá morrer. Eu respondi: não doutor, eu estou pronto para o que tiver que acontecer. Daí ele disse: mas, nada é impossível! Não sei se você é crente ou o que você é, mas para Deus nada é impossível. Então, ore a Deus, reze, faça alguma coisa!, Use a fé de vocês, porque o estado de saúde do seu irmão é muito delicado e balançou a cabeça. Então, eu entendi o que ele estava querendo dizer. Mas, no quinto dia que ele estava na UTI, eu cheguei para visita-lo e o medico falou: você é um homem de fé, não é rapaz? Eu disse: sou, é claro que sou! Ele disse: seu irmão já deu sinal, ele começou a reagir. Aquilo foi tão bom, então no total ele passou dez dias na UTI, sendo que ficou em coma uns cinco dias, acordou no sexto dia e permaneceu na UTI até os médicos liberarem ele retornar para as enfermarias.

Então, as minhas expectativas pra quando ele voltasse depois que ele se recuperasse do que o levou a UTI, a minha expectativa era que ele iria fazer a cirurgia para corrigir a perna dele, que tanto ele espera, tanto que ele está esperando até hoje, que logo, logo estaria andando, pelo menos estaria melhor. Enfim, o que infelizmente não aconteceu, tanto que ele espera a cirurgia até hoje. Mas, as minhas expectativas eram que logo, logo ele estaria recuperado, o que não aconteceu.

Essa situação afetou a minha vida de todas as formas! Ontem eu estive lá conversando com os dois irmãos, o outro é mais velho, eu até falei: olha, nós somos três irmãos, eu não estou com a saúde lá essas coisas, mas se comparada a de vocês eu estou bem melhor. Então, enquanto Deus me permitir cuidar de vocês eu vou cuidar de vocês, eu quero que vocês me permitam cuidar de vocês. Nós somos irmãos, somos uma família, então enquanto eu puder eu vou cuidar de vocês. Porque essa situação que aconteceu com ele me afetou muito, o ciclo da nossa vida mudou. Primeiro porque a gente se ajudava muito, quando ele precisava, eu o ajudava, quando eu precisava, ele me ajudava e hoje eu já não posso mais contar com ele, não que ele não queira, muito pelo contrário, ele tem vontade, mas não pode. Então, isso mudou totalmente a nossa vivencia, mudou tudo! Da minha família também. Hoje mesmo falei pra minha sobrinha que fica aos finais de semana com eles, eu disse vai lá e verifica a água dele, verifica lá a água dele, verifica se já acabou, traz o garrafão pra cá pra casa que eu dou um jeito de comprar. Não era necessário fazer isso, mas agora eu tenho que fazer, tudo mudou! Tenho muita preocupação, enfim, eu vou lá pra saber se eles já almoçaram, se não almoçaram o porquê não? Eu vou a casa dele praticamente todos os dias, é uma preocupação diária. Por exemplo, daqui a pouco eu tenho culto. Quando eu fui ontem lá

eu disse: amanhã eu tenho culto e gostaria de levar vocês, não precisam se preocupar que eu venho buscá-los no meu carro e depois venho deixa-los.

A vida de toda nossa família foi afetada, como eu disse a nossa vida foi toda modificada. Minhas filhas às vezes tem que deixar de fazer algumas coisas pra ir lá verificar se eles estão precisando de alguma de algo, às vezes estamos almoçando aqui, daí uma vai verificar se eles já almoçaram se não almoçaram elas levam um prato de comida para eles ou verificam outra coisa que eles estejam precisam ou trazem eles para almoçar aqui em casa. Ontem eu falei pra ele: você não pode mais ficar andando por ai sozinho, você não está enxergando praticamente mais nada, não te preocupa que você não está sozinho, eu to aqui do seu lado, enfim, tem as minhas filhas também.

Na verdade eu posso dizer que eu não tenho capacidade pra lidar com uma situação dessas, se Deus não nos der graça, não temos condições. Só Deus tem nos ajudado. Primeiro que a gente nunca está preparado para lidar com uma situação dessas, principalmente assim de repente, ninguém nunca está preparado para isso, então, Deus tem nos dado graça, não é a minha capacidade de lidar com essa situação, assim também como sei que não é a capacidade dele, ele enfrenta porque tem que enfrentar e eu também, mas Deus está no centro de tudo. O meu irmão, tão pequeno em termo de figura como ele é, mas primeiramente, como eu já disse é Deus, mas, ele é um homem forte, eu não sei se eu no lugar dele, se eu conseguiria segurar a barra como ele tem segurado até agora, assim falando em termos humanos, porque Deus é Deus! Ele mesmo com a perna quebrada, curta, aquele pé que parece que encolheu, mesmo assim ele faz o que ele pode. Mas, meu irmão é um homem forte. Eu sei, eu sei por que é meu irmão e fomos criados juntos, até hoje moramos pertinho um do outro, então eu conheço meu irmão. Ele é um homem forte, mas eu sei que ele passou e ainda passa por um momento difícil, sei que ele fica muito pensativo com relação a tudo isso, só que ele faz de tudo pra não demonstrar pra gente, não sei se ele faz isso por não querer demonstrar ou por não querer preocupar ainda mais a gente. Ontem eu estive conversando com ele, embora eu tenha ficado abalado com a situação, eu quero que ele me permita cuidar dele, eu me sinto feliz em poder ajudar, cuidar do meu irmão, eu não tomo isso como um peso pra mim.

5.1.9 Vítima 5

Interferência na aparência, vaidade.

Ser vítima de um acidente de trânsito boa coisa assim não é né? Mudou muito a minha vida. O pior que eu percebi foi à dependência no primeiro momento. Eu era uma pessoa independente, desde muito pequena mesmo eu sempre gostei de fazer tudo sozinha, de resolver as minhas coisas. E o acidente acabou com isso, daí acabei precisando de ajuda de quase todo mundo ao redor da minha família. E isso me entristeceu muito, quase entro em depressão. Mas, graças a Deus eu não entrei. Por questão religiosa. Apeguei-me muito mais a Deus então acabou que isso aí foi, foi o que não permitiu que eu entrasse em depressão. Mas, me deu aquela tristeza porque eu queria resolver as coisas, me cuidar, mas não estava podendo. Dependia muito da ajuda das minhas irmãs, do meu pai...

Foi ruim demais. Foi isso, foi essa a questão. Foi ruim passar por muitas cirurgias. Assim, eu não imaginava que ao sofrer um acidente de trânsito a pessoa fica em um hospital por tanto tempo. Eu não imaginava quando que eu ia sair do hospital. Eu ficava muito agoniada. Eu passei três meses internada, fiz dez cirurgias. E eu não sabia quando era que eu ia sair daquele hospital... Via gente entrando, saindo e eu nada de sair. Aí eu tinha que aguardar uma próxima cirurgia porque o meu estado era grave. A minha perna, eu já tinha visto o estado que ela tinha ficado, perdi muito tecido, o estado era grave.

Mas, só nos primeiros vinte e cinco dias que eu corria o risco de perder a perna, e aí depois eu tive que ir aguardando até mesmo poder fazer as cirurgias, porque eu estava com o fixador externo, com os pinos... Porque na verdade, nos primeiros vinte e cinco dias eu corria o risco de perder a perna mesmo, isso era uma das maiores preocupações. Só no primeiro dia que a minha vida também estava em risco, porque eu fiz uma cirurgia de três horas e meia e aí eu perdi muito, muito sangue e se não fosse de emergência talvez até perdesse a vida. Mas, graças a Deus deu tudo certo na cirurgia. Só que foi muito impactante, nossa! Pra eu estar naquele hospital ali, sem ver nada, sem sair, sem vir pra casa. Foi uma tortura muito grande.

Fiquei um mês e meio no Hospital de Emergência - HE e um mês e meio lá no Hospital de Clínicas Dr. Alberto Lima - HCAL, porque uma parte da cirurgia foi feita no HE e as outras no HCAL. Eu tive que esperar muito tempo pra fazer as cirurgias. Essa demora foi muito ruim. Eu tive que também esperar até cicatrizar ao ponto de poder fazer o enxerto de pele. Como estava muito machucado, muito vermelho e tive muita perda de tecido. Então eu

tive que ficar lá também pra esperar, e a ultima cirurgia já foi à retirada dos oitos pinos do fixador externo.

A causa do acidente segundo a pericia foi imprudência da motorista do carro, ela avançou. Foi, na verdade foi assim, a gente estava num sinal, só eu e ela. Ela tava tipo estacionada do outro lado e eu vinha. Ela foi fazer o balão pra dar o retorno, no caso pra ela voltar. E ai, tipo se eu viesse com muita velocidade eu ia dar no meio do carro dela nessa hora do balão, só que eu desviei. Nessa que eu desviei a minha perna pegou certo na frente do para-choque dela. E dai parece que, meu Deus! Como foi esse acidente? Até hoje ficam me perguntando. E eu estava bem lenta assim sabe? Tanto é que ai a minha perna prendeu no para-choque, ficou presa ali. Ai quebrou os dois ossos, foi fratura exposta e a minha perna virou pro outro lado. Lá eu perdi muito sangue. Os bombeiros tiveram que tirar, porque naquele momento, eles tinham que ter todo cuidado do mundo pra poder a minha perna não sacar ali. Ai teve até um bombeiro que falou: olha é muito difícil salvar a perna dela porque está tudo rompido aqui. Então, todo mundo diz que é um milagre eu estar andando agora.

Desacordei, na hora do acidente, eu posso dizer que eu não lembro. Só lembro quando eu acordei e eu ainda estava engatada. Eu acho que na hora mesmo eu desmaiei, ai depois que eu acordei, e depois eu desmaiei novamente. Quando eu vi já estava dentro da ambulância, acho que me deram morfina, porque a dor depois foi insuportável, muito grande. E aí foi necessário vários especialistas pra poder unir tudo, os nervos, os vasos sanguíneos, tentar salvar os tecidos... Eu demorei a conseguir movimentar o meu pé. Ficou muito machucada a minha perna.

E eu estava internada naquele ambiente que era todo contaminado que era na traumatologia, onde tinha muitos casos de infecção, eu fazia os curativos no leito, e estava tudo exposto, pois tive muita perda e tecido no momento do acidente e, além disso, os tecidos iam necrosando a cada dia, o que fazia perder ainda mais tecido. Eu acho que o certo seria fazer o curativo no centro cirúrgico né? Ou em um local mais limpo, mas, mesmo assim tinha que fazer lá. E tinha que ter uns quatro enfermeiros, um para segurar a perna, um para tirar o curativo, e dois para ir fazendo o novo curativo. Nos primeiros cinco dias, fui diariamente para o centro cirúrgico fazer retirada dos tecidos necrosados, e aí, só após o vigésimo quinto dia que o médico me falou que eu não corria risco mais o risco de perder a perna. Não falaram pra mim, que eu podia perder a perna porque senão, eu ia ficar ainda mais triste, eu já estava muito abalada. E eu vi muita gente lá que entrou no mesmo período que eu, quase o mesmo acidente e que perdeu a perna. Isso me dava muito medo.

No momento que recebi a notícia, que ficaria com uma sequela incapacitante permanente fui chorar, eu chorei muito... Na primeira vez, na verdade, que eu vi a minha perna com o fixador externo eu chorei logo, e foi sei lá... Eu já fiquei sem ânimo... Pensei logo: Não vou ser mais a mesma, não vou andar direito, não vou andar mais com os meus saltos, que eu tinha muito salto e pra mim agora é salto zero! Foi terrível o primeiro momento... O médico nem chegou a dizer que eu ficaria com a sequela, ele só falou que eu ia ter dificuldade assim, digamos estéticas. Ele falou que eu ia voltar a andar normalmente. Mas, que ia ficar essa sequela física, mas que eu voltaria a andar, que eu ia deixar as muletas, porque que minha vontade mesmo era de deixar as muletas, que eu não suportava mais andar com a muleta!

Nesses três meses de internação eu ficava só deitada, eu não conseguia, até porque eu não tinha forças e usava cadeira de rodas. Depois que recebi alta hospitalar, fiz um ano e oito meses de fisioterapia. Eu fazia fisioterapia e hidroginástica. Mas eu fazia mais hidroginástica. Que o doutor me passava, e que era bem melhor assim, eu me sentia bem melhor.

Logo que eu cheguei aqui em casa eu comecei a me adaptar com a muleta. Por que eu não tinha forças e pra mim eu ia cair com a muleta, eu não tinha estabilidade nenhuma! Mas, aqui em casa mesmo eu já andava... Andava bem pouquinho... Eu cansava muito rápido. Já faz quase onze meses que deixei as muletas...

Fiz a escanometria, ficou meio centímetro de diferença entre uma perna e outra. Foi porque esfarelou um pouco do osso, foi por isso... Ai perdi um pouquinho, mas não tem tanta diferença assim. Mas, eu tenho estabilidade pra andar assim normal. Só não posso andar muito, que já começa a doer, principalmente essa parte da fratura e um pouco aqui do tornozelo. E incha um pouco o tornozelo. Mas, se eu andar muito, Deus o livre! Sinto muita dor e pode inchar, incha um pouco. Antes, só de eu triscar o meu pé, ele ficava muito, muito, muito inchado mesmo. Mais por causa da circulação. O médico falou que quando eu voltasse a andar, aos poucos ia começar a desinchar totalmente. Ficava muito preocupada porque era muito inchado que ficava, ficava fora do normal...

Da minha família, a primeira pessoa, a saber, do acidente foi a minha irmã que ainda estava grávida, quase ela perde o bebê, depois o papai, a minha tia, na verdade foi a minha tia que ligou para o papai. Todo mundo ficou abalado, foi um susto, desesperados! Ai o papai também, eu não sei lhe dizer mais ou menos como foi a reação dele, mas acredito que de muita preocupação, ele foi lá no hospital, rezava pra caramba... Ele me viu entrando na sala de cirurgia...

Eles sempre me deram apoio, principalmente o papai. Disse que ia voltar ao normal, que eu ia voltar a andar... Porque eu falava que não ia andar, que não ia andar! Ele falou: não! você vai, você vai andar! Vai fazer fisioterapia aí depois você vai andar... Ele ficou me dando força na verdade, assim de que eu ia melhorar...

Na verdade na primeira vez que eu vi o fixador externo eu já senti o impacto, eu já chorei... Aqueles ferros que eu só via em outra pessoa, chega me dava uma sensação ruim quando eu via em outra pessoa. Aí quando eu vi em mim aquilo, eu me derramei em lágrimas, eu chorei pra caramba logo que eu saí da sala da cirurgia, da primeira cirurgia do acidente...

Depois, eu lembro muito bem, quando eu cheguei em casa, o papai fazia os curativos, ele me ajudava. Aí teve uma tarde que eu mesma olhando a minha perna também comecei a chorar... Pensei: meu Deus! Essa minha perna está horrível! Até por questão de namoro, tudo isso me afetava... Ah... Parecia que eu não ia mais conseguir... Minha perna não está mais a mesma, ela está horrível! Todo mundo vai ficar me olhando, essas coisas... Foi essa a minha reação. Nesse dia eu chorei pra caramba!

Aí depois foi passando... Lembro que nesse dia o papai conversou comigo, ele disse: não! isso aí foi uma fatalidade, não foi porque você quis... Ele foi tentando me acalmar... Mas, eu tive uma crise depois, quando vi o resultado final. Foi justamente nessa hora que eu falei caramba! Ela vai ficar desse jeito! Até esse momento, não sabia que ia ficar assim... Porque eu pensava: ah... Eu vou passar por uma cirurgia plástica e não sabia como ia ficar se ia voltar. Aí ficou essa diferença... Aí eu pensei: poxa! Então é assim realmente que ela vai ficar! Aí me deu uma crise de choro...

Então, eu já sabia que ia ser diferente... Porque antes do acidente eu fazia tudo e quando eu cheguei aqui em casa após o acidente eu parei de fazer praticamente tudo... Praticamente eu fiquei totalmente dependente e eu queria voltar a fazer as minhas coisas... Tanto é que às vezes eu fazia de muleta as coisas... Comida, por exemplo, eu queria provar da minha comida, que não era a mesma e a de lá do hospital é horrível. Aí aqui eu até já fui pra cozinha de muleta só que o papai me repreendia, dizia que era pra eu ficar deitada, senão eu poderia cair. E aí acabou. As coisas que eu fazia eu não fazia mais... Eu queria voltar a estudar, trabalhar, tanto é que só agora que vou tentar recomeçar a minha vida depois do acidente. Estudar, trabalhar, é o que eu mais quero, porque a vida ficou muito chata, muito limitada, e eu não estava acostumada a viver assim.

Essa situação atrapalhou tanto pra trabalhar como pra estudar. Já era pra eu estar estudando. Na verdade eu tinha parado pela questão financeira. E no ano seguinte eu ainda tentei pelo FIES, aí eu falei não, no ano que vem que foi em 2014, que eu já ia recomeçar, na

verdade estava tudo certo. Eu já ia recomeçar, aí foi quando eu sofri o acidente... Dessa forma tive de novo que dar uma parada. Aí também o emprego, atrapalhou tudo! Foi aí que meu Deus! Eu percebi que perdi mais de dois anos da minha vida... Isso dá uma tristeza também... Porque você vê seus colegas passarem em sua frente já formados, e você ali parada. Mas papai, sempre tentando me ajudar, dizendo: você não teve culpa! Foi um acidente, uma fatalidade... Mas, se não fosse o acidente eu já estaria formada, trabalhando, quem sabe até casada.

Com relação à amizade, eu acredito que houve uma aproximação, assim, graças a Deus meus amigos não ficaram distantes. Tanto é que tenho amiga que dormiam no hospital comigo, porque os três meses de internação foram muito difíceis para minha família... É muito difícil pra família aguentar, tudo isso! Tive que pedir ajuda aos amigos. Então, nesse momento pude ver quem são os amigos de verdade.

Com relação a relacionamento amoroso eu acho que afetou um pouco... O primeiro relacionamento que tive depois do acidente, nós ficamos pouco tempo e depois ele chegou comigo e terminou. Não sei se ele viu a dificuldade que estava, pois eu estava com as duas muletas, estava muito debilitada ainda, e ele preferiu terminar... Aí eu perguntei por quê? E ele não falou exatamente, mas, eu não sei se foi pela dificuldade, dele ver o que eu ainda ia passar... E tem uma amiga dele que fala que foi por causa disso, aí fica esse ponto de interrogação, aí eu só fiz aceitar, até porque, ia fazer o que?

Com relação à felicidade, eu me senti depois do acidente bem mais triste... Antes eu era bem mais alegre. Eu fiquei infeliz em alguns momentos, não o tempo todo... Eu não entrei em depressão, mas tinha aqueles momentos que eu me olhava e batia aquela tristeza... Mas, eu sempre fui uma pessoa alegre. Até na questão da roupa, eu não queria usar nada que deixasse minha perna a mostra, hoje eu não faço questão de esconder. Pra mim isso foi uma fatalidade. Então, quem olhar, quem vier me perguntar eu vou falar. Não faço questão de esconder.

Minha família toda sempre tentou ajudar, nunca ninguém me colocou pra baixo. Principalmente o papai que até hoje tem todo aquele cuidado do mundo, aquele medo quando eu saio... ele tem medo de que possa acontecer novamente. E como foi de moto ele até me proibiu de andar de moto. Essas coisas...

Então, de maneira geral posso dizer que foi interrompido o meu estudo, o meu trabalho, meu lazer, digamos assim, porque eu gosto muito de dançar. Aí eu falei: meu Deus! eu não vou poder mais dançar, era uma coisa que eu saía muito pra dançar. E acabou que isso foi me entristecendo, porque o que eu mais queria era sair, usar salto, essas coisinhas. Ser uma

jovem normal. Salto eu acho que não tem como usar mais, é uma coisa que eu acho que não vou mais conseguir, porque o meu tornozelo ficou muito limitado, não consigo mais movimentá-lo.

Agora eu consegui um emprego, vou começar na semana que vem, consegui praticamente, uma vaga para deficiente. Papai pede pra eu estudar pra concurso público, pra ver se eu entro em uma vaga de deficiente que é bem menos concorrido. Essa é uma vantagem, no caso.

5.1.10 Familiar da Vítima 5 (pai)

Preocupação com a parte estética, porque ela é jovem.

Eu me considero uma vítima do acidente também, porque financeiramente falando, nós já estávamos com o problema particular de saúde da mãe dela, minha esposa que sofre de alzheimer, em estágio avançado, é uma enfermidade neurológica, que não tem reversão, não tem cura, ela encontra-se acamada, totalmente dependente de nós, o que por si só já gera um gasto maior no orçamento familiar, além de exigir com o tempo, cada vez mais esforço, participação, atenção e cuidado de todos da família. Então, quando ela se acidentou, teve que ficar internada no Hospital de Emergência, depois foi para o Hospital de Clinicas Dr Alberto Lima, e eu ficava assim, tentando analisar para onde eu me direcionava.

Assim, dado as sequelas que ficam, por exemplo, ela sendo ainda muito jovem cheia de perspectivas, teve que passar por uma situação muito ruim e inesperada, ficou internada em hospitais públicos, que embora tenham ajudado, nós sabemos de todos os problemas que o serviço apresenta, ela necessitou realizar muitas cirurgias e por fim ficou com uma sequela incapacitante e esteticamente mutilante. E nós somos vítimas também porque ninguém quer passar por uma situação dessas, ainda mais em uma situação que você estava fazendo tudo certo e por imprudência do outro você acabou por sofrer o acidente.

E nós que moramos em Macapá há muito tempo podemos observar esse progresso, mas não queremos esse progresso com esse trânsito selvagem que o acompanha, é uma situação que a qualquer momento pode acontecer com qualquer um de nós. E a gente fica por um lado desacreditado, pois não conseguimos ter uma perspectiva de que vá melhorar, observamos agora próximo das eleições que colocaram alguns semáforos pela cidade, mas eu entendo que o que precisa mesmo é ter uma maior conscientização das pessoas. Por exemplo,

quando eu acompanhei a minha filha na justiça por conta do processo, fomos à delegacia, teve depoimento, depois fomos ao Fórum. Então, quando eu a acompanhei na audiência que teve no Fórum, quando cheguei lá observei que a condutora do veículo estava acompanhada do seu advogado, aí eu questioneei o que nós viemos fazer aqui? Aí a advogada da outra parte disse: viemos fazer uma conciliação da parte penal, daí eu disse: então, a parte penal encerra aqui, ela vai ser penalizada? Vai. Então, encerramos por aqui, não há o que conciliar.

Daí a advogada dela cresceu e apareceu, mas daí entramos para a sala da audiência e não aceitamos acordo algum sobre a responsabilidade dela no acidente, o processo civil ainda está rolando, pois o carro que ela estava usando era de uma empresa, daí desse nós podemos fazer acordo, agora da parte penal não. Ainda bem que minha filha conseguiu receber o seguro DPVAT, que deu pra dar uma ajuda financeira.

Nesses momentos da vida, nós temos que ter muito equilíbrio, paciência, executar as ações nos momentos certos, e algo que eu sempre digo pra ela: hoje é hoje, amanhã será amanhã e nós temos que através das nossas atitudes de hoje preparar o nosso amanhã para que ele seja melhor do que hoje, mas, sem dúvida tudo isso é permeado de muito sofrimento.

O momento que fiquei sabendo que ela havia sofrido o acidente, eu estava em casa, minha esposa já estava enferma, quando minha filha mais velha ligou e disse: papai, a mana sofreu um acidente, o senhor vá logo para o Hospital de Emergência, pois já foram levá-la pra lá. Daí eu perguntei: como foi? Foi grave? Ela respondeu: não sei, temos que ir lá pra ver como foi. Quando eu cheguei lá, ela estava em baixo sendo levada para a sala de raios-X, aí eu a acompanhei, me identifiquei, eu sou pai, mas até então, as pernas dela estavam cobertas e eu ainda não tinha noção de como estava. Daí como foi fratura exposta e eles dão prioridade nesses casos, ela subiu logo para fazer a cirurgia. E como eu tive uma passagem pela secretaria de saúde do ex-território, tive a oportunidade de conhecer alguns médicos, enfermeiros, enfim, acabei criando amizade com algumas pessoas. Daí eu vi o anestesista chegando, ele me cumprimentou e perguntou o que eu estava fazendo ali, daí eu expliquei que minha filha havia acabado de entrar na sala de cirurgia.

Eu andava naquele corredor sem saber o que fazer... Então, quando acabou a cirurgia, teve toda uma situação, chamaram o cirurgião vascular para avaliar, a auxiliar do cirurgião chegou e falou pra mim: está muito machucada a perna da sua filha, estão tentando salvar o máximo que podem. O cirurgião saiu e me disse que a situação era complicada. Aí as pessoas ficavam falando: vamos tirar ela daqui, vamos levá-la para o São Camilo! Mas o cirurgião me disse: eu não te aconselho a tirá-la daqui, é melhor deixa-la aqui. Aí ela ficou

praticamente a noite toda em uma maca no corredor e só quase pela manhã que conseguiram uma vaga em uma enfermaria.

Ai surgiu outra situação: quem vai acompanhá-la? Quem vai tomar conta da mãe em casa? Informaram-nos que ela precisaria fazer uma limpeza cirúrgica, até conseguir uma melhora nas condições teciduais e vasculares da perna. Informaram também, que a perda tecidual era muito grande e, portanto, a lesão não poderia ser suturada, a única forma de fechá-la seria através do enxerto de pele. Mas, naquele momento que eu fiquei sabendo, o risco que era ter uma filha com a perna amputada, seria triste, mas o principal era que ficasse viva, mas cada qual tem seu credo e reza. Eu particularmente nasci e fui criado na igreja católica e naquela hora o melhor que eu poderia fazer era rezar e graças a Deus eu sinto que fui atendido.

No momento que recebia a notícia que ela ficaria com uma sequela permanente fiquei triste, mas, ao mesmo tempo eu analisava pelo outro lado, de que ela estava com a perna, que futuramente passaria por reabilitações e que voltaria a andar sem o auxílio da muleta e depois iria ver a possibilidade de fazer um enxerto, que aí já seria a parte estética. Porque aí também mexe com a autoestima das pessoas e influencia no seu bem-estar, tanto que, quando ela chegou em casa e viu mesmo a perna, pois ela pode ver melhor, ela chorou bastante. Ai eu disse: minha filha, graças a Deus que você está com sua perna, daqui a pouco você conseguirá andar sem a muleta, aí depois nós verificamos essa parte mais estética, se vai ser possível fazer algum trabalho. Ai ela se acalmou, eu a levei em uma consulta com cirurgião plástico no São Camilo, ele avaliou e disse pra ela, que depois que fosse resolvida a parte ortopédica, você volta aqui, nós faremos uns exames e aqui tem a possibilidade de fazer um enxerto de gordura que vai melhorar bastante, aí ela deu uma respirada melhor. Mas, a princípio ficar com a sequela mexe um pouco, principalmente porque ela é jovem, aí já viu né?

Quando eu vi a sequela pela primeira vez fiquei um pouco sentido... Ela é jovem, bonita, a gente fica preocupado, pois embora ela esteja bem, quando ela anda um pouco incha, é uma pessoa jovem saudável, que de repente tem sua vida mudada, não diminuiu 100%, mas diminuiu seus afazeres, suas possibilidades de divertimento... Eu fiquei muito sentido por ela.

Minhas expectativas, lá no começo quando ela começou a fazer os curativos, ela tinha um fixador externo, depois foi retirado. Eu ficava imaginando assim, o que é que ela vai poder fazer? Quando? Porque já se passaram aí dois anos, as expectativas eram pontos de interrogação e só o tempo foi nos mostrando o que ela conseguia ir fazendo, sem sentir dor, sem inchar. Tínhamos preocupação com o que ela poderia comer, porque ela gosta de comer

camarão, aí tínhamos o cuidado de não, camarão não pode, e não deixávamos comer. Eu ficava muito preocupado logo que ela retornou pra casa, com a muleta primeiro ela ficou em um quarto aqui em baixo, mas aí ela queria ir lá pra cima para o seu quarto, aí com o tempo, tá bom, vamos ver se já da pra ir lá pra cima. Eu tinha uma preocupação para ela não cair, pois já pensou ela cair e bater essa perna! E eu sempre tive cuidado sempre conversando para pelo amor de Deus não deixar infeccionar, pois uma infecção no osso, uma osteomielite, é muito grave e demora muito para sarar.

Quanto à família, essa situação afetou na questão da expectativa de que ela poderia ser alguém que poderia contribuir mais e se tornou o contrário, passou a ser alguém que precisaria mais. Tinha também a situação da minha esposa, ela estava fazendo tratamento já, apresentando os primeiros sinais do Alzheimer, então ela fazia hidroginástica e era ela quem levava a mãe, então depois desse acidente, essa ajuda que ela dava foi interrompida, aí se tornou mais difícil ainda a situação, por um tempo eu consegui trazer uma fisioterapeuta em casa e foi assim, fomos tentando nos adaptar a nova situação.

Tinha também a preocupação de quando ela começou a sair, mas ao mesmo tempo tínhamos a noção de que ela precisava, pois era importante ela espairecer, e era aquele cuidado de todas as pessoas envolvidas. Mas, que esse lado nós pudemos observar que as pessoas ajudaram sim, quando ela estava internada na hora de conseguir passar o dia, passar a noite lá, não houve um desgaste da família, mesmo porque eu sempre mantive a parte de espiritualidade, eu nunca fui de mandar, desde pequenininhas sempre teve uma estrutura, sempre estive acompanhando, na escola, nas questões de saúde, sempre dividindo com a minha esposa, em alguns momentos eu assumia uma parte em outras horas era ela e assim, eu sempre quis estar presente, sempre procurei transmitir segurança para ir superando qualquer momento que se fizesse necessário.

Quando aconteceu isso o que mais eu procurava fazer era estimular com entusiasmo, dizendo: isso acontece, foi uma fatalidade, você não foi à primeira, não será a última. É como eu faço a relação com a situação da minha esposa, se fosse comigo eu tenho certeza que a minha esposa iria cuidar de mim, ela faria a mesma coisa que eu estou fazendo por ela.

A responsabilidade de ser pai me ajudou a enfrentar essa situação, uma vez eu refleti sobre isso, eu comentei em uma consulta com um cardiologista que eu não sabia se estava preparado para ser pai, ele respondeu: está sim, tanto que você está se cuidando... (risos). Mas, enfim, acredito que foi Deus, pois sem Ele não vamos a lugar algum.

Mas, muito antes disso desde a minha formação, eu recebi a formação dos meus pais, minha mãe foi minha primeira catequista, meu pai sempre foi muito cristão. Então, nós fomos crescendo assim, com muita responsabilidade para manter a família e que essa responsabilidade eu repassaria para minhas filhas e posteriormente as minhas netas, são os ciclos da vida, mas isso aí com certeza faz a diferença na hora de suportar as dificuldades e claro com fé e espiritualidade e também eu agradeço a Deus por ter encontrado a minha esposa, pois na verdade, eu acredito que é uma somatória, pois encontrei uma pessoa espiritualizada, que concordava. Nós caminhávamos juntos e principalmente, nós sempre procurávamos ver as melhores formas de superar as adversidades da vida, de forma que assim tem acontecido até hoje.

Temos a estimulado a estudar, trabalhar fazer algum esporte, crescer e amadurecer cada vez mais. E que ela vai ter que conviver com essa situação do melhor jeito que puder. No que depender de nós, seus pais, temos a expectativa de tudo que há de melhor nessa vida para ela, que ela vai conseguir.

5.1.11 Vítima 6

Reage, acorda e vai para luta!

Ser vítima de um acidente de trânsito É uma das piores experiências que a gente pode ter na vida, porque principalmente quem vem de uma vida muito ativa, eu acordava de madrugada e as 3h ou 4h da manhã já estava na rua, trabalhando, abastecendo o nosso restaurante e outras empresas que nós atendíamos porque tínhamos restaurante funcionando dentro, como por exemplo a Companhia de Eletricidade do Amapá.

Eu estudava, praticava esporte, tinha meus horários completamente tomados, até para namorar tinha que ter horário, era bem ativo e eu sempre gostei disso. Aí de uma hora para outra você ver tudo isso parar e você fica ali com uma interrogação: meu Deus será que eu vou conseguir sair daqui? Será que eu vou melhorar? Como vai ficar a minha vida? Mas, aí vem aquele pensamento: bem, estou vivo, ou você pega e reage ou você vai ficar se sentindo um coitado. E os pensamentos que vieram a minha mente foram: cara! reage! acorda! você está vivo, Deus te deu essa oportunidade, essa nova oportunidade de vida, então reage, acorda e vai para luta, e o melhor de tudo isso, que eu vejo, é que tudo que Deus começa na vida da gente Ele termina, Ele conclui o ciclo todinho e o legal, o bom de tudo isso é que através de

toda essa tragédia, toda essa situação que acontece, do acidente tem um outro viés relacionado a questão que você acaba servindo de referência para outras pessoas.

Às vezes algumas pessoas se colocam no nosso lugar e dizem: poxa! Mas, fulano está assim, de muleta e está lá, lutando! Então, isso acaba sendo muito gratificante, e as vezes você não vê em si as pessoas te dizendo, mas, sim relatos de outras: poxa, fulano e tal... E a pessoa acaba nem sabendo que é você. Então, é muito gratificante, tem algumas pessoas que eu fiquei sabendo depois de algum tempo, na verdade foi o meu pai que me relatou isso na época, um amigo dele disse: poxa! ele era segurança de boate, sofreu um acidente e se queixou que estava só em casa, parado, na cadeira de rodas; daí eu disse: poxa! Você não foi lá no Hospital Sarah fazer o tratamento? Ele disse: fui, mas não terminei. Daí eu disse: olha, vou arranjar um equipamento artesanal que vai adaptar seu carro para você voltar a dirigir, você não quer voltar a dirigir? Ele disse: é, tenho um carro parado lá em casa, está na minha garagem. Então, eu vou conseguir as ferramentas de adaptação e você tem o seu irmão né! Daí você pede pra ele colocar e adaptar pra você, de forma artesanal, na época tinha tudo isso no Sarah, foi bom que eu fui lá fazer tratamento e trouxe pra cá. E fui e entreguei para ele os materiais, conversei muito com ele nesse dia, falei da minha vida, fiz o relato do que aconteceu na minha vida depois do acidente. Fazia pouco tempo que ele estava na cadeira de rodas, levou um tiro nas costas e ficou paraplégico, e eu falei da importância da vida, do amor.

E eu fui saber depois de uns meses que ele veio aqui em casa, buzinando, dizendo: olha, meu amigo! eu aqui dirigindo... ele estava feliz da vida! eu disse: poxa, valeu! Estou super feliz de te ver assim! Ele não era tão jovem, mas um dia fez esse relato para o meu pai: “naquele dia que eu fui à tua casa, eu queria tirar a minha vida e por eu conversar com o teu filho, algo mudou dentro de mim”. Isso foi uma situação que me marcou muito e ficou marcado em mim, então, de alguma forma Deus te usa, esse foi o lado mais gratificante, e isso me fortaleceu, eu pensei: poxa! Eu posso ser útil, e eu sempre tive uma grande graça de Deus: eu sempre gostei de servir as pessoas, independente de cor, de raça, sempre procurei tratar as pessoas bem, com respeito, desde antes do acidente, eu sempre tive algo muito bom dentro de mim e Deus fez foi aperfeiçoar mais, lapidar mais, que a gente é meio bruto mesmo, é natural e Deus vai lapidando, parece um teste para tua vida, como se Deus dissesse: Eu quero ver até onde ele aguenta! Quero ver até onde ele vai!

Então, pra mim esse lado tem sido muito bom, vem me fortalecer. Depois que eu passei por essa nova experiência de vida eu passei a dar mais valor à vida. É claro que passamos por momentos de tristeza, nós somos seres humanos, eu só tinha 18 anos quando

sofri o acidente, tinha uma vida bastante ativa, tinha sonhos e a gente acaba idealizando muita coisa. Então, passei por momentos em que vinham pensamentos pra me deixar pra baixo, mas sempre vem alguém e de dá uma mensagem, e eu digo sempre: Deus vive nas pessoas, Deus vive nas mensagens, se nós estivermos atentos, nós vamos ouvir, nós vamos absorver. A minha mãe tem muito isso e nós dois somos muito parceiros.

Então, assim, eu sempre tive bom ânimo, nunca fui muito brincalhão, sou aquele cara mais sério, meu perfil é esse, gosto de ser transparente, gosto de olhar as pessoas nos olhos, se eu não puder ajudar, eu não vou atrapalhar, se eu puder ser amigo, solícito, eu vou independente de eu conhecer a pessoa, posso nunca ter visto você na face da terra, mas se você um dia precisar de um apoio, de algo, na hora eu faço isso é da minha natureza, posso dizer assim.

O recomeço foi bem difícil, você fica sem o chão, poxa! aí vem as dúvidas: como vai ser agora? No hospital a primeira coisa que eu vi foi minha perna. E aí você vê como Deus atua na sua vida. Lembro que na época saiu até no jornal nacional: houve uma explosão de um ônibus que vinha na estrada do Amapá para Macapá e estava cheio de fogos de artifícios nesse ônibus, no maleiro, muitas pessoas foram dilaceradas pela explosão. E essa questão foi até interessante, pois, eu estava no hospital, não podia nem sentar, pois estava naquele processo, tinha acabado de sair do coma, ao todo eu fiquei 5 meses internado, logo no início. Então, com esse acidente, da explosão do ônibus tinha gente espalhada em todos os hospitais da cidade, e lá no São Camilo, onde fiquei internado, tinha uma mocinha que sempre pedia pra me visitar, ela chegava sempre em uma cadeira de rodas, só que como eu não podia nem elevar a cabeceira do leito, eu mal conseguia vê-la, pois não dava pra eu olhar para baixo, para ela que estava na cadeira de rodas. Um dia eu estava naquele processo né! de querer reclamar da vida: poxa! To aqui internado, desse jeito...daí eu olhava para minha perna e quando pensei em reclamar, em me revoltar, o que eu entendo que é normal em uma situação dessa, pois, é um processo o enfrentamento dessa situação, pois nesse período eu não conseguia mexer nada da cintura para baixo, via “n” coisas em mim não funcionando, aí veio “n” coisas na minha mente, mas daí pensei: tudo bem, o importante é que estou vivo, o importante é sair daqui com vida a princípio.

Aí eu querendo reclamar, essa mocinha entra no meu quarto para me visitar, todos os dias ela ia, sempre sorridente, maquiada, linda ela, era professora. Então, ela entrou toda sorridente e disse: oi, como vai? Tudo bem? Nesse dia mesmo, um pouco mais cedo eu estava querendo reclamar e acabei destratando minha namorada, depois até pedi desculpa. Ai quando ela entrou nesse dia eu já estava com a cabeceira do leito elevado, então pude vê-la na cadeira

de rodas, foi então que eu percebi que ela havia perdido as duas pernas, tinha sofrido amputação logo abaixo do joelho em ambas as pernas. Na mesma hora que eu olhei disse: meu Deus! Perdoa-me, meu Pai se em algum momento eu pensei em reclamar, em blasfemar da vida. E aí nesse momento veio ainda mais a gratidão em estar vivo e de não ter perdido nenhum membro, está tudo aqui. E essa moça vem aqui de graça, só pra conversar, super feliz e amputada.

Depois eu pude retribuir tudo o que ela fez por mim, quando ela foi fazer o tratamento no Sarah, em Brasília, eu ajudei, expliquei o que era necessário, como eram os procedimentos. Tinha até um casal de médico que se disponibilizaram a cuidar dela durante o período que ela precisasse ficar lá, inclusive deram prótese e tudo para ela.

Para você ver como são as coisas nesse mundo, as coisas funcionam como uma engrenagem, vão se encaixando, é impressionante.

Segundo os relatos que fizeram e a última visão que eu tive a causa do acidente foi excesso de velocidade da parte de quem me atropelou, algumas pessoas relataram que ele estava fazendo pega, estava apostando corrida, outros disseram que haviam telefonado para a casa dele e informaram que tinham visto a namorada dele com outro na boate e por isso ele teria saído desesperado, em alta velocidade de casa em direção a boate. O acidente aconteceu em uma rua larga, de mão dupla, ele avançou a preferencial, eu tentei desviar, mas não deu tempo, ele me pegou quase no acostamento da pista já e me jogou a mais de 20 metros do local da colisão, a sorte toda e graças a Deus, eu cai em uma poça de água, de lama o que acabou amortecendo o impacto. Tem um amigo meu da época que viu o acidente e disse: eu não acredito que era você que estava naquele acidente! O carro ficou totalmente destruído, o motor sacou. E assim, durante todo o período que permaneci internado, escutei muitos relatos sobre o acidente, porque você está ali passando por um processo de tratamento, machucado, mas acaba não tendo, na realidade noção do que aconteceu, você não tem noção da dimensão da situação, da gravidade do acidente.

Lembro que no quarto mês de internação quando fui tomar banho, na época tinha uma prima minha, passando as férias aqui, e ela estava lá comigo, me visitando, ela gostava muito de tirar fotos, fotografava tudo. Então, quando fui tomar banho, ela tirou fotos minhas, acho até que tenho ainda essas fotos, mas só quando cheguei em casa, após 5 meses foi que fui me dar conta da situação. Ela trouxe as fotos reveladas, quando eu vi, tomei um susto, quando eu entrei no hospital, como eu sempre fui atleta, entrei no hospital com 98 kg, minha composição corporal era em maior quantidade de massa muscular, gordura era o mínimo, eu cheguei a pesar 33 kg, fiquei só pele e osso. Quando eu olhei a fotografia e a filmagem que

havam feito do curativo que era feito na minha perna, foi que fui dar conta da gravidade. Quando eu olhava essas fotos e também olhava um álbum que ficava aqui na sala, que essa mesma prima tinha feito meses antes do meu acidente, onde tinha fotos minhas na moto, de carro, tomando banho de cachoeira, correndo, parece até que estava fazendo essas fotos para ficar de recordação do que eu fui um dia.

Então, quando eu olhei e fiz a comparação, olhava as fotos e lembrava alguém, mas eu não me imaginava ali naquela situação, pra mim, não era eu que estava ali, era alguém que estava passando por um processo, mas não era eu, eu não me via ali, naquela situação. Assim, foi bem chocante e foi nesse momento que percebi a dimensão do que tinha acontecido comigo. Eu não conseguia comer um pires de comida, pois durante os cinco meses de internação eu só me alimentava através da sonda de alimentação, sem mastigar nada. Então, não tinha como não secar, não tinha como não emagrecer. Ai quando eu cheguei em casa, faziam caldos pra eu tomar e quando a comida chegava no estômago, parecia que estava entrando um ácido, parecia esses vídeos virtuais que a gente consegue enxergar todo o caminho da comida. No meu caso, eu sentia todo o caminho que a comida fazia. Diziam: você tem que se alimentar! Mas, foi todo um processo até eu me acostumar de novo a comer, as pessoas tiveram muita paciência comigo, muita paciência mesmo.

E foi engraçado, pois foi um período que eu até brincava, porque mesmo na situação que eu me encontrava, acamado ou na cadeira de rodas, eu namorei com várias rainhas do carnaval daqui do Estado, e tive até namoradas que eram misses. Enfim, eu nunca fiquei desamparado, sempre tive alguém para cuidar de mim. Durante minha internação nunca um homem me deu banho, sempre tinha alguma mulher pra me ajudar. Até mesmo quando fui fazer tratamento em Brasília, eu estava na cadeira de rodas, no shopping e tinha uma mulher olhando pra mim, ela era formada, da sociedade de Brasília, ela chegou até mim e pediu meu telefone, na época eu estava com a cabeça raspada, uns 45 kg e de cadeira de rodas. Eu dei meu telefone e endereço, quando eu vi ela estava lá na porta do meu prédio, nessa época era o meu pai que me acompanhava então ela falava: eu posso raptar seu filho? Só vou trazê-lo à noite. Então, saíamos, íamos ao shopping, jantar, enfim, a pessoa me tratava como se eu fosse uma pessoa sem problema nenhum, então isso fez muita diferença pra mim, pois lá, como era um local mais evoluído, as pessoas estavam mais acostumadas a ver pessoas mutiladas, passando por várias situações, pois lá, fica o Hospital Sarah que presta um serviço de referência no país, desenvolvem um trabalho grandioso em Brasília.

Então, isso me fortaleceu muito mais, fez muito bem para o meu ego, porque eu pensava, poxa! Eu estou assim e mesmo assim tem alguém que olha pra mim, e nesse

processo é muito importante você se sentir valorizado. Ela não me tratava com diferença, me convidava pra sair para vários locais, dizia: vamos para o cinema, entre outros, me colocava no carro, carregava a cadeira de rodas, e olha que nessa época as cadeiras eram muito pesadas, apoiava a minha perna, tinha o maior cuidado comigo, então, eu estava tendo uma vida normal e não via limitações.

Teve até a situação... Há muito tempo que eu não mantinha relações sexuais com ninguém, eu procurei não ficar preocupado com isso, só o meu padrinho que ainda quando eu estava internado levou umas revistas pra mim e disse: olha, essas revistas são pra animar meu filhão, porque eu estou preocupado com ele. E eu escutava aquilo e pensava, poxa, eu estou aqui querendo ver se saio vivo dessa e o meu padrinho está preocupado se eu vou conseguir ou não ser um homem sexualmente ativo. Então, já passada toda essa situação de risco de vida, eu já em Brasília fazendo tratamento, foi até interessante, um dos médicos que me acompanhava um neurologista, até brincava comigo, dizia: rapaz é o seguinte, tá tudo tranquilo? Eu disse: está, ficaram as sequelas, mas estou vivo. Daí ele disse: olha, você tem que agradecer muito a Deus, porque naquela época não tinha viagra, não tinha nada para ajudar em casos de impotência masculina, não tinha nada realmente. Aí ele disse: é eu estou sabendo que às vezes quando o padre passa no seu quarto para rezar tem alguma coisa obstruindo a porta. Eu respondi: olha, Dr. eu sou vítima, eu estou deitado e não posso me levantar, ele então, caiu na risada e disse: quer dizer então, que está tudo bem? Eu disse sim. Então, ele complementou: vou lhe dizer uma coisa, tem homem aí que tem dinheiro, tem o melhor carro, tem status, e está impotente, então, isso para um homem é considerado uma sentença de morte!

Então, você machucou o braço, a perna, mas você está normal, você é jovem, tem todo um futuro pela frente, tem algumas possibilidades de tratamento com injetáveis para tentar corrigir seu braço. Só que esses tratamentos eu nunca quis, porque eu nunca gostei de coisas artificiais, sempre gostei de coisas naturais, de ter uma vida mais saudável, até hoje, como sempre fui atleta e continuo sendo, eu nunca gostei nem de tomar suplementos, sempre gostei de tudo natural. Tanto é que, apesar de estar parado de praticar esportes há dois meses e como todo ano faço uma bateria de exames, inclusive da próstata, e como já estou com um pouco mais de 40 anos tenho mesmo que me cuidar, então eu fiz e está tudo normal. E isso me deixa muito feliz, ver que eu estou bem. Porque meu pai acabou falecendo por complicações do diabetes, então, eu tenho toda uma preocupação com a minha saúde. Eu não quero ser fortão, eu quero ter qualidade de vida, e quero passar isso para as outras pessoas, sempre falo:

quem me dera se eu pudesse correr, porque era uma das grandes alegrias da minha vida, a corrida, eu sinto falta...

Os equipamentos que eu preciso hoje para pedalar uma bicicleta, já que a corrida é inviável, custa em torno de R\$15.000,00 reais uma bicicleta adaptada e se eu for financiar vai sair por mais de R\$20.000,00 reais pelo banco do Brasil, que faz financiamentos de até R\$50.000,00 para qualquer deficiente físico. Então, meu treinador já até falou: compra uma usada que sai mais em conta, pois tem gente que comprou e não se adaptou, não faz uma despesa dessas que não vale a pena, você já pratica outros esportes. Então, estou até querendo verificar essa possibilidade de comprar os equipamentos adaptados, de segunda mão, que vão ser úteis. Se eu fosse competir nessa modalidade tudo bem, mas como não vou, é só para o lazer mesmo, para dar uma volta com os filhos. Com esse equipamento você vai pedalar com as mãos, com os braços, no meu caso, como a perna não dobra. Têm deficientes que conseguem pedalar só com uma perna, mas não é o meu caso, eu não consigo, pois eu tenho a outra perna, só que ela tem grandes limitações devido o fêmur continuar quebrado. Eu consigo movimentar o pé, apenas, por isso troquei o carro para manual, para poder movimentar continuamente o pé e consequentemente a panturrilha, por isso não tenho grande hipotrofia muscular na perna comprometida, pois procuro sempre que possível utilizá-la. Meu braço é mais comprometido, na musculatura, mas graças ao esporte já melhorou muito. E eu não tenho problema em mostrar, eu tiro a camisa, ando de camiseta, bermuda. Sou vaidoso, procuro me cuidar, mas não tenho vergonha de mostrar minhas sequelas não!

E impressionante, acho que peguei essa mania do meu pai, que sempre gostou de se vestir muito bem, eu era um pouco desligado quanto a isso, depois que eu sofri o acidente e passei por esse processo, foi que ativou esse meu lado, passei a me preocupar com esse lado, querer andar bem vestido, limpo, cheiroso. Em uma das minhas viagens como atleta, uma professora falou: meninos, deficientes não são sinônimo de serem imundos não, de andar sujo, andar desarrumado não, não é porque vocês tem uma deficiência que vocês vão andar desleixados, desarrumados, vocês devem ter o mínimo de higiene, andar com o desodorante em dia, enfim, se cuidar. E aí, fui incorporando esses bons conselhos na minha vida, e procuro passa-los aos demais, eu digo sempre para os meus amigos deficientes: olha amigo, não é porque estamos passando por esse processo na vida, uma transformação, um recomeço na vida e você tem que ficar em uma cadeira de rodas, ou usando uma prótese, uma muleta, que você vai ficar desleixado. Nós temos que andar limpinhos, arrumados, pintar os cabelos, fazer a barba, procurar fazer a higiene natural, mulher gosta de homem cheiroso. E assim, você vai ajudando os colegas, porque tem assuntos assim que são mais delicados, que o cara não quer

tocar, tipo, não escova os dentes, e você diz: olha, tem que fazer a higiene bucal e assim, você vai de alguma forma falando e buscando ajudar sutilmente para que não fique o constrangimento.

Porque, muitas vezes só com um olhar a pessoa já demonstra pena do deficiente, e assim, não tem como você não sentir, eu já estou até acostumado com isso, é um processo. Eu já passei por isso, até pelo facebook, dificilmente eu coloco uma foto minha na cadeira de rodas ou de muleta, também alguns amigos cadeirantes já relataram, só que no caso deles, não tem como tirar foto sem estar na cadeira de rodas, aí ele relatam que estão conversando bem com a pessoa e aí de repente a pessoa muda, a gente já sabe que foi com certeza porque ficou sabendo da deficiência.

A minha cunhada, que tem um amor muito grande por mim relatou que uma vez, uma moça que eu estava ainda conhecendo, através de outra amiga foi perguntar para ela: o teu cunhado anda de muleta? Ela respondeu de forma bem desaforada: ele anda de muleta e funciona muito bem! Melhor que esses homens que você encontra por aí pela rua, aí ela falou um monte de coisa para a moça, deu uma senhora bronca nela. Eu fiquei sabendo dessa história ao ouvi-la relatar o acontecido aqui em casa para a família, eu estava de longe, mas acabei ouvindo e associando a situação, ela falava indignada aqui em casa: poxa, já pensou! A fulana veio me perguntar isso, não tem nem vergonha! Ele é um exemplo de vida para os outros, trabalhador! Uma mulher dessas vem me perguntar uma coisa dessas, eu não admito esse tipo de coisa! Mas, eu nem me abalo, não ligo pra esse tipo de situação, nem esquento. Tiro de letra esse tipo de situação. O que é bom eu absorvo, o que não é, eu passo.

Lembro que a minha família tentou me blindar de todas as formas com relação ao diagnóstico de seqüela permanente, na época eu namorava uma moça muito bonita, loira, dos olhos verdes, a minha família a chamou para conversar e disse: você está vendo como ele está agora, ele ainda tem muita coisa pra passar e não sabemos como será daqui pra frente, é tudo uma interrogação e você tem que escolher se você vai realmente ficar com ele ou se você vai pular fora. Eu sentia essa proteção pelo comportamento deles e porque eu acabava escutando algumas conversas entre eles. Mas, é até interessante, porque nunca chegaram direto pra mim e falaram na real sobre as seqüelas, na verdade as coisas foram acontecendo e eu fui vendo que a perna nunca iria voltar ao normal, fui absorvendo as informações aos poucos, eu olhava para a perna, para o braço e já analisava o que poderia fazer para superar as limitações.

Eu pensava e tentava trabalhar a força da mente, se a minha força e a impulsão era toda na perna esquerda agora eu vou ter que transferir para a direita, mas ao mesmo tempo eu não posso esquecer o outro lado. E nessa questão a participação da minha mãe foi

fundamental, porque uma vez estávamos na estrada, eu e minha mãe, no carro que ela própria me deu após o acidente, simplesmente o pneu do carro estourou e eu pude ver como esse braço estava vivo porque eu segurei o carro para ele não derrapar e sair da pista, com esse braço e essa mão que estão comprometidos, quer dizer que o reflexo atuou na hora. Inclusive, um dia desses experimentei pegar um jambo muito pequeno, então com o braço bom eu empurrei o jambo com a muleta para cair, com a intenção de jogar a muleta e pegar o jambo, quando eu fiz isso, essa mão deficiente foi e pegou o jambo. Eu disse: não acredito! Eu mesmo duvidei isso não está acontecendo. Então, vi que ainda tem reflexo, que está viva, ela ainda faz parte do meu corpo realmente, então eu não posso deixar de lado. Então, essa é a realidade da minha vida, eu agradeço a Deus porque a cada dia eu me surpreendo com algo diferente, com alguma coisa boa que eu ainda sou capaz de fazer. Então, isso é muito bacana, muito legal, muito gratificante, muito significativo para mim.

No momento que eu percebi que ficaria com a sequela veio logo o esporte na minha cabeça, eu era jogador de basquete aqui da capital, e veio logo a minha mente isso, eu não poderia mais jogar! Eu até fazia outras modalidades, mas o basquete era a principal, então eu pensei: meu Deus do céu! Ao esporte, adeus! E aí foi aquele sentimento de tristeza, parecia que tinham tirado o tapete por completo dessa vez. É você olhar para o nada, ver um vazio e não ver esperança, então foi muito complicado absorver essa situação.

Logo que sai do hospital, foi um período muito complicado pra eu absorver essa questão, porque me tirar o esporte foi o que mais me afetou, doeu na alma, uma dor assim que eu pensei que não ia passar. E aí, um dia, eu estava em casa e vieram me chamar aqui da UEAP (Universidade do Estado do Amapá) disseram: o teu treinador está te chamando lá na quadra, eu disse: que treinador já? Disseram: o Ernesto, você não treinou com ele antes do seu acidente na escolhinha do Amapá clube? Eu respondi: sei quem é, é meu amigo sim. Bom, então, ele está te chamando lá na quadra da UEAP, vai lá.

Então, nessa ocasião fiquei sabendo do projeto do basquetebol na cadeira de rodas. Mas no primeiro momento eu fiquei retraído e disse: não! Como eu já havia falado, nunca chegaram pra mim e falaram que eu ia ficar com sequelas, então eu falei: não, eu vou ficar bom, eu vou melhorar e vou voltar a jogar basquete normalmente. Então, no primeiro momento tive aquele preconceito comigo mesmo, sofri aquele impacto. Mas, aí eu fui fazendo as cirurgias, fui vendo que elas não resolviam, só me enganavam, aí eu disse pra mim mesmo: quer saber de uma coisa? Eu vou é agarrar as oportunidades que Deus está colocando na minha vida, eu vou agarrar aquilo que está na minha frente, a oportunidade que está sendo dada. E daí, eu agradeço ao meu treinador e a reitora da UEAP, pessoas que eu tenho uma

gratidão imensa, que Deus usou para abençoar a minha vida, para me dar uma nova oportunidade de dar bom ânimo para as pessoas. E isso foi o meu combustível para o esporte, eu pensei: vou tentar, vamos ver se dá certo. Eu fui, comecei a me movimentar e acabou que não vi diferença.

Então, como eu comecei a me ocupar de novo, a me exercitar e não fiquei só em casa, na televisão, na internet, naquela época nem tinha internet, mas eu tinha tudo nas mãos, comida, até a namorada vinha aqui em casa, tinha uma situação muito cômoda, telefone na cabeceira, podia ficar deitado o dia todo. Mas, eu não quis ficar assim e comecei a me ocupar novamente e foi assim, algo tão impressionante que depois de um tempo parecia que era como se nada tivesse acontecido, a sensação que eu tinha era como se eu tivesse absorvido tudo. Então, é muito interessante essa questão da ocupação, a pessoa ter uma ocupação, se sentir valorizado, se sentir útil, isso é muito importante, pode ser a atividade mais simples possível, mas se ela se sentir útil já tem muito valor. Eu acredito que uma das coisas mais importantes para o ser humano é ele se sentir útil.

Enfim, acho muito importante também, essa questão da capacitação, de oportunizar a muitos a formação profissional, de ter algum direcionamento na formação profissional. Porque tem muitos que o que acontece: recebem o benefício e se acomodam. Tem um amigo meu, jovem, não vou citar nomes, mas uns que são muito jovens, não têm nem 25 anos de idade, recebem só o benefício e acham que estão muito bem só com isso, não fazem faculdade, não estão se profissionalizando, não estão buscando nada. Eu digo sempre para eles: vocês olham para minha vida, me veem de carro e tudo o mais, mas não sabem que tudo isso é fruto de muita luta, que veio lá de trás, não é de agora, vem de muito tempo. Mas enfim, eles é que tem que correr atrás, tem que ter a força de vontade.

Mas, assim através do esporte a gente pode mudar a vida de muita gente deficiente. O basquetebol na cadeira de rodas me deu novos amigos e eu sempre falo que devemos divulgar as informações para os deficientes, eu, por exemplo, nem sabia da existência desse tipo de adaptação e eu faço questão de levar informação, principalmente para aqueles que mais precisam, essa ponte da informação tem que ser feita. A maior parte dos jogadores do time de basquetebol tem a perna ou ambas amputadas e eles dizem que eu sou uma inspiração para eles, por eu ter esse jeito de querer ajudar todo mundo. É claro que eu agradeço, mas penso só comigo: eles é que são inspiração para mim, porque eu confesso que não sei se eu seria essa mesma pessoa se tivesse sido amputado algum órgão meu, sinceramente eu não sei, para mim isso é uma interrogação muito grande. Porque eu sou muito vaidoso e me cuido muito.

Foi difícil para minha família quando souberam da sequela, foi difícil... meu pai estava vivo, ele sentiu muito, ele foi uma das pessoas que mais sofreu, ele acompanhou tudo de perto. Ele ficou aqui em Macapá, na época nós estávamos com os restaurantes abertos em três navios do Governo do Estado e minha mãe ficou tomando conta do restaurante de um dos navios. E, ela mesmo relata que pessoas muito maldosas falavam: ah, deve ter alguma coisa muito boa naquele navio, porque o filho está quase morto no hospital e ela está no navio. Então, ela sofreu por ter que ficar distante tomando conta dos nossos negócios, e meu pai sofreu muito também porque era ele quem segurava a minha mão na hora dos curativos, na hora do sofrimento todo. Eu gritava tanto que acho que as pessoas escutavam do outro lado do hospital, era muito dolorido, foi muito difícil.

Meus irmãos sofreram muito também, pois eu estava naquela fase boa da vida, tudo ia bem, estava com 18 anos, estudando, jogava basquete, financeiramente estava tudo bem, então, de repente vem uma situação dessa e te vira do avesso, coloca a tua vida de pernas para o ar. Enfim, eu via o sofrimento nos olhos do meu pai, eu via a tristeza nos olhos deles. Mas, mesmo quando eu estava muito mal, eu não deixava isso transparecer, eu me fazia de forte. Eu sofria mais por ver o sofrimento deles, do que por mim mesmo. Eu sofri mais vendo a lutas deles. Mas, em momento algum eu deixei o desânimo tomar conta de mim. E assim, quando retornei pra casa foi bom, pois aqui tinha integração com a família e isso é muito bom. O hospital já não te proporciona esse lado, quer dizer, além de você ter a possibilidade de pegar uma infecção no hospital, ele ainda te priva da tua família, da convivência com a família, com os amigos. Muitos amigos ficaram chateados porque não podiam visitar, porque foi dito que o caso era muito sério, muito grave e que eu não podia ficar recebendo visita.

Quando aconteceu de eu fazer cirurgia em São Paulo, a promessa era que essa cirurgia resolveria todos os problemas, eu iria voltar a andar, então, houve muita expectativa, todos ficaram muito alegres. Mas, algo assim, dentro de mim, dizia: não te anima. Passado algumas semanas após a cirurgia, isso foi em 2001, quando eu cheguei aqui, dormi aí você imagina, pela manhã o teu corpo está em cima da cama e a tua perna está para o lado de fora da cama, jogada, a tua perna toda a partir da metade do fêmur jogada para fora da cama, toda quebrada, a tua cirurgia. Quando acordei, sentindo aquela pressão toda do sangue, cirurgia mal feita. Ai eu pensei: agora eu entro em depressão, e a família toda desesperada. Foi então, que eu pensei: eu não posso cair, porque se eu cair eles vão todos juntos comigo, ninguém vai querer trabalhar, e aí como vai ser? Então, agora eu tenho que ser forte e Deus vai ter que me ajudar. E daí eu viajei novamente e o médico falou: não, isso é normal. Mas, depois me

informaram que fizeram foi vender a metade do material que foi comprado nos Estados Unidos para outra cirurgia que aconteceu no hospital, no mesmo horário da minha cirurgia. Eles não usaram todo material, que se tivesse sido usado, isso não teria acontecido.

Então, foram várias situações que eu tive que enfrentar e de peito aberto, porque não adianta você pegar e jogar a responsabilidade para outra pessoa, eu tive que encarar tudo isso. O falecimento do meu pai, eu que tive que tomar a frente de tudo, fui chorar a morte do meu pai, uns três ou quatro meses depois, não me dei nem esse direito, eu acompanhei tudo de perto, entrei no CTI, vi ele todo conectado aos aparelhos.

Foi um choque pra mim quando vi como minha perna ia ficar, porque eu era daqueles que nem podia ver sangue. Mas, a questão da sequela eu fui aceitando aos poucos, porque não foi de imediato, ainda tinha aquela esperança logo no início. Então, o tempo que levou até ser evidente a questão da sequela acabou me preparando para aceitar e absorver toda essa situação. Não tinha o que fazer, então eu olhava pelo lado da vida, eu não olhava pelo lado negativo, eu pensava: eu estou vivo, muitos queriam ter essa oportunidade e não tiveram, vinham esses pensamentos na minha cabeça e também eu via esses casos, como da moça que ia me visitar no hospital, que havia perdido os membros e via outras pessoas em situação bem pior que a minha. Então, esse período que eu passei no hospital foi muito bom, porque ele foi me preparando para uma realidade que vinha. Tanto é, que eu não tinha nem expectativa de receber alta, então, foi todo um processo que me levou a absorver a situação.

Uma das minhas expectativas, que eu havia até prometido para o meu pai e acabei não cumprindo antes dele morrer, mas que ainda vou cumprir, foi que eu prometi pra ele que iria concluir meus estudos, lembro que eu dizia pra ele: eu vou dar orgulho para o senhor, vou me formar, vou concluir meus estudos, eu fui o primeiro filho, mas ele tinha muito orgulho de mim e eu tinha muito orgulho dele, por ele ter me passado muitas coisas boas, tanto ele como a minha mãe, os dois. Passaram a essência da vida, o que realmente vale a pena, os valores, como até hoje eu procuro realmente viver e passar para os meus filhos. A questão do respeito ao próximo, não brigar com ninguém, bater boca. Você sabe o que é certo então, faça o que é certo! Ainda mais no mundo do jeito que está hoje que tudo acaba em processo.

Então, quanto às expectativas eu vislumbrei a questão dos estudos e tentar voltar a vida ao normal na medida do possível, o que fosse possível fazer e me propus a não desistir de viver e sim aproveitar sempre as oportunidades. Teve aquela questão do preconceito quando dei de cara com o esporte, pois pensei: poxa, a minha perna não dobra, dos outros jogadores dobrava ou não tinham. Nesse caso, eu mesmo tive preconceito, então eu determinei tirar, limpar esse preconceito de mim pra eu poder superar e daí eu fui. Quando dei por mim já

estava até competindo, acabou sendo algo muito natural. Me senti até privilegiado, pois com poucas pessoas acontece assim, muita gente vive até hoje revoltado, tem pessoas que eu pude conviver, devido as minha viagens para competir, pessoas já com certa idade e outras ainda muito jovens, alguns inclusive, são atletas da seleção brasileira, pessoas revoltadas, reclamando, vão para o jogo alcoolizadas, mesmo sabendo que não pode fazer isso. Ai as vezes estava rolando algum assunto e a pessoa só reclamando... Eu chegava e falava: irmão, eu agradeço a Deus por isso, as pessoas ficam reclamando, passava a mensagem, sem saber que eles estavam reclamando da vida. A mensagem é para a pessoa acordar, pra ver se ele reconhece que tem valor, porque a pessoa está ali, sendo valorizada, representando um país, quer dizer, como que você não consegue olhar por esse lado?!

Tem colegas que quando nós do norte chegamos dizem: ah! Vocês vêm pra cá e só perdem o que vocês vêm fazer pra cá hem? Vem lá do final do mundo, só pra perder, daí eu digo: lá é o início do mundo, não é o final não! O final é onde vocês moram, minha terra é muito boa, graças a Deus, e eu não vim pra cá só pra ganhar a partida. Se você não valoriza fazer novas amizades, ver todas essas famílias aqui, o brilho nos olhos dessas crianças que estão começando, que nasceram com problema, o pai está tirando da segregação e dando oportunidade delas verem a vida de outro jeito... É isso que eu vejo. Poxa! isso dá uma pancada na pessoa. Se você não valoriza isso, então realmente não adianta você nem estar aqui.

Porque, se eu for apresentar o meu currículo escolar, eu já fui campeão em muitas coisas em minha vida, então, pra mim isso não é o principal hoje. O legal é essa convivência, essa troca de informações, essas experiências... Você vê tantas coisas maravilhosas que aonde que eu pensei já, na minha vida em estar ao lado de um campeão mundial, como Guga, lá na terra dele, ele promovendo um dos torneios mais importantes do Brasil, tenho livro dele autografado, camisa do time dele de preferência, lá da cidade dele autografada, pude conversar com ele, com o irmão dele, com a família dele, de ter essa experiência, de ver o carinho, o amor que as pessoas tem. Então, eu vejo que a gente pode fazer muito pelo outro, pois, não é só dinheiro que vai resolver a vida da pessoa, a vida não se resume a ganhar sempre, a ter dinheiro... Então, as pessoas têm que ter essa percepção na vida de que a gente pode fazer algo pelo outro.

As sequelas do acidente afetaram em muitas situações na minha vida, por exemplo, na escolaridade: tive que parar a graduação, eu fazia o curso de direito. E hoje eu encontro com amigos que fizeram o ensino médio comigo e seguiram com os estudos, hoje são professores, médicos. Que bom que eles conseguiram, mas bate uma tristeza... Porque

percebo que acabou como uma parte da minha vida, vejo que uma parte da minha vida foi interrompida. Mas, ao mesmo tempo eu acredito que todo mundo nessa vida tem um dom e vai ser bom em algo, tem uma predestinação para aquilo ali, já vem desenhado, designado por Deus. Mas, no fundo eu optei por cuidar dos negócios da família, porque nesses casos a gente não pode deixar de trabalhar e tomar conta do que é nosso.

Em relação ao trabalho afetou em alguns pontos, porque no meu trabalho eu assumia varias funções, como trabalho braçal, eu chamava realmente a responsabilidade pra mim eu não ficava esperando que as coisas acontecessem, eu não ficava só mandando, eu ia lá e fazia. Então, foi dolorida essa parte, de eu pegar e deixar de fazer uma coisa que eu não pedia, eu fazia. E na verdade eu não gostava de ficar pedindo e aí Deus foi trabalhando nessa área. Pois, eu tinha dificuldade de pedir as coisas, eu era acostumado a só fazer as coisas. Então, eu ter que ficar pedindo pra fazerem algo que antes eu conseguia facilmente fazer foi dolorido pra mim. Mas, eu tive que ter a humildade para pedir, reconhecer que eu não consigo mais fazer certas coisas, como por exemplo, carregar fardos de comida...

Quanto às amizades, as verdadeiras se fortaleceram mais, ganhei novos amigos. Na verdade ganhei muito mais amigos, de verdade mesmo, então essa parte eu avalio que foi muito legal, foi para o bem. E é como se você fosse uma nova pessoa, tivesse um pouco mais de experiência e tivesse passado por caminhos que os outros não tiveram oportunidade de passar, então aí você já vai orientando, aconselhando, e também você aplica na sua vida mesmo. Então pra mim essa parte foi muito boa. Eu achei que melhorou que valeu a pena.

Quanto a relacionamento amoroso, acho que não afetou a minha autoestima é bem elevada, eu até brinco falando que Deus deve ter dito: eu vou marcar esse aqui que é pra não perder de vista. Eu namorei muito, casei, tenho dois filhos, me divorciei, mas o motivo não tem a ver com a minha deficiência, já estou namorando novamente.

O relacionamento familiar não foi afetado, na verdade, melhorou, pois, nos unimos muito mais, numa situação dessas, através de uma tragédia nós nos unimos mais. Vem a reflexão de que nós não somos nada! Estamos aqui, mas a nossa vida pode mudar completamente em uma fração de segundos, então temos que buscar tratar bem as pessoas, enfim dar o nosso melhor, fazer a nossa parte.

Quanto à felicidade também não afetou, eu aprendi a ser feliz assim. Antes eu achava que precisava muito pra ser feliz, após o acidente passei a valorizar mais a vida, percebi que com muito pouco você é muito feliz. Não precisa de muito não! eu até aprendi que com pouco e ali no limite você vive muito melhor. Eu peço sempre a Deus, pra ele me dar sempre o suficiente para viver, poder criar meus filhos.

Tivemos que adequar a casa para entrar a cadeira de rodas, adaptou-se banheiro, melhorou a questão da acessibilidade, eu mesmo coordenei essas modificações. A cabeça também teve que ser bem trabalhada, eu uso um aparelho na perna, pois até hoje o fêmur não está consolidado, então, no início quando eu colocava o aparelho, eu tinha a sensação como se alguém estivesse me sufocando, aí eu tive que trabalhar isso em minha cabeça, pois isso mexeu muito comigo. Tive que ter a consciência de saber que equipamentos esportivos pra mim, por exemplo, são muito mais caros, então eu reflito que se eu não tivesse uma condição financeira melhor eu não poderia bancar, o que me faz por exemplo, participar de campanhas de arrecadação para ajudar aqueles que não tem condições financeiras de comprar. Para incentivar a garotada, para ajudar mesmo, para ver de alguma forma a coisa fluir.

Mas, eu nunca deixo de agradecer a Deus, pois até hoje quem vê o resultado dos meus exames e vê as minhas sequelas, as minhas cicatrizes fica surpreso, pois os vasos sanguíneos estão todos preservados, e pela gravidade da situação que pode ser vista pela própria sequela, não tem como eu ter essa ingratidão com a vida e com Deus. Quando eu penso em reclamar, eu lembro que eu tenho é que agradecer por estar vivo. Criei o hábito de não ficar pedindo, mas de agradecer, por tudo, pelas oportunidades, pelo ar. Todos os dias eu busco agradecer essa nova oportunidade de vida, porque com certeza Ele tem planos na minha vida, porque muitas pessoas, por muito menos morreram, às vezes por uma batidinha de carro e eu com toda gravidade do meu acidente fiquei vivo.

Então, posso afirmar que Deus me ajudou a lidar com essa situação, Ele é o centro de tudo, mas depois Dele vem a minha família, principalmente a minha mãe e o meu pai, eles me ajudaram muito. Minha mãe foi sempre muito amorosa comigo, sempre com boas palavras pra me dar, sempre me incentivando com muito carinho, em todos os momentos, ela nunca deixou se quer um dia de me dá uma palavra de conforto, Nós sempre tivemos liberdade de falar aqui em casa, desde muito cedo conversávamos sobre qualquer assunto, não criaram a gente escondendo as coisas do mundo. E o amor fez uma grande diferença, porque muitos amigos que eu tenho que são deficientes e são revoltados, eu acredito que são revoltados porque não tiveram essa parte, faltou amor, faltou família, não tiveram esse alicerce na casa, cada um para um lado, pais separados. Não que precise dessa estrutura formal, se tiver apenas um membro da família, como a minha mãe, por exemplo, que se dedique e dê amor já faz toda a diferença. Minha mãe, minha família, com todo o amor foram fundamentais, foram meu alicerce para enfrentar essa situação.

A sequela e o acidente representaram para mim um desafio de vida, um desafio, como se fosse um teste, em que só tinha uma saída, ou você pára e desiste ou avança e

continua a viver. Hoje, a sequela e o acidente representam para mim, assim uma satisfação, algo precioso na minha vida, porque através desse acidente e dessa sequela eu pude gerar bons sentimentos, pude gerar novos frutos em mim e em outras pessoas. Isso foi muito importante, e eu coloco sempre isso pra mim: que se Deus tivesse que me fazer passar por tudo isso de novo, eu iria agradecer a Ele. Porque eu acredito que todo ser humano precisa de certa lapidação, por mais que às vezes seja desse jeito tão sofrido, uma coisa brusca, violenta, inesperada, que sacode você até a alma.

5.1.12 Familiar da Vítima 6 (mãe)

O nome dele é milagre

Foi muito difícil, difícil mesmo. Só Deus mesmo no comando para nos ajudar. Meu filho sempre foi um menino muito trabalhador e na época do acidente, embora jovem ele já assumia as responsabilidades na nossa empresa, fazia as compras, praticamente tudo quem fazia era ele. Tomava conta de absolutamente tudo. Era ele quem fazia as compras, tomava conta dos 60 funcionários, dois restaurantes na Companhia de Eletricidade do Amapá, um restaurante na Hamilton Silva. E assim mesmo, ele dava conta de tudo, mesmo sendo tão jovem, apenas 18 anos. E nesse período eu fui trabalhar em um navio do Governo do Estado do Amapá, nós ganhamos a concorrência para trabalhar nos três navios, eu fui tomar conta do restaurante de um dos navios, meu marido foi tomar conta de um e o outro ficou por conta dos empregados.

Então, meu filho ficava aqui tomando conta de tudo, daí foi quando ele sofreu esse acidente e aí só Jesus na causa para poder nos consolar e ajudar, porque foi tremendo, foi terrível. Eu já tinha perdido uma filha por acidente de carro, em Belém, ela tinha apenas 13 anos, tinha ido com o meu marido para fazer um tratamento nos dentes e aconteceu esse acidente em que ela faleceu e eu não gosto nem de comentar porque foi terrível, eu só tinha ela e os dois meninos, nessa época, depois eu adotei mais uma menina. E foi assim, muito difícil.

Meu filho é um menino de ouro, é maravilhoso, que mesmo com tudo isso que ele passou ele não ficou revoltado. Ficou com aproximadamente uns 38 kg na época que ficou

internado, foi fazer tratamento no Hospital Sarah em Brasília, foi muito difícil, nessa época. E eu trabalhava no navio do Governo, todo o tempo que ele ficou desenganado aqui em Macapá.

Meu filho passar por isso foi um sofrimento muito grande, ele foi um guerreiro, passou por mais de 20 cirurgias, só Deus para ele estar vivo, é um milagre, o nome dele é milagre. E o motorista do carro que bateu ele estava drogado e bêbado. E eu coloquei no coração do meu filho, amor, para que ele não tivesse raiva porque se você tiver raiva, você vai custar a sarar, se você tiver ódio no coração. E assim com amor saiu o ódio do coração dele, tudo de ruim que poderia ter, saiu, não ficou nada de ruim no coração do meu filho. Tanto que um dia, muito tempo depois, ele deu uma carona para o rapaz que causou o acidente e era próximo do natal e nesse dia eu disse para ele que ele tinha me dado meu presente de natal, dando essa carona para o rapaz que causou o acidente dele. Isso foi muito gratificante, porque não adianta colocar ódio no coração, não leva a nada, não adianta, porque não vai fazer o tempo voltar, não vai fazer voltar ao que era.

O momento que fiquei sabendo do acidente foi terrível, porque eu já tinha perdido uma filha por acidente de trânsito. Eu estava no navio e eu acreditei em que meu filho estava vivo. E a minha filha, que tinha cinco anos de idade, chegou e disse para nós no navio, mamãe, o mano está vivo, ele não vai morrer, não vão cortar a perna dele, e ela só tinha cinco anos, ela não sabia de nada, então naquela hora eu vi que Deus estava no comando e que tinha uma força maior acalmando e apaziguando o meu coração e que meu filho estava vivo. Então, pagamos um avião particular e viemos para Macapá, para ver meu filho, quando eu cheguei o encontrei em coma, e eu conversava todo dia com ele, mesmo quando eu estava no navio, por telefone, eu colocava amor no coração dele, e o que aconteceu com ele foi um milagre mesmo.

Eu só fazia orar, pedir, quando eu chegava a Belém, no navio eu perguntava: meu filho está vivo? Os amigos que estavam no porto respondiam: está vivo. Aí eu caía, foi a época mais difícil, saber se ele estava vivo ou não.

Eu tinha que estar no navio, muitas pessoas não entendiam porque eu tinha que está no navio, porque era de lá que era tirado o dinheiro para o tratamento dele, não tínhamos plano de saúde, ele ficou internado em um hospital privado, era tudo particular. As pessoas falavam: eu não entendo porque você está no navio se seu filho está desenganado em um hospital, está passando mal, entre a vida e a morte. Eu respondia: porque é de lá que eu tiro o sustento, meu marido estava no hospital, o tempo todo com ele, foi uma época muito difícil pra nós, muito difícil mesmo. O que me fez suportar tudo isso foi a oração, eu falava com Deus no navio, pedia para Deus me dar forças, eu trabalhava até uma hora da manhã, o dia

inteiro na cozinha do navio para ficar com meu corpo bem cansado para poder dormir. Mas, sabia que meu filho estava vivo e de fato está.

Eu não pensava muito em como ele ia ficar, eu só pensava que ele ia ficar vivo, que Deus estava no comando de tudo, que meu filho era um guerreiro, que ia enfrentar tudo isso, que tinha um mistério nisso tudo, eu sempre entendi assim.

O momento em que fiquei sabendo que ele ficaria com um sequela eu aceitei porque ele estava vivo, eu agradei a Deus porque ele estava vivo. E a minha filha de cinco anos disse no momento que ele foi desenganado que ele não iria morrer, que Deus não iria fazer isso com a gente. Ela disse mais, ele vai andar de bicicleta, ele vai nadar no rio, ele vai até ganhar um carro, e tudo isso aconteceu. Eu dei um carro para ele no primeiro ano após o acidente, ele estava com osteomielite e ele expelia uma secreção negra, enquanto dirigia, era feito dois curativos por dia com não sei quantos quilos de gaze. E quando a minha filha disse isso, eu acreditei que era a força de Deus, um anjo, era o Espírito Santo de Deus falando que meu filho não ia morrer, e de fato não morreu.

E há algum tempo fomos nos lembrar de que ela falou que ele ia andar até de bicicleta, e ele anda em uma bicicleta para jogar tênis. Eu achei incrível, e só depois de muitos anos foi que fui despertar para isso, ele nadou e nada no rio, ele ganhou um carro. Muita gente me condenou quando eu dei um carro para ele, porque ele estava com 60 kg quando eu dei o carro, e ele dirigia esse carro e eu acredito que foi o que fez sair a osteomielite da perna dele, Deus primeiro, é claro, a força de Deus fez sair. E foi saindo, como ele mexia muito com a perna, fazia movimento, foi uma benção isso. O nome do meu filho é milagre, eu digo isso para todo mundo, meu filho é uma benção, é um amor de garoto, é uma pessoa maravilhosa, um homem trabalhador. E ele sempre foi assim, nunca se revoltou. O tempo todo alegre, conversando, sorridente, nunca blasfemou.

E com o tempo, hoje ele é um campeão de basquetebol, ele é um atleta, joga tênis de quadra, não se deixou levar pelo sofrimento e teve forças. Um médico disse que ele nunca ia conseguir pegar nada com a mão direita e ele consegue pegar, ele foi desenganado pelos médicos.

Logo no início eu não tinha coragem de ver a perna dele, principalmente. A primeira vez que eu vi foi através de imagens do curativo, colocavam uns 5 kg de gaze dentro da perna dele, tinha um buraco, eu não tinha coragem de ver, só vi através das imagens depois. Hoje, quando olho para sua perna e seu braço é uma benção pra mim, é Deus no comando. Acredito que ele tinha mesmo que passar por isso, acredito que ele tem uma missão aqui. Ele vai para a igreja, ele ora, ele acredita, é um servo do Senhor. Acredito que ele tem

uma missão aqui, que Deus me deu ele de volta, ele nasceu naquele dia. Mas, eu tenho um sonho dele fazer a ultima cirurgia, para tirar a muleta dele, esse sonho eu vou realizar se Deus quiser. É o nosso sonho, ele largar a muleta.

Financeiramente essa situação afetou muito a minha vida, pois na época tínhamos restaurantes em três navios, eu fiquei tomando conta de um e os demais larguei nas mãos dos outros, e foi muito difícil, porque eram três navios, eu tomava conta de um, só dava conta de um. O que o meu marido tomava conta ficou nas mãos dos empregados, porque ele teve que ficar acompanhando meu filho no hospital. Então, você pode imaginar como fica uma situação dessas, e depois de toda essa situação nós entramos na concorrência para os restaurantes nos hospitais, ganhamos e continuamos até hoje. Ficamos com o Hospital de Emergência, hospital do Município de Laranjal do Jari, o Hospital de Pediatria e a Fundação de amparo à criança e ao adolescente do Estado do Amapá. Temos uma história de muito trabalho e muita luta, e infelizmente a vida nem sempre é como a gente quer, né! Não é como a gente pensa.

Na verdade essa situação afetou a vida da nossa família. Ficou todo mundo desesperado, as pessoas não acreditavam como eu estava em pé ali naquele navio, como é que eu estava agindo, tomando conta de tudo. Só a força de Deus mesmo, não adianta, não tem outra explicação foi tudo com a graça de Deus, quem sou eu para fazer tudo isso? Meus outros filhos sofreram muito, principalmente o outro menino, eles jogavam basquetebol juntos, a menina sofreu muito também porque o meu filho que sofreu o acidente saia muito com ela, levava ela para passear, brincava muito com ela, Deus o livre! Ela era o amor da vida dele, então foi uma época em que os dois sofreram, porque ele também não podia mais fazer tudo o que fazia pela irmã. Mas, meu filho é um guerreiro.

Quem me ajudou a lidar com essa situação foi Jesus, não existe outro, foi só Ele mesmo, Ele é tudo! é tudo! Ele e o Espírito Santo de Deus, eu tenho muita fé! A família foi importante, foi muito sofrimento, mas nós sempre fomos unidos, então nós sabíamos que tinha uma força superior nos ajudando, nos colocando em pé. Essa força era Deus, então foi só Ele mesmo! só Ele!

Depois de tudo isso, ele casou, teve um casal de filhos, são maravilhosos, amo meus netos. Depois o casamento dele não deu certo, mas porque não deu certo mesmo, não tem nada a ver com as sequelas do acidente. Mas, de uma forma que eu vejo a recuperação dele como uma benção, um verdadeiro milagre! A nossa família continuou unida, eu digo sempre: a nossa família foi construída na rocha através de Deus, que nos ajuda a superar todas as situações.

5.1.13 Vítima 7

Recomeçando outra vida com fé e esperança

Meu acidente aconteceu na estrada, estávamos vindo do casamento da minha cunhada que aconteceu no município de Laranjal do Jari, estávamos eu, meu marido e minha filha de três anos, no banco de trás, sem cinto de segurança, de um Fiat uno simples, um taxi que havíamos fretado para a viagem, e nos bancos da frente vinha o motorista e um amigo nosso no banco do passageiro. O motorista do taxi faleceu na hora. Eu tinha 22 anos e 27 dias de casada. Graças a Deus, que Deus é bom e me deu um marido que é biomédico, é da área de saúde e que cuida muito bem de mim. Eu nunca tive escara (úlceras de decúbito), o máximo que eu já tive foi infecção urinária e isso porque foi em decorrência de alguma vez que não foi o meu marido que fez o cateterismo.

Um carro nos fechou, em uma estrada, de mão dupla, ele entrou na nossa mão, e daí o nosso motorista quando viu o carro vindo em nossa direção ele jogou o carro para fora da estrada, para evitar o choque, daí o carro bateu em um monte de terra que tinha no acostamento, então o carro bateu nesse monte e começou a capotar, as portas do carro abriram e nós fomos cuspidos do carro. O único, que permaneceu no carro foi o nosso amigo que estava no banco ao lado do motorista e estava de cinto, ele sofreu apenas escoriações. Eu fracturei a C 6 e a C 7, fracturei a omoplata e trinquei algumas costelas, tive também muitas escoriações. A minha filha, teve poucas escoriações e o meu marido, quebrou o braço, a clavícula e o nariz. Ele perdeu a consciência momentaneamente e eu fiquei o tempo todo consciente, eu olhava tudo, meu marido desmaiado, minha filha chorando, eu tentava levantar e não conseguia, mas ainda não tinha noção da gravidade.

Parecia que haviam jogado um monte de cimento em mim, eu tentava me mexer e não conseguia sair do lugar, pensava: meu Deus! Devo estar toda inchada, mas eu não tinha noção, porque eu não via o meu corpo era como se eu tivesse presa na minha mente, porque eu não tinha nenhum movimento. Mas, graças a Deus muitas pessoas pararam para nos ajudar, porem o motorista que causou o acidente não parou. E eram pessoas que nos conheciam, só que nós estávamos irreconhecíveis. Uma das pessoas que parou foi um bombeiro que fez os primeiros socorros e ele deve ter suspeitado que tinha quebrado o meu pescoço porque ele segurou o meu pescoço na hora de me transportar, eu conseguia falar e pedia para as pessoas mexerem em mim, mas elas diziam, não, não posso. Eu sentia muita dor de cabeça, só isso.

Eu fiquei um mês e meio internada no São Camilo, depois eu recebi alta e fui para o Hospital Sarah em Brasília. Quando eu fui para Brasília, eu fui com aquela expectativa de que eu ia voltar andando de lá e quando eu cheguei lá eu fui trabalhada a me aceitar como cadeirante. Passei por diversos cursos que me ensinaram como eu poderia ter uma melhor qualidade de vida e foi aí que a sonda uretral de alívio entrou na minha vida e eu pude deixar de usar o cateterismo de demora. Foi que o toque de estimulação fecal entrou na minha vida, porque até então, eu usava laxante para poder evacuar. E também eu não sentia e saía, era constrangedor, pois não era controlado. Hoje eu só evacuo quando eu vou ao banheiro tomar banho, então, agora eu “controlo” esse momento, a menos que eu esteja com alguma doença que provoque diarreia é claro, que daí não tem como esperar. Eu fazia o cateterismo de 4/4 horas logo no início, hoje eu faço de 6/6 horas, mas assim, eu sinto tudo, a minha parte sensitiva eu sinto tudo. Então, hoje eu consigo perceber quando eu preciso fazer o cateterismo, por exemplo, eu digo para o meu marido: amor estou precisando fazer o cateterismo. Então, isso melhorou muito a minha vida.

Eu faço acompanhamento até hoje no Sarah, só que agora eu fui encaminhada para o Sarah de Belo Horizonte, então eu ainda vou pelo menos uma vez ao ano lá. E existe os níveis de tetraplegia, os níveis vão de A a D. quando eu entrei no Sarah eu estava no pior nível, D, porque eu não mexia e nem sentia nada abaixo do pescoço e quando eu saí eu já estava no B, um nível apenas, abaixo do melhor. Então, eles mesmos reconhecem que foi uma evolução muito grande, em apenas dois meses de tratamento lá. Eles até brincam, dizendo que sou uma tetraplégica do Paraguai, pois eu fui evoluindo e eles não sabem explicar como eu consegui evoluir tanto.

Eu acredito muito em Deus, porque a palavra do médico que fez a minha cirurgia aqui em Macapá foi que eu ia vegetar. E assim, eu não fui àquela paciente que viveu a doença, porque assim, eu tinha recém casado, tinha acabado de me formar e eu já era evangélica, então, disse: eu não recebo essa palavra de que eu vou vegetar! Então, rapidamente eu fui evoluindo e posso te afirmar que essas evoluções não foram pelas minhas forças, porque eu te confesso que eu falava: eu não quero viver como um doente não, eu quero viver igual a uma pessoa normal. E com o tempo eu fui evoluindo com as forças de Deus e não com as minhas, porque eu não fui assim uma paciente que obedeceu aos protocolos fielmente. Por exemplo, era pra eu ter usado o colar cervical por uns 10 meses, eu não usei, porque aqui em Macapá é muito quente e eles esquentava muito o meu pescoço, então, eu parei logo de usar, eu só usava para sentar e às vezes para sair, porque ele me incomodava muito. Eu deveria fazer fisioterapia direto, mas aí fui ao CREAP e os profissionais não tinham capacitação adequada,

eles ficavam fazendo só alongamento, então eu parei de fazer. Então, as minhas evoluções se davam nas nossas rotinas do dia a dia, meu marido limpava a casa, eu ia arrumando, fazia a comida, fazia o que dava pra eu fazer.

Até trabalhei depois do acidente em um Banco, o Banco ITAU, e eu tinha que me movimentar muito, eu era caixa, já pensou uma tetraplégica cuidando do teu dinheiro?! E foi bom porque eu tive que movimentar muito as minhas mãos, mas eu acabei sendo demitida, eles alegaram que eu não era rápida, não era ágil. Acredito, que na verdade me demitiram porque o ITAU tem aquela proposta de 22 minutos para lhe atender. Eu só mexia as mãos, foram dois anos que eu passei lá. Eu gostava muito, mas o meu marido diz que para ele foi um alívio eu ter sido demitida, porque ele acha que durante esse período houve uma regressão no meu quadro de saúde e assim, o Banco não fez nenhuma adaptação pra mim, nenhuma adaptação para minha cadeira de rodas.

Um ano e meio após o acidente eu engravidei, engordei 30 quilos e por isso eu estou gorda desse jeito, pois desde lá não consegui mais emagrecer. E como quem faz cateterismo com frequência acaba apresentando muita infecção urinária, a minha filha acabou nascendo com pneumonia e septicemia e foi para UTI neonatal por uns 20 dias. Então, meu peito também cresceu muito e não voltou mais ao normal.

E assim, o aumento de peso, do peito, acaba me prejudicando hoje. Então assim, para eu ter um mínimo de movimento no tronco, eu preciso colocar uma cinta para ajudar a sustentar o meu abdome, então, assim, estou conversando com você agora, sem cinta e daí eu não sei se você percebe, mas, a medida que eu vou falando, eu cabo ficando ofegante e quando eu estou com a cinta, não, eu consigo conversar sem me cansar.

Eu sofri uma lesão raque medular, perdi todos os movimentos e sensibilidade do pescoço para baixo por pelo menos uns cinco meses.

Como estamos passando por uma situação financeira difícil, pois meu marido deixou de trabalhar para cuidar de mim e das nossas filhas, estávamos vivendo apenas com o benefício que eu recebo, então, estava bem difícil. E como a minha mãe estava pagando aluguel, nós fizemos um acordo, ela e meu pai vieram morar conosco e em troca eles assumiram as despesas da casa. O meu benefício ficou para pagar a escola das meninas.

Eu confesso que ser vítima de um acidente de trânsito foi uma surpresa, foi muito duro, por conta do Estado onde eu moro não me amparar com a relação a profissionais na área de saúde, com relação aos acessos, as ruas, as calçadas. Como eu fiquei deficiente, limitada, pra mim foi uma infeliz surpresa. Porque olha, uma pessoa que nasce deficiente ou que por alguma doença acaba ficando deficiente tem, no fim o mesmo final que alguém que se torna

deficiente como consequência de um acidente de trânsito, o fim é o mesmo. No entanto, não podemos negar que nesse processo permeiam várias situações diferentes e por serem várias situações diferentes, são conversas diferentes, são cuidados diferentes, são enfrentamentos diferentes.

Uma vez eu fui ao médico porque eu tinha batido muito forte a minha perna, sem querer, é claro e esse baque acabou gerando uma trombose, só que eu não sabia ainda da trombose. Então, eu fui ao médico, aqui em Macapá, minha perna estava muito inchada, então eu disse ao médico, Dr. a minha perna está muito inchada, daí ele falou: tá bom mexa ela aí pra mim, e eu tinha falado que eu era tetraplégica, então daí você tira o grau de competência de alguns médicos daqui. Meu irmão que estava me acompanhando na consulta até se retirou da sala e disse: que médico é esse aí?!

A experiência de ter sofrido o acidente foi frustrante, muito frustrante, porque a gente nunca espera que aconteça com a gente, é sempre com os outros, mas quando você se vê na situação eu te confesso que quando aconteceu, e eu fiquei o tempo todo consciente, eu ficava pensando: só pode ser um sonho, por que não pode ser verdade. Foi tão rápido e tão intenso que você demora para acreditar.

Volto a questão da fé, quando me falaram que eu não ia mais conseguir mexer nada abaixo do pescoço eu sentia como se o meu corpo estivesse todo inflamado e que a partir do momento que ele desinflamasse eu iria voltar a me movimentar, a andar. Eu não sabia quanto tempo isso ia durar, mas eu acreditava nisso. Então, no início nem me passou pela cabeça que eu não iria mais andar.

Então, quando me deram a notícia, de que eu estava tetraplégica e que eu não sentiria e nem mexeria nada abaixo do pescoço, eu disse: eu não aceito essa palavra! Questão de fé mesmo! Eu não acredito nisso! Tanto que quando o grupo de intercessão foi até o hospital orar por mim, eu disse: eu quero orar por vocês, porque eu queria fortalecer a fé deles naquele momento, para que eles também acreditassem que eu realmente iria melhorar. E até hoje eu ainda tenho fé, eu ainda acredito que eu vou voltar a andar, apesar de todas as circunstâncias eu ainda acredito que vou voltar a andar.

E eu lembro que algum tempo depois do acidente, eu comecei a sentir, pegavam em mim e eu sentia, pegavam na minha perna e eu sentia, comecei a mexer um dedinho. Então, a minha mãe foi lá com o neurologista e pediu pra ele me avaliar, ela disse: a minha filha diz que está sentindo a perna. Ele não acreditou, mas foi lá me ver e me avaliou, eu virei o rosto para não ver e daí ele pegava no meu pé e eu dizia exatamente onde ele estava pegando, está pegando no meu dedo mindinho, está pegando no meu pé, está arranhando a

minha perna. Então, isso fortalecia ainda mais a minha fé de que eu realmente ia melhorar. Então, pela primeira vez eu vi esse médico assim, mais humano, ele disse: se você acredita em milagres, isso é um milagre! Deus é camarada, eu só tinha 22 anos, era recém-casada, já pensou se eu não sentisse nada? Acho que a parte sensitiva Deus fez voltar uns 70%.

Mas, eu confesso que durante esses 10 anos eu já passei por períodos em que nas minhas orações eu suplicava: apressa-te, já não aguento mais! Porque você depender de Deus é uma coisa, mas você depender do homem é uma coisa muito diferente. E eu sou extremamente hiperativa, todos que me conheceram antes do acidente sabem disso. Eu fazia tudo sozinha. Então, em alguns momentos, eu ainda oro: Deus apressa-te!

Quando eu sofri o acidente, no início eu orava para que a vontade de Deus se cumprisse na minha vida, eu estava vivendo o primeiro amor, então eu estava muito forte na fé. Mas, eu confesso que com o passar do tempo, passei por momentos de sequidão espiritual, porque parecia que o meu sonho de voltar a andar havia sido apagado e frustrado, então, teve um momento que eu não queria que ninguém se levantasse para orar por mim, porque era tanta gente orando, pedindo pela minha cura que não podiam me ver que queriam orar por mim, e isso já me incomodava. E aí eu fiz um propósito com Deus, eu orei e pedi para que ele me instrísse a como proceder, porque o Senhor sonda o meu coração, o Senhor sabe como ele está, eu estou muito massacrada e aí eu dormi e quando eu acordei estava com uma injeção de ânimo e Deus usou uma pessoa para me dizer, do nada que tinha sonhado que eu estava andando, que eu dava uma palestra contando como tinha sido difícil os 15 anos que eu havia passado na cadeira de rodas, essa pessoa não é nem crente, e nem tão próxima de mim. Então assim, um dia antes eu estava questionando Deus, perguntando a Deus até quando? E às vezes fico até envergonhada porque as minhas filhas são até mais crentes do que eu. Um dia a minha filha mais nova entrou no quarto e me disse: mãe, eu estava orando no meu quarto por você, pedindo a Deus que a cure, porque eu quero um dia poder brincar com a senhora, (imagina um filho teu te falando isso, é de chorar!). Então, eu procuro conversar com elas, eu digo sempre, que eu acredito em Deus, que Ele pode me curar. Mas eu não procuro a benção, eu procuro o abençoador, então, eu quero, hoje, independente se eu estou andando ou não, quero poder ajudar a vocês a estarem em um relacionamento com Deus, é isso o que eu prezo na minha casa, na minha família. Então, graças a Deus, elas têm muita consciência do reino de Deus. Então, eu tenho que falar e pregar o amor de Deus, começando pela minha casa, pela minha família.

Mas, vou relatar alguns momentos que pra quem não tem deficiência podem ser simples, mas que pra mim são muito complexos: compras rápidas no supermercado, por

exemplo: (quando eu falo sobre isso me dá até vontade de chorar, mas eu não vou chorar) você precisa ir comprar algo no supermercado e tem que ser rápido, aí a minha filha fala: vamos lá mãe, desce, desce! Ai eu fico olhando só eles três indo, entrando no supermercado de mãos dadas, vejo várias famílias entrando assim. Ai, nesses momentos eu fico pensando: Deus, um dia eu vou fazer isso. Meu sonho é um dia fazer isso.

Outra situação: eu vejo as minhas filhas com os cabelos todo bagunçados, não são aquelas meninas que tem os cabelos todo arrumadinhos, então eu fico: ai meu Deus! Porque eu sempre quis fazer isso, eu sempre dizia, quando eu tiver uma filha eu vou pentear os cabelos dela, vou fazer penteados e eu não consigo fazer isso. Então, são essas coisas simples que ainda me deixam triste.

Hoje, por exemplo, eu consigo me lavar da cintura para cima, consigo pentear o meu cabelo, mas não tenho força nas mãos para amarrar, por exemplo. Hoje, eu e o meu marido estamos desempregados, recebemos esse benefício apenas, os meus pais nos ajudam muito financeiramente. Mas assim há paz, há alegria no meu coração, e isso só é possível pela graça de Deus, pelo amor Dele na minha vida.

A minha mãe surtou quando ela soube da sequela! Literalmente ela enlouqueceu, de verdade! Mas, hoje eu a entendo, como mãe, eu a entendo. Imagina você ter uma filha, perfeita e aí ela casa, sai de debaixo das tuas asas e em menos de um mês ela volta só mexendo os olhos e a boca, necessitando de muitos cuidados, então como era muito recente o meu casamento, a minha mãe pensou: ela não vai mais poder fazer nada, ele vai largá-la, porque isso é o mais provável de acontecer né! Então, eu vou fazer uma UTI na minha casa para cuidar dela.

Ela já tinha tudo planejado na cabeça dela, ela tinha pensado em tudo. Então, quando eu cheguei e disse pra ela: eu vou morar com meu marido, eu vou seguir com a minha vida. Ai ela pirou! E a gente ficou sem se falar por dois anos, pra ela poder cair em si. Ela só voltou a falar comigo quando eu engravidei. Ela não tinha entendido ainda que eu era dona do meu nariz a partir do momento que eu me casei e sai das asas dela. Então, ela ainda queria tomar as decisões por mim e isso foi muito conflitante pra ela. Por isso ela pirou... Já meu pai que sempre foi tranquilo, reagiu bem.

A relação com meu irmão mudou, pois não nos dávamos bem, mas depois do acidente, parece que todo mundo ficou com pena de mim, aí nós começamos a nos dar bem. Eu sinto também que a minha mãe não me dava muito valor, atenção antes do acidente e depois parece que ela passou a me amar de verdade. A minha família é um pouco esquisita na verdade, no início eu achei que eles não queriam me dar apoio, eles queriam que eu

obedecesse às regras deles e como eu me neguei a obedecer tais regras eles deixaram de falar comigo. Na verdade, tem vários fatores envolvidos nessa questão. Pois, meu marido era o genro ideal até que ele se tornou evangélico e minha mãe não gostava de evangélicos, com isso ela passou a não gostar mais dele e passou a ter problemas com a gente. É a velha história da intolerância religiosa. E nesse meio tempo nós sofremos o acidente, só pra explicar esse agravamento familiar...

O momento que eu me vi com a sequela pela primeira vez foi difícil... Foi difícil porque a dependência dos outros foi um dos piores fatores, eu jamais queria ficar dependente dos outros para viver. E quando eu casei, eu casei sabendo que eu tinha que fazer o meu marido feliz. Eu casei querendo que ele fosse feliz de todas as formas e quando eu percebi, quando caiu a minha ficha de que realmente poderia passar muito tempo... Eu sempre falo assim porque eu ainda acredito que eu vou voltar a andar, então, eu pensei: meu Deus! pode passar 10, 20, 30 anos, sei lá... Pode passar muito tempo. Ai eu lembro que eu cheguei com meu marido e conversei com ele... Eu lembro que até disse pra ele: amor, eu casei pra te fazer feliz e eu acho que não vou conseguir te fazer feliz, principalmente como homem, porque a expectativa era que eu ia vegetar. Então, assim eu disse: eu te deixo livre para anular o casamento se você quiser.

Então, quando caiu a minha ficha, me deu aquele frio na barriga, me deu uma desesperança. Mas, as palavras que ele falou pra mim, que ele usou foram fundamentais, ele disse que havia casado pra sempre, que seria na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Então, essas palavras me fortaleceram muito e naquele mesmo momento eu pedi perdão pra Deus, por estar fraquejando, e pedi forças, pra mim e para o meu marido que a gente pudesse viver da melhor forma possível. Por isso que eu não aceitava a palavra que dizia que eu ia vegetar, que eu ia ficar deitada em uma cama o tempo todo, eu não aceitava, eu queria ter uma vida normal.

Eu não tinha muitas expectativas, pois te confesso que eu não era uma pessoa de planejar muito. Hoje, é diferente eu planejo mais o futuro... Mas, eu não planejava, não pensava no futuro. Já era tanta luta constantemente, diariamente que eu me focava no hoje, pensava em como eu iria viver aquele dia da melhor forma possível, porque se eu viesse a morrer eu ia morrer em paz, eu ia morrer e teria aproveitado aquele dia.

Essa situação afetou a minha vida de diferentes formas, por exemplo, com relação à escolaridade não afetou negativamente, pelo contrário, me deu até mais forças. Eu já era formada em turismo e depois do acidente eu formei em teologia e eu acho que assim, por ficar

mais tempo parada eu acho que pra estudar até melhorou, pois, melhorou a minha concentração e disposição para estudar. Eu buscava estudar mais, tirar melhores notas.

Agora com relação ao trabalho afetou negativamente, pois, quando aconteceu o acidente eu tinha acabado de me formar, estava indo para o mercado de trabalho, então, isso foi interrompido. Porque hoje, eu tenho 32 anos, eu te confesso que eu não tenho condições físicas de aguentar uma jornada de trabalho de 40 horas semanais, eu não tenho condições físicas de trabalhar. E também tem o fator tempo, por exemplo, quando eu tenho que sair de casa, eu levo muito tempo para tomar banho, para me arrumar. Meu marido tem que me ajudar, leva mais ou menos umas duas horas só pra eu ficar pronta, aí depois ele tem que arrumar as crianças e se arrumar. Então, precisamos de muito tempo para nos organizar para sair de casa. Então, afetou muito na questão do trabalho, até mesmo meu psicológico foi afetado, meu físico, eu sei que eu não tenho condições de trabalhar, apesar de eu querer muito, apesar de eu ter muita vontade de trabalhar, eu sei que o meu físico não se garante devido a minha deficiência. Então, eu fico só na vontade, só na palavra...

Com relação a prática esportiva afetou, pois, eu sempre fui muito ativa, jogava várias modalidades antes do acidente, eu jogava vôlei, gostava de nadar, mas eu era fera mesmo era no basquete. E depois que eu sofri o acidente, o Hospital Sarah me apresentou novamente algumas possibilidades de esporte e daí eu joguei tênis de mesa, até me dei bem. Mas, a rotina de treinos é muito cansativa pra mim, não dou conta. Se for pra jogar uma vez ou outra tudo bem, mas a rotina diária de treinos é muito pesada pra mim. Até porque eu dependo do meu marido, e como eu aumentei muito de peso, ele tem uma rotina muito pesada tendo que me carregar me tirar de um local para o outro, me transportar. Então, fica muito pesado pra ele também. Fica cansativo, tanto fisicamente quanto psicologicamente.

Em relação às amizades afetou, mas não sei informar se foi apenas por causa da lesão. Porque assim, antes do acidente, depois que eu me converti, eu fui daquelas crentes que mudou radicalmente, da água para o vinho, então, eu era uma coisa e Jesus me transformou em outra e eu queria buscar cada vez mais essa outra. Então, assim eu era muito popular, e de repente eu mudei, virei crente, e naquela época ser crente para a sociedade mundana não era legal, você não era visto com bons olhos, e aí as pessoas se afastaram de mim por isso. Só que assim, depois do acidente os amigos que iam me visitar, chegavam chorando, diziam: ah... como você era linda... eu tinha que ficar os consolando. Então, afetou sim. Eu ficava pensando, será que eles estão me olhando com olhar de amizade ou por pena? Porque se tem algo que me deixa triste é alguém me olhar com pena.

O relacionamento amoroso o normal seria ter afetado, e eu também esperava que fosse afetado. Mas, vou te falar com toda sinceridade do meu coração, o meu marido é uma benção na minha vida, as dificuldades nos uniram mais ainda. Quando aconteceu o acidente, ele me tomou para ele, cuidava de mim como se eu fosse uma filha. No início, nós passamos quase um ano sem manter relações sexuais porque ele tinha medo que acontecesse alguma coisa, tinha medo de me machucar, de me quebrar. Então, em uma das nossas passagens pelo Sarah a médica falou que nós iríamos passar com um sexólogo. Daí na consulta com o sexólogo, ele disse; não vão usar xilocaína como lubrificante, eu disse: era pra você ter falado isso antes, pois, no início eu não tinha lubrificação, porque eu acho que ficava tão tensa que não conseguia lubrificar. Então, nós tínhamos que usar gel, lembro até de uma situação engraçada, como eu faço cateterismo de alívio e é usado xilocaína na sonda, uma vez acabamos usando a xilocaína como lubrificante, o que não deu certo, claro! Acabou que interrompemos e caímos na gargalhada. Então, com o tempo, como a minha mente ficou mais relaxada, eu passei a lubrificar normalmente, eu tenho uma hipersensibilidade, eu sinto tudo lá dentro, eu consigo sentir prazer, quando estou menstruada eu sinto sair aquele negócio lá de cima, quando eu quero fazer xixi eu sinto, ai, por exemplo, se eu estiver em algum local impossibilitada de fazer o cateterismo eu começo a me arrepiar toda, pois eu começo a sentir o xixi saindo de mim.

Então, em síntese, ao invés de separar, uniu. Nós temos uma vida sexual ativa, quando ela não está ativa é devido a algum problema de saúde, como, por exemplo, uma infecção, que daí a gente para.

O sonho dele era ser médico, ele foi para Argentina para cursar medicina, mas ele abriu mão para cuidar de mim. Ele é muito estudioso e cuidadoso, ele me diz: olha amor, isso vai dar pra gente fazer porque não vai comprometer em nada a sua saúde, já isso aqui não vai dar. E a gente conversa muito sobre tudo, temos um papo de amigos e isso ajuda muito. E graças a Deus, Deus fez uma obra muito grande na minha vida, mas Ele também fez uma grande obra na vida do meu marido. Os valores e o caráter dele são divinos.

Eu tenho consciência do que aconteceu, de alguma forma, principalmente fisicamente falando eu mudei. Então, por isso eu sei que de alguma forma afetou o meu relacionamento, mas, no entanto, as dificuldades e as lutas nos uniram. Tinham tudo para nos separar, mas acabaram nos unindo, não tanto por mim, mas por ele mesmo, por ele ser uma pessoa muito madura e a frente de mim, a frente do meu tempo mesmo, porque as vezes eu sou muito “carne de pescoço”.

Já o relacionamento Familiar afetou sim, eu era muito mais presente na vida da minha avó e de alguns familiares meus e hoje eu não sou tão presente porque a falta de acessibilidade na casa deles me limita. Eu confesso que se o local não tem acessibilidade eu não tenho vontade de estar lá, porque eu me sinto muito mal. Então, para que eu não me sinta mal, eu prefiro não ir. Com relação aos meus pais e meu irmão, eu acredito que afetou mais relacionado ao sentimento deles por mim, porque o meu por eles continua o mesmo, eles são muito mais amorosos comigo, muito mais receptivos.

Com relação a felicidade afetou na verdade, na minha visão de mundo, porque assim, pra mim felicidade, antigamente era baseada em conquistar certas coisas, eu queria ter um casamento maravilhoso, eu queria ter uma casa maravilhosa, um carro maravilhoso, eu queria ser a melhor profissional, eu queria muitas coisas que com essas limitações que eu passo hoje, eu olho e digo: isso pra mim não é felicidade. Felicidade é muito mais do que isso, então, eu me alegro e eu vivo feliz... Eu lembro que quando eu era totalmente paralisada, e eu só conseguia mover um dedinho, aquilo pra mim era felicidade, eu me alegrava e festejava por isso e aí eu fui evoluindo, eu tinha muita disreflexia autonômica, passava muito mal e o simples esvaziar de bexiga, aquilo pra mim era felicidade.

Eu comecei a não desejar mais as coisas e passei a desejar as pessoas, desejar passar mais tempo com as pessoas, comecei a dar mais valor ao que eu já tinha, ao invés de almejar algo. Eu olhava para a minha filha e eu via o cuidado dela comigo, o cuidado do meu marido comigo. As pessoas, que realmente gostavam da minha presença, que se importavam comigo, ali do meu lado. Então, eu pensava: se eu partir hoje já estou muito feliz. E eu acredito que essa visão ampliou ainda mais a minha fé, eu vejo que felicidade não é apenas ter as coisas, é na verdade um estado de espírito. É você estar em paz com o seu criador, hoje eu posso dizer que eu sou muito feliz. Tenho momentos sim, de tristezas, de lutas, mas eu sou sim, muito feliz.

Mas, é muito complicado você viver com limitações, afetou na minha autoestima, tem momentos que eu fico mais fragilizada com meus sentimentos, por exemplo, eu sou sempre pra cima, mas você quer me ver pra baixo é só a gente, por exemplo, estar em uma festa, está todo mundo dançando, e eu não poder, não conseguir dançar, aí eu digo: poxa! eu queria tanto estar lá no meio dançando, eu gostava de dançar. Eu sou uma pessoa que gosto da vida, eu gosto de viver, pra mim não basta só sobreviver, eu gosto de viver. Então, pra mim, eu acho que afetou nesses momentos da vida que eu percebo muito as minhas limitações no processo de viver.

A vida da sua família foi afetada financeiramente, pois, no início eu precisava de muitos medicamentos, eu lembro que eu tomava uma injeção na perna de manhã e uma na barriga a tarde. Que era um anticoagulante, na época custava uns 40 reais uma, e por mês a gente gastava uns 5.000,00 reais por mês só comigo, fora as despesas de casa, era gasto com medicação, com frauda, sondas, um monte de coisas. E assim, foi um período muito difícil porque o meu marido era concursado e recebia uns R\$2.000,00 reais e a gente gastava R\$5.000,00 reais, fora a casa, fora uma criança, fora escola...

Eu lembro de algo que dói o meu coração, a minha filha que estava comigo no acidente, ela tinha 3 anos de idade e assim eu era o esteio dela, eu estava sempre com ela, o pai dela trabalhava e tudo, então, eu estava sempre com ela e de uma hora para outra o esteio dela foi embora. Pegaram a minha filha e levaram-na para casa da minha avó, porque minha mãe ficou cuidando de mim, meu marido também estava precisando de cuidados devido ao acidente. Então, ela teve que ficar com a minha avó, e eu lembro que, eu tenho uma tia que gosta muito de fazer doces e ela pra entreter a minha filha, ela resolveu fazer uma festa da boneca, e aí ela me relatou que ela colocou um DVD da boneca e a minha filha estava assistindo e de repente a minha filha caiu na cama, sem expressão nenhuma, aí a minha tia se desesperou e começou a sacudi-la dizendo: minha filha, volta! O que está acontecendo? Volta! Volta! E a minha filha sem expressão nenhuma, só lagrimando, daí com o tempo ela retornou. Então, aquilo me doeu tanto e eu não pude estar perto, porque eu precisava de muitos cuidados, ela não podia entrar no hospital, não podia tocar e eu assim, pra eles, um corpo e presa naquela situação e querendo fazer algo e dizer não, ela é minha, deixa eu cuidar, só que eu não podia. Então, assim, afetou a vida das minhas filhas, principalmente da mais velha, porque a mais nova já nasceu e cresceu com essa minha realidade, mas a mais velha não, ela passou por tudo isso junto com a gente. Hoje eu percebo que ela perde a concentração com muita facilidade, ela é extremamente inteligente, mas eu preciso estar no pé dela para estudar, ela é muito mais desligada. Como a gente vivia muita nessa questão de limite entre a vida e a morte, então, as pessoas a mimavam muito e colocaram-na em um mundo fantasioso. Então, hoje ela tem treze anos e ela é muito inocente. E a gente percebe que em determinados aspectos ela ainda não evoluiu, ela é muito sensível, chora com facilidade.

Então, posso dizer que foi interrompida uma vida, entre aspas, normal, comum, como a de qualquer pessoa. Eu sempre sonhei em ser como os outros eram...Por exemplo, na nossa vida diária nós não temos aqueles horários certinhos de café da manhã, almoço e janta. Porque só é eu e o meu marido, meu último horário de cateterismo é por volta de 0h, 1h da manhã e aí até que realmente conseguimos dormir já é muito tarde. Eu acordo 6h da manhã,

mas como meu marido acaba ficando um pouco mais acordado, às vezes assistindo um filme, porque é o único tempo que ele tem para ele, o resto ele tem pra cuidar de mim, cuidar das filhas... Durante as férias é mais tranquilo, mas no período letivo, ele fica meio que zumbi, então, mudou muito a nossa rotina diária como família. A minha filha mais nova fala: poxa, mãe porque a gente não é como uma família normal? Toma café como uma família normal? Almoça na hora? E assim, vem de Deus isso, porque ela nunca coviveu de forma normal, às vezes eu falo pra ela: vamos almoçar daí ela responde: mas, eu nem tomei café ainda, eu quero tomar café primeiro.

Mudou nos afazeres domésticos, mudou nas responsabilidades, porque antes era eu que levava para escola, eu arrumava o cabelo e agora é tudo o meu marido. Eu vejo que mudou a visão de mundo delas, porque eu sou aquela mulher pra carinho, pra conversar, mas o protetor, o que cuida é ele, meu marido. Então, quando elas estão precisando de proteção, de se sentirem seguras, elas recorrem a ele. Quando elas querem fazer alguma coisa, elas pedem pra ele. Eu até questiono: porque vocês não pedem pra mim? elas dizem: não mãe, a gente pede pra senhora... Mas pai, pode? Então, assim é tudo com ele.

Outra coisa que mudou também, foi a nossa relação homem e mulher, mudou a relação mãe e filha. Filha e mãe com a minha mãe, mudou tudo! Mudou a visão de mundo, é uma outra vida. Essa é a frase: uma outra vida.

Quem me ajudou a enfrentar essa situação foi Jesus, só Jesus! só a fé! Mas, é claro que, eu acredito naquela passagem bíblica que diz assim “amarás ao teu Deus de todo o teu coração, com todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo”. Então, eu creio que amor gera amor. Você se aproxima de Deus, Ele se aproxima de ti e de quem te cerca. Então, o meu marido me ajudou muito porque ele foi as minhas pernas, quando eu não podia andar, ele foi meus braços quando eu não os mexia, ele foi uma palavra amiga quando eu precisava, então assim, ele é ainda, talvez menos em alguns aspectos por conta da minha cadeira de rodas ser hoje motorizada. Mas, ele é essa pessoa.

Porque eu digo sempre, quando as pessoas veem uma pessoa na cadeira de rodas, elas olham pra pessoa, mas elas não sabem que se a pessoa está ali é porque tem alguém atrás dela ou ao lado dela ou em volta dela que é tão importante ou até mais importante do que ela mesmo, sabe por quê? Eu sempre dou esse exemplo, e a gente compartilha dessa mesma ideia: quando você tem um bebê, tem um filho, tem dias que você pede, por favor, leve esse menino daqui! porque eu preciso de paz, mas você tem noção que o teu filho vai crescer, daqui a pouco ele vai ser independente e não vai mais precisar dos teus cuidados. Mas, uma pessoa na cadeira de rodas é um bebê grande que você não sabe quando vai sair dessa situação e se vai

sair algum dia. Então, meu marido é aquele tipo de pessoa que estuda muito pra falar, ele planeja tudo antes do tempo, e ele é essa pessoa que está ao meu lado, perto de mim, eu digo pra ele: amor, anota aí, amanhã eu vou ser entrevistada, aí ele já anota, se programa psicologicamente para no outro dia ele estar forte para me ajudar, pra conseguir me vestir, me arrumar. Nem sempre dá certo, mas ele é essa perna que eu preciso, ele é a minha pessoa na vida. Ele e minhas filhas, a minha família, são meu maior tesouro.

Eu digo sempre ao meu marido: às vezes as circunstancias da vida pintam o meu mundo de cinza e você vem e colore o meu dia, com um gesto de carinho, com uma palavra amiga. Então, eu agradeço a Deus todos os dias a oportunidade de me permitir viver com a minha família, que pra mim é o meu tesouro, é o que eu tenho de mais precioso e que eu luto muito para que sejam felizes. E garças a Deus, Deus tem nos dado a oportunidade de conviver e aprender com todas essas limitações, tantas lutas, mesmo assim, Deus ainda me permite viver muitas coisas boas.

Minha mãe me ajudou em vários momentos, mas ela já está velhinha e infelizmente ela não tem as mesmas qualidades para cuidar de alguém como meu esposo tem, meu esposo é como aquela mãe que se não cuidar melhor do que ele, ele não deixa cuidar. A minha mãe é mais ou menos assim, eu digo: mãe, eu estou com dor de cabeça, daí ela se desespera, ela é muito hiperativa. Então, ele é todo cuidadoso pra fazer o cateterismo, por exemplo, ele tem todo o cuidado para que eu não tenha infecção urinária, já a minha mãe quer fazer de qualquer jeito.

A sequela e o acidente representaram para mim maturidade, ensinamento, lição. Hoje, a sequela e o acidente representam um desafio diário, que eu espero um dia ultrapassar, mas hoje, ainda é um desafio.

Meu grande questionamento e o que eu sempre falo, quando eu falo de lesão raque medular ou de sequela de acidente é que até que a outra pessoa se coloque no lugar de uma pessoa acidentada, de uma pessoa com limitações, pode ser até um idoso, ela não sente a dor e aí parece que nada muda. Então, meu desejo do fundo do coração, e não é só por mim não, mas eu tento levar essa bandeira, sou daquelas que briga mesmo por seus direitos, por exemplo, vagas de estacionamento para deficientes, quando eu vejo algum não deficiente as utilizando eu vou lá e digo: senhor, você sabe que essa vaga não é pra você! Ele diz: mas, é só um instante. Eu rebato: mas, essa vaga não é nem por um instante sua.

Meu marido diz que eu sou brigona, mas eu falo com amor, mas eu falo. Onde eu tenho oportunidade eu falo: você que é engenheiro, arquiteto, planeje algo que permita o acesso ao cadeirante, eu sou louca pra ir a um restaurante daqui da cidade, mas se você

reparar tem um obstáculo bem no meio da rampa, então não foi feito para cadeirantes. Eu vejo algumas rampas, como a do fórum, aquela rampa não é para cadeirantes, é para barrar o cadeirante.

Eu vejo, por exemplo, quando eu trabalhava no banco, eu ia trabalhar bem arrumada, maquiada. Uma vez ao sair do banco, eu pedi: moço, você pode me dá uma ajuda pra entrar no carro? Acho que ele só escutou até a palavra ajuda e foi logo dizendo não, ele achava que eu estava pedindo dinheiro. Você já pensou nisso? Tratou-me, como se eu fosse uma mendiga, com preconceito. E o preconceito em todas as esferas, seja de raça, seja religioso, seja de gênero, qualquer que seja ele é algo que falta a humanidade evoluir, então o que eu espero não só para essa bandeira que eu defendo da acessibilidade a todos, isto é, que seja verdadeiro esse direito de ir e vir, porque, por exemplo, eu não posso ir e vir na minha rua, eu preciso de um carro pra “andar” nela, para andar pelo centro da cidade não tem uma calçada pra mim, não tem nada, ou eu enfrento a rua, com seus carros e posso me acidentar novamente ou tenho que ficar em casa.

Então, pra encerrar, que os nossos direitos, seja de quem quer que seja, que eles possam realmente ser respeitados. Que nós, enquanto sociedade, possamos regredir. Por que regredir? Porque eu acredito que antes a gente respeitava muito mais as pessoas, os nossos valores eram outros e eu acredito que eles se perderam com o tempo, então que a gente possa se colocar no lugar do outro e a querer algo melhor, um futuro melhor não só pra mim, mas para o outro também.

5.1.14 Familiar da Vítima 7 (marido)

Pra mim o maior trauma mesmo, foi saber que ela tinha ficado tetraplégica, então, acabou que as lesões que eu sofri no acidente, ficaram muito pequenas perto da dela.

O momento que eu tomei conhecimento que ela ficaria com a sequela não foi tão impactante, porque na época a gente estava vivendo um momento de fé muito sobrenatural, então a gente acreditava que por pior que fosse a notícia, que seria passageiro ou Deus iria operar um milagre, alguma coisa iria acontecer e aquilo não seria permanente. A gente nunca pensou que seria permanente. Pra gente, no máximo em seis meses ela estaria andando.

Depois de dos anos caiu a ficha de que ela não voltaria a andar. Porque primeiro tinha a inflamação inicial, então quando houve uma melhora dessa inflamação ela recuperou

algumas coisas e depois tinha a desinflamação total que ocorreria dentro de um ano. Depois desse primeiro ano, não vimos mais, grandes evoluções, aí começou a cair a ficha de que realmente ela poderia não voltar a andar. Porque nesse primeiro ano, foi um ano de muita empolgação, estávamos indo direto para o Hospital Sarah, tínhamos muita esperança. Então, depois de dois anos quando começou a cair a ficha... também não foi tão impactante porque a gente sempre ouvia palavras de conforto de pastores, e eu recebia essas palavras com fé de que o milagre iria acontecer, ela iria levantar e andar, então, eu nunca me desesperei.

Agora, mais recentemente, há dois anos, eu fui para Argentina fazer medicina e ela ficou aqui com as crianças porque eu quis ir primeiro, me adaptar, para depois levar toda a família. Então, o plano era eu passar um ano lá e elas ficarem aqui, foi por isso que acabamos nos aproximando de novo da minha sogra e ela acabou vindo morar com a gente, eu as deixei com a minha sogra. Acontece que no período que eu fiquei lá, três meses depois da minha partida, ela já estava sofrendo aqui, estava tendo problemas de saúde e eu estava com muita saudade, aí acabou que eu voltei.

Então, nesse momento que eu voltei caiu a minha ficha literalmente... porque eu havia largado tudo o que eu tinha aqui, tinha gastado dinheiro, a gente tinha reformado a nossa casa e não reformou pensando que nós íamos morar aqui justamente porque eu estava indo embora. E eu estava realizando dois grandes sonhos da minha vida, estava morando no exterior e estava fazendo o curso dos meus sonhos. Então, eu nunca imaginei que eu fosse ter que voltar pra cá, ficar desempregado, ficar em uma situação complicada, e daí foi como se o mundo tivesse desabado na minha autoestima, eu fiquei mal. Foi a primeira vez que eu me preocupei e comecei a dizer: Deus, te apressa! porque agora a cruz pesou, antes disso não. Agora, estou mais tranquilo, mais relaxado, mais confiante.

Eu já estava acostumado a viver com ela assim, então, não teve o momento de me deparar com a sequela dela. O que aconteceu de mais impactante foi que há dois anos eu saí daqui de Macapá cheio de sonhos e voltei e me toquei da realidade que eu ia ter que encarar. Me arrependi de não ter reformado a casa pensando em um dia a gente morar aqui, me arrependi de ter gasto muito dinheiro, me arrependi de não ter me preparado financeiramente pra esse momento agora, porque eu nunca pensei nesse agora, eu tinha simplesmente descartado essa possibilidade. E aí quando eu me toquei de tudo isso, eu pensei: caramba! E se ela ficar assim mais 10 anos? Eu acordei cansado, a minha mente ficou muito cansada. Eu até saí de férias agora em setembro, só com meu pai e meu irmão viajando nas praias para dar uma relaxada na minha mente, e aí deu pra dar uma revigorada.

Mas, eu abati sim, fiquei cansado, porque cuidar de uma pessoa adulta, todo dia e no dia que eu identifiquei que estava cansado percebi que a minha vida talvez não mude, foi um impacto muito grande. Estava se aproximando do meu aniversário, eu disse: caramba! Vou fazer 36 anos, daqui a pouco eu faço 40 e eu to vendo a minha vida ir embora e eu não to fazendo nada daquilo que eu imaginei que fosse fazer um dia, se ela não tivesse se acidentado ou se ela não tivesse ficado com a sequela, a nossa vida era outra, seria totalmente diferente... Se eu também não tivesse me casado a minha vida seria também o sonho que eu sempre quis. Mas, também eu não teria as minhas filhas, eu não teria uma esposa sensacional, eu não teria ela ao meu lado, não teria vivido todas as histórias que nós vivemos, não teríamos conhecido todas as pessoas que nós conhecemos. Então, eu não me arrependo da vida que eu não tive. Mas, eu já estou cansado, já estou pedindo a Deus que algo aconteça pra mudar e tem acontecido essa mudança.

Quando eu me casei com ela, eu já estava me preparando para o curso de medicina, eu já era formado em biomedicina, me formei em São Paulo, mas sempre quis fazer medicina. A questão de eu ter voltado para a igreja, me reconciliado, acabou dando uma freada nos meus impulsos, pois quando eu cheguei aqui, formado eu já tinha um curso engatilhado para fazer em São Paulo para poder continuar a morar em São Paulo e daí seria um passo para eu cursar medicina. Mas, aí pra eu não ficar parado, eu me preparei para um concurso público e passei nesse concurso no município de Laranjal do Jarí, fui pra lá, fiquei oito meses trabalhando lá e nesse período a gente casou, mas os meus planos era a gente ficar mais alguns meses no Laranjal do Jarí e sair. Tanto que eu nem queria levá-la para o Jarí, ela foi pra lá de intrometida.

E aí aconteceu o acidente. Depois do acidente, brigado com a minha sogra, eu acabei tendo que cuidar dela sozinho, então pra cuidar dela sozinho e como ela precisava de cuidados 24 horas, ela fazia cateterismo de 4 em 4 horas no máximo e ela tinha muita disreflexia autonômica nessa época, a pressão dela subia muito, ela ficava muito vermelha, batimentos cardíacos aceleravam. Então, eu tinha muito medo que ela tivesse uma parada cardiorrespiratória no meio da noite e morresse. Então, eu fazia o ultimo cateterismo da noite, umas 22h, acabava por volta das 22h:30 min e as 2h da manhã eu tinha que fazer de novo, e eu tinha medo de dormir e não acordar às 2h. Então, eu ficava acordado até as 2h, daí eu fazia o cateterismo, terminava as 2h:30min, as 6h eu tinha que fazer de novo, daí eu ficava acordado direto. Em resumo eu passei um ano como um zumbi, mas, como eu estava bem jovem ainda, empolgado, eu não tinha muita dificuldade para passar essa vida. Depois de um ano vivendo assim, fui ver um vídeo meu, eu estava parecendo um mendigo, não sujo, mas

com barba, estava estranho, quando eu olhei, disse: eu tenho que me cuidar. Ai foi quando eu comecei a me cuidar e ela também parou de ter disreflexia, o esfíncter já não travava mais, ela perdia urina, então ela passou a usar frauda, então em vez de fazer o cateterismo de 4 em 4 horas ela passou a fazer de 6 em 6 horas, ai deu pra dar uma descansada e a gente foi se adaptando.

Ela passou um mês e meio aqui logo que aconteceu o acidente e depois foi para Brasília, a mãe dela tomou a frente nesse período porque nesse período eu mal dava conta de cuidar de mim, pois estava todo quebrado do acidente. Então, quando eu pude me movimentar, fiquei sabendo que ela estava na casa da tia dela, na espécie de um quarto com cuidados semi-intensivos, tinha enfermeiros, fisioterapeutas, tudo a disposição dela. E a partir do momento que eu pude me movimentar, começou a me levar até ela, ficava lá deitado ao lado dela, ficava acompanhando assim, de estar perto, mas na verdade eu não podia fazer muita coisa, eu não podia nem tomar banho sozinho, estava com o braço e a clavícula quebrados e um colar cervical, então eu ficava igual a um robô, eu não conseguia mexer meus braços, até isso era complicado, eu precisava de alguém pra me dar banho também, então, não tinha muita coisa assim pra eu fazer por ela.

Então, ela foi para Brasília, quando eu fiquei bom fui pra lá com ela. Quando eu cheguei lá os médicos perguntaram com quem ela ia ficar depois que ela saísse de lá? Eu respondi: ela vai ficar comigo que sou o marido dela. Isso foi sempre muito claro para mim, eu sempre tive certeza, nunca pensei diferente disso. E ai a mãe dela não aceitou, ficou com raiva, mas a equipe do Sarah a chamou e falou: a sua filha é casada, ela diz que vai morar com o marido, o marido diz que vai morar com ela, então, porque a senhora está se metendo?! Ai ela abandonou a gente lá em Brasília, com raiva. E eles fizeram essa pergunta por que eu tinha que passar pelo treinamento para aprender a como cuidar de um tetraplégico. É um treinamento muito específico, tanto que mesmo eu sendo um profissional da saúde eu aprendi muita coisa que foi essencial e eu fiz todo o treinamento. No primeiro dia que eu fui cuidar dela eu fui tirar o gesso do meu braço, cai no banheiro e quebrei mais ainda o braço, pois o calo ósseo ainda não estava formado, na realidade eu forcei a barra, tirei o gesso antes do tempo. E ai a sorte foi que eu cai dentro do Sarah, então eles me operaram lá mesmo, fizeram todos os procedimentos lá, daí eu fiquei internado no terceiro andar, na ortopedia e ela estava internada, no quinto andar, na lesão medular. Os enfermeiros desciam com ela na maca e a levavam até o meu quarto, nós somos um casal famoso no Sarah, éramos conhecidos como o casal UTI, os dois quebrados.

Depois que retornamos pra casa, tive problemas no braço, porque demorou muito pra formar o calo ósseo devido ao grande esforço que eu fazia e ainda faço para carrega-la. Um dos parafusos quase solta de tanto eu fazer força para carrega-la.

Todo dia tinha uma novidade nela, se ela mexesse um pouquinho assim um dedo, nós fazíamos uma festa, criávamos uma expectativa. Até a fisioterapia mesmo, no início era empolgante, depois se tornou muito cansativo. Por exemplo, pra gente sair, ir ao shopping, tenho que vesti-la, carrega-la, a cadeira dela é elétrica, tenho que desmonta-la, colocá-la no carro, quando chegarmos lá tenho que montar a cadeira, carrega-la e colocá-la na cadeira, aí na volta fazer tudo de novo. Quando chegar em casa, cansado, tem que tirar a cadeira de novo, fazer tudo de novo. Eu tenho a minha vida pessoal totalmente abdicada para cuidar dela, e das minhas filhas. Eu não trabalho, não faço atividade física. O último trabalho que eu tive, foi quando ela trabalhava no banco. Eu chegava no trabalho às 8h, às 8h e meia eu voltava pra casa pra busca-la e lava-la ao banco, eu já a deixava pronta, arrumada, então eu a deixava no banco, voltava para o meu trabalho, ao meio dia eu saía, pegava as crianças na escola ia para o meu trabalho com as crianças até umas 15h daí saía pra buscá-la no banco, deixava todo mundo em casa e voltava para o trabalho. Eu envelheci uns cinco anos, durante uns seis meses nessa rotina, aí eu desisti do emprego. Eu já tentei trabalhar e pagar alguém pra cuidar dela, mas também não deu certo, porque eu não encontrei ninguém que aceitasse fazer o serviço por menos de 2.000,00 reais e era necessário mais de uma pessoa, então eu praticamente estava trabalhando pra pagar essas pessoas, não valia a pena. Quando nós dois trabalhávamos, a nossa renda era boa, então dava pra pagar alguém pra cuidar dela em casa, mas a partir do momento que ela perdeu o emprego e ficou só eu trabalhando, a situação mudou.

Ela não tem condições de trabalhar. O fato de ela ter conseguido o trabalho no banco foi um milagre, porque ela passou pela entrevista do SINE, não sei como! Pelo currículo ela passaria, mas ninguém percebeu que ela era tetraplégica, porque quem vê mexendo os braços, até médico quando vê ela mexendo os braços, pensa que ela é paraplégica. Então, ela foi para a entrevista com o gerente de recursos humanos do banco, foi aprovada também, aí ela foi selecionada pra fazer o exame médico admissional, aí eu pensei: agora ela não passa, o médico vai ver que ela é tetraplégica. O médico nem a examinou, viu que ela mexia o braço e só assinou o laudo e entregou e aí ela foi pra entrevista final com a gerente da Agência. Aí acharam que ela tinha uma boa aparência, simpática, comunicativa, cadeirante, está dentro da cota, está perfeito, beleza, vamos contratá-la.

Eles só foram se tocar do erro que eles tinham cometido, ela mesma me falou, no primeiro dia, quando a colocaram no caixa e ela tinha que rasgar o papel e viram que ela não mexia a mão direito, mas aí o UNIBANCO, não sei se você lembra da propaganda deles, era assim: UNIBANCO nem parece banco, não tinha muita formalidade, então eles colocaram-na para atender os idosos, e daí foi indo. Quando virou ITAU, eles disseram: ela não tem condições de trabalhar em um banco ITAU. Na época que ela entrou a gente estava precisando muito do dinheiro, do plano de saúde, as crianças eram pequenininhas, então, eu acredito que foi as mãos de Deus, Ele cegou todo mundo, a deixaram trabalhar por um tempo. Porque ela não tinha condições e nem era pra ela ter trabalhado. Ela pagou um preço físico por isso. Ela não tem condições de trabalhar por dois motivos: físico, em pouco tempo que ela permanece sentada na cadeira as pernas dela incham, ela já teve uma trombose na perna esquerda, então as pernas dela ficam muito inchadas, quando ela deita e vai desinchando as pernas, ela urina muito e a bexiga dela por ser hiperativa não armazena mais do que 100 ml.

Minha vida foi muito afetada, o sonho de fazer medicina foi interrompido. Senti apenas o gostinho de ser acadêmico de medicina. Ao mesmo tempo em que eu me sinto feliz por ver a minha esposa bem, porque se eu não tivesse cuidado bem dela, ela não estaria bem, se eu tivesse ido embora, talvez ela nem estivesse viva, por mais que os pais dela a amem, eles não tem conhecimento médico para cuidar, e a mãe dela acha que tudo pode ser feito de qualquer forma, então eu sei que iria ter problema. Então, nesse sentido eu fico feliz de ter feito o meu melhor, eu abdiquei da minha vida, mas a minha família está aqui, inteira, estamos juntos.

A gente sempre se apega na fé porque se a gente for avaliar durante esses dez anos, se a gente for usar a lógica que em uma família que o marido teve que largar os empregos pra cuidar da esposa, como foi que eles chegaram 10 anos depois tendo casa, carro, duas filhas, uma adolescente, as duas estudando bem. Então por mais que nesse momento sejam os pais dela que estejam nos sustentando, eu não posso dizer que não é Deus. Talvez para uma outra pessoa que não tenha o entendimento espiritual das coisas, olhe e diga: não, foi o fruto do teu trabalho, eles não pensam que Deus está induzindo isso que está acontecendo, nesse sentido, isso aumenta a minha fé, me deixa mais tranquilo, está dando certo até agora, então isso me traz certo conforto.

Afeta na minha felicidade, com certeza, afeta em tudo. Eu acho que o meu sofrimento maior não é físico, apesar de eu sentir dor na lombar, nos ombros, no pescoço, tenho crises de enxaqueca por conta de dor no pescoço. O meu psicológico é muito mais cansado, estressado. Nós dois já enfrentamos muitas batalhas, mas eu enfrento ainda, até hoje,

eu ter visto a minha esposa mudar da noite para o dia, foi impactante. Eu me lembro dela no início, com o colar cervical, preocupada comigo, preocupada com o nosso casamento, não sei que receios ela tinha, vai que ela tinha medo que eu a traísse, não sei... Eu me lembro da primeira vez que ela me chamou pra fazermos amor depois do acidente, eu não queria me sentir um estuprador, queria que ela sentisse prazer também, não queria que ela não sentisse nada. Mas ela queria, porque ela queria me agradar. Mas, eu não concordava com isso, não achava legal... Então, foi uma fase muito complicada, muito conturbada. Mais devido a influencia do meu sogro e da minha sogra na vida dela que causava essa insegurança nela. E ela forçando a barra, eu não ficava me sentindo a vontade, eu me sentia mal, ficava esperando o tempo passar, e o tempo foi passando, ela engravidou, engordou, teve uma mudança muito grande no físico dela. E por mais que o marido seja ultra, mega, power apaixonado pela esposa, o fato do corpo dela ter mudado muito e o homem é muito visual também, causou um impacto na vida sexual.

O que eu estou querendo dizer é o seguinte: além dos conflitos psicológicos que eu enfrento diariamente do dia a dia, das dificuldades que nós temos na nossa casa, eu enfrento também como marido e mulher, porque às vezes eu fico com medo de ter me transformado em um cuidador e não estar suprimindo o emocional dela, não estar suprimindo as necessidades de marido e mulher. E já aconteceu de outras mulheres bonitas, jovens ficarem me cantando, o que acaba ativando um pouco o nosso ego, mas, eu nunca trai minha esposa, eu nunca tive vontade de me separar.

Mas, teve um período que eu sofri muito porque eu estava tendo conflito com o corpo da minha esposa, hoje eu já superei, eu já consigo ter um envolvimento melhor, mais tranquilo com ela, eu já vejo que ela tem prazer, ela lubrifica, parece que se encaixou a situação. Mas, no início e um tempo mais depois, durante algum tempo, foi a crise de tempo mesmo. Juntou a rotina com o físico, a idade.

Uma coisa eu posso dizer, se não fosse Deus na nossa vida, eu não sei nem se a gente estaria junto ainda, porque não é fácil, não foi fácil e não é fácil. Tem dias que eu estou muito cansado, eu não tenho vontade nem de levantar da cama, que eu quero ficar quietinho, aí ela diz: eu tenho que fazer o cateterismo, aí eu levanto e faço, aí eu volto a me deitar ela diz: tenho que tomar meu remédio, aí pede pra eu ajeitar a perna dela, aí eu começo a me estressar. Mas, eu nunca pensei em abandoná-la, essa nunca foi uma opção, mas eu sei que o que me fortalece é Deus, eu acho que se não fosse Deus, talvez eu não a largasse também por uma questão de caráter. Desde sempre quando eu olhava para mulheres que tinham a aparência de frágeis eu sempre tive o desejo de proteger, de cuidar, então eu acho que nunca

largaria a minha esposa mesmo que não fosse Deus na minha vida, mas eu iria trair, eu não traio porque tenho Deus na minha vida e por mim mesmo.

Eu sou frustrado de ter abandonado o curso de medicina por preocupação com o futuro das minhas filhas, se eu não tivesse largado, hoje eu estaria no terceiro ano de medicina, mais três anos estaria formado e a gente sabe que o médico, no Brasil não tem dificuldade financeira, minhas filhas estariam com a escola garantida, se precisassem fazer graduação particular estaria garantido, minha esposa não teria dificuldade com material de cateterismo, medicação, o que precisasse...

Hoje minhas filhas não podem ter o que querem como quando até o ano passado que eu ainda tinha renda, elas não tinham tantas dificuldades, tantas privações, apesar de achar que elas são crianças que tem certos privilégios se comparado com algumas crianças, mas não é como já foi... Mas a minha maior preocupação mesmo é mais pra frente, como é que elas vão ficar quando chegar o período de faculdade? esse tipo de coisa, hoje esta dando pra ir levando.

Quem me ajudou a lidar com essa situação foi Jesus, a igreja e a minha família. Meus sogros também me ajudam muito, ainda mais hoje, que eles assumiram as contas da casa, eu posso ficar com a cabeça tranquila, se eles não tivessem aqui eu não sei como era que eu ia fazer porque eu já experimentei algumas vezes deixar a minha esposa só, em casa, no primeiro mês ela caiu da cadeira, ela foi tentar fazer alguma coisas sozinha, caiu da cadeira, ai ligou e me disse que estava caída. Eu fiquei desesperado, com medo que ela desenvolvesse alguma escara de pressão por ficar muito tempo no chão. Três vezes que eu a deixei só, ela caiu e em duas ela rasgou o dedinho do pé e foi grave.

É uma nova vida, a cada dia tem que ter uma adaptação nova, pois surgem novos desafios, novas situações. Por exemplo, tem um mês que nós fundamos uma igreja, então, nós agora temos uma rotina diferente a gente tem que dar satisfação para os irmãos da igreja, apesar de ser só um grupo pequeno de pessoas, mas tem que falar com eles, tem que preparar mensagens, tem que ir para a igreja, nossos finais de semana agora são comprometidos com a igreja. Então, sempre tem um desafio diferente que a gente tem que estar se adaptando. Mas, fora isso, a maior vitória é vê-la na cadeira fazendo comida, mesmo com todas as limitações dela, ela se esforça. Os pacientes tetraplégicos, com o mesmo nível de lesão que ela, não acreditam nas coisas que ela faz. Ela era destra, hoje ela consegue escrever com a mão esquerda e ainda fica bastante parecido com a grafia como era. Então, é uma mulher muito virada, nesse sentido ela busca independência.

As vezes eu acho que coloco mais limitações do que ela mesma, as vezes ela quer fazer alguma coisa e eu não deixo, por exemplo, mesmo o trabalho sendo um sacrifício muito grande pra ela, eu sei que ela gostaria de estar trabalhando, mas eu sei que se isso acontecesse ela se prejudicaria muito e me prejudicaria também, pois eu já estou com a lombar toda arreventada. Eu sou o único cuidador de tetraplégico que conheço que é único, é só eu o tempo todo. Os outros cuidadores que eu já conheci, todos tem vários cuidadores revezando e eu não, estou há dez anos, sozinho, cuidando. E ainda cuido das nossas filhas, imagina quando nasceu a caçula, eu cuidava de todas. Cuido ainda.

5.1.15 Vítima 8

Eu me assustei, porque por mais que eu soubesse que aquilo no futuro iria me fazer bem, de certa forma foi uma parte do meu corpo que foi tirada, que não existe mais. Mas, eu tive que passar por esse trauma e tive que superar a dor, tive que aceitar que de certa forma foi para o meu bem.

Eu estava na rua, ao lado do carro alegórico, nessa época os fios de alta tensão não tinham proteção, então quando a caçamba bateu no carro alegórico, o carro alegórico esbarrou no fio de alta tensão, daí o carro alegórico recebeu a descarga elétrica e sofri o choque elétrico, minhas pernas começaram a pegar fogo e a descarga elétrica saiu pela lateral do meu tórax, onde abriu um buraco. Fui levado para o Hospital de Emergência, fui intubado e fui reanimado, usaram o desfibrilador quatro vezes para que meu coração voltasse a bater. Então, como se não bastasse o choque causado pelo acidente ainda levei mais quatro choques no coração para que eu retornasse a vida. Os médicos já haviam me desenganado para a minha família. Fiquei cinco dias em coma, oito dias na UTI e vinte e oito dias após o acidente as minhas pernas foram amputadas. No total fiquei 140 dias internado no Hospital de Emergência.

Ser vítima de um acidente de transito é uma experiência terrível que você jamais pensa que vai passar na vida. Várias situações difíceis estão envolvidas, a primeira delas foi quando eu voltei do coma, momento em que fui ter a dimensão do que tinha acontecido comigo, porque eu tinha saído de casa, pego uma carona para ir ao sambódromo, só lembrava até esse momento. Daí, já acordei em um leito, eu estava contido, minhas pernas e braços amarrados ao leito, com um colar cervical, quando despertei veio a pergunta: onde estou? Eu

perdi muito peso, fiquei muito triste. Mas, o que sempre me alimentou, o que sempre me deu forças para lutar foi minha filha. Quando aconteceu o acidente ela tinha 3 anos e eu só pensava nela, tenho que lutar por ela, tenho que ficar vivo por ela. Hoje a fé, a esperança, a força são dobradas, pois tenho um casal de filhos. Há algum tempo, ela fez uma homenagem para mim no dia dos pais em sua escola, na homenagem ela disse que eu sou o seu herói e que ela iria estudar e queria agradecer a Deus por ter deixado o pai dela vivo. Temos uma relação muito boa.

Eu amputei as duas pernas abaixo do joelho. Eu fiquei muito assustado, já pensando no futuro. Eu entrei no centro cirúrgico inteiro, e sai de lá mutilado. Eu chorei muito, chorei muito mesmo e perguntei se não tinha alternativa. A médica chegou comigo e disse: tenho uma noticia para te dar que não é muito boa. Eu não sabia, mas já desconfiava que talvez amputasse as minhas pernas, porque dias antes os dedinhos dos pés começaram a cair, cada dedinho que eu perdia eu começava a chorar e pensava: caramba, até onde vai esse sacrifício? A médica falou assim: você já percebeu que você perdeu alguns dedinhos do seu pé não é? Eu respondi: já. Então ela continuou: amanhã você vai para a sala de cirurgia e nós vamos amputar as tuas duas pernas. Eu perguntei: mais é realmente necessário? Ela respondeu: infelizmente sim. Mas, você é um rapaz jovem, bonito, simpático, se você continuar com as pernas você vai morrer, agora se eu amputar as suas pernas logo abaixo do joelho que é até onde a sua circulação sanguínea está preservada, daqui a um ano eu coloco uma prótese em você e daí você volta a andar e vai poder voltar a ser mesma pessoa de sempre. Eu perguntei: daqui a um ano para eu voltar a andar? Ela respondeu: é o prazo que eu estimo pra você. Eu falei para mim mesmo: você não me conhece! Eu vou voltar a andar até o final do ano. Respondi para ela: tudo bem vou fazer a cirurgia, vamos amputar. Ela disse: estou gostando da sua atitude, você está tirando forças não sei de onde. Eu respondi: eu quero o que for melhor para mim e pretendo colocar algo na cabeça da minha família e amigos: a beleza física é muito boa, sim, mas para eu estar aqui conversando com a senhora hoje, eu tenho que primeiramente agradecer a Deus, então nesse momento a beleza pra mim vai ser o que menos importa.

Então, fizeram a cirurgia de amputação e quando eu acordei depois que passou o efeito da anestesia, estava sentindo muita dor, no lugar dos cotos tinham dois curativos, parecendo botas de ataduras, estavam cheias de sangue, aí eu perguntei por que estava sangrando tanto? A médica respondeu que eu entrei na cirurgia às 9h e só sai às 14h e só até agora, já são 19h esse vai ser o terceiro curativo a ser trocado. Me deram tramal, daí eu apaguei. Em um determinado momento, nesses momentos de dor, na minha ignorância, eu só

não pedi que Deus me tirasse do mundo pela minha filha, mas pedi que ao contrário Dele me tirar do mundo, que Ele me deixasse, mas me desse muita força para resistir à dor. Porque cara! Era muita dor! eu não sei se é pior do que a dor de parto, mas eu sentia muita dor, aí fiquei mais uma semana de observação.

Meus familiares ficaram assustados, a minha mãe, que na verdade é minha avó, mas é ela que eu considero minha mãe, pois foi ela quem me criou, ela chorou muito. Todos sofreram muito, ficaram desesperados, mas sempre me apoiaram. Graças a deus em nenhum momento a minha família me abandonou, principalmente os meus amigos também. Muito pelo contrário, nesses dez anos eu ganhei muito mais amigos, o meu número de amizades dobrou ou triplicou.

Quando eu me vi com a sequela a primeira vez, eu me assustei, porque por mais que eu soubesse que aquilo no futuro iria me fazer bem, de certa forma foi uma parte do meu corpo que foi tirada, que não existe mais. Mas, eu tive que passar por esse trauma e tive que superar a dor, tive que aceitar que de certa forma foi para o meu bem.

Quando eu saí do hospital fizeram uma festa enorme pra mim na sede da UNA – União dos Negros do Amapá, fizeram um bingo para arrecadação de dinheiro para comprar as minhas próteses e logo eu iniciei a fisioterapia no CREAP na metade de setembro. Eu me dediquei muito na fisioterapia, nessa época eu estava ainda me adaptando à cadeira de rodas, já tinha pegado algumas quedas, mas também já tinha aprendido algumas técnicas para subir e descer calçadas por exemplo. E a médica tinha me falado que com a minha força de vontade eu iria voltar a andar, então isso me despertou o pensamento: eu tenho os joelhos! Posso andar! então, um dia eu descii da cama e fui até a cozinha, meus pais, que na verdade, são meus avós, pois foram eles que me criaram, ao me verem começaram a chorar de felicidade. Fiquei com muito medo, logo no início, de cair, me machucar, de bater o osso do coto, pois eu já tinha caído umas três vezes da cadeira de rodas e batido com o osso do coto no chão, e tinha sido uma sensação terrível.

Em novembro de 2006 eu comecei a andar com as próteses, eu chorei de felicidade quando isso aconteceu. Eu ainda fiquei dois anos andando com a prótese. Eu conseguia dançar, não era perfeito, claro, mas eu conseguia sim, dava para enganar. Um dos problemas da prótese era que eu não podia abraçar ninguém, e era bem chato ter que negar abraço, porque para me abraçar a pessoa tinha que saber me abraçar, porque se não caíam os dois. Porque eu só tinha apoio do joelho pra cima, então eu só aceitava aperto de mão, tinha que explicar a situação e aí pra eu não passar por grosseiro eu optei por abandonar as próteses e ficar apenas na cadeira de rodas, até porque também, essa prótese que eu usava tinha

validade de três anos apenas, e também eu ganhei muito peso nesse período e as próteses não aguentavam mais meu peso.

Essa situação afetou principalmente com relação a minha mobilidade, mas também, sem demagogia, hoje eu me sinto uma pessoa mais solícita, mais prestativa, me sinto mais útil agora que estou na cadeira de rodas do que antes. Porque desde 2008 eu conheço várias cidades do Brasil, por praticar basquetebol em cadeira de rodas e por estar à frente do conselho da pessoa com deficiência, por fazer parte de uma entidade que trabalha as políticas da pessoa com deficiência. O fato de eu ser o presidente do conselho nunca fez a minha cabeça, mas o fato de eu ter o reconhecimento das pessoas, da sociedade por eu estar trabalhando nessa causa é motivo de muito orgulho pra mim.

Com toda sinceridade do mundo, que vida eu vivi até os 30 anos? Eu andava, gostava de futebol, de andar na balada, de festa, bebidas, namorava uma aqui outra ali, não tinha emprego fixo. Parece que precisei passar por esse acidente, perder as pernas para começar a dar valor à vida. A verdade é que eu passei a viver em outro mundo, tenho outra vida, hoje, dez anos após o acidente posso dizer que durante os primeiros 30 anos da minha vida eu deixei de ganhar muita coisa, e nesses dez anos pra cá, eu ganhei muita coisa, ganhei muitos amigos, passei a trabalhar nessa divisão, estou aqui desde 2008. Consegui parceria com a igreja dos mórmons e através dessa parceria conseguimos doação de 530 cadeiras de rodas. Ao fazermos os cadastros dos deficientes para receberem as cadeiras, tivemos a oportunidade de adentrar as casas de muitos deficientes. Eu vi cada situação que me levou a reflexão: eu achava que por ser cadeirante, amputado, não existia nada pior do que a minha deficiência, mas pude ver muitas situações bem piores do que a minha. Teve situação de termos que comprar o almoço para o deficiente, por exemplo. Então, nesses dez anos tenho me sentido mais útil por desenvolver essas atividades. E sem demagogia nenhuma, sou muito mais feliz, só não sou mais aquele cara tão namorador. (risos)

Com relação a relacionamento amoroso eu fiquei curioso para minha primeira relação (risos) queria saber como seria. Mas, não interferiu, é claro que eu perguntei se o meu “negócio” iria funcionar porque no acidente eu tive uma lesão na virilha que atingiu meus órgãos sexuais, precisei fazer uma cirurgia reparadora, mas graças a Deus ficou tudo bem. É diferente, mas nunca nenhuma mulher reclamou.

Teve uma época que eu fiquei em crise com a minha família, porque quando eu ia almoçar meu prato já estava servido, eu ficava chateado, porque a minha deficiência é só não ter as pernas, eu queria me servir. Então, eu passei a almoçar só depois que todos já tinham almoçado, porque daí eu ia até o fogão e me servia. Porque eu quero ter a minha

independência, de ir pegar, de fazer. É claro que tem deficiências que apresentam um grau de dependência maior, eu tenho consciência disso, mas eu posso fazer minha comida, posso pegar um copo de água e essas situações a minha família queria fazer por mim.

Eu não consigo, por exemplo, trocar lâmpada, quando a lâmpada do meu quarto queima, eu fico com ódio. Porque eu não gosto de pedir pra ninguém, não gosto de depender dos outros. Como é muito alto, eu não consigo alcançar, mas outras coisas eu consegui adaptar, por exemplo, os interruptores do meu quarto, pra ligar meu ar condicionado quando eu estou deitado uso um cabo de vassoura.

Há bastante diferença usar a prótese, com a prótese eu trocava a lâmpada, ela me dava mais autonomia, ela praticamente me deixava com a altura que eu tinha 1,80 m, mas, o risco da prótese era a queda, e eu tinha muito medo de cair. Sei que muitos me olham na cadeira de rodas e sentem pena, mas poxa, gente! Eu estou vivo! Eu trabalho. A cadeira de rodas, hoje, é a minha vida real, a prótese, por mais que fosse vida real, eu sentia como se eu estivesse me apegando a minha vida que eu tinha, sem a minha deficiência. Foi uma escolha a cadeira de rodas, eu quero que as pessoas me vejam na cadeira de rodas, foi uma escolha.

Na minha família o impacto talvez não tenha sido tão grande porque em 2002, um irmão meu levou um tiro de um policial, então ele ficou primeiro em cadeira de rodas, então, eu cansei de carregar meu irmão nas ruas. Então, desde 2002, nós, família já vínhamos nos adaptando à realidade do impacto da cadeira de rodas na vida da nossa família, porque a gente nunca acha que vai acontecer com a gente, sempre vai ser com a família do outro, então, quando aconteceu isso comigo o pensamento foi: já temos um cadeirante, agora vamos ter dois, aí fizeram adaptações na casa.

Então, em partes a vida da minha família foi afetada, eu acredito que na verdade eles precisavam ver qual seria a minha reação, de como eu iria me adaptar a nova realidade de vida. E a minha reação foi: eu tenho em casa um cadeirante já, mas diferente do meu irmão eu não fiquei caseiro, ele se apegou as mulheres e bebidas, essas coisas que o mundo oferece. Eu não, corri atrás dos meus objetivos. Não vou mentir, passei dois anos namorando direto, ia para os pagodes, usava a prótese nessa época. Fazia isso, porque eu achava que ainda era jovem, achava que era aquele cara pegador, então eu não estava nem aí. Minha vida era só farra e bebida, não queria saber de trabalhar, vivia do benefício que eu recebia.

Algo que me afeta até hoje é perceber o quanto as pessoas são preconceituosas, te olham em uma cadeira de rodas, acham que você não consegue ter uma vida sexual ativa, é claro que depende do tipo de deficiência. Em uma determinada situação, eu estava na caixa econômica para sacar dinheiro e sabe aquela situação que dá um apagão na tua mente e você

não consegue lembrar a senha? Pois é, isso aconteceu comigo, eu não consegui lembrar a senha, daí uma mulher gritou: sim, seu aleijado, preto, filho da p... eu já estava nervoso, piorou, comecei a tremer, a pessoa que estava comigo era branca, ela falou: você está falando com quem? A mulher respondeu: com esse aleijado aí. Ela disse: você sabia que você pode ser presa? Isso é preconceito, isso é discriminação! Tome cuidado com o que você fala, ele não está nessa cadeira de rodas porque ele quer ou porque ele quis, ele sofreu um acidente. Tome cuidado, porque eu não quero que aconteça isso com você, não olhe pra ele por ele ser cadeirante, ele é um cidadão, pai de família, trabalha e paga os seus impostos. Então, por favor, respeite! Ele vai demorar o tempo que for aqui.

Quando eu cheguei em casa, muito chateado, meus familiares questionaram porque eu não fui prestar queixa na delegacia? Então, parece que mesmo nos dias de hoje, a cor da pele ainda define alguma coisa e associada à deficiência piora ainda mais a situação. Parece que ainda hoje, o namoro “café com leite está proibido”.

Eu morava com a mãe do meu filho na época do acidente, depois do acidente voltei para a casa dos meus pais e em 2008 voltei com a mãe da minha filha, nós casamos, em 2010 nós fomos morar juntos e em 2012 nós nos separamos, porque ela era muito ciumenta, pra ela a cadeira de rodas era sinônimo de mulheres.

Um tio, em especial, me ajudou muito e sofreu muito com o que aconteceu, fomos criados como irmãos, mas ele é meu tio. Ele me tomou como um filho cuidou de mim em todos os momentos.

Minha vida modificou bastante aprendi que chances e oportunidades independentemente de você ter uma mobilidade reduzida ou uma deficiência ela não irá impedir você de trabalhar e namorar ou até mesmo constituir família. O meu sonho era ser árbitro de futebol, infelizmente isso foi interrompido porque eu estava em um estágio aqui em Macapá apitando vários campeonatos nas praças de esportes de nossa cidade estava com o nome bem elevado sobre todos esses campeonatos que apareciam por na cidade. A grande novidade foi minha entrada para a associação de deficientes físicos do Amapá onde tive oportunidade de conhecer vários esportes que pessoas deficientes podem praticar. Comecei treinando basquetebol em cadeira de rodas, mas, depois fiz natação, handebol em cadeira de rodas, badminton e bocha.

Logo em seguida entrei para o Conselho Estadual de direito das pessoas com deficiência, entrei como primeiro-secretário, em seguida me tornei vice-presidente do Conselho e hoje tenho um mandato até 2 de abril de 2018 como presidente eleito do Conselho da pessoa com deficiência. Vivo minha vida com intensidade aprendi que as chances e

oportunidades iriam aparecer de uma maneira onde eu poderia aproveitar meus conhecimentos.

Deus, acima de tudo me ajudou a conseguir enfrentar esta situação. A minha filha, minha família e meus verdadeiros amigos também. Hoje, minha namorada me ajuda muito também.

Ano passado quando a minha mãe faleceu, quem esteve na minha casa, no velório, pode perceber o tamanho da importância da minha família, a casa ficou pequena, tinha muita gente. Eu falei pra minha família: se vocês querem me culpar pela morte da mamãe eu quero que alguém se pronuncie. Porque eu me sinto culpado pela morte da minha mãe, porque depois do meu acidente, a saúde dela piorou, no dia que deram a notícia pra ela, não mediram as palavras, primeiro disseram que eu tinha falecido, depois teve a situação da amputação das pernas, para ela, principalmente, foi muito impactante. Quem conhece a minha família sabe da importância que ela representa na minha vida.

Eu tenho muito medo de morrer, os que já foram não voltaram pra dizer como é lá do outro lado. Então, eu tenho que cuidar muito bem dessa nova oportunidade que ele me deu. Eu acredito que eu sou um milagre de Deus. A sequela e o acidente representaram para mim fé, força, superação e muito trabalho. Hoje eles representam uma nova história de vida, muitas amizades e o que é mais impressionante as pessoas passaram a ter admiração por mim, porque não fui daqueles deficientes que se aproveitam da deficiência para eu chegar aonde eu cheguei hoje. Eu tenho uma superação, eu tenho uma força que vem lá de cima, porque assim, Deus me dando força, coragem eu tenho. E se você tem uma família que te apoie, amizades e respeito, você vai muito longe.

5.1.16 Familiar da Vítima 8 (tio)

Foi um choque muito grande pra família, foi terrível mesmo, eu me arrepio até hoje só de falar no assunto, já se passaram dez anos, mas até hoje eu penso, é uma situação inexplicável assim, mexe muito comigo.

Eu me considero vítima do acidente, com certeza, porque ficam as sequelas e principalmente o psicológico fica afetado.

Meu sobrinho, no dia 11 de março de 2006, ele acordou, tomou café e ele nem cogitava ira para o sambódromo ajudar a desmanchar os carros alegóricos. Mas, ai o vice-

presidente da escola de samba, na época, e infelizmente foi vítima fatal no acidente, chegou aqui em casa, já preocupado porque estava fazendo uma semana que havia acontecido outro acidente lá, um carro entrou por trás de uma ferragem e acabou provocando a morte de uma jovem, porque os carros alegóricos estavam parados no acostamento. Enfim, ele chegou e pediu ajuda, então meu sobrinho foi junto com ele ao sambódromo para ajudar, saiu bonzinho de saúde daqui de casa e eu fiquei em casa. Um amigo meu me convidou para irmos almoçar no Curiaú, eu aceitei, marcamos para ir às 13h.

Então, quando eu já estava de saída, meu compadre ligou, perguntou onde eu estava, eu disse que estava indo para o Curiaú, daí ele disse que havia acontecido um acidente no sambódromo, o carro alegórico havia encostado-se à rede elétrica de alta tensão e que inclusive já tinha vítima fatal, que era para eu ir ao Hospital de Emergência que o meu sobrinho estava sendo encaminhado para lá e poderia ser uma das vítimas fatais. Aí eu disse: Meu Deus! Voltei em casa, falei pra minha esposa, desmarquei o almoço e me encaminhei para o Hospital de Emergência, enquanto isso chegou à notícia que o meu sobrinho já estava no HE, vivo, porém se debatendo todo, ele estava muito grave e que o vice-presidente da escola de samba já estava morto.

Ficamos desorientados, desesperados, quando vimos o estado do meu sobrinho, eu olhava e dizia: meu Deus! Ele não vai sobreviver porque os pés dele estavam esfarelados, a sandália havaiana tinha grudado nos pés, não dava para identificar o que era pé e o que era sandália, tinha um buraco enorme nas costas dele, por onde saiu a descarga elétrica e um corte profundo na virilha, ele gritava e se debatia todo. Segundo um dos médicos que atendeu ele na época, o fato dele ser forte, foi que ajudou ele não ter ido a óbito, pois não atingiu nenhum órgão vital dele. Então, quando vi a situação, eu fiquei desorientado, sem saber o que fazer, liguei para avisar os familiares, aí começou o desespero na minha casa. Meu sobrinho foi para a sala de cirurgia, nosso amigo, vice-presidente da escola de samba foi para o necrotério. Enfim, foi um daqueles dias que você nunca espera que vai acontecer na sua vida. Estava programado fazer uma coisa e no final aconteceu essa tragédia, um amigo morreu e meu sobrinho ficou com essa sequela, teve que amputar as duas pernas.

A família toda ficou no hospital, a cirurgia acabou por volta das 19h, o médico informou que ele iria ficar na UTI e que deveríamos aguardar as 72h que representavam o período de maior risco de morte para ele. Passaram uma sonda vesical nele e com o tempo deu pra ter certeza que não havia ficado nenhuma sequela no órgão genital dele. Ficamos aguardando, vim pra casa para avisar a minha mãe, avó dele, mas que criou ele como filho, ela entrou em desespero, ela sofreu muito, minha mãe sofreu tanto que dois anos após o

acidente ela começou a apresentar os sinais de Alzheimer. Porque no período logo após o acidente, ela não comia, não dormia e dois anos depois ela começou a esquecer das coisas e só foi piorando cada vez mais. Ai foi constatado que ela estava com Alzheimer, ela adquiriu o Alzheimer como consequência de todo esse sofrimento. Então, uma das consequências também foi à mamãe ter adoecido, porque ela era boa de saúde, então tudo isso foi muito traumático pra nós. Eu acompanhei tudo de perto.

O psicólogo e os médicos chamaram a mãe dele, eu também estava lá e nos informaram que seria necessário amputar as duas pernas. Ai o choque foi muito maior, meu Deus! Meu sobrinho era muito jovem, saudável, jogava bola, não dependia de ninguém, era atleta, era arbitro de futebol. Ai quando eles nos deram a noticia... Meu Deus do céu! Foi terrível! Quando demos a noticia pra minha mãe, ela sofreu muito, dizia: poxa, meu filho nasceu normal, agora vai ficar deficiente. Meu pai sofreu muito também. Eu não sei o que passou na cabeça dele naquele momento, sei que ele deve ter sofrido, porque nós sofremos muito, foi muito triste pra toda a nossa família. Mas, eu sabia, desde o momento que eu vi as pernas dele, eu senti que não teria recuperação, que teria que amputar pelo menos uma perna, não esperava que fossem as duas. Mas. Só que a violência do choque foi tão grande que queimou as artérias das pernas dele, então não estava chegando sangue nas pernas.

Eu fiquei muito triste, preocupado de como seria a reação dele, fiquei preocupado com a minha mãe, meu pai, como seria quando eles vissem o meu sobrinho chegando sem pernas em casa. Foi um choque muito grande pra família, foi terrível mesmo, eu me arrepio até hoje só de falar no assunto, já se passaram dez anos, mas até hoje eu penso, é uma situação inexplicável assim, mexe muito comigo.

A nossa primeira preocupação era se ele iria se recuperar primeiro tínhamos que aguardar as 72h, depois ele acordou do coma, depois a preocupação era como ele ia aceitar a amputação das pernas e nós também, como nós iríamos aceitar, porque era uma situação nova, nós nunca tínhamos passado por uma experiência dessas, foi muito traumático. Nossa preocupação era como ele iria se adaptar.

Lembro que fomos a um programa de radio dar uma entrevista, e perguntaram para ele: Quais são as suas expectativas daqui pra frente? Ele respondeu: eu queria muito estar com as minhas pernas, mas tenho que agradecer que estou vivo, seria muito pior se eu não tivesse sobrevivido, eu vou ter que me adequar. Então, eu agradeço a Deus por estar vivo, por poder estar aqui contando a história. É uma experiência nova, eu vou ter que me adaptar a essa nova realidade. Porque agora vai ser um novo “Rogério” sem suas pernas, vou depender

muito das pessoas, mas eu vou me adequar, tenho certeza que com o tempo eu vou me acostumar e vou tentar aproveitar as oportunidades.

Tanto é que ele tira proveito das situações, ele é um cara, mais conhecido do que antes, viaja, participa dos eventos que envolvem os deficientes, é um homem conhecido no Estado todo do Amapá, é conhecido em boa parte do Brasil por suas ações nas causas dos deficientes. É uma pessoa muito importante, referencia aqui no Estado, então, de uma maneira ou de outra ele acabou realmente dando uma guinada de 360 graus na vida dele. Quando Deus fecha uma porta, Ele deixa uma janela aberta pra você, então, você tem que ter fé em Deus e acreditar que existe um Ser superior. Eu acredito que as coisas não acontecem por acaso, sempre tem uma razão de ser.

Mas, mudou a questão de estar mais presente, auxiliando mais. Por exemplo, o meu sobrinho, tinha assumido as rédeas da casa quando eu saí pra constituir a minha família, ele ajudava muito os meus pais e fazia tudo àquilo que era minha responsabilidade quando eu ainda estava em casa, então depois do acidente, eu tive que voltar a estar mais presente, eu continuo não morando mais na casa dos meus pais, mas vou lá todos os dias. Principalmente por conta do meu pai, minha mãe faleceu há um ano, mas quando ela estava viva, exigia muitos cuidados por conta do Alzheimer. Então, embora eu fosse presente, tive que ficar mais presente ainda porque tive que assumir um pouco mais, já que meu sobrinho não podia mais ajudar como antes. Então, a minha responsabilidade aumentou mais ainda, praticamente dobrou.

Ele tem uma filha, que na época do acidente era muito pequena, tinha três anos, então não foi fácil, minha mãe, como eu já falei sofreu muito, meu pai também. Meu irmão, que mora em Manaus, veio no final do ano em que aconteceu o acidente, quando ele viu a sequela ficou muito triste, foi impactante, chorou... Todos ficaram muito tristes, muito abalados. Mas, sempre agradecendo a Deus por ele ter ficado vivo, por ele ter se recuperado. Então, teve a recompensa por ele ter ficado com vida e saúde.

Quem ajudou você a lidar com essa situação primeiramente foi Deus, eu coloco Deus acima de tudo. Somos muito católicos, somos católicos praticantes, acreditamos em um Ser superior, que Deus criou o mundo e todos nós que estamos aqui e a cada dia Deus nos coloca a prova: você acredita em mim? Então, passe por essa prova. Então, é Deus que nos ilumina que nos dá força e é por isso que com equilíbrio, fé e força nós conseguimos resolver as situações com êxito. Então, com muita fé conseguimos superar os obstáculos, que não são fáceis não, eles são muito difíceis.

Tem gente que tem casa para morar, café, almoço e janta e que reclama de tudo, às vezes de coisas tão sem importância. Tem gente que embora passe por grandes necessidades não reclama, por exemplo, eu não vejo o meu sobrinho reclamar, ele tem é claro as limitações dele, que são maiores do que as nossas, mas eu não o vejo reclamar de nada. E isso é importante, porque mostra que ele já superou. E a gente tem que superar mesmo. E isso também ajuda a nossa família, nossa família, graças a Deus sempre foi muito unida nessas questões, um é solidário ao outro. Então, o apoio familiar ajudou muito, os amigos também ajudaram muito.

Ele fez fisioterapia no CREAP, fizeram duas próteses para ele, ele usou, chegou até a desfilar no desfile de 7 de setembro, porém, engordou muito e também deixou de fazer fisioterapia. O peso dele impossibilitou a continuar a usar as próteses. Então, eu cobro muito dele, para que ele emagreça, para que ele volte a usar a prótese, porque daí ele estaria andando normal. Porque daí, quem sabe mais pra frente ele trocaria as próteses, tem umas que permitem até a corrida. Eu vejo que faltou força de vontade dele para emagrecer. Agora na cadeira de rodas ele se adaptou muito bem, ele faz tudo na cadeira de rodas. Mas, é claro que no início demos muito apoio, hoje já é muito difícil ele pedir ajuda. Tanto é que já ficamos mais despreocupados com relação a ele viajar sozinho, andar pelas ruas sozinho, pois ele se adaptou bem a cadeira.

5.1.17 Vítima 9

Transformar a vida de alguém, porque a partir do momento em que o acidente não mata, ele pode na maior parte dos casos deixar uma sequela para o resto da vida e isso acaba transformando a vida da pessoa para sempre.

No primeiro momento entrei em estado de choque, tudo é novo. Fiquei pensando: como é que vai ser a minha vida? Como é que eu vou prosseguir? Nos primeiros momentos eu sentia dor e pensava poxa... Eu vou passar por uma cirurgia e como é que vai ser a minha vida depois? Eu pensava: será que eu vou ter uma vida normal? Será que eu vou conseguir ir para a escola? Será que eu vou poder viver normal? Essas eram as minhas principais preocupações. A minha família tentou amenizar essas minhas preocupações, eles diziam: você vai ter uma vida normal, você só vai ter que usar uma prótese, só vai ter que se adaptar, mas

você vai ter uma qualidade de vida normal, como tinha antes, só vai ter algumas limitações no cotidiano.

O acidente aconteceu por imprudência, um carro avançou a preferencial e atingiu a moto que eu estava, eu fui a mais atingida. Foi preciso amputar a minha perna abaixo do joelho do membro inferior esquerdo.

Foi difícil, foi muito difícil, mas assim, a minha família nesse momento foi essencial, principalmente uma tia minha que é deficiente visual, ela falava: minha filha, você vai ter uma vida normal, imagina eu que não posso enxergar, eu dependo o tempo todo de alguém. Então, isso me fortalecia, pois eu pensava, ela consegue viver, eu vou conseguir, pois a seqüela dela é bem maior do que a minha. Então, isso amenizou um pouco a minha dor, e ela me incentivou muito nesse momento.

Porque no momento que eu recebi a notícia que seria necessário a amputação, parece que um buraco se abriu na minha frente e algo dizia: você não vai conseguir! A tua vida agora vai ser ficar em uma cama ou vai ser uma vida em que você vai ser sempre dependente de alguém! Você não vai ser independente! Você vai ser sempre dependente de alguém! Eu pensei: vou ter sempre que precisar que alguém me ajude.

Meu pai e minha mãe ficaram bem piores do que eu, por incrível que pareça. Meu pai teve que tomar remédio controlado, ele não conseguia dormir a noite, ele passava 24h olhando para as pernas dele. A minha mãe entrou em estado de choque, mas na minha frente ela parecia estar mais forte do que o meu pai, meu pai ficou devastado. Na época do acidente eu morava com a minha mãe, só nós duas, pois meus pais são separados. O meu pai mostrava mais o seu desespero, a minha mãe se continha mais.

Foi difícil, não tanto pela dor física, mais pela dor psicológica, porque perder um membro e ter que aprender a lidar com aquela situação todo dia é bem difícil... porque é uma nova vida que se inicia, a gente tem que aprender a lidar com essa nova condição todos os dias, e esse processo todo é muito difícil. Então, essa situação me deixou muito triste e eu tentava esconder ao máximo essa tristeza, eu não deixava transparecer tanto. Então pra mim foi muito difícil no início, muito difícil mesmo.

No dia que eu fiz a cirurgia eu já estava um pouco preparada porque como só foram fazer a cirurgia 7 dias após o acidente, eu já estava vendo a perna necrosar. Nessa hora a família foi fundamental novamente, me dando apoio, dizendo que a minha vida seria normal, nós vamos te apoiar. Meu pai dizia que ia logo atrás de uma prótese para que eu não ficasse tão dependente de alguém. Foi difícil foi, mas deu pra superar logo, não fiquei tanto tempo deprimida.

No início pensei que minha vida fosse acabar afinal, eu nunca mais seria a mesma. As minhas expectativas eram de dificuldade, de que eu não iria conseguir fazer mais nada sozinha, ficaria sempre dependendo de alguém. Preocupava-me com a minha mãe, ela não estava indo ao trabalho por minha causa, pra cuidar de mim. Mas, minha família nunca me desamparou, eles sempre me deram palavras de conforto, de superação, de aceitação, com isso eu fui me fortalecendo. E assim, as expectativas foram mudando, com todo carinho que eu recebia fui me fortalecendo e assim, comecei a ver que poderia retornar a minha vida. Voltei à escola, lá também fui muito bem recebida, fui fazendo as sessões de fisioterapia para me preparar para receber a prótese. Mas, nesse início em casa, precisei de muita ajuda, tanto física quanto psicológica, e quem me forneceu tudo isso foi minha família.

Eu tenho muitas dores, principalmente nas costas, por conta da prótese, isso afeta muito a minha coluna. Por exemplo, tem dias que eu queria ir para a faculdade, mas por estar sentindo tanta dor, eu não sentia mais vontade de ir, não sentia mais vontade de fazer nada. A prótese é muito pesada, então eu tenho que fazer um grande esforço, o que acaba sobrecarregando a minha coluna, além disso, corre o risco da minha cirurgia abrir, pois quando a minha amputação foi feita, eles tentaram salvar ao máximo o osso, então o osso ficou praticamente colado na pele. Então, tem dias que eu amanheço com muita dor, sinto dor no coto, nas costas, então, quanto mais tempo usando a prótese, pior é. Eu não posso ficar direto usando a prótese, inclusive ela tem que ser trocada de tempos em tempos, porque com o tempo o nosso coto vai afinando e isso afeta a coluna, então eles recomendam que se troque a prótese justamente para não afetar a coluna, então isso pra mim é uma das piores situações que a sequela trouxe para minha vida.

Eu gostava muito de andar de bicicleta, hoje eu não consigo mais. Fui tentar andar de bicicleta e acabei caindo no mato. Eu sempre fui muito ativa, gostava de correr também, então, no primeiro momento isso me afetou muito. Agora não afeta tanto porque eu já participo de corrida, basquetebol, handebol, tiro. Há pouco tempo eu conquistei o primeiro lugar em uma corrida. Eu tentei prosseguir com a minha vida o mais normal possível. Eu gostava muito de fazer natação, hoje não posso, pois eu me sinto muito pesada.

Afetou por exemplo, minha autoestima, porque eu me sinto feia, quando eu visto alguma roupa que a prótese apareça, não fica legal, por exemplo, eu não usava bermuda, saia, vestido curto, porque me afetava muito. Afeta muito ainda, mas eu já consigo usar bermuda, saia.

Não gosto da forma como as pessoas me olham... Quando é uma criança não afeta muito, porque eu entendo que às vezes ela nunca viu, não sabe o que é. Mas, o adulto fica olhando, apontando, e isso me afeta muito, me incomoda muito de certa forma.

Eu fiquei traumatizada com o acidente de trânsito, penso que se eu sofrer outro acidente, não vou resistir, seria mais complicado de me adaptar, porque uma vez nós aguentamos, agora duas... Principalmente, se for uma sequela pior, perder uma perna, consegui superar, mas se for algo pior? Se for um braço? As duas pernas? Outro membro? Tenho medo, muito medo de sofrer outro acidente, penso logo que não vou resistir, acho que não conseguiria me reerguer novamente da forma como me reergui dessa vez.

A sequela afeta de muitas formas, desde o andar, correr... Uma vez aconteceu... foi até engraçado, eu fui andar a primeira vez com a prótese e eu estava com uma sandália, e eu não senti que eu perdi a sandália no meio do caminho, só fui perceber quando alguém na rua viu e me mostrou que eu estava sem sandália, essa pessoa foi até buscar a sandália para mim. Isso aconteceu porque a prótese é muito artificial, não tem como eu sentir. Essa situação foi até engraçada, mas e se fosse um tombo que eu sofresse por não sentir? Uma calçada fora do padrão... Subir escada se tornou um pouco mais difícil subir, na verdade eu tenho medo de subir escada.

Eu já sofri várias quedas em casa mesmo, Por exemplo, quando eu vou tomar banho, eu não posso tomar banho com a prótese, então, já cai varias vezes. Na hora de correr, todo mundo corre e esquece que eu não posso correr, já aconteceu isso também, já aconteceu de eu pisar na lama e não sentir e me sujar toda. Mas o pior mesmo pra mim é andar com a prótese, esquenta, machuca, eu tenho que usar uma proteção no coto que eu não estou encontrando aqui na cidade, é difícil de encontrar aqui só vende em uma farmácia, e já está em falta há três meses.

Eu comecei a usar a prótese um ano após o acidente, antes eu usava muleta, era bem mais complicado para fazer as atividades do dia a dia, a muleta também machucava os braços e ela não me permitia fazer muitas coisas, pois eu não tinha equilíbrio suficiente.

Com relação à escolaridade interfere se a escola não é adaptada ou se tenho que subir escada. Na faculdade que estudo o laboratório de informática fica no andar de cima, tenho que subir escadas.

Com relação a relacionamento amoroso interferiu de todas as formas possíveis, porque fazendo uma análise, o homem é muito visual, muito ligado ao corpo, então, o que chama atenção logo de início é o corpo. Então se tornou um pouco difícil no início, mas depois nem tanto. O homem é mais artificial e pra ele conhecer ele tem que ir a fundo. Mas,

depois me acostumei, mesmo porque eu já estou com a mesma pessoa há 7 anos. Eu não tinha namorado na época do acidente.

De maneira geral a sequela interfere um pouco na minha felicidade... As vezes me pergunto por que isso aconteceu comigo? Porque entre milhares de pessoas isso tinha que acontecer comigo? Essa é uma pergunta que eu me faço até hoje. Às vezes quando eu visto alguma roupa fica horrível por causa da prótese, tem dias que eu acordo assim... Mas acho que é do ser humano isso. Mas, na maioria das vezes eu sou feliz (ficou triste, com a voz tremula), eu esqueço tudo isso que eu vivi... Mas, interfere um pouco no meu cotidiano.

Às vezes a forma que a pessoa me olha na rua, isso me machuca, mas depois a gente aprende a não se importar tanto com o que as pessoas pensam. Eu tento sempre esquecer de todo o resto e lembrar somente que eu estou viva, que eu estou tendo uma nova oportunidade. E que várias vezes eu já falei pra algumas pessoas, você está vivo, está tendo uma oportunidade, mas a gente sabe que não é tão simples assim, que a sociedade não é tão receptiva com a gente, às vezes te olham diferente e isso já faz parte do nosso cotidiano, que às vezes eu não quero nem sair de casa, porque a sociedade não está preparada para nos receber, a começar pelas ruas, calçadas, elas não estão preparadas para nos receber. Então, às vezes isso é tão insignificante para a maioria, mas para pra pensar: eu sou deficiente física, imagina como é para um deficiente visual!

A gente não tem um local 100% adaptado, não temos ônibus adaptado e isso tudo interfere na nossa vida porque sempre que a gente tem que pedir ajuda para alguma pessoa e a pessoa vira a cara pra gente, como já aconteceram inúmeras vezes, então isso te torna infeliz e você analisa e diz: poxa! Eu não era assim, eu não nasci assim. E geralmente quando a gente encontra alguém muito receptivo é porque alguém da família é deficiente, na maioria das vezes. Porque não está muito no nosso cotidiano um deficiente físico ou visual frequentar a escola, então, em vários momentos nós somos excluídos.

A exclusão me machuca muito, eu me sinto excluída pela sociedade pela forma de olhar, a criança tudo bem, eu entendo que ela é curiosa, porque não é do cotidiano dela, então, muitas naturalmente perguntam: tia, o que foi que aconteceu? Ou ela cutuca a mãe para perguntar. Às vezes, os pais não levam a criança deficiente para a escola por medo da exclusão, medo do que possa acontecer com seu filho, porque as escolas não estão preparadas para receber os deficientes e os professores também não. Porque eu acredito que desde a faculdade eles já deveriam ser preparados para lidar com pessoas deficientes e eu acho que eles não recebem uma preparação específica para isso, o que eu acho muito errado, porque eu acho que deveria existir desde a faculdade. Hoje, o que eu vejo é que o professor se quiser

saber lidar com pessoas com deficiência, ele tem que fazer uma especialização ou curso depois que ele termina a faculdade. Então, nessas horas eu acredito que a exclusão é o que mais machuca, maltrata a todos os deficientes.

A exclusão na hora de ir para a escola, de pegar um ônibus, de ir para uma festa, porque às vezes não tem o espaço exclusivo. Por exemplo, recentemente eu quis ir a um show e me informaram que não havia espaço reservado para deficientes, teria que ficar no meio de um monte de gente. Eu liguei antes para perguntar se tinha espaço reservado, informaram que não, eu falei: como assim? Existe uma lei que garante o local reservado para deficientes, em qualquer evento, eu ainda falei isso para a pessoa que me atendeu, ela ficou de me dar retorno e não deu, não retornou a ligação, só me respondeu por mensagem, disse que ia me ligar cinco minutos depois e não ligou. Então, a sociedade é muito excludente.

Eu fui para o show mesmo assim, pra mostrar que tem ter o nosso espaço, tem que ter o espaço reservado para deficientes, tem que respeitar as diferenças, porque às vezes é nessas horas que a pessoa deficiente age errado, porque elas se excluem da sociedade, deixam de ir, como a sociedade as exclui elas deveriam na verdade mostrar que a sociedade precisa se adequar a ela. Mas, o que normalmente acontece é que elas preferem ficar em casa, ao ter que sair e enfrentar toda essa humilhação, mas é isso que está errado, porque a nossa sociedade tem que aprender a lidar com a pessoa deficiente.

Eu fui para o show e quando cheguei lá eu perguntei: onde fica o espaço reservado para deficientes? Eu liguei e a atendente me disse que não tinha, poxa moço! e agora como eu vou ficar? Mas, pra minha surpresa ele disse que tinha e me encaminhou para a área reservada, quer dizer, a pessoa que atendeu ao telefone não sabia e não teve nem a decência de procurar se informar e me dar um retorno. Eu tive acesso a essas informações porque eu participo da associação dos deficientes físicos do Amapá e lá nos fornecem várias informações. Logo no início, eu deixei de fazer muita coisa... Quando me convidavam para ir ao shopping, por exemplo, eu sempre dizia não, eu não sentia vontade de sair de casa. eu sentia vergonha, eu me sentia feia com qualquer roupa que eu usasse, pra mim aquilo era horrível, eu pensava, não vou sair de casa não.

Aos poucos eu fui aprendendo a lidar com a minha sequela, aos poucos eu fui aprendendo a aceitação. No primeiro momento eu não me aceitava, com o tempo eu consegui me aceitar, e foi um processo bastante difícil. Porque antes da gente pedir para a sociedade nos aceitar, nós temos que nos aceitar primeiro. E é o que não acontece às vezes. Eu usava somente calça comprida, não ia à casa de amigos. E olha que eu tive a sorte de na escola que eu terminei o ensino médio todos me ajudaram muito, tanto os professores quanto os alunos,

sempre foram muito receptivos, eles nunca me excluíram, eles sempre buscavam me incluir nas atividades. Essa escola realizava vários projetos ao longo do ano e eles sempre me chamavam pra fazer parte dos projetos, por exemplo, disputa de conhecimentos gerais, os professores me colocavam na matéria que eu mais me destacava, projeto de pintura, então, eles me chamavam, pois eu gostava de pinturas. Então, sempre eles buscavam me incluir, por mais que a estrutura não ofereça acessibilidade, mas os professores sempre buscaram fazer a parte deles.

Então, nessa época essa receptividade me fez muito bem, a forma como eles me olhavam, isso foi muito importante pra mim, todo mundo me conhecia, todos me ajudaram muito de alguma forma. Fizeram até uma rifa para me ajudar a custear alguns medicamentos. Isso me mostrou o quanto à sociedade tem que aprender na escola, pois a gente aprende em casa o nosso caráter, mas a escola pode contribuir muito na nossa formação, a nos mostrar a importância da inclusão social. Até hoje eles perguntam como eu estou, através do facebook, eles não foram só a minha escola, eles foram uma segunda família pra mim.

A vida principalmente da minha mãe mudou muito, porque a partir do momento que eu sofri o acidente ela teve que sair do trabalho para cuidar de mim, aliás, não foi nem sair do trabalho, ela passou tanto tempo ausente do trabalho, que cinco dias depois que eu voltei para casa, ela foi demitida e isso acabou afetando financeiramente a nossa vida. Ela acabou abrindo um negocio próprio e agora ela vive dele.

Mudou também a questão de ter mais cuidado... Por exemplo, quando ela limpava a casa eu tinha que ter cuidado para não cair, no início eu caia muito por causa do chão liso, tapetes, não podia mais ter em casa, então esses foram alguns dos cuidados que nós tivemos que ter.

A parte escolar, por exemplo, minha mãe teve que se adaptar aos meus horários, pois eu ainda estava cursando o ensino médio na época, e ela passou a ter que me levar e buscar na escola. Essa parte da escola os meus familiares também revezavam para ajudar a cuidar de mim. Um cuidava de manhã, outro a tarde e outro a noite, porque eles tinham medo que eu me machucasse durante o período de adaptação a nova vida. Então, a rotina de vida mudou muito e toda família teve que se adaptar para me ajudar, para cuidar de mim, logo no início, até eu me adaptar a minha nova condição.

A forma como a minha família me tratava, a palavras que eles me diziam, isso me deu muita força. Eles diziam que a minha vida não tinha modificado, que eu só tinha que me adaptar a minha nova condição, me adaptar a cada situação. A minha família foi essencial para cada passo da minha recuperação, foi essencial para tudo, tudo mesmo, para eu aprender

a lidar com a vida. Eu olhava para minha tia que é cega e dizia: poxa! eu tenho que me espelhar nela, não posso ficar dependente das pessoas, tenho que fazer a minha vida. Então, eles sempre foram meu espelho dizendo que eu poderia conseguir. Quando falo família, estou me referindo a minha mãe, minha tia e minha mãe de criação que é minha tia, ela é enfermeira e cuidou de mim o tempo todo após eu ter saído do hospital, fazia meus curativos, dava meus remédios, cuidou de toda essa parte do pós-operatório. Então, elas foram essenciais para que eu olhasse a vida de outra forma, para que eu pudesse me adaptar a essa nova realidade.

A sequela e o acidente representaram para mim renascimento, eu penso: saí do acidente só com uma sequela, eu poderia ter morrido... Foi uma benção porque nem todos tem a possibilidade de ter uma segunda chance. Então, pra mim representou uma segunda chance, uma segunda vida. Parece que eu fui à escolhida, sinto como se Deus tivesse me escolhido. Porque todos os dias acontecem acidentes, toda hora, em todas as cidades de todo o mundo e muitos não saem vivos, então me sinto escolhida por Deus, como se a minha missão nessa vida ainda não tivesse terminado.

Hoje, a sequela e o acidente representam (os olhos se encheram de lágrimas, a voz ficou tremula) Uma vida nova, uma nova possibilidade de ver a vida de outra forma, diferente de como eu via antes. Hoje eu vejo que nada é impossível, tudo a gente pode adaptar nada é impossível! Tudo é questão de aprender, porque às vezes as pessoas dizem você não vai conseguir! você não é capaz! Na faculdade eu ouvi isso de algumas pessoas, não dos meus amigos, eles foram muito legais comigo, mas algumas pessoas diziam: você não tem capacidade! e a gente sente isso, porque a gente não vê pessoas com deficiência no mercado de trabalho, nós somos muito excluídos nessas situações. Então, nessa questão eu acredito que a minha deficiência me mostrou uma nova maneira de viver, que nada é impossível, é só a gente aprender a viver e fazer as escolhas corretas para poder alcançar os nossos objetivos.

Eu gostaria que todas essas mortes no trânsito provocassem a mudança nas leis de trânsito. A lei é muito frágil para isso, então, algumas pessoas não pensam nas consequências, que podem tirar uma vida, elas só pensam: ah estou com pressa...ah vou avançar a preferencial, ninguém vai ver, vai ser rápido...então, a forma de pensar deveria mudar, deveríamos pensar mais nos outros. Porque parece que a morte no trânsito se tornou algo tão banal, tão sem importância... porque todos os dias morrem pessoas no trânsito, todo dia aparece no jornal e não acontece nenhuma mudança.

Temos que respeitar a vida, amar os outros, eu acho que essas mortes no trânsito mostram isso, que falta mais amor a vida, porque a partir do momento que uma pessoa bebe e dirige, ela sabe que pode matar alguém. Então, é como se a pessoa não tivesse amor a vida das

outras pessoas, não tivesse amor nem a própria vida e nem pensam na família, porque os que morrem não sofrem, mas aqueles que estão presentes ali no cotidiano da vítimas, esses sofrem muito, principalmente pai e mãe, que não estão preparados para uma perda tão repentina, então, eu acho que as leis de trânsito deveriam ser mais duras, porque assim talvez as pessoas comecem a respeitar. Já conseguimos identificar algumas mudanças nessas leis, agora estão mexendo no bolso, quem sabe assim, a sociedade aprende, porque na crise que estamos, mexer no bolso afeta qualquer pessoa.

Então, vamos parar para analisar, que pode acontecer com qualquer pessoa, um familiar... Será que a dor dos entes queridos... Será que transformar a vida de alguém, porque a partir do momento que o acidente não mata, ele pode na maior parte dos casos deixar uma sequela para o resto da vida e isso acaba transformando a vida da pessoa para sempre e às vezes, nem todas as pessoas estão preparadas para lidar com tamanha transformação na vida, como eu que acredito que superei rápido, mas e uma pessoa idosa? Que já tem suas limitações e adquirir outras por irresponsabilidade de outra pessoa! Essas questões eu parei para analisar. Poxa! Eu poderia não ter sofrido o acidente se aquela pessoa não tivesse avançado a preferencial. Ou muitas pessoas não tivessem bebido e dirigido sem pensar nas consequências, quantos acidentes não seriam evitados!?

5.1.18 Familiar da Vítima 9 (marido)

Nos adaptamos todos os dias, porque sempre surge algo novo, um novo desafio que nós dois temos que lidar e enfrentar.

Eu a conheci seis meses após o acidente. Pra mim ela era uma pessoa normal, só não tinha um membro e aí no modo dela agir e falar parecia que não existia nenhuma sequela, visualmente dava para perceber, é claro. Mas, passar o tempo com ela era normal. Eu sou cadeirante, ela é amputada, eu não conseguia vê-la como alguém diferente. Eu sei que para maioria das pessoas é normal essa situação causar um impacto, mas, meu olhar é diferente devido às dificuldades que eu tenho o que me permitiu desde o início ajudá-la. Mas, a força de vontade que ela sempre teve de querer voltar a ter uma vida normal ajudou muito. Eu acompanhei desde o início praticamente do pós-acidente e pude perceber que a cabeça dela foi mudando, porque existem pessoas que não aceitam a situação, porque eram de um jeito e de repente mudaram totalmente. Como eu já tinha a experiência, por ter ficado paraplégico

ainda na infância, a minha mentalidade é diferente, eu conheço as minhas limitações, eu sei o que eu posso e o que eu não posso ajudar. Como ela era muito jovem pude ajudar um pouco nessa aceitação, pude ajudar na questão psicológica dela.

Quando eu a vi a primeira vez, ela estava atrás de uma mesa, portanto, não pude ver que ela não tinha uma perna, mas eu já tinha a olhado com um olhar diferente. Somente no outro dia quando fui novamente ao encontro dela, foi que fui ver as muletas. Esse momento não me causou impacto, pois o jeito dela conversar, de interagir com as pessoas foi o diferencial, ela não era aquela pessoa que guardava rancor por ter perdido um membro e nem era uma pessoa fechada, mas sim, era uma pessoa que sempre estava com um sorriso no rosto, querendo conhecer pessoas novas. Porque têm deficientes, que não são amputados, que são cadeirantes que se fecham em um mundo só deles, que não querem sair de casa. Eu e ela buscamos mudar essa situação quando conhecemos pessoas assim. Porque não somos nós que temos que nos adaptar as coisas, são as coisas que tem que se adaptar a gente.

Nós começamos a namorar na transição da muleta para a prótese. Eu acredito que o fato de nós termos iniciado o namoro, de ela conhecer outras pessoas fez com que mudasse as expectativas dela, porque ela viu que não era só ela que tinha deficiência, daí ela começou a se comunicar com outros deficientes e depois voltou a se comunicar com pessoas sem deficiências. Daí ela passou a interagir com os dois lados, pois ela já não estava mais fazendo isso, porque ela tinha amputado a perna, achava que a vida iria acabar que ela não seria mais a mesma. Nesse período eu sempre falava para ela, que ela ia conseguir a prótese e a vida dela seria normal, a única diferença é que ela tem que colocar a prótese todo dia de manhã e quando chega em casa e vai descansar tem que tirá-la. Porque se você parar pra ficar se lamentando, se você quiser se fazer de coitadinho, tem muitos que fazem isso, mas a vida não para pra você. Nós dois somos diferentes, nós batalhamos para sermos alguém na vida, para alcançarmos os nossos objetivos. Eu digo para ela, nós somos um casal de deficientes que é diferente de outros casais de deficientes, porque nós lutamos pelas nossas coisas.

No início, eu tinha mais cuidados, porque eu não sabia o que podia e o que não podia fazer relacionado à amputação dela, onde podia pegar, bater, eu não sabia, porque eu não tinha noção de como lidar com uma pessoa amputada, então, no início eu tinha bastante cuidado. Com o tempo ela foi me ensinando onde era mais sensível, onde não podia bater, na área do coto que mais precisa de cuidados por conta da prótese. Hoje eu tenho noção do que pode acontecer.

Nós temos dificuldades no dia a dia, por exemplo, quando queremos sair de casa pra dar uma volta na praça, em um balneário, nós temos dificuldades, porque temos que ir de

ônibus ou pegar taxi e pra andar ela vai de prótese e eu vou de cadeira de rodas, o que atrapalha é a falta de transporte, é a falta de acessibilidade, por isso estamos batalhando para tirar o nosso carro, que se Deus quiser já vai sair amanhã.

Porque assim, a minha deficiência aconteceu quando eu era criança, passei seis anos em tratamento, então eu tive bastante tempo para me adaptar e lidar com a condição de deficiente. Nesse período além da minha família me dando apoio o meu pai contratou psicólogo para me ajudar para me acompanhar, por eu ser uma criança todos tinham medo que fosse abalar o meu psicológico, mas depois que eu ganhei a minha primeira cadeira de rodas, eu deixei de ficar o dia todo na cama ou na cadeira. A minha família sempre me apoiou, eu sempre fui uma pessoa positiva, desde criança sempre lutei, sempre batalhei.

E a vontade de querer construir uma família me ajudou. Eu sempre quis ter uma família com ela, dar do bom e do melhor pra ela, quero muito poder comprar uma prótese melhor pra ela, mais leve. Nós estamos batalhando por isso. Tudo no momento de Deus, nossas deficiências nunca nos impediram de planejar nossa família.

Eu a conheci após o acidente, então posso dizer que nos adaptamos todos os dias, porque sempre surge algo novo, um novo desafio que nós dois temos que lidar e enfrentar, por exemplo, agora que vamos ter um carro com certeza teremos que lidar com novos desafios. Mas, já nos acostumamos a essas adaptações, temos consciência que para nós a vida talvez seja um pouco diferente, mas sempre encaramos os desafios, não nos acovardamos. Temos limitações, então, buscamos enfrentá-las e buscamos alternativas para nos adaptarmos da melhor maneira possível e assim vamos vivendo.

5.2 MEMÓRIA COLETIVA

5.2.1 Sofrimento e Ruptura da Maneira de Viver

Os acidentes de trânsito são acontecimentos que ameaçam a vida, frequentemente resultam em lesão física às vítimas que sobrevivem e dependendo da gravidade pode resultar em sequela física incapacitante permanente, originando uma deficiência física. As vítimas primárias de acidente de trânsito que sobrevivem e adquirem uma deficiência física e as vítimas secundárias, seus familiares, vivenciam sofrimento físico e emocional com significativo impacto em suas vidas. A sequela obriga a uma ruptura com o modo de vida anterior ao acidente e as modificações exigidas por essa ruptura são experienciadas com dor,

tristeza, pesar, desespero e um misto de sentimentos negativos que fazem parte de todo sofrimento vivenciado por eles.

A dor física é relatada frequentemente, e em alguns casos, mesmo após muitos anos ela ainda está presente. Concomitante ressalta-se a dor emocional, psicológica, essa é sentida por todos, vítima primária e familiares. Talvez seja a mais preocupante, pois é detentora de um significado carregado de sofrimento, ela não pode ser medida, dificilmente pode ser evitada e talvez por isso ela seja a mais impactante, a que vai desencadear as principais modificações na vida de todos. O sofrimento da família perpassa a dor física, todos relatam o quanto sofreram e o quanto ficaram tristes, principalmente em decorrência da sequela.

“Ser vítima de um acidente de trânsito é muito triste, é uma situação ruim porque não sou como antes, não posso fazer as mesmas coisas que fazia antes, nem da mesma forma. Impossibilitou de fazer o que eu fazia antes, porque agora não tem como. Não consigo realizar movimentos completos, como flexionar meu joelho, entende? Ter sido vítima para mim a princípio foi desolador, por que eu me vi perdendo minha vida. V3

O momento em que fiquei sabendo que ela havia sofrido o acidente foi assustador e muito revoltante. Eu só pensava que não era justo com ela... uma moça com uma vida toda pela frente, cheia de sonhos... Então, eu fiquei em choque! Mas, o momento que nos deram a notícia que ela ficaria com a sequela foi pior.[...] foi de susto e negação! Mas, nos deram esperança que ela conseguiria retornar o que foi perdido. Mas, no começo eu não queria acreditar, na verdade até hoje não aceito muito bem, que ela tenha ficado desse jeito, com a perna toda marcada. É triste quando somos nós que passamos por isso.[...]” FV3

“Quando eu vi a minha perna a primeira vez com a sequela foi difícil, foi muito difícil. Porque eu sou uma pessoa que praticamente desde os meus quinze anos adquiri a minha independência, trabalhava para me sustentar, sempre trabalhei direto e lutando para ter uma vida digna e aí ver a minha perna nessa situação, tendo vontade de voltar a minha profissão e não poder é muito difícil.[...]

A impressão que eu tenho é que eu nunca mais vou voltar a ter a vida que eu já tive, mudou muito a minha vida.[...] V4

“Esse fato já tem quase sete anos e eu ainda me emociono.[...] porque meu irmão, na verdade, toda nossa família, sempre ganhamos a vida trabalhando, nunca precisamos de favores, nunca fomos família orgulhosa não, mas, nós nunca precisamos de favores, a gente sempre batalhou, e de repente o médico dizer que ele não seria mais a mesma pessoa e que realmente não é mais [...] No momento do acidente, quando o médico disse que mesmo que

ele se recuperasse ele ia ficar com sequelas, aquilo também foi um choque pra gente, que até hoje dói.

Eu não queria acreditar que... Eu vou falar o português claro: eu não queria acreditar que meu irmão ia ficar aleijado, eu não queria acreditar... até hoje eu ainda não consigo." FV4

A sequela é percebida como uma marca física, porém essa marca se estende ao psicológico. Dessa forma, seu impacto alcança não só a vítima primária, mais também seus familiares. Ela é a culpada pela ruptura de vida, e é a responsável por desencadear as aflições, dúvidas, receios, medos com relação ao futuro e dificuldades a serem enfrentadas. Não é algo que pode ser simplesmente esquecido, visto que ela é visível, é representada pela ausência de membros ou da capacidade de funções do corpo. Ela precisa ser encarada diariamente e, portanto, ela precisa ser enfrentada. A imagem corporal mutilada, representada pela sequela provoca um abalo e sofrimento sobretudo nas mulheres que frequentemente relatam grande sofrimento com diminuição da autoestima, da alegria e do prazer de viver, justificadas também pela impossibilidade de dançar, usar salto alto, desfilas e por considerarem que as roupas que deixam em evidencia a sequela as deixam feias.

Graças a Deus estou viva! Mas, minha beleza e autoestima eu perdi.[...] Foi uma experiência que mudou minha vida, foram momentos muito tristes, quase entro em depressão". V3

Quando eu vi pela primeira vez a perna dela eu fiquei sem querer acreditar. Não gostava muito de olhar também, por que ficou muito feio. Mas, pra mim foi um choque muito forte. Ficava me perguntando como seria a vida dela dali em diante? como iria trabalhar? Enfim, como iria levar a vida dela? normalmente não seria, e isso me inquietava demais. FV3

[...]Ai teve uma tarde que eu mesma olhando a minha perna também comecei a chorar... Pensei: meu Deus! essa minha perna está horrível! Até por questão de namoro, tudo isso me afetava... Ah... parecia que eu não ia mais conseguir... minha perna não está mais a mesma, ela está horrível! Todo mundo vai ficar me olhando, essas coisas... Foi essa a minha reação. Nesse dia eu chorei pra caramba!V5

Quando eu vi a sequela pela primeira vez fiquei um pouco sentido... ela é jovem, bonita, a gente fica preocupado, pois embora ela esteja bem, quando ela anda um pouco incha, é uma pessoa jovem saudável, que de repente tem sua vida mudada, não diminuiu 100%, mas diminuiu seus afazeres, suas possibilidades de divertimento... eu fiquei muito sentido por ela.FV5

A sequela é vivenciada com muito sofrimento, é vista como a principal modificação na vida, a responsável por transformá-los em outras pessoas devido aos seus aspectos de mutilação, de sacrifício necessário para continuação da vida, da destruição e roubo dos sonhos, das dificuldades enfrentadas, das mudanças bruscas na vida pessoal, profissional e familiar. Fica claro que, em alguns casos, ela impõe a dependência de outras pessoas, e isso acaba sendo frustrante e triste para quem levava uma vida ativa, estava no auge da juventude e subitamente se ver obrigado a depender da assistência alheia para realizar desde atividades simples e corriqueiras da vida. As limitações ficam em evidencia e tornam-se eixos desencadeantes de sofrimento.

O momento em que recebi a notícia que ficaria paraplégico, nossa... fiquei arrasado! Porque eu sempre fui muito ativo, trabalhador, namorador. E quando eu me vi ali, sem me sentir direito, eu fiquei em choque. Fiquei em choque total, arrasado. Eu sempre fui um homem forte, vaidoso, grande e vi minhas pernas finas, atrofiadas, foi desesperador na verdade. Pensava bastante também em como iria sofrer preconceito, discriminação. Demorei dias para imaginar como seria minha vida a partir da saída do hospital. Como iria sobreviver [...]V2

[...]sabia que seria muito difícil pra ele que sempre foi um homem viril[...]foi triste ver as pernas dele atrofiando [...]FV2

No momento que eu percebi que ficaria com a sequela veio logo o esporte na minha cabeça, eu era jogador de basquete aqui da capital, e veio logo a minha mente isso, eu não poderia mais jogar! Eu até fazia outras modalidades, mas o basquete era a principal, então eu pensei: meu Deus do céu! Ao esporte, adeus! E aí foi aquele sentimento de tristeza, parecia que tinham tirado o tapete por completo dessa vez. É você olhar para o nada, ver um vazio e não ver esperança, então foi muito complicado absorver essa situação.V6

Em algumas situações, principalmente nas deficiências mais limitantes, o acidente e a sequela são reconhecidos como ladrões de sonhos de uma vida, pois acontecendo em idade tão precoce, sendo tão limitantes e transformadores destroem as chances das vítimas concretizá-los. As vítimas percebem-se incapacitadas perante a sociedade pela incompetência de gerenciar a própria vida e pela imagem corporal que reflete a deficiência e acaba definindo quem elas são perante a sociedade, pois, tornam-se extremamente dependentes da família e perdem o papel social que tinham antes do acidente. Por outro lado a família também experimenta nesses casos, a desestruturação da sua vida, uma vez que precisa se dedicar ao cuidado da vítima em período integral. Essa rotina pode ser desgastante por conta do acúmulo de responsabilidades que se somadas a dificuldades financeiras podem aumentar ainda mais o

sofrimento da família, pois podem fomentar a vulnerabilidade social da família que pode passar a depender financeiramente exclusivamente do auxílio de outras pessoas ou do Estado.

Foi uma experiência que mudou minha vida [...]

Eu sei que poderia ter terminado muito mal, poderíamos ter morrido, e só por estar vivo já é bom, mas o acidente me roubou a realização de alguns sonhos... Digo sonhos, por que eu dançava muito, era reconhecida em bandas por fazer um bom trabalho, e hoje é algo que não danço mais, não posso, não consigo.V3

“Eu sinto uma tristeza por minha filha ser tão jovem, tão bonita e ter ficado assim. Agradeço à Deus por ela estar viva, mas, foi um susto na nossa vida, foi um choque muito forte. Nossa vida mudou completamente. FV3

[...] bate uma tristeza... porque percebo que acabou como uma parte da minha vida, vejo que uma parte da minha vida foi interrompida [...] V6

A vítima de acidente de trânsito que adquire uma deficiência física em decorrência do acidente sofre um impacto em sua vida que se estende além das sequelas físicas no corpo e suas transformações diretas na vida pessoal da vítima. Profissionalmente pode inviabilizar a entrada ou a permanência no mercado de trabalho de forma temporária ou permanente em decorrência da sequela, o que pode resultar em perdas econômicas e dificuldades financeiras, visto que frequentemente a sequela provoca um aumento nas despesas. Mesmo aqueles que por ventura tenham conseguido entrar ou voltar ao mercado de trabalho podem experimentar anos sem poder trabalhar devido ao longo período de tratamento envolvido na internação e reabilitação gerando um ônus pessoal, familiar e social.

[...]sou uma pessoa que praticamente desde os meus quinze anos adquiri a minha independência, trabalhava para me sustentar, sempre trabalhei direto e lutando para ter uma vida digna e ai ver a minha perna nessa situação, tendo vontade de voltar a minha profissão e não poder é muito difícil.[...]

Afetou financeiramente, pois quando eu trabalhava a minha renda não era de um salário mínimo, era bem mais que um salário mínimo. O que acaba afetando a questão psicológica também [...] Então, essa situação abalou de mais tanto o emocional quanto o psicológico, o lado financeiro, enfim, tudo, tudo.V4

[...] E saber que ele era um homem que podia estar em campo de batalha, em ação direta, até hoje eu sei que é difícil. [...]FV4

Em relação ao trabalho afetou em alguns pontos, porque no meu trabalho eu assumia varias funções, como trabalho braçal, eu chamava realmente a responsabilidade pra mim eu não ficava esperando que as coisas acontecessem, eu não ficava só mandando, eu ia

*lá e fazia. Então, foi dolorida essa parte, de eu pegar e deixar de fazer uma coisa que eu não pedia, eu fazia. [...] Então, eu ter que ficar pedindo pra fazerem algo que antes eu conseguia facilmente fazer foi dolorido pra mim. Mas, eu tive que ter a humildade para pedir, reconhecer que eu não consigo mais fazer certas coisas [...]*V6

*Financeiramente essa situação afetou muito a minha vida, pois na época tínhamos restaurantes em três navios, eu fiquei tomando conta de um e os outros larguei nas mãos dos outros, e foi muito difícil, porque eram três navios, eu tomava conta de um, só dava conta de um. O que o meu marido tomava conta ficou nas mãos dos empregados, porque ele teve que ficar acompanhando meu filho no hospital. Então, você pode imaginar como fica uma situação dessa [...]*FV6

Outro aspecto da sequela experienciado com sofrimento está relacionado diretamente à discriminação e ao preconceito da sociedade, principalmente com os que sofrem amputações, com os que passam a utilizar a cadeira de rodas para a locomoção e os que passam a depender de muletas e/ou próteses. Além de todo sofrimento envolvido diretamente a vivência de ter sofrido o acidente e a experiência de ter sua vida transformada drasticamente em decorrência à sequela, as vítimas ainda precisam lidar com o sofrimento da discriminação e do preconceito. Esse aspecto é percebido com grande impacto negativo na nova vida e frequentemente é vivenciado como uma fragilidade, com dor e revolta pelas vítimas e pelos que lhe são queridos. Essa dor é relatada e vivenciada e identificada como uma luta constante em suas vidas e motivo de constante sofrimento.

Não gosto da forma como as pessoas me olham... quando é uma criança não afeta muito, porque eu entendo que às vezes ela nunca viu, não sabe o que é. Mas, o adulto fica olhando, apontando, e isso me afeta muito, me incomoda muito[...]

*A exclusão me machuca muito, eu me sinto excluída pela sociedade pela forma de olhar das pessoas [...]*V9

Afetou bastante em todos os sentidos, porque até mesmo as pessoas, hoje em dia discriminam muito as pessoas com alguma deficiência, não querem nem saber a causa, o motivo nem nada! Outro dia eu estava aguardando consulta no hospital e uma mulher falou assim: ah! Ele vai ficar aleijado para o resto da vida! Aquilo causou um impacto muito forte em mim. [...] Ai quer dizer, as pessoas olham pra gente e discriminam, acham que a gente não pode mais ter uma vida normal [...] V4

O acidente de trânsito modificou completamente o que já fui um dia, ser vítima de um acidente de trânsito e ter ficado com sequelas, mudou o olhar das pessoas para mim, com sentimentos de pena, de dó, as pessoas me imaginam como se eu fosse um coitado, um

pedinte, até um mendigo, as pessoas relacionam as coisas, só pelo fato de ser cadeirante, já sou mendigo?V2

A sociedade através da discriminação e preconceito assume o papel de fomentadora de um sofrimento constante na vida das vítimas. As ações advindas da discriminação e do preconceito são tão agressivas quanto o próprio acidente, pois todas as vítimas relataram com profunda dor os vários episódios que vivenciaram relacionados a tais situações. E apontam tais eventos como causadores de dor e tristeza até hoje. E diferente da sequela que a maioria demonstrou encarar com aceitação, todos relataram que é muito difícil enfrentar a discriminação e o preconceito da sociedade. O quão doloroso é ser desrespeitado, ser olhado de forma diferente, ser condenado a uma vida de luta por respeito e valorização.

Observa-se que as vítimas com deficiência ao serem segregadas da sociedade, seja pela falta de acessibilidade, pela discriminação, pelo preconceito ou desrespeito humano, vivenciam um sofrimento que ultrapassa aquele decorrente da sequela, pois se deparam com impedimentos maiores do que os impostos pela deficiência para exercer sua cidadania, sendo muitas vezes privados de seus direitos.

[...] quando eu trabalhava no banco, eu ia trabalhar bem arrumada, maquiada. Uma vez ao sair do banco, eu pedi: moço, você pode me dá uma ajuda pra entrar no carro? Acho que ele só escutou até a palavra ajuda e foi logo dizendo não, ele achava que eu estava pedindo dinheiro. Você já pensou nisso? Tratou-me, como se eu fosse uma mendiga, com preconceito, só porque eu estava em uma cadeira de rodas. E o preconceito em todas as esferas, seja de raça, seja religioso, seja de gênero, qualquer que seja ele é algo que falta a humanidade evoluir, então o que eu espero não só para essa bandeira que eu defendo da acessibilidade a todos, isto é, que seja verdadeiro esse direito de ir e vir, porque, por exemplo, eu não posso ir e vir na minha rua, eu preciso de um carro pra “andar” nela, para andar pelo centro da cidade não tem uma calçada pra mim, não tem nada, ou eu enfrento a rua, com seus carros e posso me acidentar novamente ou tenho que ficar em casa. V7

Algo que me afeta até hoje é perceber o quanto as pessoas são preconceituosas, te olham em uma cadeira de rodas, acham que você não consegue ter uma vida sexual ativa [...] [...]Em uma determinada situação, eu estava na caixa econômica para sacar dinheiro e sabe aquela situação que dá um apagão na tua mente e você não consegue lembrar a senha? Pois é, isso aconteceu comigo, eu não consegui lembrar a senha, daí uma mulher gritou: sim, seu aleijado, preto, filho da p... eu já estava nervoso, piorou, comecei a tremer [...]V8

Tais situações demonstram a complexidade de fatores negativos envolvidos nas consequências dos acidentes de trânsito e apontam algumas de suas características poucos

estudadas, porém tão relevantes quanto o alto número de mortes constantemente mostrados na epidemiologia mundial. Percebe-se assim, a importância e relevância desse estudo ao explicitar tais aspectos do fenômeno.

5.2.2 O acidente de Trânsito como Renascimento

Para as vítimas o acidente de trânsito carrega um significado de extremo sofrimento e sentimento de que a vida mudou para sempre de forma drástica e inesperada. As vítimas primárias relatam que são forçadas a recomeçar, como um verdadeiro renascimento cercado de preocupações, temor em saber que nunca mais serão os mesmos e a certeza de que a nova vida reserva barreiras e dificuldades que exigem força e superação e que suas sequelas não podem ser usadas como desculpa, a nova vida não dispõe de facilidades para quem as tem.

Constatar que seus sonhos foram frustrados e que a partir do acidente precisam abandonar muitos aspectos da vida que viviam e até mesmo da vida que idealizavam gera medo e a sensação de que seu futuro foi roubado.

É claro que passei por momentos de tristeza, nós somos seres humanos, eu só tinha 18 anos quando sofri o acidente, tinha uma vida bastante ativa, tinha sonhos e a gente acaba idealizando muita coisa. Então, passei por momentos em que vinham pensamentos pra me deixar pra baixo [...] V6

[...] Outra coisa que mudou também, foi a nossa relação homem e mulher, mudou a relação mãe e filha. Filha e mãe com a minha mãe, mudou tudo! Mudou a visão de mundo, é uma outra vida. Essa é a frase: uma outra vida. V7

[...] Foi difícil, não tanto pela dor física, mais pela dor psicológica, porque perder um membro e ter que aprender a lidar com aquela situação todo dia é bem difícil... porque é uma nova vida que se inicia, a gente tem que aprender a lidar com essa nova condição todos os dias, e esse processo todo é muito difícil [...]

A sequela e o acidente representaram para mim renascimento [...] V9

[...] Fui obrigado a mudar de estilo de vida. [...]

[...] Mudou completamente a minha vida, o meu modo de ver a vida e de vivê-la [...]

[...] afetou minha vida de uma maneira muito negativa [...]

*Foi horrível, me roubaram diversões, enfim, foi a pior coisa que já me aconteceu [...]*V2

*[...] mas o acidente me roubou a realização de alguns sonhos...[...]*V3

O renascimento das vítimas é um período marcado por profundas mudanças e inquietações, onde existe a tristeza em saber que nunca mais serão os mesmos, existe o sentimento que uma parte de si morreu e de que é preciso construir uma vida nova com o que restou. As limitações ficam claras, evidentes, ganham vida. Sobretudo nesse período existe o temor de não conseguir ter uma vida digna, plena e principalmente existe o medo de que a nova vida seja profundamente infeliz. É um período de angustias e muitas dúvidas, entre elas destacam-se conseguir trabalhar, se locomover, se autocuidar e principalmente não se tornar um fardo para a família.

[...] eu vou passar por uma cirurgia e como é que vai ser a minha vida depois? Eu pensava: será que eu vou ter uma vida normal? Será que eu vou conseguir ir para a escola? Será que eu vou poder viver normal? Essas eram as minhas principais preocupações.

*No início pensei que minha vida fosse acabar, afinal eu nunca mais seria a mesma. As minhas expectativas eram de dificuldade, de que eu não iria conseguir fazer mais nada sozinha, ficaria sempre dependendo de alguém.*V9

*[...] quando eu casei, eu casei sabendo que eu tinha que fazer o meu marido feliz. Eu casei querendo que ele fosse feliz de todas as formas e quando eu percebi, quando caiu a minha ficha de que realmente poderia passar muito tempo com a sequela... Eu sempre falo assim porque eu ainda acredito que eu vou voltar a andar, então, eu pensei: meu Deus! pode passar 10, 20, 30 anos, sei lá... pode passar muito tempo. Ai eu lembro que eu cheguei com meu marido e conversei com ele... lembro que até disse pra ele: amor, eu casei pra te fazer feliz e eu acho que não vou conseguir te fazer feliz, principalmente como homem, porque a expectativa era que eu ia vegetar. Então, assim eu disse: eu te deixo livre para anular o casamento se você quiser. [...]quando caiu a minha ficha, me deu aquele frio na barriga, me deu uma desesperança.*V7

Eu estudava, praticava esporte, tinha meus horários completamente tomados, até para namorar tinha que ter horário, era bem ativo e eu sempre gostei disso. Aí de uma hora para outra você ver tudo isso parar e você fica ali com uma interrogação: meu Deus será que eu vou conseguir sair daqui? Será que eu vou melhorar? Como vai ficar a minha vida?[...]

O recomeço foi bem difícil, você fica sem o chão, poxa! aí vem as dúvidas: como vai ser agora? [...] V6 V6

A família vive esse período com uma tristeza velada, uma vez que eles reconhecem a importância de seu papel de apoio, ela assume a responsabilidade de ser luz na escuridão desse novo caminho, de ser corpo físico para o caminhar, para as adaptações necessárias. Mas, sobretudo a família é amor, aceitação, ombro amigo, abraço, carinho, mão estendida, palavra de ânimo, é silêncio, é palavra. A família é coração, é a principal responsável por manter as vítimas primárias com vida, com a fé necessária para o renascimento, para a criação de novos sonhos e para darem um novo sentido à vida.

[...] as palavras que ele falou pra mim, que ele usou foram fundamentais, ele disse que havia casado pra sempre, que seria na alegria e na tristeza, na saúde e na doença. Então, essas palavras me fortaleceram muito e naquele mesmo momento eu pedi perdão pra Deus, por estar fraquejando [...]

[...] eu creio que amor gera amor. Você se aproxima de Deus, Ele se aproxima de ti e de quem te cerca. Então, o meu marido me ajudou muito porque ele foi as minhas pernas, quando eu não podia andar, ele foi meus braços quando eu não os mexia, ele foi uma palavra amiga quando eu precisava, então assim, ele é ainda, talvez menos em alguns aspectos por conta da minha cadeira de rodas ser hoje motorizada. Mas, ele é essa pessoa [...] V7

Então, ela foi para Brasília, quando eu fiquei bom fui pra lá com ela. Quando eu cheguei lá os médicos perguntaram com quem ela ia ficar depois que ela saísse de lá? Eu respondi: ela vai ficar comigo que sou o marido dela. Isso foi sempre muito claro para mim, eu sempre tive certeza, nunca pensei diferente disso [...] FV7

[...] minha mãe foi sempre muito amorosa comigo, sempre com boas palavras pra me dar, sempre me incentivando com muito carinho, em todos os momentos, ela nunca deixou se quer um dia de me dá uma palavra de conforto, Nós sempre tivemos liberdade de falar aqui em casa, desde muito cedo conversávamos sobre qualquer assunto, não criaram a gente escondendo as coisas do mundo. E o amor fez uma grande diferença, porque muitos amigos que eu tenho que são deficientes e são revoltados, eu acredito que são revoltados porque não tiveram essa parte, faltou amor, faltou família [...] V6

[...] Eu coloquei amor no coração do meu filho, para que ele não tivesse raiva porque se você tiver raiva, você vai demorar a sarar, se você tiver ódio no coração. E assim, com amor saiu o ódio do coração dele, tudo de ruim que poderia ter, saiu, não ficou nada de ruim no coração do meu filho [...] FV6

[...] a minha esposa foi primordial na minha adaptação e mudança de vida, me deu forças e incentivos, pra dar a volta por cima, passamos muitas dificuldades na vida [...]

[...] eu precisei ajudá-lo a se readaptar a uma nova vida, a se aceitar como estava agora e se amar [...]

[...] eu sempre tive muito claro que eu precisava ajudá-lo a se estabilizar, se adaptar a nova condição de vida. Eu me sentia como as pernas dele, como a responsável por ajuda-lo a se direcionar na nova vida.FV2

[...] minha família nunca me desamparou, eles sempre me deram palavras de conforto, de superação, de aceitação, com isso eu fui me fortalecendo. E assim, as expectativas foram mudando, com todo carinho que eu recebia fui me fortalecendo e assim, comecei a ver que poderia retornar a minha vida.V9

[...] eu sempre falava para ela, que ela ia conseguir a prótese e a vida dela seria normal, a única diferença é que ela tem que colocar a perna todo dia de manhã e quando chega em casa e vai descansar tem que tirá-la, que ela iria trabalhar e estudar...[...] FV9

É possível observar que a sequela é frequentemente revestida pelo sentimento de sobrevivência, ela é compreendida como o mal necessário. Através dessa perspectiva percebe-se que as vítimas primárias e secundárias aceitam a deficiência, a mutilação, a transformação da sua vida, pois quando comparada a morte a sequela adquire um novo significado, o significado de renascimento, de benção, de milagre, de nova chance de vida. Porém, fica bem claro que essa resignificação e consequente aceitação só são adquiridas com o tempo o que nos permite afirmar que o período de sofrimento é longo e que para ser efetiva deve estar acompanhada de adaptação com qualidade a nova vida. Precisa também encontrar apoio no seio familiar, precisa estar presente em todos os envolvidos para ela ser plena.

Eu amputei as duas pernas abaixo do joelho. Eu fiquei muito assustado, já pensando no futuro. Eu entrei no centro cirúrgico inteiro, e sai de lá mutilado[...]

Quando eu me vi com a sequela a primeira vez, eu me assustei, porque por mais que eu soubesse que aquilo no futuro iria me fazer bem, de certa forma foi uma parte do meu corpo que foi tirada, que não existe mais. Mas, eu tive que passar por esse trauma e tive que superar a dor, tive que aceitar que de certa forma foi para o meu bem.

[...] Sei que muitos me olham na cadeira de rodas e sentem pena, mas poxa, gente! Eu estou vivo! V8

Lembro que fomos a um programa de radio dar uma entrevista, e perguntaram para ele: Quais são as suas expectativas daqui pra frente? Ele respondeu: eu queria muito estar com as minhas pernas, mas tenho que agradecer que estou vivo, seria muito pior se eu não tivesse sobrevivido, eu vou ter que me adequar. Então, eu agradeço a Deus por estar vivo, por poder estar aqui contando a história. É uma experiência nova, eu vou ter que me

adaptar a essa nova realidade. Porque agora vai ser um novo “Rogério” sem suas pernas, vou depender muito das pessoas, mas eu vou me adequar [...]

[...] todos ficaram muito tristes, muito abalados. Mas, sempre agradecendo a Deus por ele ter ficado vivo, por ele ter se recuperado. Então, teve a recompensa por ele ter ficado com vida e saúde.

[...] eu não vejo o meu sobrinho reclamar, ele tem é claro as limitações dele, que são maiores do que as nossas, mas eu não o vejo reclamar de nada. E isso é importante, porque mostra que ele já superou. E a gente tem que superar mesmo. E isso também ajuda a nossa família [...]

A nossa primeira preocupação era se ele iria se recuperar primeiro tínhamos que aguardar as 72h, depois ele acordou do coma, depois a preocupação era como ele ia aceitar a amputação das pernas e nós também, como nós iríamos aceitar, porque era uma situação nova, nós nunca tínhamos passado por uma experiência dessas, foi muito traumático. Nossa preocupação era como ele iria se adaptar. FV8

[...] eu penso: saí do acidente só com uma sequela, eu poderia ter morrido...[...]

[...] Foi uma benção porque nem todos tem a possibilidade de ter uma segunda chance. V9

[...] Mas, aí vem aquele pensamento: bem, estou vivo, ou você pega e reage ou você vai ficar se sentindo um coitado. E os pensamentos que vieram a minha mente foram: cara, reage! acorda! você está vivo, Deus te deu essa oportunidade, essa nova oportunidade de vida, então reage, acorda e vai para luta [...] V6

O momento em que fiquei sabendo que ele ficaria com um sequela eu aceitei porque ele estava vivo, eu agradei a Deus porque ele estava vivo. FV6

O acidente e a sequela representam com frequência as vítimas uma nova oportunidade de vida, de renascimento, uma benção, um milagre. Revelando uma nova experiência de vida cercada de fé e espiritualidade. Tais afirmações são justificadas principalmente na gravidade dos acidentes e consequentemente na gravidade das lesões e no confronto com a morte. Assim, é possível notar uma resignificação ao acontecimento permeado a tentativa de conforto e superação da realidade drástica do impacto do acidente e da sequela em suas vidas.

A sequela e o acidente representaram para mim um susto com impacto negativo, que atrapalhou bastante minha vida. Eu desfilava, eu dançava e amava dançar. E eu estudava ainda, então eu sabia que iria me atrapalhar na escola. Mas também representou um livramento de Deus, por que eu podia ter morrido. V3

As vítimas relatam que as drásticas transformações em suas vidas provocadas pela sequela lhe proporcionaram a oportunidade de ter um novo olhar sobre a vida, uma mudança na visão de mundo. O acidente de trânsito e a sequela criaram o desafio de buscar a felicidade em meio às limitações e dificuldades consequentes da sequela. Alguns aspectos foram destacados como fundamentais para a reestruturação da vida, como a importância e valorização da vida e da família, aproveitar da melhor maneira as oportunidades e não desistir da vida face às dificuldades enfrentadas. Não raro, alguns falaram com bastante alegria sobre a vitória da superação, da felicidade encontrada no seio familiar e do orgulho que vítimas e família sentem em suas histórias de superação.

[...] Mas, já nos acostumamos a essas adaptações, temos consciência que para nós a vida talvez seja um pouco diferente, mas sempre encaramos os desafios, não nos acovardamos. Temos limitações, então, buscamos enfrentá-las e buscamos alternativas para nos adaptarmos da melhor maneira possível e assim vamos vivendo. FV9

Hoje, a sequela e o acidente representam (os olhos se encheram de lágrimas, a voz ficou tremula) Uma vida nova, uma nova possibilidade de ver a vida de outra forma, diferente de como eu via antes. Hoje eu vejo que nada é impossível, tudo a gente pode adaptar nada é impossível! [...]

[...] Então, nessa questão eu acredito que a minha deficiência me mostrou uma nova maneira de viver, que nada é impossível, é só a gente aprender a viver e fazer as escolhas corretas para poder alcançar os nossos objetivos. V9

Eu tenho muito medo de morrer, os que já foram não voltaram pra dizer como é lá do outro lado. Então, eu tenho que cuidar muito bem dessa nova oportunidade que ele me deu. [...] Hoje, o acidente e a sequela representam uma nova história de vida, muitas amizades e o que é mais impressionante as pessoas passaram a ter admiração por mim, porque não fui daqueles deficientes que se aproveitam da deficiência para eu chegar aonde eu cheguei hoje. V8

[...] ele é um cara, mais conhecido do que antes, viaja, participa dos eventos que envolvem os deficientes, é um homem conhecido no Estado todo do Amapá, é conhecido em boa parte do Brasil por suas ações nas causas dos deficientes. É uma pessoa muito importante, referencia aqui no Estado, então, de uma maneira ou de outra ele acabou realmente dando uma guinada de 360 graus na vida dele. Quando Deus fecha uma porta, Ele deixa uma janela aberta pra você, então, você tem que ter fé em Deus e acreditar que existe um Ser superior. Eu acredito que as coisas não acontecem por acaso, sempre tem uma razão de ser. FV8

[...] eu aprendi a ser feliz assim. Antes eu achava que precisava muito pra ser feliz, após o acidente passei a valorizar mais a vida, percebi que com muito pouco você é muito feliz. Não precisa de muito não! [...]

Depois que eu passei por essa nova experiência de vida eu passei a dar mais valor a vida. V6

[...] O nome do meu filho é milagre, eu digo isso para todo mundo, meu filho é uma benção, é um amor de garoto, é uma pessoa maravilhosa, um homem trabalhador. E ele sempre foi assim, nunca se revoltou. O tempo todo alegre, conversando, sorridente, nunca blasfemou.

[...] Acredito que ele tinha mesmo que passar por isso, acredito que ele tem uma missão aqui. FV6

Um dos aspectos da mudança na visão de mundo tão presente no contexto de renascimento da vítima está voltado para o respeito às diversidades e principalmente para a defesa dos excluídos, o olhar para as necessidades coletivas foi apontado como fator de importante engajamento para as vítimas, ressaltando-se a importância de se colocar no lugar do outro, de valorizar a vida, o ser humano e a família.

Ter sido vítima de um acidente me fez também mudar meu olhar para com as pessoas excluídas da sociedade, como os gays, por exemplo. São pessoas que são julgadas pela população, e hoje vejo diferente, não julgo ou condeno. Ser vítima também, me fez aprender muitas coisas, pois eu encarei e encaro todas as situações, sem ter medo das dificuldades. V2

[...] eu vejo que a gente pode fazer muito pelo outro, pois, não é só dinheiro que vai resolver a vida da pessoa, a vida não se resume a ganhar sempre, a ter dinheiro... Então, as pessoas têm que ter essa percepção na vida de que a gente pode fazer algo pelo outro. V6

Destaca-se uma característica bastante peculiar do renascimento que assim como o nascimento é revestido por grande esperança, no renascimento há a esperança de que a situação possa se reverter, mesmo que aos olhos humanos seja muito difícil de acontecer. Essa esperança é compartilhada pela vítima e pela família.

Ainda preciso fazer a cirurgia, pois o fêmur não está solidificado e minha mãe tem o sonho de me ver livre da muleta [...] V6

Mas, eu tenho um sonho dele fazer a ultima cirurgia, para tirar a muleta dele, esse sonho eu vou realizar se Deus quiser. É o nosso sonho, ele largar a muleta. FV6

E até hoje eu ainda tenho fé, eu ainda acredito que eu vou voltar a andar, apesar de todas as circunstancias eu ainda acredito que vou voltar a andar. V7

[...] a gente sempre ouvia palavras de conforto de pastores, e eu recebia essas palavras com fé de que o milagre iria acontecer, ela iria levantar e andar, então, eu nunca me desesperei. FV7

5.2.3 Quotidiano Familiar Desestruturado

O impacto gerado pelo acidente de trânsito e principalmente pela sequela provoca invariavelmente mudanças no cotidiano familiar. As vítimas primárias, deficientes, necessitam de muitos cuidados, quanto mais dependente de cuidados da família a vítima for, maior será a necessidade de readaptação familiar, o que por vezes acaba sobrecarregando o tempo dos membros da família e provocando modificações importantes na vida da família. Muitas vezes os papéis sociais tem que ser trocados, a vítima primária perde seu papel social e direciona as necessidades que precisam ser sanadas. Frequentemente ocorre desgaste físico, emocional e econômico de toda família.

[...] No período que fiquei internada meus filhos ficaram com minha mãe, um tem nove e o outro tem sete anos e ele sofre muito, o menor é muito agarrado comigo. É difícil pra mim porque eu só, eu aguento sofrer, mas uma criança é muito triste, uma criança não quer se alimentar, não dorme direito, não melhora, todo tempo doente, tem que ficar levando ao hospital e é triste pra mim porque eu não queria que os meus filhos sofressem entendeu? Mesmo agora que estou em casa com eles é difícil, pois não posso cuidar deles, minha mãe continua cuidando deles e de mim. VI

[...] Já faz quase dois anos do acidente e ela ainda não voltou a andar, ainda depende da minha ajuda. Eu tenho que cuidar dela e dos filhos dela. Então, eu me sinto vítima do acidente também, eu e meus netos, pois eles sofrem também. FVI

A vida de toda minha família foi afetada, por que eles se revezavam pra ficar no hospital comigo. E Quando eu vim pra casa, não tinha estrutura pra mim. Por que a casa não tinha divisória (quartos, sala, cozinha), e meu quarto era lá em cima (subir escada sem corrimão), então não tinha condições pra eu ficar aqui. Tive que ir morar na casa dos pais do meu namorado, e a mamãe não gostava muito, foi o que nos abalou ainda mais. V3

[...] larguei minha casa e trabalho e ficava 24h no hospital. Desde então, minha vida é voltada a ajudar minha filha, ajudar nas necessidades dela. Por mais que hoje já sejamos habituados, afinal já se passaram três anos do acidente, ela já saiba se virar sozinha, ainda me preocupo com ela, procuro ajudá-la em tudo. FV3

A vida da minha família foi afetada também. Ontem mesmo estava conversando com meu irmão aqui em casa e ele me falou que tinha ficado muito preocupado com a minha situação agora lá em Belém, ele pensou: poxa! Meu irmão saiu daqui andando de muleta e agora está preso em uma cama, recebi a notícia que ele está mal em Belém sem poder mexer a perna, daí ele disse que ficou muito triste. Daí na semana seguinte, quando eu me senti melhor, liguei pra ele, dizendo que já estava melhor, então isso afeta a família toda.V4

Porque essa situação que aconteceu com ele me afetou muito, o ciclo da nossa vida mudou. Primeiro porque a gente se ajudava muito, quando ele precisava eu o ajudava, quando eu precisava ele me ajudava e hoje eu já não posso mais contar com ele, não que ele não queira, muito pelo contrário, ele tem vontade, mas não pode. Então, isso mudou totalmente a nossa vivência, mudou tudo! da minha família também. Hoje mesmo falei pra minha sobrinha que fica aos finais de semana com eles, eu disse vai lá e verifica a água dele, verifica lá a água dele, verifica se já acabou, traz o garrafão pra cá pra casa que eu dou um jeito de comprar. Não era necessário fazer isso, mas agora eu tenho que fazer, tudo mudou! Tenho muita preocupação, enfim, eu vou lá pra saber se eles já almoçaram, se não almoçaram o por que não? Eu vou a casa dele praticamente todos os dias, é uma preocupação diária. FV4

Os impactos dos acidentes de trânsito atingem drasticamente a vida das vítimas e seus familiares, nem todos os impactos são passíveis de quantificação, alguns não podem ser representados por números ou cifras, uma vez que não temos como mensurar quanto custa à dor da amputação, da tetraplegia, da paraplegia, da impossibilidade de dançar, da incapacidade de pentear o cabelo das filhas, de não poder andar de mãos dadas com a família. Não existe remédio, não existe cura para essas situações, não existe dinheiro que compre a vida das vítimas de volta. Como compensar a filha que nunca poderá ter o prazer de brincar com a mãe? Não há como proteger as vítimas da discriminação que sofrem por terem seus corpos mutilados. Por todos esses fatores mencionados, apenas afirmar que os acidentes de trânsito e suas sequelas causam grande impacto na sociedade não parece ser a proposição mais adequada para a alta capacidade de destruição de sonhos, de vidas, que os acidentes de trânsito causam na vida das vítimas e suas famílias.

[...] vou relatar alguns momentos que pra quem não tem deficiência podem ser simples, mas que pra mim são muito complexos: compras rápidas no supermercado, por exemplo: (quando eu falo sobre isso me dá até vontade de chorar, mas eu não vou chorar) você precisa ir comprar algo no supermercado e tem que ser rápido, aí a minha filha fala: vamos lá mãe, desce, desce! Ai eu fico olhando só eles três indo, entrando no supermercado

de mãos dadas, vejo várias famílias entrando assim. Ai, nesses momentos eu fico pensando: Deus, um dia eu vou fazer isso. Meu sonho é um dia fazer isso.

[...] Um dia a minha filha mais nova entrou no quarto e me disse: mãe, eu estava orando no meu quarto por você, pedindo a Deus que a cure, porque eu quero um dia poder brincar com a senhora, (imagina um filho teu te falando isso, é de chorar!)[...] V7

Outra situação: eu vejo as minhas filhas com os cabelos todo bagunçados, não são aquelas meninas que tem os cabelos todo arrumadinhos, então eu fico: ai meu Deus! Porque eu sempre quis fazer isso, eu sempre dizia, quando eu tiver uma filha eu vou pentear os cabelos dela, vou fazer penteados e eu não consigo fazer isso. Então, são essas coisas simples que ainda me deixam triste. V7

Afeta na minha felicidade, com certeza, afeta em tudo. Eu acho que o meu sofrimento maior não é físico, apesar de eu sentir dor na lombar, nos ombros, no pescoço, tenho crises de enxaqueca por conta de dor no pescoço. O meu psicológico é muito mais cansado, estressado. Nós dois já enfrentamos muitas batalhas, mas eu enfrento ainda, até hoje, eu ter visto a minha esposa mudar da noite para o dia, foi impactante [...] FV7

A vítima se vê mutilada, e embora, exista a possibilidade em alguns casos da utilização de próteses, a presença da prótese não extingue o atributo da deformidade, da ausência de beleza inerente a ela e conseqüentemente do sentimento de sofrimento e frustração de que apesar de ter nascido anatomicamente “perfeito” o acidente de trânsito mudou sua anatomia drasticamente e a partir de então é necessário conviver com a deformidade, com a deficiência.

Geralmente a palavra vítima quando empregada nos acidentes de trânsito refere-se com mais impacto aqueles que morrem, é possível que mesmo as vítimas que sobrevivem experimentem a morte do que já foram um dia, e mesmo o ser humano ser um todo pode existir a sensação de que uma de suas partes morre. Por isso, elas afirmam que nunca mais serão a mesma pessoa. O que incita alguns questionamentos: como medir o sofrimento de uma pessoa que precisa passar por tal situação? Como medir a dor de uma mãe que viu sua única filha aos 18 anos ter sua perna amputada? Como medir tamanho sofrimento? Como ajudar as vítimas? Porque não existem estudos sobre as vítimas sobreviventes? São situações complexas, não tem cura, contudo podem ser evitadas.

É evidente que os danos que as vítimas sofreram foram irreparáveis e as sequelas duradouras. Arrisca-se a afirmar que as vítimas e suas famílias sofreram as sequelas juntas. Talvez a única diferença seja que a vítima sofre a sequela física e a emocional e a família apenas a emocional. Porém, as conseqüências da sequela física são sentidas por ambas, pois a

mãe ou o pai que deixa de trabalhar devido a sequela incapacitante, tanto por ter sofrido a sequela como por ter que cuidar do sequelado causa um impacto econômico negativo em toda a família e gera dispêndio do governo com uma população em idade economicamente ativa, além dos custos altos com hospitalização e reabilitação.

[...] Eu tenho a minha vida pessoal totalmente abdicada para cuidar dela, e das minhas filhas. Eu não trabalho, não faço atividade física [...] FV7

[...] além dos conflitos psicológicos que eu enfrento diariamente do dia a dia, das dificuldades que nós temos na nossa casa, eu enfrento também como marido e mulher, porque às vezes eu fico com medo de ter me transformado em um cuidador e não estar suprindo o emocional dela, não estar suprindo as necessidades de marido e mulher. FV7

[...] A minha mãe surtou quando ela soube da sequela! Literalmente ela enlouqueceu, de verdade! Mas, hoje eu a entendo, como mãe, eu a entendo. Imagina você ter uma filha, perfeita e aí ela casa, sai de debaixo das tuas asas e em menos de um mês ela volta só mexendo os olhos e a boca, necessitando de muitos cuidados, então como era muito recente o meu casamento, a minha mãe pensou: ela não vai mais poder fazer nada, ele vai largá-la, porque isso é o mais provável de acontecer né! Então, eu vou fazer uma UTI na minha casa para cuidar dela.V7

O impacto negativo na economia familiar é um dos fatores identificados como motivo de extrema preocupação, sofrimento e um importante fator de risco para a vida familiar. As sequelas que limitam e/ou impedem o trabalho forçam ao recebimento do benefício, porém ressalta-se que o valor do recebimento não é suficiente para manter a qualidade de vida da família e consequentemente interfere nas possibilidades de adaptação a nova vida da vítima, compromete o futuro dos filhos e dificulta a manutenção da família.

[...] estamos passando por uma situação financeira difícil, pois meu marido deixou de trabalhar para cuidar de mim e das nossas filhas, estávamos vivendo apenas com o benefício que eu recebo, então, estava bem difícil. E como a minha mãe estava pagando aluguel, nós fizemos um acordo, ela e meu pai vieram morar conosco e em troca eles assumiram as despesas da casa. O meu benefício ficou para pagar a escola das meninas.V7

[...] Continuo dependendo financeiramente da minha mãe, coisa que eu não queria ficar dependendo da minha mãe, não queria depender de ninguém [...]

A vida dos meus filhos, principalmente, foi muito afetada, pois agora eles são praticamente criados pela minha mãe, a dificuldade financeira sempre afeta a família e nessa situação em que não posso trabalhar, apenas a renda da minha mãe não é suficiente para todos nós, comida, vestuário, água, luz...V1

Então, posso dizer que financeiramente afetou a família inteira, pois o que eu recebia dava mal para as minhas necessidades, desde o acidente tenho que dividir com ela e os filhos, quando ela estava trabalhando era ela que me ajudava. Mesmo ela recebendo esse benefício não dá, só não passamos fome, mas, outras necessidades, vez por outra temos que passar... já faltou para os remédios, para a luz...[...] FV1

Todos os familiares relatam significativo sofrimento, porém destacam que procuram não demonstrar a dor e tristeza, pois sentem-se com a responsabilidade de apoiar, de ajudar a vítima primária a enfrentar esse sofrimento. Percebe-se então, que a família se desestrutura e precisa também de cuidados, precisa também de uma rede de apoio, pois na maioria das situações ela precisa sofrer calada na tentativa de não intensificar a dor e tristeza da vítima primária.

Eu sei que ele não fala assim muita coisa pra não preocupar mais a gente, mas eu sei que até hoje ele não consegue, ainda aceitar tudo isso, eu também não, quando eu olho pro meu irmão e vejo ele nessa situação eu paro e me pergunto: “quem era meu irmão antes? E quem é ele hoje”? Então, é muito difícil. FV4

Minha vida foi muito afetada, o sonho de fazer medicina foi interrompido. Senti apenas o gostinho de ser acadêmico de medicina. Ao mesmo tempo em que eu me sinto feliz por ver a minha esposa bem, porque se eu não tivesse cuidado bem dela, ela não estaria bem, se eu tivesse ido embora, talvez ela nem estivesse viva, por mais que os pais dela a amem, eles não tem conhecimento médico para cuidar, e a mãe dela acha que tudo pode ser feito de qualquer forma, então eu sei que iria ter problema. Então, nesse sentido eu fico feliz de ter feito o meu melhor, eu abdiquei da minha vida, mas a minha família está aqui, inteira, estamos juntos. FV7

É muito importante para a família a superação e a maneira como a vítima primária reescreve a sua vida, eles ficam mais tranquilos e felizes se conseguem ver que a vítima primária consegue reestabelecer uma nova vida, com qualidade e empoderamento. Desta forma, quando a família observa que a vítima primária continua com dificuldades e tristeza no seu novo modo de viver, a família sente essa dor e tem dificuldade em aceitar essa nova vida. A família também precisa superar e se reestruturar, ela depende da resposta da vítima primária para tal.

[...] Na verdade, minha mãe/vó não aceita até hoje... Reagiu com muita tristeza, desespero, porque não sabia como ia ser minha vida dali em diante, isso a inquietava. V3

[...] no começo eu não queria acreditar, na verdade até hoje não aceito muito bem, que ela tenha ficado desse jeito, com a perna toda marcada [...] FV3

Agora eu consegui um emprego, vou começar na semana que vem, consegui praticamente, uma vaga para deficiente. Papai pede pra eu estudar pra concurso público, pra ver se eu entro em uma vaga de deficiente que é bem menos concorrido. Essa é uma vantagem, no caso.V5

[...] Temos a estimulado a estudar, trabalhar fazer algum esporte, crescer e amadurecer cada vez mais. E que ela vai ter que conviver com essa situação do melhor jeito que puder. No que depender de nós, seus pais, temos a expectativa de tudo que há de melhor nessa vida para ela, que ela vai conseguir. FV5

5.2.4 Esperança: Criando um Ambiente para dar Continuidade a Vida

Fé e Deus são citados como fundamentos da esperança para dar continuidade a vida. Apoiados no imprescindível papel da família na reestruturação da nova vida. Então, apoiados na tríade fé, Deus e família percebe-se uma nova vida surgindo. Não há como apagar a memória do que já foram um dia, a sequela física não irá embora, ela já faz parte da nova vida, ela já tem um certo valor.

O que me ajudou a enfrentar essa situação foi Deus em primeiro lugar, que sempre me guiou, orientou minhas atitudes [...]

[...] logo no período em que eu estava internado, eu conheci a minha atual esposa, e desde lá já veio me provando que o amor de Deus por mim era maior que tudo, que tinha ficado vivo era pra ser feliz.V2

O que me ajudou a lidar com essa situação foi o amor que sentimos um pelo outro, a força de vontade de vencer que ele sempre me passou, e a presença de Deus em nossas vidas.FV2

Os laços de amor e responsabilidade entre a família são tão fortes que são capazes de resistir a tanto sofrimento em prol do outro. É a mãe que precisa engolir o choro, brigar com a tristeza, pois sabe que não pode desistir, pois tem uma missão muito importante pela frente, criar seus filhos. É o filho que desde muito jovem assumiu os negócios da família, reconhece o valor da sua família e sabe que a família só é forte com o empenho e dedicação de todos, que em alguns momentos alguns precisam se sacrificar para o bem de todos, então ele reconhece que chegou a sua vez de ser forte para ajudar seus pais e irmãos mesmo sendo ele a principal vítima do acidente. É o irmão que utiliza muleta como um herói e consegue esconder sua tristeza em meio a palavras de conforto a seus irmãos. É a menina tão jovem que

teve que abandonar todos os seus sonhos sem ao menos ter tido a chance de realizá-los, porque teve uma de suas pernas amputadas com apenas 18 anos, mas que conseguiu através do amor de sua mãe e de seu marido se apoiar em uma prótese e assim encontrar um novo sentido para a sua vida.

Meu pai e minha mãe ficaram bem piores do que eu, por incrível que pareça. Meu pai teve que tomar remédio controlado, ele não conseguia dormir a noite, ele passava 24h olhando para as pernas dele. A minha mãe entrou em estado de choque, mas na minha frente ela parecia estar mais forte do que o meu pai, meu pai ficou devastado. Na época do acidente eu morava com a minha mãe, só nós duas, pois meus pais são separados. O meu pai mostrava mais o seu desespero, a minha mãe se continha mais.V9

É a mulher, recém-casada que encontrou em seu marido um pedacinho do céu na terra e assim busca a cada dia, mesmo só conseguindo mover o pescoço e com movimentos limitados dos braços ser amor e alegria para a sua família. É o homem viril encontrar sabedoria e dignidade através das limitações de sua cadeira de rodas. É a mulher bonita, apaixonada pela dança e pelas passarelas ter suas pernas desfiguradas, chorar pelo sonho que lhe foi roubado, mas encontrar no amor de sua mãe, seu marido e da nova vida que está em seu ventre a força necessária para prosseguir. É o menino, hoje homem que sonhava em se árbitro de futebol, ter suas pernas amputadas e encontrar em sua família o apoio necessário para se tornar um grande homem, cheio de sonhos, tão feliz por poder ajudar aos outros em sua cadeira de rodas. É a jovem, tão bela e responsável sentir a tristeza de ter sua perna deformada, sentir que um pouco da sua beleza e juventude foi roubada, não poder mais usar os saltos altos que tanto gostava, ter sua vida profissional adiada, afetada, encontrar no doce e espiritual amor de seu pai a segurança necessária para recomeçar.

Eu digo sempre ao meu marido: às vezes as circunstancias da vida pintam o meu mundo de cinza e você vem e colore o meu dia, com um gesto de carinho, com uma palavra amiga. Então, eu agradeço a Deus todos os dias a oportunidade de me permitir viver com a minha família, que pra mim é o meu tesouro, é o que eu tenho de mais precioso e que eu luto muito para que sejam felizes. E garças a Deus, Deus tem nos dado a oportunidade de conviver e aprender com todas essas limitações, tantas lutas, mesmo assim, Deus ainda me permite viver muitas coisas boas.V7

A forma como a minha família me tratava, a palavras que eles me diziam, isso me deu muita força. Eles diziam que a minha vida não tinha modificado, que eu só tinha que me adaptar a minha nova condição, me adaptar a cada situação. A minha família foi essencial para cada

passo da minha recuperação, foi essencial para tudo, tudo mesmo, para eu aprender a lidar com a vida [...] V9

É comum o entendimento social “a família é a base para a vida de qualquer pessoa”. Ao relatarem seus renascimentos às vítimas demonstraram que a família não é só a base, família é o elo mais forte que Deus mantém com a humanidade na terra, ela é a essência do verdadeiro amor de Deus. Só o amor existente entre os membros dessas famílias para explicar como as vítimas conseguiram enfrentar uma nova vida, cheia de limitações, sofrimento e deformidades com tanta esperança.

Uma coisa eu posso dizer, se não fosse Deus na nossa vida, eu não sei nem se a gente estaria junto ainda, porque não é fácil, não foi fácil e não é fácil. Tem dias que eu estou muito cansado, eu não tenho vontade nem de levantar da cama, que eu quero ficar quietinho, aí ela diz: eu tenho que fazer o cateterismo, aí eu levanto e faço, aí eu volto a me deitar ela diz: tenho que tomar meu remédio, aí pede pra eu ajeitar a perna dela, aí eu começo a me estressar. Mas, eu nunca pensei em abandoná-la, essa nunca foi uma opção, mas eu sei que o que me fortalece é Deus[...] FV7

A esperança sustentada pela tríade fé, Deus e família tem a capacidade de fortalecer, nutrir, amenizar memórias de experiências ruins, sarar feridas que aos olhos humanos parecem desencadear um sofrimento sem fim, tem a capacidade de cicatrizar a alma. Ela é alimentada por um amor tão profundo e genuíno capaz de deixar de lado seus próprios sonhos para amparar e cuidar do familiar vitimado, por isso, não há como não ser considerada uma vítima também, uma vez que vive todo sofrimento, passa por todos os períodos do tão necessário renascimento. Nesse processo ela desempenha papel ativo e fundamental, ela é o sustento, é a perna daquele que pela complexidade dos fatos perde muito mais do que a perna, perde muito mais do que os movimentos do corpo, pois as vítimas perdem a vida como a tinham até aquele momento, perdem uma parte do seu corpo e de sua alma. Precisam matar um pouco da memória do que já foram um dia para então renascerem com as limitações que agora lhe fazem ser quem são. A família é o sustento, é o alimento, é quem gesta a vítima como uma mãe gesta um filho.

A gente sempre se apega na fé porque se a gente for avaliar durante esses dez anos, se a gente for usar a lógica que em uma família que o marido teve que largar os empregos pra cuidar da esposa, como foi que eles chegaram 10 anos depois tendo casa, carro, duas filhas, uma adolescente, as duas estudando bem. Então por mais que nesse momento sejam os pais dela que estejam nos sustentando, eu não posso dizer que não é Deus. Talvez para uma outra pessoa que não tenha o entendimento espiritual das coisas, olhe e

diga: não, foi o fruto do teu trabalho, eles não pensam que Deus está induzindo isso que está acontecendo, nesse sentido, isso aumenta a minha fé, me deixa mais tranquilo, está dando certo até agora, então isso me traz certo conforto. FV7

Há a compreensão de que nós seres humanos necessitamos da graça e misericórdia de Deus e que em situações como essas fica claro nossa dependência e ao mesmo tempo o amor de Deus por nós, uma vez que todas as vítimas testificam esse amor através de suas famílias. O sofrimento e todas as modificações corporais provocadas pelas sequelas e a consequente exigência de transformações cognitivas que a acompanham são tão profundas e tão sobrenaturais que fica evidente a necessidade de uma força além das capacidades humanas. As vítimas não hesitam em denominar essa força, é Deus! Há um consenso entre as vítimas que o renascimento e o prosseguimento da vida só são possíveis através de Deus.

Eu posso dizer que a minha fé em Deus, a minha família e conselhos de algumas pessoas me deram forças para lidar com essa situação até hoje, por exemplo, a médica que me disse que eu deveria me esforçar ao máximo para não ficar dependente e também vendo no noticiário a situação de pessoas que estão em situação pior do que a minha e mesmo assim conseguem dar uma reviravolta na vida e voltam a ficar boas, eu não digo assim fisicamente, mas em outros sentidos. Tudo isso me dá forças para lutar. V4

[...] Deus é misericordioso e tem nos amparado e nos dado apenas situações que podemos lidar [...]

Na verdade eu posso dizer que eu não tenho capacidade pra lidar com uma situação dessas, se Deus não nos der graça, não temos condições. Só Deus tem nos ajudado. Primeiro que a gente nunca está preparado para lidar com uma situação dessas, principalmente assim de repente, ninguém nunca está preparado para isso, então, Deus tem nos dado graça, não é a minha capacidade de lidar com essa situação, assim também como sei que não é a capacidade do meu irmão, ele enfrenta porque tem que enfrentar e eu também, mas Deus está no centro de tudo.FV4

Eu acredito que eu sou um milagre de Deus. A sequela e o acidente representaram para mim fé, força, superação e muito trabalho. Hoje eles representam uma nova história de vida [...]

[...]Eu tenho uma superação, eu tenho uma força que vem lá de cima, porque assim, Deus me dando força, coragem eu tenho. E se você tem uma família que te apoie, amizades e respeito, você vai muito longe. V8

Quem ajudou você a lidar com essa situação primeiramente foi Deus, eu coloco Deus acima de tudo. Somos muito católicos, somos católicos praticantes, acreditamos em um

Ser superior, que Deus criou o mundo e todos nós que estamos aqui e a cada dia Deus nos coloca a prova: você acredita em mim? Então, passe por essa prova. Então, é Deus que nos ilumina que nos dá força e é por isso que com equilíbrio, fé e força nós conseguimos resolver as situações com êxito. Então, com muita fé conseguimos superar os obstáculos, que não são fáceis não, eles são muito difíceis. FV8

Discussão

A compreensão da experiência das vítimas de acidentes de trânsito e seus familiares numa perspectiva qualitativa permitiu aprofundar a temática em aspectos que vem sendo discutidos como importante problema de saúde pública, ainda não abordados em estudos publicados.

Os resultados do estudo revelaram que as vítimas primárias de acidente de trânsito que sobrevivem e adquirem uma deficiência física e as vítimas secundárias, seus familiares, vivenciam sofrimento físico e emocional com significativo impacto em suas vidas. A sequela obriga a uma ruptura com o modo de vida anterior ao acidente e as modificações exigidas por essa ruptura são experienciadas com dor, tristeza, pesar, desespero e um misto de sentimentos negativos que fazem parte de todo sofrimento vivenciado por eles

Adquirir uma deficiência em decorrência do trauma provocado por um acidente de trânsito é uma experiência marcada por extremo sofrimento e sentimento de morte da vida que se tinha até aquele momento, pois as vítimas afirmam que precisam renascer com a certeza que tiveram suas vidas modificadas para sempre e de tal forma que percebem que nunca mais serão como antes. A família experiencia todo o sofrimento e embora, não sofra a sequela, ela sofre as consequências da sequela e tem sua vida também modificada em vários aspectos em decorrências das exigências físicas e funcionais da deficiência.

Silveira⁽⁶⁶⁾ identificou em seu estudo como aspecto importante a ser avaliado, o estado emocional do indivíduo e de seu contexto familiar, que, de um dia para outro, passa da condição de atuante (em vários aspectos: profissional, social, escolar, religioso e afetivo) para a perda da autonomia e liberdades pessoais, o que provoca um impacto nas suas emoções e na sua percepção enquanto indivíduo.

Em nosso estudo identificamos que a nova vida apresenta muitas limitações, há a necessidade de adaptações e o caminho para alcançar as adequações necessárias é muito difícil, por vezes doloroso e necessita de apoio, isto é, não depende somente da vítima. Embora a adaptação seja natural ao ser humano, nesse caso é uma adaptação sempre imperfeita, principalmente do ponto vista anatômico e inevitavelmente traumática, sobretudo para o próprio indivíduo e sua família. A deficiência repercute expressivamente no estilo de

vida das vítimas e causa diversas transformações em sua vida, modificando sua relação consigo mesmo e com o mundo, exigindo reconstrução da sua identidade, por isso elas afirmam que a partir do acidente e da sequela permanente elas foram obrigadas a ter uma nova vida.

Os resultados reiteram evidências de estudos que indicam que o trauma quando ocasiona incapacidade física, leva o portador da incapacidade a desenvolver alterações psíquicas e mudanças no comportamento como reação à incapacidade física⁽⁷⁹⁾. É possível considerar que adquirir uma deficiência física abruptamente por um trauma decorrente de um acidente de trânsito é bem diferente de uma pessoa que nasce deficiente ou de uma pessoa que a adquire devido a patologias crônico-degenerativas. E justamente por não ser uma condição esperada, seus efeitos são extremamente impactantes, gerando desespero, negação e sofrimento⁽⁸⁰⁾.

No presente estudo evidenciou-se que por vezes essa situação é vivenciada pela vítima, mesmo após muitos anos do acidente e consequentemente da deficiência instalada como motivo de grande frustração e sofrimento, as vítimas se questionam o porquê do acontecimento em suas vidas e ao mesmo tempo tentam encontrar respostas na tentativa de amenizar seu sofrimento, algumas das possibilidades suscitadas são encontradas na religiosidade, na perspectiva de que através de seus exemplos de superação possam ajudar pessoas que sem qualquer deficiência reclamam de suas vidas e alguns acreditam que devido à gravidade de seus acidentes foram abençoados com a vida e mesmo que tenham ficado com a deficiência atribuem a condição de milagre a sua existência e assim conseguem aceitar a deficiência como benção, como a única possibilidade de sobrevivência.

Estudo indica que há uma infinidade de sentimentos envolvidos no processo de alteração do corpo e, portanto, de todo o existir, já que o corpo tem importância vital enquanto meio de inserção e relação com o mundo, pela percepção. E ainda, a pessoa quando se sente incapaz de cuidar de si mesma, tem afetada sua autoestima e autoconfiança, o que interfere diretamente no processo de aceitação e adaptação da situação⁽⁸¹⁾.

No presente estudo, o acidente de trânsito e a deficiência são percebidos como ladrões de sonhos e de alguns prazeres da vida. O trabalho, tão necessário para o sustento e para a própria dignidade pode lhe ser negado e o sofrimento de nunca mais poder exercer sua profissão é uma das condições imposta pela deficiência. As alegrias antes tão facilmente alcançadas através da dança, de usar salto alto, correr e jogar futebol podem não fazer parte dessa nova vida. O direito de ir e vir e a própria liberdade lhe são corrompidos. São grandes as perdas, uma perna, duas, uma perna e um braço, os movimentos do corpo ou a capacidade

de utilizá-los e os impactos gerados por tais perdas vão além do físico, alcançam de maneira assustadora o psicológico e ali se travam as maiores e mais difíceis batalhas.

Estes resultados são apontados por estudo que indica que a deficiência retira da vítima a capacidade de realizar algumas atividades prazerosas que antes do acidente eram realizadas tão facilmente, como dançar, praticar esportes e desfilar⁽⁸²⁾. No presente estudo, tais situações são geradoras de sofrimento e difíceis de serem solucionadas, algumas vítimas conseguem praticar esportes adaptados e relatam o contentamento por isso, mas, dançar, por exemplo, mesmo para aqueles que usam próteses se torna difícil.

O indivíduo acidentado, durante o período de reabilitação, tem prejuízo na vida produtiva, devido ao afastamento do trabalho durante o processo de recuperação, em uma sociedade onde o indivíduo é valorizado de acordo com sua produção e riqueza, recai sobre o indivíduo a imagem de inutilidade o que pode prejudicar sua qualidade de vida^(44,83). Steadman-Pare et al.⁽⁸³⁾ destacam a dificuldade de retorno ao trabalho pós acidente de trânsito como indicadores de prejuízo na qualidade de vida. Nesse contexto é importante destacar que algumas deficiências impossibilitam a inserção ou o retorno ao trabalho, portanto pode-se afirmar que existe comprometimento laboral das vítimas se não definitivo, mas em algum período do pós-acidente de trânsito. Não raro os familiares também sofrem interferências associadas com alterações nas atividades de trabalho, pois perdem o emprego ou o abandonam devido a necessidade de cuidar da vítima⁽⁸²⁾.

As histórias indicaram que a superação exige bem mais do que a capacidade de esquecer todo sofrimento, pois as sequelas são permanentes, não são apenas psicológicas, não fazem apenas parte do passado, de algum momento da vida, elas fazem parte do presente, elas definem a nova vida e o novo modo de viver. As vítimas, agora precisam lidar com os danos advindos do preconceito e da segregação impostos pela sociedade. Esses, talvez os únicos capazes de agravar o sofrimento gerado pela deficiência quase que diariamente e assim alimentar a dor de ter sua vida modificada e marcada fisicamente para sempre.

O corpo é um registro de lutas e dos embates vividos pelo homem, de um lado, influenciado pelas marcas da subjetividade e, de outro, constitui um campo onde surgem os desejos, os acontecimentos, onde a vida se processa, tornando a existência um conflito permanente⁽⁸⁴⁾. O corpo gera sensações, imagens, emoções, ele fala e se expressa. A deficiência tem a capacidade de alterar esse corpo e consequentemente registra fisicamente uma marca da batalha gerada pelo acidente e como consequência da batalha o sofrimento é a marca não física presente na subjetividade do corpo com impacto negativo na vida da vítima⁽⁸⁴⁾.

A deficiência adquirida pelas vítimas do estudo suscita implicações sociais, econômicas e biológicas, pois interfere no relacionamento consigo e com os outros, existe um custo elevado com tratamento e reabilitação, há a possibilidade de incapacidade para o trabalho e gera deformidade física, acompanhada por limitações físicas e funcionais. O corpo deficiente é forçado a se adaptar e algumas adaptações podem exigir a utilização de próteses, muletas, cadeira de rodas entre outros, sendo necessário um novo olhar que permita ampliar e pensar novos sentidos para esse corpo. Todos esses aspectos são vivenciados com sofrimento pelas vítimas, as quais encontram amparo para conseguir lidar com tal situação no suporte social, identificado pelas vítimas em Deus e na família.

Os resultados permitem a afirmação que o acidente de trânsito e a deficiência dele adquirida provocam alterações na estrutura familiar. A prestação de cuidados ao longo da vida de um adulto com deficiência física pode ter efeitos em longo prazo na economia, saúde e bem estar social das famílias⁽⁸²⁾. Nas famílias que apresentam em sua constituição um dos membros deficiente há uma maior possibilidade de enfrentarem dificuldades materiais, com maior sobrecarga financeira, associadas aos custos de tratamento e reabilitação e taxas de empregabilidade reduzidas, também existe maior probabilidade de ocorrência de problemas de saúde associadas a dificuldades de acesso a serviços de saúde, e menor participação social^(82, 85).

O papel da família no apoio às vítimas foi identificado no presente estudo como primordial e essencial para a continuidade da vida. Ao mesmo tempo em que é possível identificar que a família também é vítima e como tal precisa também de apoio e cuidados, os quais aparecem implicitamente negligenciados. Portanto, tem-se um comprometimento no suporte social das vítimas, o que nos permite a reflexão da necessidade, importância e relevância dos serviços de saúde oferecem tal suporte na perspectiva de cumprir o princípio do SUS da integralidade da assistência a saúde e também atender ao que é estabelecido na Política Nacional de Saúde da Pessoa Portadora de Deficiência aprovada em 2008 pelo Ministério da Saúde que estabelece diretrizes e responsabilidades institucionais, com vistas a criar condições para a reabilitação dessas pessoas.

O apoio social é apresentado na saúde coletiva como uma das ações relevantes para se promover e restabelecer a saúde e o bem estar⁽⁸⁶⁾ e representa uma alternativa para potencializar a ação de alguns profissionais que lidam com os problemas de saúde das coletividades⁽⁸⁷⁾. Nesse sentido, as ações dos profissionais da área da saúde ganha fundamental importância para a ampliação e a potencialização das redes de apoio social dos deficientes físicos.

Corroborando com o pensar um estudo sobre a qualidade de vida de vítimas de acidentes de trânsito apontou para a necessidade de investimentos em programas de reabilitação psicossocial especializados, que tenham por objetivo oferecer suporte social e psicológico e minimizar o impacto negativo dos acidentes de trânsito para o funcionamento psicológico e para a qualidade de vida das vítimas⁽⁸⁸⁾.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estamos no sétimo ano da década da década de redução dos óbitos no trânsito e as estatísticas não mostram redução nos números de acidentes, não se observam mudanças significativas de enfrentamento a problemática trauma, trânsito, sequela e família. O país continua perdendo jovens saudáveis, produtivos e pagando alto custo social por invalidez permanente.

Os deficientes são excluídos da sociedade e como tal, não são alvo de muitos estudos e pesquisas. Com esse estudo, chama-se a atenção da sociedade que o número de deficientes tem aumentado em decorrência dos acidentes de trânsito.

Partindo-se da concepção de que os acidentes de trânsito são em maior ou menor grau perfeitamente passíveis de prevenção tem-se a reflexão que todo o sofrimento e gastos envolvidos poderiam ser evitados, fato de grande magnitude se analisar-se que toda a população, sem exceções, está sujeita a sofrer um acidente de trânsito.

A prevenção nessa situação é muito complexa, pois não depende apenas do indivíduo, mas sim, das boas ações de toda a sociedade. Necessita da boa articulação de todos os fatores envolvidos no trânsito, quais sejam a via, os veículos e as pessoas. Mas, ao mesmo tempo a prevenção é simples, pois não depende de grandes tecnologias para ser executada, basta que cada um faça a sua parte.

A sociedade precisa ter o esclarecimento que o acidente de trânsito pode causar um impacto muito grande na vida do outro. Espera-se que através das histórias relatadas a pressa dê lugar a paciência, afinal o que são alguns minutos se comparados a uma vida toda? Que a alegria que muitos sentem através da bebida alcoólica não se transforme na tristeza personificada em uma prótese, uma cadeira de rodas, uma muleta ou em um sofrimento de uma família inteira.

As deficiências adquiridas pós-acidente de trânsito causam prejuízos no funcionamento físico, social e psicológico das vítimas. Provocam grande sofrimento às suas vítimas e frequentemente exigem grandes esforços para adaptação e enfrentamento das limitações.

As limitações físicas interferem na capacidade para o trabalho e também limitam as possibilidades de emprego. O que acaba levando as vítimas a viverem uma vida de necessidades financeiras e economicamente dependente da família, pois algumas tem que

viver com o benefício de um salário mínimo. A família por outro lado também sofre perda econômica e todos ficam mais vulneráveis.

A sequela acontecendo em uma idade tão jovem retira da pessoa a possibilidade de estudo e conseqüentemente um bom emprego. Mesmo os que conseguem voltar ao mercado de trabalho, a maioria das possibilidades disponíveis é em empregos de baixo escalão. Deve-se ter uma preocupação em auxiliar essas pessoas a serem inseridas no mercado de trabalho. O problema se intensifica se o acidentado for um dos cônjuges da família, pois na maioria dos casos o cônjuge é um dos principais mantenedores da família.

As vítimas enfatizam que contam com a ajuda de Deus e da família para lidar com a situação, mas nenhum deles mencionou ter contado com a ajuda do Estado. Percebe-se assim, que há necessidade evidente na assistência as vítimas de acidente da inclusão da assistência à família também, decorrente da impossibilidade de negligenciar o fato de que a família também é vítima do acidente, nesse caso, é considerada vítima secundária. Ela sofre e tem sua estrutura modificada repentinamente e assim, como a vítima primária, precisa também lidar com tais modificações e buscar formas de enfrentamento eficazes.

A capacidade de apoio, encorajamento e estímulo da família em situações tão complexas, permeadas de tanto sofrimento, mesmo sem contar com apoio científico da área da saúde e relatadas tão explicitamente pelas vítimas comprovaram ser tão importantes que arrisca-se a afirmação que se buscássemos e pautássemos nossas atuações de prevenção e promoção a saúde de uma maneira geral na família teríamos resultados mais próximos aos desejados. Talvez essa seja a maior contribuição desse trabalho, não só mostrar a importância da família para as ações de saúde, mas, identificar que somente através de seu correto cuidado, da dedicação de assistência e estratégias específicas à família e a partir da família poderemos realmente alcançar as mudanças tão desejadas no trânsito e suas tão terríveis estatísticas e conseqüências e de forma mais abrangente em todo contexto da saúde.

É importante deixar claro que tal afirmação não pode ser confundida com um programa de saúde ou uma estratégia genérica direcionada a família. A proposição é de reflexão de todas as ações de saúde, mesmo aquelas pensadas para o coletivo, mas que possuem em sua origem o apelo individual e na maioria dos casos são alicerçados nos problemas de saúde. As reflexões devem partir da necessidade de se trabalhar primeiro a família, dar prioridade, dar a verdadeira atenção que a família requer. Seria lançar mão do potencial e capacidade que a família comprovou apresentar no processo de enfrentamento dos impactos gerados pelo acidente de trânsito e suas sequelas e utilizá-los como ferramentas primordiais do processo de prevenção e promoção à saúde.

Através das histórias apresentadas no resultado desse estudo faz-se um convite à reflexão da rica possibilidade de crescimento que podemos experimentar por meio das histórias de luta e superação e principalmente de amor a família e a Deus. Que através dessas histórias as vítimas que estão passando pela situação possam encontrar apoio frente aos relatos de fé, força e superação e que nós, profissionais da saúde, nós professores, nós também vítimas dos acidentes de trânsito, nesse caso, vítimas de quinto grau, pelo estresse gerado por tudo que vemos, ouvimos e lemos sobre esses impactos, possamos pensar, criar e executar ações de suporte social as vítimas e suas famílias e principalmente possamos contribuir para a redução dos acidentes de trânsito e consequentemente de suas sequelas. Em especial, que possamos modificar nosso olhar e práxis ao incluir a família em nossa assistência.

Diante do quadro apresentado neste estudo, torna-se imperativa a proposição de ações assistenciais que possam aprimorar a atenção à saúde deste grupo específico com a especial e necessária inclusão da família. Tais ações podem ser mediadas, principalmente, pela atenção básica à saúde, com o objetivo de fortalecer e ampliar as redes de apoio das pessoas com deficiência física e seus familiares.

REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- 1 Santos AS, Fernandes ÉTA, Medeiros GDO. Trauma e Trânsito: perfil das vítimas de acidente no município de Macapá [monografia]. Macapá: Universidade Federal do Amapá; 2006.
- 2 Fernandes ÉTA. Trauma e Trânsito: identificação de diagnósticos de enfermagem relacionados à percepção das vítimas [monografia]. Macapá: Programa de Residência em Enfermagem - Governo do Estado do Amapá; 2009.
- 3 Rodrigues ÉTAF. Qualidade de Vida das vítimas de acidente de trânsito atendidas no Centro de Reabilitação do Amapá - CREAP do Município de Macapá. Macapá [Dissertação]. Macapá: Universidade Federal do Amapá; 2012.
- 4 Organização Pan-Americana de Saúde. Informe sobre segurança no trânsito na Região das Américas. Washington, DC; 2015.
- 5 Associação Nacional dos Transportes Públicos. Excelência na gestão do transporte e trânsito. Série Cadernos Técnicos da ANTP. 2013; (10)
- 6 Organização Mundial da Saúde. Classificação Internacional das Doenças, 10ª Revisão (Cid-10). São Paulo: Trad. Do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 2003.
- 7 Organização Mundial da Saúde. CIF: Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde. Trad. do Centro Colaborador da OMS para a Família de Classificações Internacionais. São Paulo: EDUSP; 2003.
- 8 Brasil. Ministério da Saúde. Política Nacional de Redução da Morbimortalidade por Acidentes e Violências: Portaria MS/GM nº. 737. Diário Oficial da União, Brasília, 18 maio 2001. Seção 1-E.
- 9 Melo Jorge MHP, Koizume MS. Sequelas visíveis de acidentes de trânsito: primeiros dados brasileiros. Rev ABRAMET. 2012;29(1):36-45.
- 10 Global status report on road safety 2013: supporting a decade of action. Geneva: World Health Organization; 2013. 318 p.
- 11 ANTP/CEDATT/IE. Proposta para o Brasil para redução de acidentes e segurança viária. Associação Nacional de Transportes Públicos. Conselho Estadual para Diminuição de Acidentes de Trânsito e Transportes. Instituto de Engenharia. Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011-2020, Resolução ONU nº 2, de 2009. 2011.
- 12 Cavalcante FG, Morita PA, Haddad SR. Sequelas invisíveis dos acidentes de trânsito: o transtorno de estresse pós-traumático como problema de saúde pública. Ciênc. saúde colet. 2009;14(5):1763-72.
- 13 ANTP/CEDATT/IE. Proposta para o Brasil para redução de acidentes e segurança viária. Associação Nacional de Transportes Públicos. Conselho Estadual para Diminuição de

Acidentes de Trânsito e Transportes. Instituto de Engenharia. Década de Ação pela Segurança no Trânsito 2011-2020, Resolução ONU nº 2, de 2009. 2011.

14 Observatório Nacional de Segurança Viária (ONSV). O Retrato da Segurança Viária no Brasil; 2015.

15 Setor de Estatística do Hospital de Emergência de Macapá-AP.

16 Brasil. Ministério da Saúde. DATASUS-SIM.Sistema de Informações sobre Mortalidade, 2014. Disponível na Internet: <http://www.datasus.gov.br/cgi/sim/dxopcao.htm>. Acesso em 07 jul. 2015.

17 Setor de Estatística do Batalhão de Policiamento de trânsito do Amapá (Bptran).

18 Almeida APB, Lima MLC, Oliveira Junior FJM, Abath MB, Lima MLLT. Anos potenciais de vida perdidos por acidentes de transporte no Estado de Pernambuco, Brasil, em 2007. Epidemiol. Serv. Saúde. 2013; 22(2):235-42.

19 World Health Organization . Global status report on Road safety: time for action, Geneva: World Health Organization; 2009.

20 Programa de Redução da Morbimortalidade por Acidentes de Trânsito: Mobilizando a Sociedade e Promovendo a Saúde. Rev. Saúde Pública. 2002; 36(1):114-17.

21 Ministério da Saúde (BR). Portaria GM/MS nº 687, de 30/03/2006. Institui a Política Nacional de Promoção da Saúde. Diário Oficial da União, Brasília, p. 138, 31 mar.2006. Seção 1.

22 Gawryszewski VP, Silva MMA, Malta DC, Mascarenhas MDM, Costa VC, Matos SG, Moraes Neto OL, Monteiro RA, Carvalho CG, Magalhães ML. A proposta da rede de serviços sentinela como estratégia de vigilância de violências e acidentes. Ciên Saúde Colet. 2006; 11(Supl):1269-78

23 Brasil. Ministério da Saúde. Portaria Interministerial nº 2.268 de 10/08/2010. Institui a Comissão Interministerial para acompanhamento da implantação e implementação do Projeto Vida no Trânsito. Diário Oficial da União, Brasília, p. 79,11 ago. 2010. Seção 1.

24 United Nations. General Assembly. Resolution A/ RES/64/255. Improving global road safety; 2010.

25 Plano Nacional de Redução de Acidentes e Segurança Viária para a Década 2011-2020 / Comitê Nacional de Mobilização pela Saúde, Segurança e Paz no Trânsito. - Proposta Preliminar - Brasília: Ministério das Cidades, 2010.

26 Sousa Filho AO, Xavier EP, Vieira LJES. Hospitalização na óptica do acidentado de trânsito e de seu familiar-acompanhante. Ver Esc Enferm USP. 2008; 42(3):539-46.

27 Macedo APFS, Oliveira LR, Buchalla CM, Scatena JHG. Características e deficiências de vítimas de acidentes de trânsito atendidas no serviço de referência para a reabilitação do Estado de Mato Grosso, Brasil, 2010. Ver Espaç. Saúde. 2014;15(4):21-33.

- 28 Melo Jorge MHP, Koizume MS. Acidentes de trânsito no Brasil: um atlas de sua distribuição. *Rev ABRAMET*; 2007;26(1):52-8.
- 29 Brasil. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto nº 3.298, de 20 de dezembro de 1999. Regulamenta a Lei nº 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências [texto na Internet]. Brasília(DF): Presidência da República; 1999.
- 30 Angelo M. Abrir-se para a família: superando desafios. *Farm Saúde Desenv*. 1999; 1(1/2):7-14.
- 31 Organização Mundial da Saúde. Classificação Internacional das Doenças, 10ª Revisão (Cid-10). São Paulo: Trad. Do Centro Colaborador da OMS para a Classificação de Doenças em Português. 2003.
- 32 Bacchieri G, Gigante DP, Assunção MC. Determinantes e padrões de utilização da bicicleta e acidentes de trânsito sofridos por ciclistas trabalhadores da cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. *Cad. Saúde Pública*. 2005; 21(5):1499-1508.
- 33 Gomes LP, Melo ECP. Distribuição da Mortalidade por Acidentes de Trânsito no Município do Rio de Janeiro. *Esc. Anna Nery R Enferm*. 2007; 11(2):289-95.
- 34 Malvestio MAA, Sousa RMC, Sobrevivência após acidentes de trânsito: impacto das variáveis clínicas e pré-hospitalares. *Rev Saúde Pública*. 2008; 42(4):639-647.
- 35 Pinto AO, Witt RR. Gravidade de lesões e características de motociclistas atendidos em um hospital de pronto socorro. *Rev Gaúcha Enferm*. 2008; 29(3):408-14.
- 36 Thielen IP, Hartmann RC, Soares DP. Percepção de risco e excesso de velocidade. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24(1):131-139.
- 37 Ladeira RM, Barreto SM. Fatores associados ao uso de serviço de atenção pré-hospitalar por vítimas de acidentes de trânsito. *Cad. Saúde Pública*. 2008; 24(2):287-294.
- 38 Modelli MES, Pratesi R, Tauil PL. Alcoolemia em vítimas fatais de acidentes de trânsito no Distrito Federal, Brasil. *Rev. Saúde Pública*. 2008; 42(2):350-2.
- 39 Moura EC, Malta DC, Neto OLM, Penna GO, Temporão JG. Direção de veículos motorizados após consumo abusivo de bebidas alcoólicas, Brasil 2006 a 2009. *Rev. Saúde Pública*. 2009; 43(5):891-4.
- 40 Ferreira TFA, NápolisACR, Lima CS, Araújo LC, Garcia CB, Lima PS, et al. Estudo da gravidade dos pacientes vítimas de acidentes de trânsito atendidos pelo hospital de clínicas de Uberlândia de Dezembro de 2005 a Março de 2006 segundo índices de trauma. *Biosci. J.*, 2009; v. 25, n. 2, p. 152-160.
- 41 Lima YEPO, Pereira CA, Melo CCR, Tonhá SDS, Oliveira VRC, Pinho FMO, et al. Comportamentos de jovens no trânsito: um inquérito entre acadêmicos de enfermagem. *Rev. Eletr. Enf*. 2009; 11(1):110-16.

- 42 Dall'aglio JS. Aspectos epidemiológicos dos acidentes de trânsito em Uberlândia, MG, 2000. *Biosci. J.*, 2010; v. 26, n. 3, p. 484-490.
- 43 Abreu ÂMM, Lima JMB, Matos LN, Pilon SC. Uso de álcool em vítimas de acidentes de trânsito: estudo do nível de alcoolemia. *Rev. Latino-Am. Enfermagem.* 2010; 18(Spec):513-20.
- 44 Dornelas LF. Uso da prótese e retorno ao trabalho em amputados por acidentes de transporte. *Acta Ortop Bras.* 2010; 18(4):204-6.
- 45 Caixeta CR, Minamisava R, Oliveira LMAC, Brasil VV. Morbidade por acidentes de transporte entre jovens de Goiânia, Goiás. *Ciência & Saúde Coletiva.* 2010; 15(4):2075-2084.
- 46 Debieux P, Chertman C, Mansur NSB, Dobashi E, Fernandes HJA. Lesões do aparelho locomotor nos acidentes com motocicleta. *Acta Ortop Bras.* 2010; 18(6):353-6.
- 47 Colicchio D, Passos ADC. Comportamento no trânsito entre estudantes de medicina. *Rev. Assoc. Med Bras.* 2010; 56(6):535-40.
- 48 Malta DC, Mascarenhas MDM, Bernal RTI, Silva MMA, Pereira CA, Minayo MCS, et al. Análise das ocorrências das lesões no trânsito e fatores relacionados segundo resultados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) – Brasil, 2008. *Ciência e Saúde Coletiva.* 2011; 16(9):3679-3687.
- 49 Montenegro MMS, Duarte EC, Prado RR, Nascimento AF. Mortalidade de motociclistas em acidentes de transporte no Distrito Federal, 1996 a 2007. *Rev. Saúde Pública.* 2011; 45(3):529-38.
- 50 Filho MM, Silva FM, Veiga VT. Acidentes de trânsito ocorridos antes e depois da legislação restrita ao consumo de bebidas alcoólicas. *Rev. Med Minas Gerais.* 2012; 22(3): 259-264.
- 51 Reiniger LO, Sousa RMCS, Nogueira LS, Costa ALS. Vítimas de ocorrência de trânsito submetidas a procedimentos cirúrgicos: características e intercorrência transoperatórias. *Rev. Esc. Enferm USP.* 2012; 46(Esp.):58-64.
- 52 Camargo FC. Vítimas fatais e anos de vida perdidos por acidentes de trânsito em Minas Gerais, Brasil. *Esc Anna Nery.* 2012; 16(1): 141-146.
- 53 Oliveira NLB, Sousa RMC. Fatores associados ao óbito de motociclistas nas ocorrências de trânsito. *Rev Esc Enferm USP.* 2012. 46(6):1379-86.
- 54 Sant'Anna FL, Andrade SM, Sant'Anna FHM, Liberatti CLB. Acidentes com motociclistas: comparação entre os anos 1998 e 2010. Londrina, PR, Brasil. *Rev Saúde Pública.* 2013; 47(3):607-15.
- 55 Jomar RT, Abreu AMM, Laus MM. Teste do etilômetro e opinião sobre a Operação Lei Seca em amostra de motoristas abordados na cidade do Rio de Janeiro-RJ, 2010 – estudo transversal. *Epidemiol. Serv. Saúde.* 2013; 22(1):121-128.
- 56 Almeida RLF, Filho JGB, Braga JU, Magalhães FB. Via, homem e veículos: fatores de risco associados à gravidade dos acidentes de trânsito. *Rev Saúde Pública.* 2013; 47(4): 710-3.

- 57 Neves ACM, Mascarenhas MDM, Silva MMA, Malta DC. Perfil das vítimas de violências e acidentes atendidas em serviços de urgência e emergência do Sistema único de Saúde em capitais brasileiras – 2011. *Epidemiol. Serv. Saúde*. 2013; 22(4):587-596.
- 58 Takiane J, Oliveira LG, Endo LG, Oliveira KCBG, Muñoz DR, Yonamine M, et al. Uso de anfetaminas por motoristas de caminhão em rodovias do Estado de São Paulo: um risco à ocorrência de acidentes de trânsito?. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2013; 18(5):1247-1254.
- 59 Lignani LO, Villeia LCM. Estudo descritivo sobre a morbidade hospitalar por causas externas em Belho Horizonte, Estado de Minas Gerais, Brasil 2008-2010*. *Epidemiol. Serv. Saúde*. 2013; 22(2):225-234.
- 60 Galvão PVM, Pestana LP, Spíndola MOP, Campello RIC, Souza EHAS. Mortalidade devido a acidentes de bicicletas em Pernambuco, Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*. 2013; 18(5):1255-1262.
- 61 Costa MJC, Mangueira JO. Perfil epidemiológico de ocorrências no trânsito no Brasil – revisão integrativa. *Sanare*. 2014. V. 13, n. 2, p. 110-116.
- 62 Françosa LA, Coates V. Repercussões sociais das sequelas físicas em adolescentes vítimas de acidentes de trânsito. *Adolescência e Saúde*. 2008;5(1).
- 63 Bastos YGL, Andrade SM, Soares DA. Características dos acidentes de trânsito e das vítimas atendidas em serviço pré-hospitalar em cidade do Sul do Brasil, 1997/2000. *Cad. Saúde Pública*. 2005; 3(21): 815-822.
- 64 Anjos KC, Evangelista MR, Silva JS, Zumioti AV. Paciente vítima de violência no trânsito: análise do perfil socioeconômico, características do acidente e intervenção do Serviço Social na emergência. *Acta Ortop Bras*. 2007;15(5):262–6.
- 65 Debieux P, Chertman C, Mansur NSB, Dobashi E, Fernandes HJA. Lesões do aparelho locomotor nos acidentes com motocicleta. *Acta Ortop Bras*. 2010;18(6):353-6.
- 66 Silveira JZM. Qualidade de vida e sequelas de acidentes de trânsito [dissertação]. Campo Grande: Universidade Católica Dom Bosco; 2011.
- 67 Azevedo GR, Santos VLG. Cuidador (d)eficiente: as representações sociais de familiares acerca do processo de cuidar. *Rev. Lat-Am Enfermagem*. 2006;14(5):770-80.
- 68 Pavelqueires S. Famílias: vítimas ocultas do trauma [tese]. Ribeirão Preto: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo; 2002.
- 69 Blumer H. *Symbolic Interactionism: Perspective and Method*. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, 1969.
- 70 Charon JM. *Symbolic Interacionism. An introduction, an Interpretation, An Integration*. New jersey: Pearson Prentice Hall. 2004.
- 71 Angelo M. Com a família em Tempos Difíceis uma perspectiva de enfermagem [tese livre-docência]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 1997.
- 72 Silveira AO. Buscando segurança para desenvolver suas competências: a experiência de

interação da família [dissertação]. São Paulo: Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo; 2005.

73 Richardson RJ. Pesquisa social: métodos e técnicas. 4ª ed. São Paulo: Atlas; 2008.

74 Minayo MCS. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 14ª ed. São Paulo: Hucitec; 2014.

75 Matheus MCC, Fustinoni SM. Pesquisa qualitativa em enfermagem. São Paulo: Livraria Médica Paulista; 2006.

76 Bernard HR, Bernard Harvey R. Social research methods: Qualitative and quantitative approaches. [Internet]. 2ª ed. California: Sage; 2013.

77 Meihy JCSB. Manual de História Oral. 5ª ed. São Paulo: Loyola; 2005.

78 Meihy JCSB, Holanda F. História oral: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto; 2007.

79 Anjos LD. Atendimento psicológico ao paciente lesado medular no Hospital de Medicina do aparelho locomotor. [monografia] Brasília: Hospital Sarah, 1991.

80 Santos LCR. Redimensionando limitações e possibilidades: a trajetória da pessoa com lesão medular traumática. [Tese de Doutorado]. São Paulo(SP): Escola de Enfermagem/ USP; 2000

81 Chini GCO, Boemer MR. a amputação na percepção de quem vivencia: um estudo sob a ótica fenomenológica. Revista Latino América de Enfermagem, Ribeirão Preto, v. 15, n. 2, mar/abr. 2007.

82 Ponte AS, Fedosse E. Lesão Encefálica Adquirida: impacto na atividade laboral de sujeitos em idade produtiva e de seus familiares. Ciência & Saúde Coletiva. 2016; 21(10):3171-3182.

83 Steadman-Pare D et al. Factors associated with perceived quality of life mam Years after traumatic brain injury. **Journal of Head Trauma Rehability**, v. 16, n. 4, p. 330-42, aug. 2001.

84 Liberman, F. O corpo como produção da subjetividade. Cadernos de Subjetividade - Dossiê: Corpo. PUC-SP, São Paulo, 5 (2): 371-383, dez, 1997.

85 Yamaki K, Hsieh K, Heller T. Health profile of aging family caregivers supporting adults with intellectual and developmental disabilities at home. Journal of Intellectual and Developmental Disability. 2009 ;47(6), 425-435

86 World Health Organization. The Ottawa charter for health promotion. Geneve: WHO; 1986.

87 Siqueira FCV, Facchini LA, Silveira DS, Piccini RX, Tomasi E. Barreiras arquitetônicas a idosos e portadores de deficiência física: um estudo epidemiológico da estrutura física das unidades básicas de saúde em sete estados do Brasil. CienSaude Colt 2009; 14 (1): 39-44.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

(Resolução 466/2012 CNS/CONEP)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Trauma e Trânsito: um olhar sobre as vítimas e seus familiares”. O objetivo deste trabalho é compreender e descrever a experiência vivenciada pela vítima de acidente de trânsito com sequela física permanente e seus familiares. Para realizar o estudo será necessário que o(a) Sr.(a) se disponibilize a participar de uma entrevista, agendada a sua conveniência. A entrevista será realizada em um local o mais privativo possível, com o mínimo de interferências, de comum acordo entre a pesquisadora e a família, tendo duração aproximada de uma hora. Para a instituição e para sociedade, esta pesquisa servirá como parâmetro para avaliar o contexto das vítimas de acidente de trânsito que ficaram com sequela permanente. Os riscos da sua participação nesta pesquisa são mínimos, pois será realizado apenas uma entrevista como técnica de coleta. Em virtude das informações coletadas serem utilizadas unicamente com fins científicos, sendo garantidos o total sigilo e confidencialidade, através da assinatura deste termo, o qual o(a) Sr.(a) receberá uma cópia.

O(a) Sr.(a) terá o direito e a liberdade de negar-se a participar desta pesquisa total ou parcialmente ou dela retirar-se a qualquer momento, sem que isto lhe traga qualquer prejuízo com relação ao seu atendimento nesta instituição, de acordo com a Resolução CNS nº466/12 e complementares.

Para qualquer esclarecimento no decorrer da sua participação, estarei disponível através dos telefones: (celular), (96)99135-4426. O senhor (a) também poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá Rodovia JK, s/n – Bairro Marco Zero do Equador - Macapá/AP, para obter informações sobre esta pesquisa e/ou sobre a sua participação, através dos telefones 4009-2804, 4009- 2805. Desde já agradecemos!

Eu _____(nome por extenso) declaro que após ter sido esclarecido (a) pela pesquisadora, lido o presente termo, e entendido tudo o que me foi explicado, concordo em participar da Pesquisa intitulada “Trauma e Trânsito: um olhar sobre as vítimas e seus familiares”.

Macapá, ____ de _____ de 20 ____.

Assinatura do participante

Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues
Universidade Federal do Amapá
Cel: (96)99135-4426
e-mail: eriktatiane@hotmail.com

APÊNDICE B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA GRAVAÇÃO DE VOZ

Eu, _____ depois de entender os riscos e benefícios que a pesquisa intitulada “Trauma e Trânsito: um olhar sobre as vítimas e seus familiares” poderá trazer e, entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados, assim como, estar ciente da necessidade da gravação de minha entrevista, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte. Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citada em garantir-me os seguintes direitos:

1. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
2. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
3. Minha identificação não será revelada em nenhuma das vias de publicação das informações geradas;
4. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
5. Serei livre para interromper minha participação na pesquisa a qualquer momento e/ou solicitar a posse da gravação e transcrição de minha entrevista.

Macapá, _____ de _____ de 20____.

Assinatura do participante

Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues
Universidade Federal do Amapá
Cel: (96)99135-4426
e-mail: eriktatiane@hotmail.com

APÊNDICE C – FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome: _____ DN: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Telefone: _____

E-mail: _____

Tipo de sequela/incapacidade:

Data do acidente:

DADOS PESSOAIS

Idade: _____ Sexo: ()F ()M

Est. Civil: () cas () desc () solt () viúvo () outro

Ocupação Anterior: _____ Ocupação Atual: _____

Religião:

Escolaridade:

Tipo de lesão e região do corpo acometida:

DADOS FAMILIARES

Quem são as pessoas que fazem parte da sua família?

Nome

Idade

ocupação

APÊNDICE D - Roteiro de Entrevista para a Vítima

Focos: o que é ser vítima e a adaptação à vida após o AT

Início: Conte-me sobre a experiência de ser vítima de um AT

1. O que é ser vítima de um AT?
2. Como foi para você a experiência de ter sofrido um acidente de trânsito?
3. Quais foram as causas do AT ?
4. Qual foi a sequela do acidente?
5. Como foi para você o momento em que recebeu a notícia que ficaria com uma sequela, incapacidade permanente?
6. E sua família como reagiu?
7. Como foi para você quando se viu com a sequela pela primeira vez?
8. Fale-me um pouco das expectativas que você tinha, quando estava internado, sobre como seria quando você retornasse para casa?
9. Fale-me um pouco sobre como esta situação afetou a sua vida. (Em relação à escolaridade; trabalho; práticas esportivas; amizades; relacionamento amoroso; relacionamento familiar; felicidade Alguma outra coisa)
10. E a vida da sua família, como foi afetada?
11. Como foi/tem sido a adaptação à vida após o acidente? (o que mudou, o que foi interrompido, o que surgiu de novo)
12. O que você ou quem ajudou a conseguir enfrentar esta situação?
13. O que a sequela e o acidente representaram para você?
14. O que a sequela e o acidente ou representam, hoje pra você?
15. Você gostaria de comentar alguma coisa que eu não perguntei?

APÊNDICE E - Roteiro de Entrevista para o Familiar

Focos: o que é ser também vítima e a adaptação à vida após o AT

Início: Conte-me sobre a experiência de ser vítima também de um AT

1. O que é para você ser também vítima do AT?
2. Como foi para você o momento em que ficou sabendo que seu familiar sofreu um acidente de trânsito?
3. Como foi para você o momento em que recebeu a notícia de que seu familiar ficaria com uma sequela permanente?
4. Como foi para você quando viu seu familiar com a sequela pela primeira vez?
5. Fale-me um pouco das expectativas que você tinha, quando seu familiar estava internado, sobre como seria quando ele retornasse para casa?
6. Fale-me sobre como essa situação afetou a sua vida?
7. E a vida da sua família, como foi afetada?
8. O que ou quem ajudou você a lidar com essa situação?
9. Como está sendo a adaptação À vida após o AT?

ANEXOS

ANEXO A – APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPÁ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

CERTIFICADO

Título da Pesquisa: TRAUMA E TRÂNSITO: um olhar sobre a vítima e seus familiares

Pesquisador Responsável: Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues

Versão: 2

CAAE: 56172916.9.0000.0003

Submetido em: 01/06/2016

Instituição Proponente: FUNDACAO UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAPA

Situação da Versão do Projeto: Parecer Consubstanciado Emitido (Aprovado)

Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável

Certificamos que o Projeto cadastrado está de acordo com os Princípios Éticos na Experimentação Humana, adotados pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP, e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), em reunião realizada em 30/05/2016.

Data para apresentação do relatório no CEP-UNIFAP: 03/02/2017

Macapá, 02 de junho de 2016

Raphaelle Souza Borges
Comitê de Ética em Pesquisa
Portaria 051/2015

Prof.^a. Msc. Raphaelle Sousa Borges

Coordenadora - CEP-UNIFAP

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa/PROPESPG

Portaria nº 051/2015

Universidade Federal do Amapá
Comitê de Ética em Pesquisa – CEP - UNIFAP
Rod. JK km 2, Marco Zero CEP 68908-130 – Macapá – AP - Brasil
Email: cep@unifap.br

ANEXO B - CARTA DE ANUÊNCIA DO CREAP

CARTA DE ANUÊNCIA DO CENTRO DE REABILITAÇÃO DO ESTADO DO AMAPÁ - CREAP

Macapá, 10 de Maio de 2016

Prezados Senhores,

O projeto de pesquisa TRAUMA E TRÂNSITO: um olhar sobre a vítima e seus familiares, a ser realizado nas dependências do Centro de Reabilitação do Estado do Amapá – CREAP, cujo pesquisador responsável é a Professora Mestre Érika Tatiane de Almeida Fernandes Rodrigues, foi considerado exequível pela direção Centro de Reabilitação do Estado do Amapá – CREAP.

Esclarecemos que este documento se refere à anuência dada pela área para a possível realização do estudo, o que não autoriza o início da pesquisa, devendo o pesquisador aguardar a aprovação pelo Comitê de Ética, para tanto.

Atenciosamente,

Assinatura (e carimbo) do Responsável pela Área

Gabriela Taís Brito da Silva
Chefe do CREAP
Decreto Nº 4991